www.novojornal.jor.br | Ano 1 | N°01 | Natal, TERÇA-FEIRA, 17 de novembro de 2009 | R$ 1,50

NOVO JORNAL

04 RODA VIVA

COSERN TOMA A DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA RURAL DE NOVE COOPERATIVAS DO ESTADO.

02 GERAL

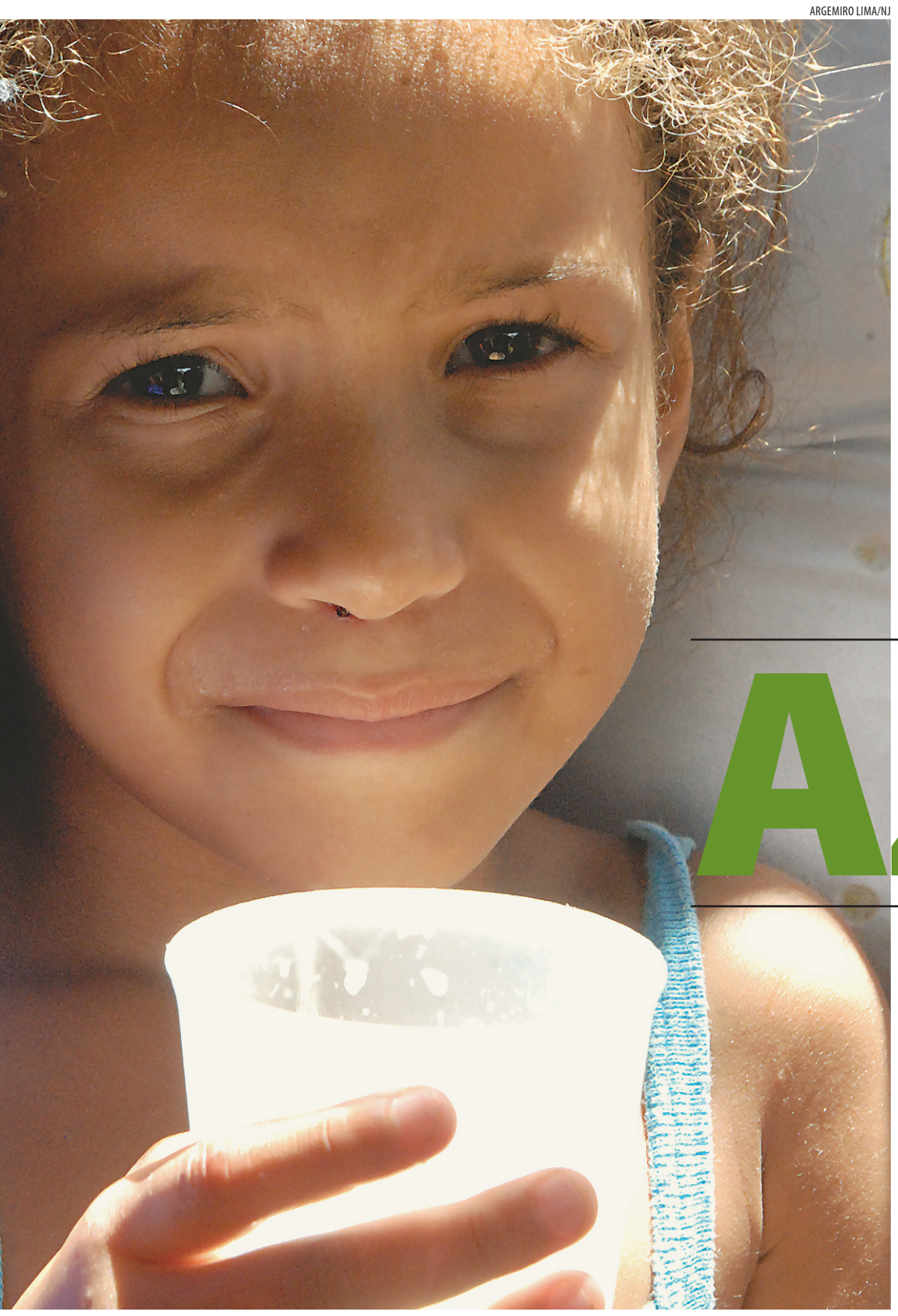
MAIS UMA chacina em São Gonçalo 4 MORTOS

Doze anos depois do massacre promovido pelo ex-militar Genildo Ferreira de França, quando foram mortas quinze pessoas, o distrito de Santo Antônio do Potengi, em São Gonçalo do Amarante, volta ser palco de uma tragédia. Quatro adolescentes foram executados e outras três pessoas estão feridas depois que três homens encapuzados invadiram a casa em que eles estavam, na madrugada de domingo. O delegado geral de Polícia, Elias Nobre, admite: há um esquadrão da morte agindo na região metropolitana.

32 CIDADES

O delegado de Capturas, Maurílio Pinto de Medeiros, diz saber quem age nos grupos de extermínio que atuam no RN. Ele critica Ministério Público e entidades de direitos humanos.

ARGEMIRO LIMA/NJ



21 CIDADES

Enquanto os órgãos responsáveis não se entendem sobre a fiscalização do Programa do Leite, os beneficiados reclamam da qualidade. Reportagem especial revela que o produto está sendo vendido no mercado negro. E uma idosa de 100 anos não consegue inscrição.

53 MIDWAY MALL

Maior centro de consumo da capital, o Midway Mall, por onde passam diariamente mais de 65 mil pessoas, ganha cobertura diária do NOVO JORNAL. A equipe do jornal passou um dia inteiro no shopping, descobrindo personagens, entre clientes e funcionários.

AZEDOU

90 ECONOMIA

Turismo em risco

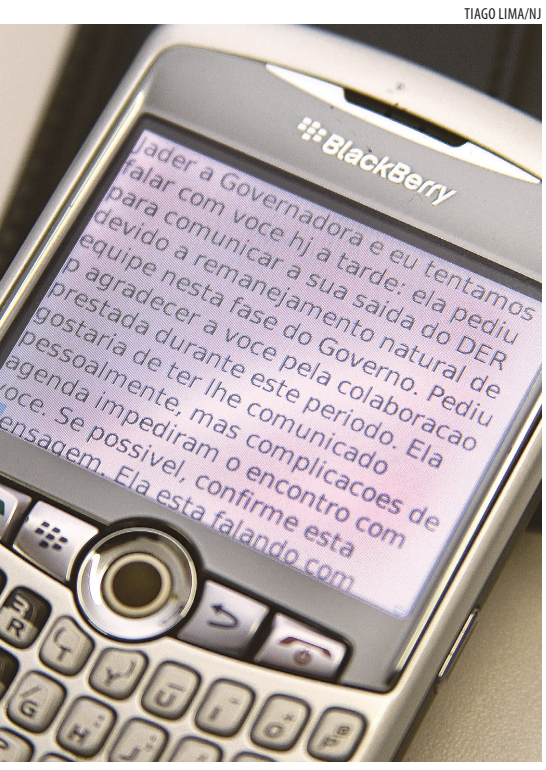
Pesquisa realizada pelo Vox Populi constata que, apesar dos atrativos, o Rio Grande do Norte não está na preferência dos turistas que pensam em viajar agora.

03 POLÍTICA

As cartas na manga

Enquanto o jogo não começa para valer, os pré-candidatos a governador nas eleições do próximo ano escondem as cartas e trabalham nos bastidores em busca de consolidar o nome.

TIAGO LIMA/NJ



05 POLÍTICA

A força de um torpedo

A exoneração do engenheiro Jáder Torres do Departamento de Estradas de Rodagens revelou um método pouco convencional do Governo para trocar auxiliar. Por meio de um torpedo enviado pelo secretário-chefe do Gabinete Civil, Vagner Araújo, ele foi informado da mudança. Depois de construir 108 km de novas estradas e reconstruir 1.466 km de rodovias, obras que mereceram elogios e campanhas publicitárias, o engenheiro, afastado sob o argumento de ineficiência, volta à atividade privada.

TÚLIO RATTO

| VIOLÊNCIA | Quatro mortos e três feridos na madrugada de domingo

MAIS UM MASSACRE EM SÃO GONÇALO

Anderson Barbosa,
do Novo Jornal

TRÊS HOMENS FORTEMENTE armados, trajando roupas pretas, botas militares, encapuzados e portando pistolas e escopetas de uso exclusivo da polícia, invadiram uma boca-de-fumo na madrugada de domingo na comunidade de Santo Antônio do Potengi, município de São Gonçalo do Amarante. Numa pequena casa localizada na travessa Boaneges Mendes da Silva, o trio disparou à queima-roupa contra seis adolescentes e um homem de 53 anos de idade. Quatro rapazes morreram na hora, alvejados com tiros na cabeça. Outros dois estão em estado grave no Hospital Clóvis Sarinho, em Natal. Já o senhor, tio dos rapazes, levou uma rajada nas pernas e encontra-se fora de perigo, internado no Hospital Regional Deoclécio Marques, em Parnamirim.

A lei do silêncio impera no lugar. Familiares das vítimas evitam falar sobre o assunto, mas confirmam o envolvimento dos jovens com o tráfico e consumo de drogas. Segundo os policiais que atenderam a ocorrência, um carro não identificado teria estacionado na frente da casa. Três homens saltaram já encapuzados, passaram por um beco e, no quintal, iniciaram as execuções. Na hora, morreram os irmãos Klésio Viana de Araújo, de 17 anos (apontado como o dono da boca-de-fumo) e José Cássio do Nascimento de Araújo, de 20, além dos primos Valtércio Barbosa do Nascimento, 24, e Anderson Kleiton Cunha do Nascimento, 21. Foram socorridos e ainda sobrevivem em estado grave Mailton Viana de Araújo, de 16, e Márcio Viana de Araújo, de 21, respectivamente irmão e primo de Klésio. O tio, Eliano Viana do Nascimento, é o único com uma situação instável.

FOTOS: NEY DOUGLAS/NJ

Comunidade de Santo Antônio do Potengi foi testemunha de mais uma execução

"Estamos enfrentando um verdadeiro esquadrão da morte"

"Parece que ele não tinha nada com a história. Quando ouviu os tiros, foi ver o que estava acontecendo. Recebemos a notícia que ele ainda teria implorado para que não matassem seus sobrinhos, mas um dos encapuzados se chateou com ele e atirou em suas pernas. Por sorte sobreviveu", disse o delegado de São Gonçalo do Amarante, Delmontiê Falcão.

> "Parecia um campo de batalha. Foi uma das cenas mais fortes que vi na minha carreira"
>
> **Gileno Oliveira, cabo da Polícia Militar**

"Parecia um campo de batalha. Foi uma das cenas mais fortes que eu já vi em toda minha carreira como policial militar", disse o cabo Gileno Oliveira, um dos primeiros a chegar ao local dos crimes. À reportagem, Gileno contou que recebeu o chamado por volta das 2h, cerca de uma hora após os disparos. "Foi realmente de impressionar. Logo que entramos no beco, nos deparamos com o primeiro corpo. Mais quatro estavam espalhados pelo quintal e outros dois dentro da casa. Percebemos que três ainda estavam vivos e chamamos o SAMU. Não tinha mais o que fazer", contou.

O policial estava convicto que foi uma execução planejada. "Quem fez isso sabia o que queria. A casa estava toda revirada, muita coisa jogada no chão. Portas e gavetas abertas. Eles chegaram, atiraram para matar e levaram o que foram buscar. Se tinha armas, dinheiro ou drogas, tudo foi levado. Nenhum objeto de valor, como eletrodomésticos, por exemplo, foi mexido. Eles só levaram aquilo que foram pegar", ressaltou.

A certeza do policial foi confirmada pelo delegado geral de Polícia Civil, Elias Nobre de Almeida Neto. Ele acredita que a chacina foi promovida por um dos grupos de extermínio que atuam na região da Grande Natal. "Temos essa convicção. Ficou claro, pela forma como tudo aconteceu, do jeito como esses bandidos agiram, que estamos enfrentando um verdadeiro esquadrão da morte", afirmou.

Ao Novo Jornal, o delegado geral informou que uma comissão com 10 delegados de polícia - criada há cinco meses para investigar a ação de grupos de extermínio no Rio Grande do Norte -, já assumiu o inquérito. "Temos que dar uma resposta rápida à sociedade. Por isso, determinamos que essa comissão apure e descubra os responsáveis por essa chacina. Eu posso antecipar que já mapeamos cinco grupos de extermínio agindo somente na região metropolitana. E temos certeza que vários policiais estão envolvidos. Só não sei dizer quantos são civis ou quantos são militares. Outra certeza que temos é que há policiais envolvidos com execuções, tráfico, contrabando de armas e extorsões".

Elias Nobre confirma a atuação de cinco grupos de extermínio na Grande Natal

Terra sem lei

A violência em São Gonçalo do Amarante está se alastrando e a situação carece uma atenção especial. "Melhorou um pouco, mas ainda não estamos conseguindo acompanhar o ritmo dos bandidos. A delegacia tem 12 homens, com apenas três para dar conta das investigações", revelou o delegado Delmontiê Falcão.

Somente este ano, segundo as estatísticas da delegacia de polícia, 41 inquéritos foram instaurados. Todos de homicídios, sendo que 90% deles com características de execução. "Alguma coisa, mas muito pouco, é resultado de latócínio ou outros motivos. A maioria é mesmo de crime encomendado. Gente que vai lá e mata para se vingar. São os acertos de conta, as queimas de arquivo, como chamamos", disse o agente José Emiliano.

Além dos quatro rapazes executados na chacina em Santo Antônio do Potengi, um outro rapaz também foi morto a tiros na manhã do sábado, dia 14, entre as comunidades de Uruaçu e Pajuçara. Ainda sem identificação, o corpo dele foi encontrado crivado de balas. As mãos estavam amarradas nas costas e havia marcas de espancamento.

MEMÓRIA

Segunda chacina em 12 anos

Há chacina de Santo Antônio do Potengi não foi a primeira a chocar a população. Há 12 anos, outra chacina aconteceu na mesma comunidade. Foi em 1997, quando Genildo Ferreira de França assassinou 15 pessoas em menos de 24 horas.

GRIPE SUÍNA

Sesap alerta para gratuidade do exame

Sílvia Miranda,
do Novo Jornal

A SECRETARIA DE Estado da Saúde Pública do Rio Grande do Norte (Sesap) suspeita que hospitais privados estão cobrando aos pacientes pelo exame rápido capaz de identificar o vírus H1N1.

Segundo a subcoordenadora de Vigilância Epidemiológica da Sesap, Juliana Araújo, o teste do tipo RT-PCR deve ser gratuito mesmo na rede privada e está disponível em cinco hospitais particulares do estado: Natal Center, Casa de Saúde de São Lucas, PAPI, Promater e Unimed.

> "Se houver algum tipo de cobrança, o paciente pode fazer uma denúncia"
>
> **Juliana Araújo, subcoordenadora da Sesap**

"A coleta deve ser feita somente após uma consulta médica que identifique possíveis sintomas da gripe suína no paciente. Se houver algum tipo de cobrança em relação ao exame, o paciente pode fazer uma denúncia ao Conselho Regional de Medicina (CRM) para que o caso possa ser investigado", explica.

O secretário adjunto da Sesap, João Albérico da Rocha, afirma que o órgão está ciente de que essa cobrança está acontecendo, mas diz que a denúncia deve surgir da própria população. "Não recebemos denúncias, mas acreditamos na existência de ações desse tipo. A população deve ajudar nos informando sobre essas ocorrências", alerta.

O presidente do Conselho Regional de Medicina, Luiz Eduardo Barbalho, confirma as suspeitas e diz que adotará medidas para tentar inibir a prática. De acordo com ele, será promovido um curso de reciclagem sobre a gripe suína com os médicos da rede pública e privada, de 23 a 25 deste mês, a fim de alertá-los para a gratuidade do exame e relembrar o protocolo para que os diagnósticos da doença sejam feitos corretamente.

"Se após essa capacitação dos profissionais, a cobrança voltar a acontecer na rede privada, nós faremos uma fiscalização. Caso seja identificado alguma ação neste sentido, o diretor técnico responsável do hospital será chamado e poderá responder por infração ética, o que implica em uma advertência e possível suspensão de seu exercício profissional", avisa.

Além desses cinco centros de atendimento particulares, o exame está disponível nos hospitais públicos estaduais, nos quatro Distritos Sanitários da Secretaria Municipal de Natal e no Hospital da Guarnição de Natal (para as unidades militares). Todo material coletado é enviado para o Instituto Evandro Chagas, referência para todo Norte e Nordeste, conforme determinação do Ministério da Saúde.

BARRA DE CUNHAÚ

Arrombamentos em série na madrugada

VERANISTAS DA PRAIA de Barra de Cunhaú, no município de Canguaretama, no litoral sul do estado, amargaram um prejuízo grande neste fim de semana. Pouco antes do amanhecer do domingo, por volta das 4h30, assaltantes arrombaram 10 veículos que estavam estacionados na Rua da Praia, uma das principais e mais movimentadas do lugar. Numa ação rápida e simultânea, furtaram equipamentos de som e outros acessórios que estavam no interior dos carros. Não houve testemunhas. Na delegacia da cidade, há o registro de que a Escola Estadual Roberto Magalhães também foi arrombada durante a madrugada do sábado para o domingo. Ainda não se sabe o que os ladrões levaram.

As informações foram confirmadas pelos agentes da Delegacia de Canguaretama, que informaram, nos boletins de ocorrência, que os arrombamentos e os furtos aconteceram na mesma hora. "A rua tem várias casas de praia e muitos veranistas que deixam os carros dormindo do lado de fora. Com certeza, esses bandidos se aproveitaram da falta de policiamento ostensivo durante a madrugada e fizeram o arrastão. Ao amanhecer, quando os moradores acordaram, os carros estavam todos arrombados. O estranho é que nenhum alarme disparou. Talvez, por isso, ninguém ouviu ou viu nada", disse um dos agentes de polícia.

Segundo o capitão Genilton Tavares, que comanda o policiamento ostensivo na praia de Barra de Cunhaú, a Polícia Militar atua na região com quatro homens, uma viatura e duas motocicletas. "Nós trabalhamos 24 horas ininterruptas para garantir a segurança dos moradores locais, veranistas e turistas, mas não podemos estar em todos os lugares ao mesmo tempo", justificou o PM.

PRF apreende CDs e DVDs

A Polícia Rodoviária Federal prendeu, neste fim de semana, em Mossoró, 65 pessoas acusadas de pirataria. Foram detidos vendedores e produtores de mídias falsificadas e apreendidos 250 mil discos, entre CDs e DVDs. A operação foi desencadeada pelo Ministério Público, com apoio da Receita Federal.

PMDB ameaça rachar com Dilma

Parte da cúpula do PMDB ameaça colocar em discussão a possibilidade de candidatura própria ao Palácio do Planalto em resposta aos ataques de líderes petistas que responsabilizaram o partido pelo apagão elétrico que atingiu 18 Estados na semana passada. O PMDB controla o ministério das Minas e Energia, Furnas e a Eletrobrás.

| SUCESSÃO 2010 | Enquanto o jogo não começa oficialmente, pré-candidatos escondem as cartas e trabalham nos bastidores em busca de apoios

A HORA DE BLEFAR

Heverton de Freitas,
do Novo Jornal

ADMINISTRAR POUCO MAIS de R$ 7,4 bilhões anuais, a metade comprometida com o pagamento dos salários de 69 mil funcionários na ativa dispondo de uma capacidade de investimento limitada a apenas 15% do orçamento e graves problemas de segurança pública, saúde e educação, entre outros.

É pensando em assumir essa tarefa, a partir do dia 1º de janeiro de 2011, que pelo menos cinco políticos do Rio Grande do Norte se dedicaram nos últimos três anos. Todos têm nomes e história que os credenciam a pleitear o cargo de governador, mas, pelo menos até agora, nenhum demonstrou capacidade de aglutinar força suficiente para polarizar a disputa.

Na base do Governo, quatro nomes disputam a indicação e um quinto espreita a cena. Na oposição, o nome que lidera as pesquisas ainda não tem o apoio formal do seu partido.

Esse cenário se concretizou no instante em que os senadores Garibaldi Filho (PMDB) e José Agripino (DEM) deixaram claro que não pretendiam tentar voltar a ocupar o Palácio dos Despachos, no Centro Administrativo.

Como a governadora reeleita, Wilma de Faria também não pode concorrer a um novo mandato, abriram-se as portas da oportunidade para o surgimento de uma nova liderança estadual.

> Todos têm nomes e história que os credenciam a assumir o cargo mas, pelo menos até agora, nenhum demonstrou força suficiente para polarizar a disputa

De 1990 para cá, o Rio Grande do Norte teve apenas três governadores – José Agripino, Garibaldi e Wilma, todos também ex-prefeitos de Natal. Agripino e Garibaldi ocuparam cargos executivos durante 12 anos. Wilma, que foi eleita três vezes prefeita de Natal, superou os dois no quesito tempo e chegou aos 18 anos.

Todos exerceram o poder em toda sua plenitude. Nomearam, demitiram, contrataram, pagaram, firmaram convênios, liberaram recursos, criaram programas e realizaram obras, como manda a cartilha do Poder Executivo.

Agora, os três sonham com uma vaga no Senado, mas só existem duas vagas. Se nenhum deles buscar uma alternativa, um poderá ficar sem mandato a partir de 2011. Se não quiser tentar uma volta ao Palácio Felipe Camarão, na sucessão da prefeita Micarla de Sousa, Wilma, Agripino ou Garibaldi terão que gozar umas férias forçadas de pelo menos quatro anos.

Ao vislumbrar as oportunidades surgidas no horizonte desse cenário, uma geração de políticos que hoje está na faixa entre os 50 e 60 anos resolveu apostar suas fichas na chance de chegar ao posto mais cobiçado por qualquer um que resolve se dedicar a essa atividade.

Robinson Faria, seis mandatos de deputado estadual, chegou à presidência da Assembleia e tratou de se fortalecer formando um grupo político.

O deputado federal João Maia seguiu o mesmo caminho desde que voltou ao Rio Grande do Norte, depois de uma carreira bem sucedida como banqueiro. Assumiu um partido e atraiu para seu lado importantes lideranças regionais capazes de dar capilaridade às suas pretensões.

O vice-governador Iberê Ferreira de Souza sabia que iria assumir o Governo. Era só uma questão de tempo já que, por força da legislação que exige a desincompatibilização de quem pretende disputar cargo majoritário, assumiria o lugar de Wilma e ainda poderia disputar a reeleição.

O ex-prefeito Carlos Eduardo Alves sabia que deixaria a prefeitura de Natal e ficaria sem mandato. Por isso, seguiu o caminho de seus antecessores e procurou fazer uma administração que o credenciasse para voos mais altos.

A senadora Rosalba Ciarlini é a única dos cinco pré-candidatos, lançados até agora, que já vem com o nome estadualizado, depois de disputar com sucesso as eleições de 2006. A ex-prefeita de Mossoró aproveitou-se dessa vantagem relativa e partiu para o corpo-a-corpo, sua arma mais poderosa, correndo como pré-candidata única em seu sistema.

O que se vê, neste momento, são quatro lideranças se engalfinhando nas hostes do governo em disputa pela vaga de candidato de Wilma. Dois deles despontaram mais fortes na briga por esse espaço. Robinson, que tem uma forte estrutura política e a presidência da Assembleia, e Iberê, que é secretário de Estado e vai presidir a eleição na condição de governador.

Os outros dois correm por fora. Carlos Eduardo já conseguiu o controle do PDT e o apoio de seu presidente nacional, o ministro Carlos Lupi, que já comunicou ao presidente Lula a intenção dos trabalhistas de terem candidato ao governo do Rio Grande do Norte. Carlos Eduardo confia que uma possível subida nas pesquisas ainda possa lhe carrear os apoios de que precisa para consolidar uma candidatura.

João Maia, com a condição financeira de bancar boa parte, senão todos os custos de sua campanha e uma liderança ainda concentrada no Seridó, amplia seus espaços conquistando o apoio de prefeitos de colégios eleitorais importantes como Ceará-Mirim e São Gonçalo do Amarante, na Grande Natal.

Com toda essa antecipação da campanha eleitoral do ano que vem, o momento das definições também se encurtou. Ainda mais com a cobrança do vice Iberê por uma definição urgente da governadora, o que lhe permitiria partir para a polarização com a candidata de oposição.

Resta esperar para ver qual será a consequência dessa escolha na disputa para o Senado, que promete ser, em 2010, a mais empolgante da história política recente do Rio Grande do Norte.

A hora é de trabalhar, trabalhar e trabalhar, em silêncio de preferência. E blefar. Porque tudo pode acontecer quando a campanha começar oficialmente. Ou antes, nos bastidores, como agora.

CARLOS EDUARDO

ARGEMIRO LIMA/NJ

O ex-prefeito de Natal Carlos Eduardo Alves tem como ponto forte para manter viva a sua candidatura ao governo o prestígio conquistado durante o período em que foi vice-prefeito da capital e, depois, assumiu a cadeira deixada por Wilma de Faria que trocou o Palácio Felipe Camarão pelo Governo do Estado.

Depois da eleição municipal e do final do seu mandato, porém, começaram os dissabores. Com a vitória da candidata de oposição, Carlos Eduardo passou a sofrer com a onda de ataques sistemáticos e planejados de desconstrução da imagem dele.

Mudou de partido e, mais do que isso, assumiu a presidência estadual do PDT. Sem um mandato, atualmente Carlos Eduardo tenta superar o isolamento político.

A derrota de sua candidata nas últimas eleições para prefeito de Natal, a deputada Fátima Bezerra, também prejudicou suas pretensões, mas ele tem a seu favor o apoio incondicional do ex-prefeito de Parnamirim, seu pai Agnelo Alves.

A chance de Carlos Eduardo viabilizar-se como candidato só virá se, na hora das definições efetivas, em março ou abril do próximo ano, a polarização entre as candidaturas não se concretizar. Esse contexto é bem mais favorável ao surgimento de uma terceira força com chances reais de disputar a eleição de outubro e vencer. Fora disso, as chances dele são poucas. Muito poucas mesmo.

IBERÊ FERREIRA

DIVULGAÇÃO

Governador a partir de abril próximo, quando Wilma se desincompatibiliza do governo, Iberê Ferreira de Souza se comporta como candidato natural à sucessão da governadora. Onipresente no governo, ele atua em todos os projetos de grande envergadura e apelo político e popular.

Iberê já disse que disputará a reeleição em outubro e não para de trabalhar para isso. Tem apoio político entre os deputados de seu partido e de outros partidos, da base aliada e de muitas lideranças. Pragmático, sua capacidade de articular é invejável.

Se confirmar-se como candidato da governadora, ele deve atrair, também, a parte do PMDB liderada pelo deputado Henrique Eduardo Alves que, embora faça parte da Unidade Potiguar, onde estão Robinson e João Maia, já declarou não acreditar na viabilidade de uma terceira via.

Apesar de todo esse esforço, Iberê não consegue decolar nas pesquisas de opinião. Como não cresce, não agrega novos apoios. Com isso, criou-se uma concepção de que ele não teria condições de enfrentar e vencer o favoritismo da senadora Rosalba Ciarlini. Isso tem afastado outras lideranças que poderiam lhe apoiar.

Habilidoso, Iberê sabe como atrair, cativar e conquistar apoio e simpatia política. Não é à toa que ele está onde está há tanto tempo.

JOÃO MAIA

GILBERTO NASCIMENTO/AGÊNCIA CÂMARA

O deputado João Maia fez a vida fora do Rio Grande do Norte. Nasceu em Jardim de Piranhas, no Seridó, numa família de 13 irmãos. Estudou em Caicó, depois em Natal e, quando concluiu o 2º grau, mudou-se para Brasília e, depois, para o Rio de Janeiro.

Graduou e fez mestrado em Economia. Integrou a equipe do ministro da Fazenda Dilson Funaro, depois foi secretário de Planejamento da Prefeitura do Rio de Janeiro e integrou a equipe da ministra Zélia Cardoso de Melo, no governo Collor.

Depois dessa experiência pública, João passou a se dedicar à iniciativa privada. Foi sócio do banco Fator e, em 2003, retornou ao estado pela via da política.

Assumiu a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, cargo que ocupou até 2006, quando saiu para disputar um mandato de deputado federal. Com mais de 196 mil votos, foi o mais votado do PL no país.

Na última eleição, fortaleceu-se com a vitória de dezenas de candidatos e atraiu para seu partido lideranças regionais expressivas. Participa do Governo Wilma e da administração de Micarla de Sousa, em Natal.

Recentemente, João Maia se viu envolvido no tsunami de denúncias envolvendo seu irmão Agaciel Maia. Pesquisas têm demonstrado que o eleitorado relaciona Agaciel a João e isso tem sido motivo de enorme preocupação para ele.

ROBINSON FARIA

HUMBERTO SALES/NJ

Presidente da Assembleia nos últimos sete anos, o deputado Robinson Faria (PMN) construiu sua força com o apoio de deputados estaduais de diferentes legendas e prefeitos de diversos matizes e regiões do Estado.

Hoje ele controla o PMN, o PP e mantém estreito relacionamento com deputados de todos os partidos. Com um orçamento anual de R$ 145 milhões, a Assembleia normalmente é um trampolim para quem deseja voos mais altos.

Até recentemente, Robinson Faria mantinha o controle sobre dois órgãos importantes do governo Wilma – o Departamento de Estradas de Rodagens e a Companhia de Águas e Esgotos, a CAERN – e mais de 140 cargos.

Praticamente rompido com o governo o deputado estuda que caminho seguir. Seu rompimento com o Governo é praticamente certo. Pelo Twitter, que ele costuma utilizar para deixar indícios do que pensa, Robson encarna a esfinge. Na semana passada, ele filosofou: "Não há margem, por mais rochosa e sólida, que contenha a correnteza do rio".

A dúvida agora é saber onde o rio de Robinson vai desaguar. Se partirá em direção à margem dos Democratas, onde poderá ser indicado a vice-governador, ou seguirá em curso próprio como candidato do grupo que formou, constituindo-se numa terceira margem, entre governo e oposição. A aposta de alto risco, com certeza.

ROSALBA CIARLINI

GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO

Antes mesmo de encerrar seu terceiro mandato como prefeita de Mossoró, em 2004, Rosalba Ciarlini (DEM) vem se dedicando exclusivamente a um projeto: chegar ao Governo do Estado.

Para isso, ela trabalhou sua imagem como administradora. Os frutos ela colheu em 2000 quando se elegeu senadora. Sua disposição para participar de atividades de todo tipo, em qualquer lugar, é invejável.

Hoje, com uma vantagem comparativa nas pesquisas que apontam cerca de 40 pontos de vantagem sobre o segundo lugar, Rosalba está com sua candidatura consolidada.

Apesar do aparente favoritismo, nem tudo são flores no caminho de Rosalba. Se o grupo da governadora Wilma de Faria conseguir superar as muitas divergências e marchar unido, inclusive com o apoio do PMDB, a virtual candidata do DEM terá problemas.

Caso essa hipótese se confirme, a disputa ficará difícil pelo poder de atração da máquina. A intenção do grupo da senadora é repetir a mesma aliança feita das eleições de 2008 em Natal e unir, além do PSDB, PP e PMN, o Partido Verde da prefeita Micarla de Sousa.

O pomo da discórdia seria a escolha do vice. O PV quer indicá-lo, mas dificilmente terá essa pretensão atendida. A prioridade de Rosalba é Robinson, caso ele desista de ser candidato a governador.

HENRIQUE ALVES

LUIZ XAVIER/AGÊNCIA CÂMARA

Se há cinco pré-candidatos assumidos a governador, há um nome que insiste que não é e que não quer ser candidato, mas que pode surpreender e surgir de última hora como o fato novo na campanha: o deputado Henrique Eduardo Alves.

Nas declarações públicas e conversas privadas, o deputado reafirma sempre que seu interesse é tentar a reeleição e participar ativamente da campanha a presidente da ministra Dilma Rousseff e se tornar presidente da Câmara.

Ele já recebeu dos deputados Robinson Faria e João Maia, com quem constituiu a Unidade Potiguar, um sinal de que os dois apoiariam seu nome ao Governo. Só Henrique consegue unir o PMDB e atrair o primo Garibaldi.

O PDT também abriria mão de uma candidatura própria apoiar Henrique. Nas hostes do governo, ele também tem. O próprio deputado, porém, não acredita na viabilidade de um projeto de terceira via. O lançamento de uma candidatura dele, com o apoio do PT, PP, PMN, PR, PDT e do PMDB, fatalmente deixaria Iberê e Wilma sem alternativa, a não ser retirar a candidatura do vice-governador para apoiá-lo.

Quem sabe agora não pode acontecer exatamente o contrário: ele diz que não quer e que não está trabalhando para isso, mas, sendo o único nome capaz de efetivamente unir todo mundo, não teria como dizer não para sempre.

RODA VIVA

CASSIANO ARRUDA CÂMARA

rodaviva@novojornal.jor.br

Unir a família

Colocado em segundo lugar na corrida para o Governo, na pesquisa contratada por Garibaldi a Ojan Olsen (seu pesquisador de fé há mais de dez anos), Carlos Eduardo virou a alternativa de união da família Alves em 2009. Para impedir o apoio de Garibaldi a Rosalba (primeiro lugar na pesquisa), Henrique ou aceitaria uma candidatura indesejada dele próprio, ou teria de convencer Iberê a desistir de ser candidato, mesmo sentado na cadeira de governador, para apoiar Carlos Eduardo.

Mil empregos

A Guararapes Confecções já começou os trabalhos da obra de ampliação da fábrica no Distrito Industrial de Extremoz, para instalar uma nova unidade de produção de calças jeans.

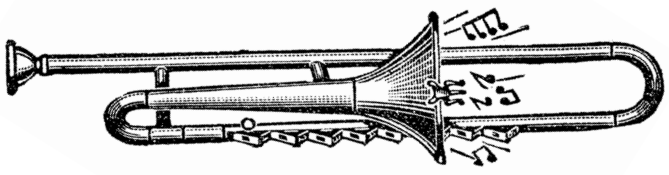
Projetada, inicialmente, para a unidade de Fortaleza, onde se concentrava sua produção de calças, a nova fábrica – que vai oferecer mil novos empregos – terminou vindo para cá em razão das dificuldades impostas pela administração petista da prefeita Lusianne Lins para autorizar a ampliação da fábrica de lá.

Com o mercado aquecido e a distribuição da produção feita exclusivamente na rede das Lojas Riachuelo, a nova fábrica deve começar a funcionar já em abril do próximo ano.

Grande realização

O instituto Consult perguntou, no universo de eleitores da OAB, qual a grande realização da administração do atual presidente, Paulo Eduardo Teixeira. Desse universo, 23% não souberam responder, mas, para 12,4%, a principal realização foi o aluguel de um terreno para estacionamento dos causídicos, próximo ao Fórum Seabra Fagundes.

A pesquisa mostra Teixeira como favorito na eleição, mas fica difícil imaginar o que Seabra Fagundes (que presidiu a OAB nacional nos anos de chumbo) acharia disso...



COMEÇAR DE NOVO Ao longo de 36 anos e 11 meses, esta Roda Viva terminou entrando para a rotina de muitos norte-rio-grandenses até desaparecer, no último mês de abril, tão inesperadamente como no seu surgimento. Deixando os seus leitores sem direito a uma explicação ou aviso.

Para quem começou como um calhau (matéria jornalística usada para preencher um espaço vazio na hora da edição) bem que ela já havia conseguido chegar muito longe.

Naquele distante 19 de maio de 1972, como editor do Diário de Natal, coloquei-me diante de um enorme problema: o que inserir no espaço da principal coluna do jornal, "Quadrantes", onde o talento de Sanderson Negreiros misturava crônicas, pequenas entrevistas e notícias variadas?

O bom senso mostrou que Sanderson era insubstituível. Para ocupar três colunas, de cima a baixo, na quarta página, quando não havia a facilidade da informática, que permite acesso imediato aos textos e ilustrações com o simples uso de controles do computador, era prudente usar o espaço com notícias. Notícias locais.

Uma música de Chico Buarque tocando no rádio inspirou o batismo, na pressa do fechamento, de uma coluna que nasceu para suprir a ausência do titular enquanto ele fazia um curso de produção de TV, em São José dos Campos, como integrante da equipe do Projeto Saci.

Sem assinatura, a coluna estabeleceu as divisas do Rio Grande do Norte como os seus limites. E sempre procurou defender os interesses do estado acima de tudo. Enquanto se firmava, tornou-se uma testemunha atenta nessas quase quatro décadas de nossa história.

Essa identidade com o estado e com os seus projetos desaguou na necessidade de tomar posições, definir partidos, defender ideias, contrariar interesses, sem compromisso com o erro. Em alguns assuntos com posições diversas da direção do Diário de Natal. Seu diretor, Luiz Maria Alves, em respeito ao colunista, determinou que, a partir daquele instante, Roda Viva tivesse a assinatura do seu titular. Estabelecia-se um tipo de convivência, mantida por Albimar Furtado, mesmo depois que Alves deixou o jornal dos Associados. Roda Viva manteve-se livre, da primeira à última edição, sem censura interna ou externa.

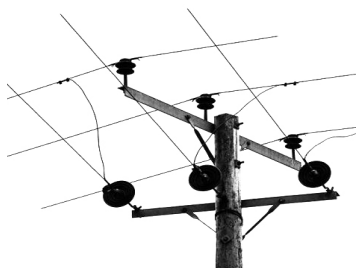
Menos de 200 dias - 197 dias exatos - depois de sua interrupção, a Roda Viva está de volta num novo jornal. Novo Jornal, com maiúscula, que começa hoje sua trajetória procurando resgatar o mesmo sentimento que levou os jornalistas norte-rio-grandenses Djalma Maranhão, Rivaldo Pinheiro e Valdemar Araújo, além do gráfico Romualdo Carvalho, há 70 anos, a criar um jornal comprometido com o Rio Grande do Norte, numa época em que o mundo se unia no combate ao nazi-facismo.

Agora, com responsabilidades redobradas, esta Roda Viva espera encontrar antigos leitores e conquistar novos, tendo como capital intangível essa trajetória e o entusiasmo de quem tem coragem para começar de novo aos 65 anos de idade.

> "Não há liberdade de imprensa pela metade ou sob as tenazes da censura prévia, inclusive a procedente do Poder Judiciário."

DO MINISTRO CARLOS AYRES BRITO, DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, EM SENTENÇA PUBLICADA NO DIÁRIO DA JUSTIÇA.

Curto-circuito



As nove cooperativas de distribuição de energia do Rio Grande do Norte, que já foram apontadas como um padrão de eficiência em matéria de eletrificação rural, muito antes do programa Luz para Todos, foram obrigadas a deixar de prestar esse serviço a 26 mil associados nas diversas regiões do RN.

No dia primeiro do mês, um acordo entre as partes levou a distribuição para a Cosern, vencedora de uma disputa judicial, marcada pela ausência do Governo ao longo de todo um processo que durou mais de 13 anos, com o movimento cooperativista entregue à própria sorte.

Roberto Coelho, presidente da Federação das Cooperativas, se sente enxotado pela Cosern e promete lutar, mesmo sem apoio governamental, direcionando as cooperativas para a prestação de outro tipo de serviços: agroindústria, construção civil e geração de energia renovável.

► Mas a conta da distribuição de energia rural ainda não fechou. Uma empresa de consultoria, a Levin do Brasil, faz o levantamento dos números cheio de discrepâncias. A Cosern cobra uma conta de R$ 45 milhões. As cooperativas só reconhecem R$ 12 milhões e se sentem garroteadas pela empresa concessionária e pela falta de ação da Agência Reguladora de Energia, que obriga o sistema a vender energia abaixo do preço recebido, numa atividade que mexe com cerca de R$ 800 mil mensais.

Parceria imobiliária

A CHB, empresa norte-rio-grandense dirigida pelo engenheiro Álvaro Alberto Barreto, firmou um acordo operacional com a RV, sucessora da Rio Bravo, do economista Gustavo Loiola. Negócio da ordem de R$ 40 milhões. No aquecido mercado das letras imobiliárias.

ZUM ZUM ZUM

► A partir de amanhã os leitores do Novo Jornal serão brindados com a coluna Painel, de Renata lo Prete, simultaneamente com a Folha de S. Paulo.

► Hoje completa 120 anos que, proclamada a República, Pedro Velho era eleito o primeiro presidente da Província do Rio Grande do Norte.

► O Diário Oficial do Município publicou convênio da Fundação Capitania das Artes transferindo R$ 1.179.504,38 para a Ativa, versão municipal do Meios estadual.

► Incrível é o nosso RN, mesmo depois de 40 anos: continua-se gastando 200 para impedir o conterrâneo de ganhar 20.

► Uma equipe de técnicos de conhecida firma de consultoria busca, em Parnamirim, uma área para instalação de um shopping center.

► As escolas municipais de Natal estão obrigadas, por Lei Municipal, a realizarem a Semana da Bíblia, no mês de dezembro. Quem falou em estado laico?

► A Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana já autorizou que os táxis de Natal circulem no mês de dezembro com a bandeira 2.

► O empresário Antônio Gentil viajou, semana passada, para a Espanha: business.

► Crédito suplementar de R$ 4 milhões para compra de armamentos e veículos da PM.

► Convocada eleição para compor o Conselho Municipal do Idoso de Natal. Será dia 15 de dezembro.

► O senador Garibaldi Alves curte o início do inverno em Nova Iorque. Justificativa de sobra para não assistir ao nascimento do Novo Jornal.

► A União Brasileira de Escritores realiza, hoje, na sede do Memorial da Justiça, a eleição para o Conselho Fiscal e Consultivo.

► De um estadista paraibano, reassumindo o governo de sua terra: "Voltar é uma forma de renascer e ninguém se perde no caminho da volta".

NOVO JORNAL

EXPEDIENTE

IVC em processo de filiação

Constituição Federal – Artigo 5°
IV – É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato.

Diretor
Cassiano Arruda Câmara

Diretor Administrativo
Manoel Pereira dos Santos

Diretora Comercial
Fabiana Veras

Diretor de Redação
Carlos Magno Araújo

Telefones
3201-2443 / 3221-3430
3221-4554 / 3221-4587

Endereço
Rua Frei Miguelinho, 33, Ribeira
CEP 59012-180, Natal-RN

E-mails
redacao@novojornal.jor.br
pauta@novojornal.jor.br
comercial@novojornal.jor.br
assinatura@novojornal.jor.br

Para assinar: (84) 3198.0500

Editorial

O Novo Jornal

Uma das superstições que herdamos do século 20 reza que o jornal impresso em papel é um dinossauro, condenado à extinção pelo avanço inapelável da maré digital e dos meios eletrônicos. A tese apocalíptica tem defensores em todos os quadrantes, com ideólogos de todos os extratos revezando motivos e datações do desastre. Mas, esse gênero de senso comum não resiste ao confronto seco com a história dos meios de comunicação de massa. Ela nos ensina que as mídias – ao contrário dos dinossauros - sabem adaptar-se às alterações no ambiente, que determinam a sobrevivência ou a extinção das espécies, em qualquer meio físico ou social.

A pintura figurativa resistiu à fotografia, que sobreviveu ao cinema, que não foi extinto pela televisão, que não acabou com o rádio. Cada um a seu modo, os velhos meios souberam adaptar-se aos novos cenários, descartando características, refazendo aptidões e incorporando formatos e linguagens, inclusive os dos oponentes.

Acreditamos que o jornal impresso é o próximo a desmoralizar os profetas apressados, mantendo o seu papel histórico de agente civilizador. Não é uma crença ingênua nem a expressão de um mero desejo descolado da realidade. A criação do NOVO JORNAL foi precedida de estudos de hábitos de leitura e pesquisas de mercado que atestam sua viabilidade editorial e comercial.

O diagnóstico revelou que mesmo os leitores fiéis aos jornais existentes gostariam de ter alternativas. Apontam omissões de cobertura, distorções ideológicas e vícios editoriais que comprometem a qualidade da informação, constituindo riscos maiores até do que a emergência dos novos meios.

Não acreditamos em receitas rígidas ou fórmulas mágicas capazes de reverter instantaneamente a perda de leitores e a migração de receita publicitária.

O jornalismo é tão infenso a equações fechadas quanto a própria vida, que ele tem a obrigação diária de refletir. Mas acreditamos que algumas características do jornal impresso podem, sim, garantir-lhe não apenas a sobrevida, baseada na coabitação e na complementaridade, como o fortalecimento diante de outros meios.

Se o jornal não tem a velocidade nem a instantaneidade dos meios eletrônicos, preserva, contudo, propriedades – aprofundar, analisar, dar perspectiva aos fatos – ausentes ou menosprezadas nos demais. O NOVO JORNAL cultiva esses princípios básicos do fazer jornalístico e os valores a eles associados: a independência, a pluralidade, a criatividade. Sem compromisso com o erro. Sem receio de ousar. Sem menosprezar a inteligência e o senso crítico dos leitores. E sem medo de ter opinião.

Artigo

Ciro Pedroza / Editor de Política

Um trator chamado Lauro

A menos de um ano das próximas eleições para deputado, uma das poucas certezas que se tem nos meios políticos do Rio Grande do Norte é que, à exceção de Lavoisier Maia (PSB), todos os eleitos em 2006 serão candidatos à reeleição.

Aos 81 anos de idade, o ex-governador, ex-senador, ex-deputado federal e ex-marido da governadora Wilma de Faria deixará a política, mas já escolheu seu sucessor: o filho Lauro.

Nascido e crescido nos bastidores das campanhas do pai, da mãe e da irmã Márcia, articulador pragmático, Lauro Maia tem força política e um sem número de motivos para não perder. Para isso, ele não medirá esforços para conquistar, a qualquer custo, um mandato de deputado.

A seu favor, Lauro tem o apoio incondicional da família, da máquina partidária que ele comanda, como dirigente do PSB, e goza da simpatia dos membros do governo de sua mãe.

Nos últimos dias, ele tem intensificado suas viagens e contatos políticos, organizado seminários de formação e conversado bastante com prefeitos e lideranças no interior. Do Alto Oeste ao Seridó, da região salineira à periferia da capital.

Lauro está determinado a ser o mais votado da eleição do ano que vem. Força para isso, ele já mostrou que tem. O problema é que, tanto ele, quanto a mãe dele, Wilma, não terão uma eleição fácil pela frente.

Se confirmada a intenção da governadora de se eleger senadora, ela terá antes que transformar os resultados questionáveis e o desgaste de seu segundo governo em votos. Além disso, a *Guerreira* vai enfrentar dois concorrentes de peso: Garibaldi Filho e José Agripino. Esse, porém, não é o maior problema que ela terá de enfrentar.

Desafio grande será superar um obstáculo que se encontra muito mais próximo dela do que se imagina. Seu maior inimigo está dentro de sua própria casa, tem seu sobrenome e seu DNA.

Feito um trator sem freio, Lauro segue determinado rumo a seu objetivo. Movimenta-se para todos os lados, desrespeita limites, invade o reduto dos aliados, usa e abusa do prestígio da mãe-governadora, pega pesado.

Seus meios justificam seus fins. Dessa forma, ele espera chegar à Assembleia Legislativa. Mesmo que, para isso, passe por cima de tudo e de todos. Até mesmo de sua maior eleitora, Wilma.

ciropedroza@novojornal.jor.br

| DEMISSÃO HIGH TECH | Jader Torres ainda espera a reparação prometida via SMS pelo Secretário-chefe do Gabinete Civil, Vagner Araújo

ABATIDO POR UM TORPEDO

Ciro Pedroza, do Novo Jornal

UM TORPEDO ENVIADO na sexta-feira (6) pelo Secretário-chefe do Gabinete Civil do Governo do Estado, Vagner Araújo, para o celular de Jáder Torres, selou a sorte do diretor do Departamento de Estradas e Rodagens (DER) e deflagrou uma crise política entre a governadora Wilma de Faria e o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Robinson Farias.

Polidamente, Vagner justificou na dificuldade da governadora de falar com Jáder por telefone, o envio daquela mensagem via SMS. Ele falava em nome de Wilma: "ela pediu para comunicar sua saída do DER" e que a partir de segunda-feira, o departamento seria comandado, temporariamente, pelo secretário de Infraestrutura e Transporte, Dâmocles Trinta.

No sábado, Jáder almoçava com um amigo no bairro do Alecrim. Mal provou o primeiro pedaço de galinha torrada, Jáder foi surpreendido com uma ligação da engenheira Zélia Santos, funcionária do DER e ex-presidente do CREA. Revoltada, ela ouvira na InterTV Cabugi que seu colega teria sido demitido por "ineficiência administrativa". A galinha perdeu o gosto. "Ainda bem que eu já tinha elogiado", revela.

À noite, Jáder encontrou-se com o deputado Robinson Faria e falaram sobre a notícia da TV, logo depois confirmada pela edição dominical do jornal Tribuna do Norte. No domingo, durante o almoço, Jáder explicou a situação aos dois filhos e à mãe e passou o fim de semana recebendo telefones de solidariedade.

Na segunda-feira, ainda via torpedo, Jáder reclamou ao secretário Vagner Araújo da inadequação do termo usado pela governadora para justificar sua demissão e cobrou uma explicação.

- Vocês exageraram, não precisava ter me submetido a essa humilhação pública. Não deve se ferir o homem em sua honra. Eu não merecia esse tratamento.

Prontamente, o secretário respondeu, via torpedo:

- Diga-me a que se refere porque eu passei o final de semana no interior...

Jáder - *O termo ineficiência administrativa não se encaixa em meu perfil...*

Vagner – *Concordo. E dou meu testemunho. Se você não fosse eficiente, não permaneceria no cargo por tanto tempo...*

Jáder - *A Tribuna do Norte atribui a declaração à governadora...*

Vagner – *Vou verificar, mas duvido que ela tenha dito tudo isso. Vou tomar as providências para reparar isso...*

Pouco depois, Vagner envia novo torpedo a Jader e lhe informa que "a governadora afirmou não ter usado os termos mencionados na matéria." E promete uma reparação.

"Até agora, a reparação prometida não veio", lamenta Jáder. O futuro profissional do ex-diretor do DER, pelo menos por enquanto, está definido: ele arruma os quadros e a papelada em seu novo local de trabalho, o escritório de sua construtora.

Politicamente, Jáder está cada vez mais alinhado com Robinson. "Estarei com ele, onde ele for eu vou, onde ele estiver eu estarei", promete. A decisão de não indicar seu sucessor foi, para Jáder, "o gesto que mais me tocou".

Durante um café da manhã organizado em sua despedida, no DER, Robinson discursou e levou o amigo de infância às lágrimas. "Ele disse que eu era o melhor quadro que ele tem. E que, se eu não sirvo para o governo, ele não tem razão para indicar ninguém para a vaga".

Ao final da entrevista do NOVO Jornal, Jáder recebe mais um telefonema de solidariedade. Como se falasse em código, encerra a conversa e se despede com um enigmático "amanhã pode ser com qualquer um..."

TIAGO LIMA/NJ

"O termo ineficiência administrativa não se encaixa em meu perfil..."

Jader Torres
Diretor exonerado do DER

DER já foi usado como modelo de eficiência

Sete dias após ter sido demitido da direção geral do Departamento de Estradas e Rodagens (DER), por meio de um torpedo enviado pelo Secretário chefe do Gabinete Civil do governo, Vagner Araújo, o engenheiro Jáder Torres ainda não havia entregado as chaves do gabinete que ocupou entre 7 de abril de 2006 e o último dia 7 de novembro. Só na última quinta-feira seu motorista as levou para a sede do DER, em Lagoa Nova.

Depois de construir 108 km de novas estradas e de reconstruir 1.466,51 km de rodovias, mais da metade da malha rodoviária do estado, Jáder tenta agora reconstruir sua vida e sua carreira como engenheiro.

Nos últimos dias, ele não para de exibir um relatório de nove páginas em que relaciona as obras que realizou durante os três anos e sete meses em que dirigiu o DER. Seu telefone não pára de tocar. São amigos e conhecidos solidários com sua demissão e, principalmente, com a forma como ela se deu: por meio de um torpedo do secretário-chefe do Gabinete Civil, Vagner Araújo.

Jáder assumiu a direção do DER a convite de um amigo de infância, o deputado Robinson Faria. Eram amigos desde o tempo em que viviam entre as ruas Ângelo Varela e Hemetério Fernandes, no Tirol. O reencontro entre eles foi promovido por um amigo comum, o atual prefeito de Passa e Fica, Pedro Augusto Lisboa (Pepeu).

"Nos últimos três anos e meio, ela só me elogiou, aí, de repente, parou e passou a me tratar com indiferença"

TIAGO LIMA/NJ

Sob nova direção: Jader desencaixota sua mudança na pequena sala de sua construtora em Lagoa Nova

Quando Robinson convidou Jáder para assumir a direção do DER, "só me pediu uma coisa que é lealdade... (baixa a voz) a única coisa", recorda. No primeiro mandato de Wilma, as estradas recuperadas ou cons-truídas por Jáder foram apresentadas como uma das principais obras do governo de Wilma. Exibidas à exaustão na propaganda do governo e na campanha de reeleição da governadora, as imagens testemunham sua eficiência administrativa.

Nos últimos meses, porém, Jáder passou a ser alvo de reclamações de vários setores do governo. Por trás da artilharia de críticas, escondem-se muito mais razões de ordem política, do que técnicas.

Pelo menos no discurso oficial, o que levou a governadora Wilma de Faria a demitir Jáder do DER foi "ineficiência administrativa", por conta do atraso de obras, como a duplicação da Via Costeira e a recuperação das estradas danificadas pelas fortes chuvas desse ano.

Robinson "só me pediu uma coisa que é lealdade... (baixa a voz) a única coisa"

Jáder, entretanto, por causa dessa repentina mudança do tratamento dispensado pela governadora, já esperava sua demissão. "Nos últimos três anos e meio, ela só me elogiou, aí, de repente, parou e passou a me tratar com indiferença", revela. Sereno, ele não perde o controle e atribui, quase inocente, essa indiferença de Wilma ao "momento político".

DE CRISE EM CRISE, UMA QUEDA JÁ ESPERADA

O inferno astral do diretor do DER começou há alguns meses, quando ele recebeu uma missão do vice-governador e Secretário de Assuntos Hídricos, Iberê Ferreira de Souza. Jáder Torres deveria assinar contratos para realizações de obras, sem licitação, no valor de R$ 30 milhões.

Dos recursos repassados pelo Governo Federal para recuperar estradas e obras danificadas pelas chuvas, cabiam ao DER autorizar obras no valor de R$ 8 milhões. Jáder negou-se a assinar os contratos sem uma análise jurídica do "pacote".

Em outra ocasião, Jáder participava de uma reunião com prefeitos da região Agreste, ligados politicamente ao deputado Robinson Faria. "Eu apresentei um relato sobre as obras que o governo estava realizando na região, como fiz outras vezes", revela Jáder. No dia seguinte, Jáder recebeu uma ligação da governadora cobrando-lhe uma posição: seria ele diretor do DER ou assessor do deputado Robinson Faria?

Na lista de problemas de Jáder, incluem-se, ainda, a desautorização pública da governadora a uma operação de fiscalização do transporte clandestino no estado, após o protesto de taxistas e "loteiros".

As críticas às obras de duplicação da Via Costeira se juntaram aos problemas com as obras de ampliação da Prudente de Morais em direção à BR-101, cortando o Vale do Pitimbu, que foram embargadas, "mesmo com duas licenças, uma do IDEMA e outra do IBAMA, que fora renovada há um mês", revela Jáder.

Jornal de

SEBASTIÃO VICENTE

De Brasília/DF

Editor: Franklin Jorge
E-mail: opiniao@novojornal.jor.br
Fone: 84 3201.2443 | 84 3221.3438

Declaração (sentimental) de princípios

QUEM RESPIRA SABE que esse sentimento denominado amor é um tipo sorrateiro, múltiplo e contraditório. Sentimento malasarte, ele surpreende e trapaceia seu sujeito e seu objeto. Transforma-se, muda de aparência, oculta-se quando deveria se exibir. E também se nega a surgir poderoso no centro dos acontecimentos, quanto mais o ser humano (esse seu escravo que respira) implora de joelhos para que apareça e dê algum sentido aos absurdos. O amor, esse patife disfarçado de virtude, é assim mesmo. E pode ser ainda pior quando exerce suas influências na relação entre as pessoas e o lugar onde elas vivem, viveram ou viverão.

Estou falando de um dos tipos mais subjetivos de amor, que é aquele que se pode nutrir por uma cidade. Serei mais preciso, enquanto isso é possível, pois estou falando do meu amor por Natal - um amor tão desconfiado quanto sentimentalóide, e que, no entanto, não se surpreenda, pode sim, de alguma maneira, ter conexão com o sentimento que você reserva para esta mesma cidade, onde circula hoje a edição inaugural deste mesmíssimo jornal. Dito isso, só me resta enumerar os lugares, momentos e circunstâncias que disparam a qualidade inquieta e esdrúxula desse amor.

Pra começar, declaro que amo, com todas as minhas forças, o epíteto de "cidade do sol" que tanto traduz quanto minimiza – e, de outra maneira, também subestima – as dimensões humanas do nosso burgo. Como amo, crente de pés juntos, aquele outro ditado segundo o qual aqui "não se consagra nem se desconsagra ninguém". Acho até que o epíteto e a sentença se completam – sem que, com isso, ao contrário do que parece, sinta o menor sinal de repulsa pelo lugar em questão. Ao contrário: as duas frases juntas só me fazem amar Natal, mais e mais, numa compulsão de hospício. Porque, qual cartão de visitas involuntário, tais anunciados já lhe cortam as asas antes mesmo de seu habitante se arvorar em voos inúteis. E se, porventura e contrariamente aos prognósticos, efetivamente voar, terá que ser duplamente reconhecido.

Ladeiras e calçadas

Amo a Ladeira do Sol com o mesmo fervor apaixonado que devoto à Ladeira de Mãe Luíza. Venero os novos ares mediterrâneos de Ponta Negra com a mesma devoção que reservo ao luar dourado que ilumina as ruas anônimas do Vale do Pitimbu. Frequento a balbúrdia metropolitana da Maria Lacerda com deslumbramento idêntico ao que me toma a alma quando me vejo à sombra altiva das calçadas da Engenheiro Roberto Freire. Esquecidos ou exibidos, são cenários diversos e reais de uma mesma cidade, dona de muito mais faces do que sugere o circuito Parnamirim-Lisboa.

Choro todas as manhãs com saudades de A Modinha, mas logo recupero a esperança quando lembro que um novo e inevitavelmente defasado viaduto vem surgindo no horizonte solar que nos abençoa. Rezo fervorosamente em agradecimento à providência quando cruzo meus passos com a boçalidade mais up que é possível aos conterrâneos alcançar, e se faço isso é porque sei que por baixo de qualquer exibicionismo gritante existe, beradeiro e ansioso, um ser humano tão cabreiro quanto eu.

Festejo a eficiência dos Clowns locais tanto quanto idolatro a falta de dinheiro na banca para a tal da cultura. Morro de amores pela indigência mercantil dos artistas. Cultuo em jejum de três dias a teimosia infantil desses mesmos artistas, amo os artistas – não tenho como não os amar, imploro a quem os detesta que tente compreender. Na sua pobreza ambulante, eles encenam involuntariamente o espetáculo de nossa decadência. Mas, que fique claro: se há algo que eu também amo, com o vigor da mais explosiva antimatéria, é a nossa decadência. O que seria de mim e de outros colegas das letras não fosse ela, essa deusa a quem tanto violentamos quanto mais ela nos conforta?

Terraços e igrejas

Amo a impaciência do natalense médio que buzina estridente quando eu não me oriento muito bem no estacionamento do shopping, como adoro o jeitão camarada do dono do restaurante improvisado nas sombras das árvores do Jiqui que me serve um guisado como eu jamais encontraria nos terraços da Getúlio Vargas (mas também amo os terraços da Getúlio Vargas, que não sou besta).

Amo o oitão ventilado da catedral na Deodoro, como amo a fachada e-o-vento-levou do templão da Universal na Salgado Filho. Ambas são expressões do nosso gigantismo represado nos porões da religiosidade reprimida. Amo os canteiros alagados do Parque das Pedras em junho, como amo a surra de areia que a natureza nos aplica no mesmo período de uma ponta à outra da Via Costeira. São apenas duas formas que o meio ambiente tem de nos cutucar com elegância suficiente para chamar a atenção sem que a gente precise passar o recibo constrangedor de agressor da ecologia. Por falar nisso, amo de paixão os furos do saneamento – e rego esse amor todos os dias com fartas doses de nitrato envelhecido.

Botecos e fantasmas

Amo os botecos da Tavares de Lira e arredores, como amava os ratos da Rua do Motor e adjacências. Amo o Carnatal a tal ponto que me vejo obrigado a amar o fenômeno decorrente, a que se convencionou chamar de carnatalização geral – amo, pronto, não precisa insistir, pode desligar o carro de som. Amo os fantasmas que habitam o Hotel Ducal.

Movido por esse tipo febril de amor, faço oferendas aos vultos que ainda se debatem nas ruínas espirituais dos cinemas Rio Verde, a quem não me canso de amar. Todos eles, os prédios fechados, demolidos, substituídos, e seus insistentes habitantes invisíveis são como salas de projeção do nosso apressado presente com data de validade vencido. Como filmes amados que envelhecem precocemente, antes de terem tido tempo de se tornar clássicos. Pelo mesmo motivo, já amo, de um amor desesperado de cometer suicídio, o Machadão que via todo dia e onde no entanto só uma vez estive. Mas amo a Copa, já que, por mais que tente, não consigo mesmo destoar da expectativa geral. Coisas do amor.

Gilliard e Cascudo

Amo Valéria Oliveira e Gilliard, Cascudo e os políticos de auditório, o turismo reluzente e o assassinato brutal na passarela, o litoral sul e o Soledade II, a Marina Badauê e os esgotos que brotam na praia, os CDs de Babau e o deslumbramento da cantora Elali. E por que não haveria de os amar, se eles formam uma cidade só? Eis a questão que explica as contradições deste amor a uma cidade. É que não dá pra separar, ir do Guaíra à cidade sem ver as lojas de colchões, relembrar o lindo visual do Campus visto do Posto Planalto sem que os novos viadutos se intrometam no alumbramento. Não tem essa de joio e trigo.

De um tempo para cá, as cidades se transformaram num caleidoscópio tal que vem tudo junto, deslumbramento e miséria, estupidez e contemplação. Para falar uma linguagem bem atual, ou você compra – ou não. Ame-a ou deixe-a, triste paralelo – mas que é fato. E quando me ponho diante do espelho desta cidade, vulnerável de sinceridade, vejo que a amo com todas as suas lindas e tão bem-cuidadas imperfeições.

sebastiaovicente@novojornal.jor.br

PLURAL

JOMAR MORAIS
JORNALISTA

Antenados e... desorientados

A cultura pós-moderna decretou: é chique ser antenado. Antenado é o indivíduo que está informado sobre tudo o que se passa, aquele que você nunca consegue surpreender com uma novidade, pois ele já viu, já leu e já teclou tudo antes que você. Ser antenado virou sonho de consumo e de status, mas isso contém uma armadilha.

Numa época em que notícias jorram sem parar, através de múltiplos canais, cresce o número de pessoas ágeis em acumular informes, mas permanecem escassas, muito escassas, as que são capazes de uma reflexão mediana sobre a realidade, uma leitura de contexto, um exercício de previsão. Tem-se informação, a comunicação pura e simples de um evento ou de uma experiência, mas não se consegue elevá-la ao patamar do conhecimento, onde o dado isolado aparece em sua relação contextual e com uma intencionalidade. A overdose de informação caótica, aliás, acaba contribuindo para o aumento da perplexidade e da ansiedade, fatores estimulantes de transtornos como o da violência, seja esta uma briga doméstica ou um crime hediondo.

É nesse ambiente de perigosa superficialidade que o jornal e os jornalistas são convocados a intervir, com sensibilidade e talento, em favor da produção de conhecimento – essencial para que tenhamos cidadãos conscientes e participativos – e da própria sanidade coletiva. Não basta imprimir notícias, dar eco a palavras e números. A TV, o rádio, a internet e o celular já nos entregam, a todo instante, montanhas de informações que, mal digeridas, nos deixam um saldo de apreensão e pessimismo. Do novo jornal e do novo jornalista espera-se a perspicácia para distinguir na montanha de dados o que é relevante do que é frívolo e, a partir daí, articular elementos, perceber as relações de causalidade e, sempre que possível, antecipar o que nos reserva a curva adiante. Espera-se um outro olhar, acima e além do senso comum, apto a observar com clareza e a interpretar, apoiado em valores éticos universais.

Na década de 1980, nas reuniões de editores da revista Veja, brincávamos dizendo que se alguém ficasse um ano sem ler os jornalões brasileiros, ao retomar o hábito teria a impressão de que o tempo parara. A glosa esbanjava arrogância, sim, mas a piada tinha seu naco de verdade. As manchetes dos grandes jornais eram sempre as mesmas, mudavam apenas os sujeitos. Não era, porém, o mundo que estava engessado, mas a mente de quem o narrava. De lá para cá, muita coisa tem mudado na nossa imprensa e é alvissareiro que uma equipe de profissionais consagrados se reúna agora neste Novo Jornal com o propósito de fazer jornalismo diário substancioso e consequente. Nós, jornalistas e leitores, antenados ou não, precisamos e merecemos.

jomarmorais@novojornal.jor.br

CRÔNICAS

Sobre cordas, bambas e o novo

Ada Lima, do Novo Jornal

"Não há um porquê", responde Phillipe Petit, estrela de "O Equilibrista" (direção de James Marsh e Oscar 2009 de melhor documentário), quando alguém pergunta o que o leva a atravessar grandes distâncias sobre uma corda bamba.

O francês Phillipe Petit ganhava a vida nas ruas, fazendo truques de ilusionismo e de equilibrismo. Ficou famoso em 1971, quando, aos 22 anos de idade, caminhou sobre um cabo esticado entre as duas torres da catedral de Notre Dame, em Paris. Três anos depois, no dia 7 de agosto, burlou a segurança do extinto World Trade Center, em Nova York, para atravessar oito vezes seguidas o espaço entre as torres gêmeas. A performance durou quase uma hora e foi assistida por cerca de cem mil pessoas. O artista foi preso após o ato ilegal, e condenado a uma pena simbólica: fazer um espetáculo infantil, gratuito, em um jardim.

Andar sobre o vão entre as inacabadas torres gêmeas exigiu planejamento, treino do corpo e da mente e equilíbrio entre ambos. Depois, deslizar sobre o cabo. E mais. Phillipe fez graça para o público, sentou sobre a corda, pulou, conversou com as aves. Phillipe era um bamba da corda. Mas ainda um mortal – maluco – sobre um cabo de aço a mais de 400 metros de altura, sem segurança ou rede de proteção. A velha arte do equilibrismo, num trajeto nunca antes percorrido.

Repiso o clichê de propósito. Por quê? Não existe um porquê. Existe vontade.

Mas andar em novas trilhas exige, além da vontade, conhecer o terreno – ou a corda – onde se pisa. Planejar, calcular e seguir. Equilibristas experientes não temem o avanço em meio à lâmina do vento. Dão um passo para trás, oscilam para os lados, mas jamais param no meio da corda. O medo de cair impede o progresso.

No entanto, há que se ter cautela; correr expõe ao risco de tropeçar nos próprios pés, e o público sob a corda pode não amortecer a queda. Sempre há quem se divirta nessas ocasiões. Por isso, é importante manter o foco: levantar a cabeça e olhar para a frente evita a vertigem.

Mas os outros são os outros. Eles apenas podem assistir ao êxito ou à derrocada alheia. Arriscar-se na corda bamba é, primordialmente, desafiar-se, colocar-se à prova. E, mais do que arriscar, descobrir o ponto em que a força motriz transforma-se não em explosão desastrosa, mas na leveza de um Phillipe Petit, caminhando suspenso sobre o vão entre duas torres, cheio de uma vontade que só os malucos, em sua peculiar lucidez, possuem.

adalima@novojornal.jor.br

Alguma novidade?

Sheyla Azevedo, do Novo Jornal

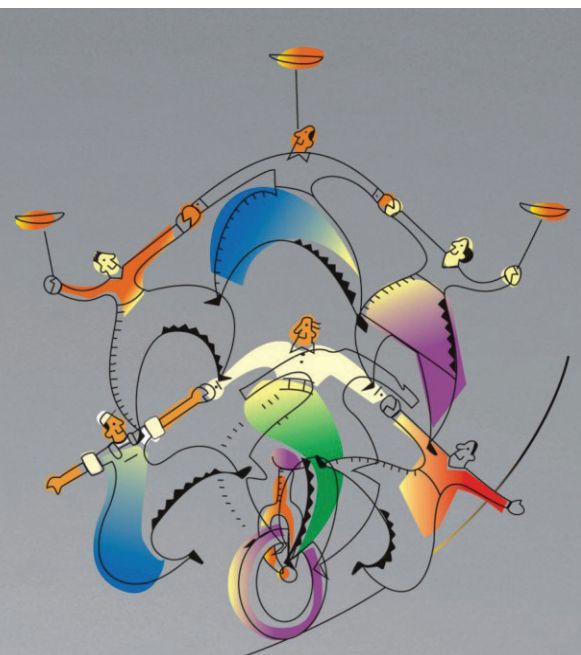
Até bem pouco tempo, quando ouvia essa pergunta, entrava em pânico. Como se em mim morasse uma incompetência latente em identificar qualquer coisa nova que pairasse no ar. E, assim, de supetão, essa inabilidade em identificar o inusitado pudesse ser claramente lida na minha cara aparvalhada. É bem verdade que eu até pudesse ter – num momento ou outro – alguma novidade na manga, um fato qualquer, como uma topada recente no dedão do joanete. Mas, convenhamos, novidade que se preze não pode ser assim tão prosaica. Não se pode, simplesmente, responder ao interlocutor: "A novidade é que acabei de assoar o nariz". E acreditar que isso lhe basta.

Mas, de uns 20 dias para cá, isso tem mudado. Um convite, caras novas, outras velhas conhecidas, uns 40 degraus, uma sala ampla com paredes pintadas de branco e o uivo de um lobo ávido por trilhar novas estepes. E o medo de novidades tem dado lugar ao desejo de encontrá-las. Os dias têm se apresentado como se fosse a primeira vez. Porém, sem guardar a ingenuidade do inusitado, do nunca dantes imaginado. O sol é o mesmo. A luz é que está diferente. Incide sobre as minhas ideias, lança desafios a cada piscar de olhos, dança no meio da madrugada com meu sono, rejuvenesce velhos sonhos adormecidos de mudar o mundo. Quase 10 anos depois de achar que pensar dessa maneira era coisa para adolescente e que já tinha encontrado a cura para devaneios de uma infância quase feliz.

Dia a dia sinto que a novidade não reside na invenção ou na repetição da notícia. Ela mora na argúcia da descoberta e no desenrolar da realidade, essa irmã que não nos deixa mentir. Ou ao menos não nos deixa sair impunes, é bom lembrar. Uma vez um amigo me soprou com voz de experiência que, passe o tempo que passar, a verdade sempre aparece. Nunca encontrei alguém que negue o que ele disse de maneira simples e direta.

É isso que eu quero para uma verdade que me persegue: simplicidade e direção. Dentro de casa, acompanhando e amando os meus; no trabalho, ouvindo e dedilhando o que já é e o que ainda será. E, no dia em que eu não tiver novidade alguma, terei como aliada a compreensão de que muito ainda está por vir. E virá. É uma questão de respeito ao tempo, esse pai que não salva nem perdoa ninguém, mas que nos dá paciência para continuar.

sheylaazevedo@novojornal.jor.br



MPE Brasil

PRÊMIO DE COMPETITIVIDADE PARA MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

2 0 0 9

MPE Brasil. Uma premiação para fazer da excelência um exemplo.

O Prêmio MPE Brasil é uma iniciativa para valorizar o trabalho das micro e pequenas empresas que são destaque no mercado.
Dia 09 de dezembro, os gestores que investiram em qualidade, produtividade e competitividade vão receber os resultados da etapa estadual – Rio Grande do Norte.
Prêmio MPE Brasil.
O bom desempenho merece aplauso.

Realização:

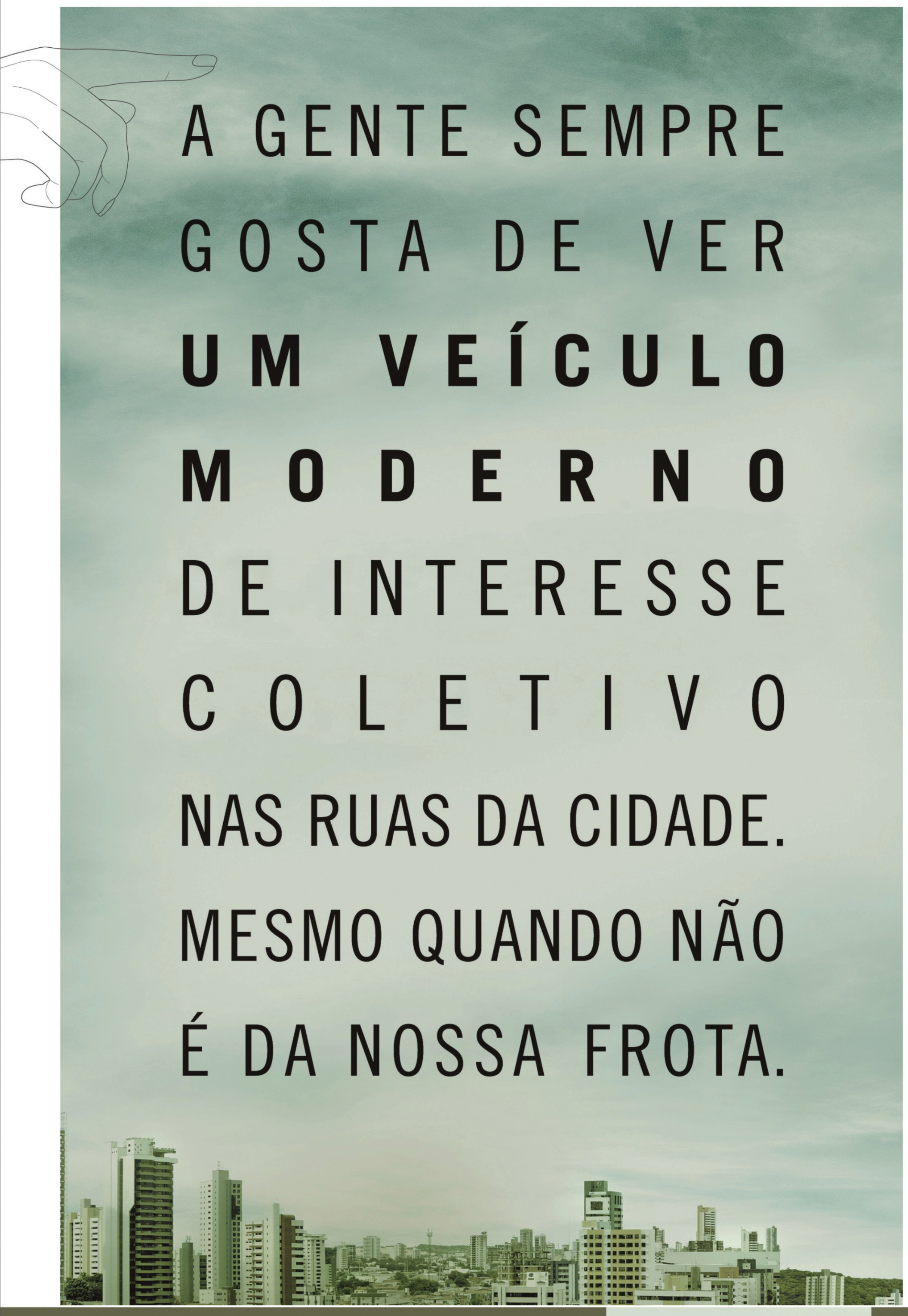
SEBRAE · MBC Movimento Brasil Competitivo · Todos pela Educação · Gerdau · FNQ Fundação Nacional da Qualidade – Excelência em Gestão

Patrocínio Nacional:

CNI Confederação Nacional da Indústria · Petrobras · Brasil, um país de todos – Governo Federal

Apoio:

FIERN · FACERN Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Norte · Fecomércio RN Sesc Senac IPDC · CDL Câmara de Dirigentes Lojistas de Natal · FAERN · acim · ANORC Associação Norte-Rio-Grandense de Criadores


ART&C
A GENTE SEMPRE
GOSTA DE VER
UM VEÍCULO
MODERNO
DE INTERESSE
COLETIVO
NAS RUAS DA CIDADE.
MESMO QUANDO NÃO
É DA NOSSA FROTA.
SEJA BEM-VINDO, NOVO JORNAL.
SETURN
SINDICATO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES
URBANOS DE PASSAGEIROS DO MUNICÍPIO DO NATAL
(84) 3216-8484 | www.seturn.com.br

PLANO PLURIANUAL | Prefeitura quer investir R$ 4,944 bi até 2013. Só falta chegar o dinheiro

NATAL DAQUI A 50 meses

HUMBERTO SALES/NJ

Secretario Augusto Viveiros: Plano Plurianual reúne 14 projetos

Heverton de Freitas, do Novo Jornal

NOS PRÓXIMOS QUATRO anos, a Prefeitura de Natal pretende realizar um conjunto de obras de porte que prometem mudar a cara da cidade. Serão cinco Unidades de Proteção e Assistência à Saúde e um hospital municipal, o metrô de superfície (Veículo Leve sobre Trilhos), uma terceira ponte sobre o rio Potengi, uma via Expressa em Capim Macio margeando o Parque das Dunas, 15 corredores de ônibus, um complexo cultural na Ribeira, um Centro Administrativo e um Palácio da Ciência.

Isso sem falar num investimento de R$ 190 milhões voltado para o turismo, mais R$ 436 milhões que contemplam a drenagem de 268 km de ruas e a implantação de 16 lagoas de captação, além de outros R$ 360 milhões na construção de 12 mil casas populares. Calma, não se trata de nenhuma atualização da palestra Natal daqui a 50 anos, proferida pelo visionário Manoel Dantas em 1909. Esses são apenas alguns dos investimentos incluídos pela prefeitura no Plano Plurianual (PPA) que está sendo analisado pela Câmara Municipal.

O projeto de lei já está com os vereadores e foi dividido em 14 programas. Pela proposta, está previsto um dispêndio de R$ 4,944 bilhões. Desse total, a prefeitura pretende investir R$ 4,933 bilhões nos próximos quatro anos, contando para isso com recursos federais, estaduais e de parcerias.

Só da receita própria, somada às transferências constitucionais, a Prefeitura estima que terá R$ 4,178 bilhões, somados a outros R$ 2,774 bilhões que espera obter com convênios e empréstimos, outros R$ 161 milhões viriam da taxa de iluminação pública, a Cosip. O restante serão recursos próprios da Agência Reguladora de Saneamento e recursos vinculados, receitas estimadas em R$ 7,154 bilhões.

Com esse valor, a Prefeitura tem que fazer frente às despesas com pessoal, encargos financeiros e manutenção da máquina.

Dos quase R$ 5 bilhões que a Prefeitura espera investir nos próximos quatro anos, 30,84% viriam da receita própria do município. Outros 54,12% de convênios com o governo federal, 5,88% com o governo estadual e 7,16% de Parcerias Público-Privadas.

O secretário de Planejamento, Fazenda e Tecnologia da Informação da Prefeitura de Natal, Augusto Carlos Viveiros, explica que os R$ 1,525 bilhão que a Prefeitura estima investir com recursos próprios também contemplam os repasses constitucionais, tais como o FPM, o ICMS, IPVA entre outros que são obrigatórios.

Para o secretário Viveiros, a previsão é realista. Esse patamar de investimentos para os próximos quatro anos representa uma média de R$ 381 milhões por ano, só com recursos próprios. Agora, só falta aparecer o dinheiro.

DE ONDE VEM O DINHEIRO (EM R$ MIL)

Secretaria	Municipal	Estadual	Op. Crédito	Federal	Parceria	Total
SEGAP	117.592		6.974	20.192	70.000	214.758
PGM	600					600
CGM	392					392
SECOM	56.488					56.488
SEMUT	10.521		6.974			17.495
SEMPLA	18.388			19.992		38.380
SEMAD	21.103			200	70.000	91.303
CÂMARA MUNICIPAL	2.800					2.800
EDUCAÇÃO	216.884	514		96.450	2.006	315.854
FUNCARTE	38.320			7.850	1.700	47.870
SEMTAS	118.491			33.304	64	151.859
SEL	16.916			14.335	61.536	92.787
SAÚDE	225.512	98.801		721.637	230	1.046.180
SEHARPE	20.250			394.125	35.625	405.000
URBANA	237.970			16.820		254.790
SEMOB	128.678		79.420	587.236		795.334
SEMURB	38.595				195	38.790
SEMSUR	113.646		10.000	58.700	17.500	199.846
SECTUR	117.196		2.265	17.296	150.620	287.377
SEMOB	133.138	191.250		752.378	555	1.077.321
GUARDA MUNICIPAL	2.070			450		2.520
ARSBAN	3.412					3.412

RATTS RATIS

TIAGO LIMA/NJ

Copa 2014 determina prioridade dos investimentos da Prefeitura

Mobilidade Urbana

Pelo Plano Plurianual encaminhado à Câmara Municipal, a Prefeitura está priorizando obras na infraestrutura viária e na adequação da estrutura urbana de Natal para a Copa de 2014.

A expectativa da equipe econômica do município é conseguir boa parte dos recursos para investir na cidade por meio de parcerias com o governo federal e de projetos de Parcerias Público Privadas.

Apesar de a prefeita Micarla de Sousa ter insistido no tema da saúde durante a campanha eleitoral e ter até mesmo chegado a dizer que seria a secretária adjunta da pasta, a preparação da cidade para sediar a Copa do Mundo se impôs na lista de prioridades da administração municipal.

A secretaria que deverá ficar com a maioria dos investimentos é a de Mobilidade Urbana, com R$ 1,077 bilhão. A saúde fica logo abaixo, em segundo lugar, com R$ 1,046 bilhão.

A secretaria de Obras tem previstos R$ 795 milhões, seguida da Habitação com R$ 405 milhões. A secretaria de Educação está em quinto lugar, com R$ 315 milhões.

O secretário Augusto Carlos Viveiros justificou o volume de recursos previstos para investimentos em obras viárias pelo fato de Natal ter sido escolhida para sediar Copa do Mundo de 2014.

Segundo Viveiros, só para o ano que vem, já há um pleito de investimentos de quase R$ 300 milhões para obras de drenagem apresentado ao governo federal

De acordo com o secretário, dos R$ 1,077 bilhão que serão investidos na área, mais de R$ 752 milhões ele espera obter junto ao governo federal.

"Tem mais recursos para essa área porque é onde o governo federal mostra que existem recursos que podem ser obtidos. A saúde não tem tanta disponibilidade para convênios".

Apesar dessa declaração do secretário, no quadro com a síntese das ações por área está previsto que a saúde terá R$ 721 milhões de recursos federais, quase o mesmo volume de recursos que a prefeitura espera conseguir para transporte e trânsito.

A Prefeitura também trabalha com a expectativa de obter boa parte dos recursos que pretende investir na cidade por meio de parcerias. Ao todo, são R$ 340 milhões que seriam obtidos em parcerias diversas. Uma delas, segundo o secretário de Planejamento, já está viabilizada que é a construção do Centro Administrativo da Prefeitura.

Augusto Viveiros afirmou que já conseguiu R$ 30 milhões com o Banco do Nordeste para essa obra, orçada no PPA em R$ 80 milhões.

Para viabilizar essas parcerias, o secretário anunciou que a Procuradoria do Município elabora um projeto de lei que regulamenta a formação das PPPs no âmbito municipal e que, em breve, deve ser enviado à Câmara para votação.

PARA ONDE VAI O DINHEIRO

EDUCAÇÃO E ESPORTES

- Construção, reforma e adequação de equipamentos esportivos – 42 milhões
- Construção de vilas olímpicas – 16 milhões
- Fardamento Escolar – 38 milhões
- Construção, reforma e manutenção de Centros Municipais de Educação
- Infantil - 37,7 milhões.

SAÚDE

- Construção de um hospital municipal (média e alta complexidade) – 22 milhões
- Implantação de 2 restaurantes populares – 9 milhões
- 5 UPAS (média complexidade) - 95, 4 milhões

OBRAS DE INFRAESTRUTURA E HABITAÇÃO

- Reestruturação do centro comercial do Alecrim e Cidade Alta – 4,5 milhões
- Regularização fundiária – 10 milhões Melhorias habitacionais e áreas subnormais – 30 milhões
- Construção de casas - 360 milhões
- Construção de uma lavanderia pública – 500 mil
- Construção e manutenção de lagoas e drenagem de vias públicas – 436 milhões

URBANA

- Coleta seletiva – 4,2 milhões
- Reforma da sede – 4,8 milhões
- Coleta de lixo – 224 milhões

MOBILIDADE URBANA

- Implantação de ciclovias – 4,2 milhões
- Construção de pontilhões sobre ferrovias – 44,1 milhões
- Implantar 15 corredores de ônibus na cidade – 54 milhões
- Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) - 858,5 milhões
- Construção de viadutos – 29,8 milhões
- Construção de passarelas – 6,4 milhões
- Instalação de equipamentos eletrônicos para o controle do tráfego – 19,8 milhões
- Pavimentação de vias públicas – 265 milhões
- Conservação e manutenção de vias públicas – 29,5 milhões
- Construção da terceira ponte – 50 milhões
- Construção de via expressa em Capim Macio – 8 milhões

CULTURA

- Festas populares (S. João, Carnaval e Santos Reis) – 14 milhões
- Natal em Natal – 10 milhões
- Construir um complexo cultural na Ribeira – 3,3 milhões
- Iluminação Natalina – 15 milhões

TURISMO

- Dotar a cidade de infraestrutura turística (requalificação de praças, calçadas,sinalização turística, implantação de banheiros públicos) – 190 milhões
- Fortalecimento do fluxo turístico (como promoção de eventos do ciclo natalino, carnavalesco, festejos juninos) – 57,1 milhões
- Captação de eventos – 11 milhões
- Apoio à Copa 2014 – 2 milhões
- Reconstrução da Ponta do Morcego – 5 milhões
- Implantação do zoológico de Natal – 3,5 milhões

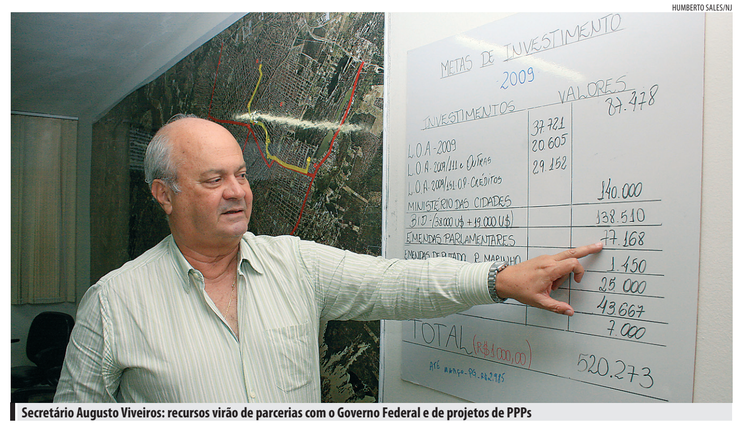
TRABALHO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

- Central do Trabalho e Renda – 3,4 milhões
- Qualificação profissional - 8,5 milhões

OUTROS PROJETOS

- Restauração da feira da Av. 4 – 3 milhões
- Construção do Centro Administrativo de Natal – 80 milhões
- Divulgação das Ações de Governo – 56,2 milhões
- Construção do Palácio da Ciência de Natal – 40 milhões
- Criar um Parque Tecnológico em Natal para atrair empresas de base tecnológica – 10 milhões

HUMBERTO SALES/NJ



Secretário Augusto Viveiros: recursos virão de parcerias com o Governo Federal e de projetos de PPPs

Em 2009, só 40% dos recursos previstos serão investidos

O secretário Augusto Viveiros admite que os investimentos de R$ 500 milhões previstos para este ano não serão alcançados pela Prefeitura de Natal. A crise econômica não permitiu. Com a queda na arrecadação do município, alguns investimentos ficaram para o próximo ano.

Mesmo assim, Viveiros calcula que a prefeitura atingirá 40% da meta estimada para este ano, ou seja, cerca de R$ 200 milhões. Ele considera a previsão de investimentos compatível com o que a Prefeitura espera dispor nos próximos orçamentos.

O secretário considera a proposta de Plano Plurianual da prefeitura para os próximos anos bastante ousada, por ter levado em conta a formalização de muitas parcerias e a obtenção de recursos junto ao Governo Federal. "Se o governo federal disser que não terá dinheiro para essa ou aquela obra e não der para se fazer com outros recursos, ela não vai ser feita e a gente contingencia". Simples assim.

> Tem mais recursos para essa área porque é onde o governo federal mostra que existem recursos que podem ser obtidos.

PLANO PLURIANUAL (PPA) É...

...uma previsão de investimentos a serem realizados nos quatro anos seguintes à sua aprovação, no caso de Natal, de 2010 a 2013.

Figuradamente, para efeitos de didática, um PPA é uma espécie de móvel cheio de gavetas prontas para receber os recursos, à medida que eles forem surgindo.

Cada "gaveta" se destina a um projeto ou obra. Se a previsão não se concretizar e os recursos não chegarem, o governo pode modificar o PPA para adequá-lo à nova realidade. Sem a previsão do PPA, mesmo se dispuser de recursos, a prefeitura não pode gastar.

O PPA de Natal foi elaborado pela Secretaria de Planejamento, Fazenda e Tecnologia da Informação da Prefeitura com base nas previsões de obras ou programas de cada secretaria ou órgão municipal, com suas respectivas fontes de receita.

Além de investimentos, o PPA estima recursos para programas de caráter continuado, como o Tributo à Criança ou a distribuição de Merenda Escolar.

| DEFESA | Projeto enviado ao Congresso tenta facilitar convocação de médicos para o trabalho em áreas remotas do país

Reforço para a saúde militar

Angela Pinho
Johanna Nublat
Da Folha Press

O governo federal quer facilitar a convocação de médicos para o serviço militar obrigatório, mesmo após eles terem sido dispensados anteriormente por excesso de contingente.

O Ministério da Defesa enviou ao Congresso projeto de lei para acabar com interpretações da Justiça que têm liberado diversos profissionais chamados pelas Forças Armadas.

A proposta também atinge veterinários, farmacêuticos e dentistas, mas o foco principal é nos médicos. Desde 2005, 796 deles conseguiram ser liberados da convocação pela Justiça.

Neste ano, prestaram o serviço 1.747 médicos, entre convocados após terem sido dispensados por estarem na faculdade ou por excesso de contingente.

> "(A convocação de novos médicos) é uma resolução imediatista de um problema crônico, que é a falta de política de assistência em áreas remotas"
>
> **Roberto D'Avila**
> Presidente do Conselho Federal de Medicina

A legislação que permite a convocação de profissionais de saúde fala em quem tem "certificado de reservista". A Justiça, porém, tem decidido favoravelmente aos profissionais que entram com ação seguindo a interpretação pela qual quem foi dispensado por excesso de contingente antes de começar a faculdade não poderia ser chamado depois da formatura. O projeto explicita que o convocado pode ter sido dispensado por "excesso de contingente".

Ao resolver essa questão jurídica, o ministério afirma que quer amenizar a falta de profissionais em áreas remotas.

"É cada vez mais grave a situação gerada pela ausência de médicos nas áreas mais carentes, ditas inóspitas, a exemplo da Amazônia, onde muitas vezes o único atendimento à população local, incluindo os indígenas, é realizado por ação das Organizações Militares de Saúde ou de postos médicos localizados nos quartéis", diz a pasta.

No Norte, cada médico cuida de 1.051 habitantes, enquanto no Sudeste, a média é de 400 habitantes por profissional.

Periferias de grandes cidades também têm carência, diz Aparecida Linhares, secretária de Saúde de Diadema e vice do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde.

"É uma resolução imediatista de um problema crônico, que é a falta de política de assistência em áreas remotas", diz Roberto d'Ávila, presidente do Conselho Federal de Medicina.

Para ele, a proposta é "melhor do que nada", mas ressalta que os convocados serão jovens com pouca experiência que não terão estrutura. "O máximo que farão será levar paciente para cidades maiores", afirma.

"Querem levar uma garrafa de água mineral para resolver o problema de uma seca", critica Paulo Argollo, da Federação Nacional dos Médicos.

O Ministério da Saúde evita entrar em detalhes sobre o projeto, mas diz que ele não resolve o problema da falta de profissionais em áreas remotas.

Para Francisco Campos, secretário de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde do ministério, não há unidades das Forças Armadas em todas as localidades carentes de médicos.

O projeto do Ministério da Defesa, enviado em setembro, está na Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara. Para entrar em vigor, ainda precisará passar por outras duas comissões e pelo Senado.

Ministério prevê nova carreira

Para tentar reduzir a escassez de médicos em áreas carentes, o Ministério da Saúde enviou à pasta do Planejamento uma outra proposta, a fim de criar uma carreira federal para os profissionais da medicina.

Funcionaria assim: depois de passar por concurso público, o médico seria levado a municípios com dificuldade de contratar profissionais, com salário pago pelo governo federal.

Dependendo da necessidade, poderia haver deslocamentos.

O número de cargos ficaria entre 400 e 500, segundo o secretário de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde do ministério, Francisco Campos.

O valor do salário ainda não foi fechado, mas poderia ficar entre R$ 8.000 e R$ 10.000, tomando-se como parâmetro o que ganharia um profissional da extinta Fundação Sesp. A entidade foi criada na Segunda Guerra Mundial por meio de acordo entre os governos brasileiro e americano. Nos anos 1960, foi vinculada à Saúde, até ser extinta no governo Collor.

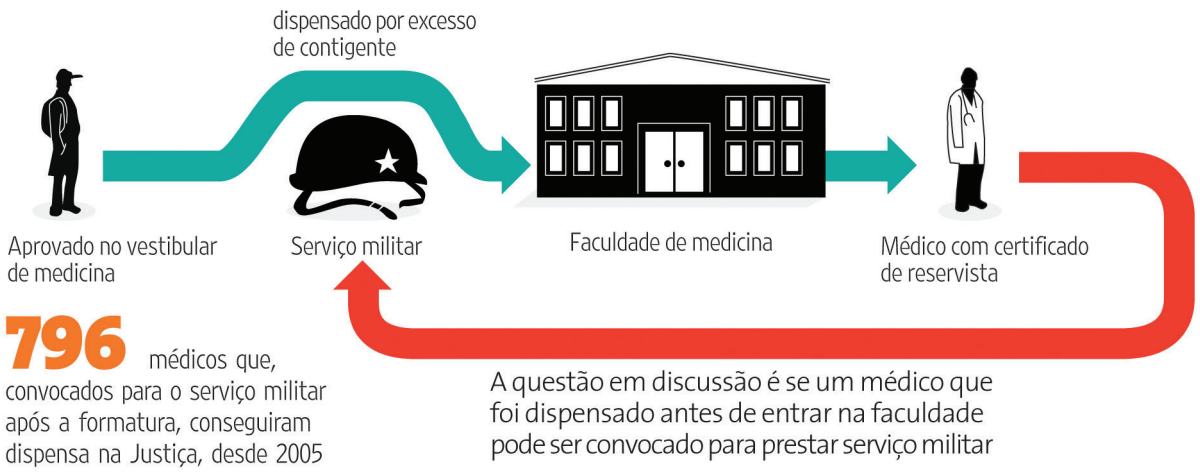
Esta nova proposta da Saúde teria o atrativo de dar ao profissional estabilidade e possibilidade de progredir na carreira.

Segundo Campos, pesquisas mostram que um das principais problemas dos médicos que ficam no interior é o fato de eles ficarem vulneráveis ao poder local, sujeitos a perder o posto a cada mudança de prefeito.

O SERVIÇO MILITAR E OS MÉDICOS

Governo quer facilitar convocação de profissionais de saúde para levá-los a locais com carência de médicos

O QUE ESTÁ SENDO DISCUTIDO



796 médicos que, convocados para o serviço militar após a formatura, conseguiram dispensa na Justiça, desde 2005

Como é hoje

» **Lei nº 5.292/67:** Um parágrafo da lei diz que médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários com certificado de reservista podem ser chamados para o serviço militar

» **Na Justiça:** A Justiça, porém, tem entendido que a lei não se aplica a quem foi dispensado por excesso de contingente antes de entrar na faculdade

Como pode ficar

» **Convocação:** Projeto do governo, que ainda precisa passar pelo Congresso, coloca em outra lei, de 1964, que médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários podem ser convocados mesmo depois de terem sido dispensados

Fontes: Ministério da Defesa, Ministério da Saúde, Conselho Federal de Medicina e IBGE

SAC: 0800 281 4036
www.nutriday.ind.br

NUTRIDAY
ENERGIA TODO DIA

BASE

SOPINHA INFANTIL NUTRIDAY.
PARA OS BEBÊS, MAIS PARECE UM *CRÈME À LA MODE DU CHEF.*

Chegou a Sopinha Infantil Nutriday, fácil de preparar, **basta acrescentar leite morno**, e pronto!
São 3 deliciosos sabores adaptados ao paladar dos bebês. **Enriquecida com ferro e 9 vitaminas**, as sopinhas Nutriday utilizam ingredientes naturais, como cenoura em flocos, polpa de tomate ou feijão desidratado, e não contêm corante. Tudo para garantir aos bebês uma alimentação equilibrada, com nutrientes essenciais para um crescimento forte e saudável. Uma exclusividade com a qualidade Nutriday.

Sopinha Infantil Nutriday.
Nutritiva, fácil de preparar e os bebês adoram.

Ministério da Saúde informa: Após os 06 (seis) meses de idade continue amamentando seu filho e ofereça novos alimentos.

| BOEMIA | Há 40 anos, Bar do Gavião garante a alegria dos frequentadores da praia da Redinha

O GAVIÃO boêmio da Redinha

Rafael Duarte,
do Novo Jornal

A PRAIA DA Redinha deve boas páginas de suas memórias a um dos estabelecimentos mais tradicionais da região. Encravado na extensão da avenida João Medeiros Filho, já no caminho do que hoje, por força do crescimento da praia, se convencionou chamar de Redinha Velha, está o Pé do Gavião, boteco que viu, ouviu e ainda sente os efeitos de quase 40 anos de trajetória.

Quem manda naquele pedaço boêmio do litoral Norte desde 1970 é um sujeito tranquilo e boa praça que, com a ajuda da família, foi capaz de transformar um barraco, onde cabia uma única mesa, abrigo de 14 clientes, numa casa agradável e até certo ponto grande para os padrões de um botequim comum. Aos 61 anos, Joca leva o Pé do Gavião ao ritmo e sabor do mar da Redinha, sem grandes preocupações financeiras por conta de uma clientela assídua, principalmente às sextas-feiras, quando a seresta do popular João Mendonça toma conta da área.

Durante o veraneio, a movimentação se multiplica. Ele mantém uma relação carinhosa com os frequentadores, comprovada nas centenas de nomes grafados nas paredes, e até no teto, com giz branco oferecido ao freguês pessoalmente pelo comerciante.

Os registros são tão importantes para os clientes do Pé do Gavião que, após uma das pequenas reformas realizadas na pintura do bar, Joca foi obrigado a enfrentar a ira de um sujeito que, ao voltar ao boteco, não encontrou sua assinatura no local.

"O homem perguntou se eu me lembrava dele. Eu disse que não. Aí ele ficou brabo porque eu tinha apagado o nome dele da parede. Fiquei sabendo depois que o cliente era do Amazonas e tinha vindo no bar há 15 anos. Quase faço uma inimizade", diz, rindo da polêmica.

Confusões não fazem parte do cardápio do Pé do Gavião, embora o bar, no carnaval, se transforme num ponto de encontro dos foliões de todas as tribos que escolhem a Redinha para passar a festa de Momo. Puxando pela memória, Joca conta cinco brigas, no máximo, todas envolvendo discussões de clientes que brigaram entre si por causa de quanto teriam de desembolsar para pagar a dolorosa despesa.

No entanto, um caso chamou mais sua atenção pelo grau alcoolico e pela esperteza do freguês. "Era um dia de seresta, agitado pela quantidade de gente que apareceu. Um pessoal ficou sem mesa e eu estava nervoso porque um cliente, sentado sozinho, tomou duas cervejas e dormiu. A casa foi enchendo, o cara dormindo, o garçom queria mandar ele embora, mas eu não deixei", conta Joca. E acrescenta: "Só não aguentei quando foram me chamar na cozinha dizendo que o sujeito tinha acordado e estava brigando para receber o troco da conta que ainda não tinha pago".

Continua na página 102

MARCELO BARRETO

João Mendonça, o Joca, transformou barraco no bar mais popular da praia

Joca sempre pede aos clientes para deixarem assinatura nas paredes

João Medeiros Filho foi avalista de primeira hora

Se for para falar de passado é bom que se diga que o Pé do Gavião é do tempo em que João Medeiros Filho era advogado famoso e atuante e nem pensava que seu nome batizasse a avenida que liga a Redinha de ontem e de hoje ao progresso da cidade grande. Cliente assíduo dos velhos tempos do boteco, João Medeiros se colocou à disposição de Joca para ser o avalista de um possível empréstimo oferecido a ele por um ex-gerente do extinto Bandern, que insistia na história de que o Pé do Gavião deveria crescer.

"O gerente era cliente meu há alguns anos. Um dia, veio com uma história de que o bar deveria ser mais sofisticado e perguntou quanto eu queria para fazer a reforma, que ele emprestava o dinheiro. Quando disse que eu precisava de dois avalistas, o doutor João Medeiros Filho, sentado em outra mesa, disse: 'Eu sou o primeiro'.

O outro avalista logo apareceu, era João Neto Guimarães, outro freguês. "Mas eu não aceitei. Nunca pensei em conseguir as coisas por intermédios dos outros e também não era intenção fazer um bar mais sofisticado, porque acho que as pessoas não iriam gostar", afirmou.

Advogado que hoje empresta o nome à avenida que liga a praia à Zona Norte da cidade era frequentador do bar

TIAGO LIMA/NJ

A geografia da Redinha se alterou com a chegada do desenvolvimento, mas seu passado pacato e boêmio permanece para os frequentadores do Bardo Gavião

Nome evoca infância vivida em Sítio Novo

A origem do Pé do Gavião, na verdade, vai de encontro a qualquer tentativa de transformar o boteco em algo que fuja da simplicidade. A começar pela trajetória do proprietário, natural de Sítio Novo, município localizado no Agreste potiguar, a 99 quilômetros de Natal, que antes de virar dono de bar trabalhou como contínuo, funcionário da indústria de calçados e vendedor numa banca de revista, onde recebeu as primeiras noções sobre comércio.

Olhando para trás e lembrando o início do boteco, tudo não passava "de um barraco de madeira coberto de telha", relata Joca. Nascia ali, após um acerto com o irmão do sogro, o "Barraco do Morro". O nome sugerido nunca agradou ao proprietário. Não pelo barraco em si, mas pela falta de morro na praia da Redinha. A inspiração consagradora, porém, veio das lembranças da infância em Sítio Novo e, com elas, o nome que ficaria eternizado na memória dos frequentadores.

"Quando eu era criança, na fazenda do meu avô, em Sítio Novo, ficava vendo aqueles gaviões pé de serra voando. Isso marcou. E quando estava procurando o nome, pensei em Bar do Gavião. O problema é que meu sogro disse que no Beco da Lama, na cidade, já tinha um bar com esse nome. Aí surgiu a ideia do Pé do Gavião", recorda.

Embora pouca gente saiba, Joca tem guardado o símbolo maior do boteco no próprio estabelecimento. Um pé de gavião legítimo lhe foi entregue por um cliente amigo. "Ele trabalhava como cozinheiro em Petrópolis e foi a Manaus, onde encontrou um cara que havia matado um gavião". Ao ser informado que tinha um amigo em Natal dono de um bar chamado Pé do Gavião, o caçador mandou o troféu de lembrança.

MARCELO BARRETO

O estranho souvenir foi presente adquirido por um cliente durante uma viagem à Amazônia

REDINHA VELHA

Falar da Redinha, para Joca, é voltar no tempo com um sorriso no canto da boca. Lembra que, apesar de morar em Natal naquela época, "a Redinha era um interior que nem prefeitura tinha". Era, de fato, tudo diferente. A começar pela integração entre os nativos e visitantes da praia. Mas o semblante muda quando a comparação com o que 'sobrou' da Redinha vem à tona. Aí a impressão que se tem é de que o Pé do Gavião parou no tempo para ver a modernidade chegar.

"Hoje você não conhece ninguém, bem diferente daquele tempo em que todas as pessoas se conheciam e davam bom dia e boa tarde. Era uma família só", define. Quando o assunto é segurança, Joca também remonta ao passado para descrever a tranquilidade de uma praia que, na visão dele, não existe mais.

"Daqui do bar a gente via nas casas de muro baixo que o dono dormia e deixava embaixo da rede carteira, relógio, cordão de ouro, tudo o que carregava. Hoje, ninguém tem coragem de fazer isso porque vem alguém e leva tudo", diz preocupado, apesar de nunca ter tido problemas com assaltos nestes anos todos.

Com o tempo, o que também mudou foi a clientela. O bar foi frequentado por pessoas como o advogado João Medeiros Filhos e o escritor Luís Carlos Guimarães, que já cantaram para subir, o senador Garibaldi Alves Filho e o jornalista Vicente Serejo, que tem uma casa na Redinha. Hoje, porém, não são mais vistos no Pé do Gavião. Em contrapartida, alguns veranistas se mantiveram firmes e uma nova geração vem surgindo. "Vicente Serejo hoje fica mais em casa, o senador nunca mais apareceu, mas tem muito jovem vindo, principalmente no veraneio", assegura.

Como todo boteco que se preza, o fiado também faz parte da história do Pé do Gavião. Mas se você acha que o benefício vai para os frequentadores mais antigos, enganou-se. A maioria dos 'pregos' é da molecada. Mas, é claro, desde que o fiador seja o papai amigo da casa. "Os pais vêm aqui no início do veraneio e dizem: 'Joca, o que meu menino pedir aqui você anota que eu pago no final'. Aí não tem problema. Sai muito refrigerante com batatinha", revela.

Para ele, o segredo da longevidade é se manter calmo nas horas mais difíceis. A dica que deixa para quem pretende se aventurar pelo ramo dos botequins é não diferenciar a clientela. "Aqui eu atendo da mesma maneira o pescador e o doutor. E, para ser franco, atendo até com mais cuidado o pescador porque é quem está sempre na praia e, se acontecer alguma coisa, ele pode ficar com raiva", diz.

Beber no trabalho também não é um hábito apreciado por ele. Prefere deixar para as festas e reuniões de família, com a presença dos amigos fora do bar. Ele acredita que é mais ou menos como a raposa tomando conta do galinheiro ou, para ficar no clima do boteco, como o gavião velando o sono da Redinha.

NOVO
JORNAL
ASSINE JÁ:
3198.0500

De Hoje
ou de
ontem, Novo ou
tradicional, a
Caio Fernandes
sempre confiou na
credibilidade
do meio
jornal.

IMOBILIÁRIA
CAIO
FERNANDES
DESDE 1992 | CRECI-RN 1191/J
4008.0001

TOPIDEZ

SIMTV AFILIADA REDETV!

A TV DO CARNATAL APRESENTA

EM CIMA DO TRIO

AO VIVO

VOCÊ NO MELHOR LUGAR DA AVENIDA!

DE SEGUNDA A SEXTA ÀS 18H NA SIMTV

PATROCÍNIO:

riachuelo R

SOL Bijoux

supermercado Nordestão

TaedsonCell 3213.7390 Shopping 10 - Alecrim

VESTFACEX TODA SEXTA TEM

ORAL IMPLANTE SPA estética CLÍNICAS INTEGRADAS 3222.1356

telepesquisa.com

ICE Cola

CABOTELECOM

bora.

O novo está aqui.

Uma homenagem da Miranda, fornecedora oficial de tecnologia do Novo Jornal,
à chegada de um veículo onde o novo também está em toda parte – a começar pelo nome.

Miranda
O novo está aqui.
www.miranda.com.br

CATITA | A saga da nossa Maria Fumaça

Manoel Tomé de Souza, o Manosinho, dedicou boa parte de sua vida à rede ferroviária do estado, em especial à locomotiva Catita

Na modernidade em que tanto se fala no Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) como solução para o sistema de transporte na região metropolitana de Natal, a maior preciosidade do patrimônio ferroviário do Rio Grande do Norte, a locomotiva Catita, ainda continua ausente do acervo que a Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) mantém na capital potiguar.

VIDA NOVA
AO NOVO!

Nesse fim de ano, assim como o Novo Jornal, tem muita gente começando uma nova vida. A SS Empreendimentos mais uma vez cumpre com sua palavra e se prepara para entregar em dezembro o Pétropolis Residence.

A prova de que somos uma empresa que leva o compromisso e as pessoas a sério, assim como o nosso novo amigo aqui.

BEM-VINDO
NOVO JORNAL.

Petrópolis Residence
Entrega Dezembro/09

SS Empreendimentos

ISO 9001
PBQP-H SiAC Nível A
BUREAU VERITAS Certification

www.ssempreendimentos.com.br

ART&C

Paixão pelo trabalho salvou trem do ferro velho

Moura Neto, do Novo Jornal
Fotos: Arquivo/IAPHACC

NÃO OBSTANTE O aparente interesse do Governo do Estado e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), órgão do Ministério da Cultura responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro, a histórica locomotiva que inaugurou os trilhos da ponte de ferro de Igapó, em 1916, e os da ponte de concreto Presidente Costa e Silva, em 1970, permanece relegada ao esquecimento e ao abandono em que se encontra no prédio da antiga Estação Central do Recife, que abrigava o extinto Museu do Trem, para onde foi transferida em 1975.

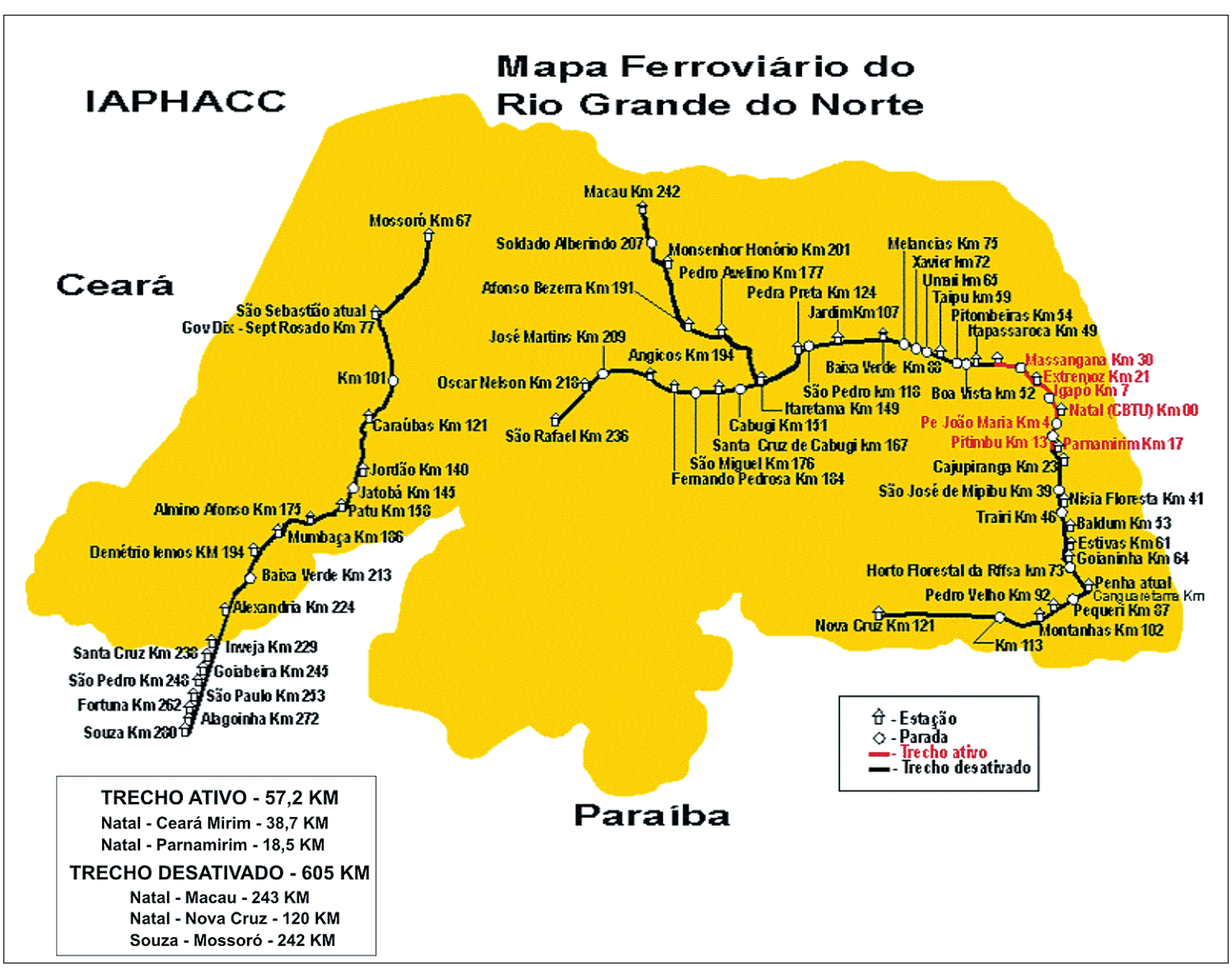
No momento em que o chamado metrô de superfície surge como possível alternativa para desafogar o trânsito da Grande Natal, a velha Maria Fumaça que sobreviveu à modernidade, após ter despontado como pioneira nos primórdios da malha ferroviária estadual, continua longe dos olhos e da visitação da comunidade norte-rio-grandense, mesmo que o interesse pelo seu translado tenha sido manifestado pela Assembleia Legislativa, Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente e institutos ligados ao patrimônio histórico e artístico do estado. Ainda que comunguem desse desejo as principais autoridades do Rio Grande do Norte nas esferas do Executivo, Legislativo e Judiciário, a locomotiva Catita jaz no antigo Museu do Trem de Recife, situado na avenida Rio Capibaribe, no bairro São José, no prédio adquirido pelo Banco do Brasil, há cerca de cinco anos, para instalação de um Centro Cultural.

E, pior ainda: a locomotiva a vapor, fabricada em 1902 na Inglaterra e adquirida pela Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte em 1906, encontra-se em mau estado de conservação, segundo relatório de técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), órgão que, aliás, ficou responsável pela administração dos bens oriundos da extinta Rede Ferroviária Federal S.A. Parecer assinado em 2 de agosto de 2007 pela arquiteta Carina Mendes dos Santos Melo e pelo historiador Romero de Oliveira e Silva Filho revela que a Catita, desde que foi transferida para Recife, por iniciativa da RFFSA, jamais recebeu tratamento condigno com sua importância histórica. No mesmo documento, eles ressaltam que o Estado de Pernambuco já detém rico acervo de locomotiva e outras máquinas, enquanto o RN não dispõe de "bens móveis representativos que demonstrem o seu significativo transcurso na atividade ferroviária brasileira". Por isso, manifestaram-se favoráveis à transferência da locomotiva para Natal, reconhecendo sua relevante participação em fatos históricos da cidade.

Documentado com fotografias, o relatório dos técnicos do Iphan mostra que a locomotiva e outros trens do antigo museu continuam no interior do prédio adquirido pelo BB, em local inadequado, sem proteção contra a chuva, o que vem acarretando, por exemplo, o surgimento de ferrugem. Também detectaram fissuras, devido ao alto grau de oxidação da peça, além de lixo deixado no seu interior. Dois anos se passaram desde que o relatório foi elaborado, recomendando o translado da máquina para Natal, desde que houvesse, por parte do poder público, a garantia de segurança no transporte, a salvaguarda em local adequado e a realização de projeto de restauração. O Governo do Estado se comprometeu em custear a transferência. A Superintendência de Trens Urbanos de Natal admitiu que tem condições de zelar pela locomotiva Catita e seu reboque, colocando-os em local conveniente à exposição pública. A CBTU garantiu liberar recursos para a recuperação da máquina. Ainda assim a Catita jaz no extinto Museu de Trem de Recife, enferrujada e distante dos holofotes a que faz jus.

Relatório do Iphan aponta que a locomotiva Catita está guardada em local inadequado, sem proteção contra a chuva, com fissuras e cheia de lixo

Enquanto não volta ao Rio Grande do Norte, locomotiva sofre a ação do tempo em Recife



A campanha para trazer a Catita e seu reboque de volta a Natal não serestringiu a órgãos públicos. O Instituto dos Amigos do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural e da Cidadania (IAPHACC), entidade fundada em 2004 pelo pesquisador Ricardo Tersuliano, levantou essa bandeira. Em 1999, ao pesquisar sobre a ponte de ferro de Igapó, Ricardo Tersuliano deu por falta da locomotiva, redescobrindo seu paradeiro na capital pernambucana e deflagrando o movimento de resgate.

"Como se não bastasse a tristeza pela transferência da Catita para Recife, retirando das nossas crianças a oportunidade de conhecer a primeira e única locomotiva a vapor ainda existente, é lamentável constatar a situação em que ela se encontra no galpão anexo ao Museu do Trem", afirma o pesquisador.

Iniciada há 10 anos, portanto, a campanha ganhou força com a adesão, em 2003, de um homem cuja atividade profissional está intrinsecamente relacionada com a trajetória da Catita inglesa. Manoel Tomé de Souza, o Manosinho, filho de João Tomé de Souza, maquinista durante 43 anos, também se tornou ferroviário, tendo ingressado em 1953, aos 16 anos, como mecânico, nos quadros da RFFSA, onde se aposentou em 1983. Manosinho não só teve o privilégio de operar a Maria Fumaça, como também salvou-a da sucata.

A Catita ficou em operação entre 1906 e 1916, perfazendo a rota Natal/Extremoz/Ceará-Mirim, um percurso de 30 km que a locomotiva de seis metros de extensão por 2,5 metros de largura vencia em cerca de duas horas, alimentada a lenha e cuspindo fumaça pelo trajeto, puxando atrás de si três ou quatro vagões, cada qual com no máximo 30 passageiros. A partir de 1916, com a inauguração da ponte de ferro e a desativação da Estação da Coroa, na outra margem do rio, em Igapó, a Catita foi deslocada para a Estação de Natal, na Esplanada Silva Jardim, Ribeira, onde ficou fazendo serviços no pátio.

Em 1966, havia 26 locomotivas a vapor operando no estado, incluindo três Catitas (assim chamadas pelo tamanho reduzido), duas americanas e uma inglesa. Todas seriam substituídas por máquinas movidas a óleo 'filói', corruptela do inglês 'fuel oil'. O destino delas seria o ferro velho. Arrematadas por empresa do ramo de sucata, as locomotivas seriam cortadas e a ferragem transportada para siderúrgicas da região Sul. Por sorte, a última máquina a ser abatida era exatamente a Catita inglesa, que se encontrava encostada no pátio da empresa, em local reservado, já camuflada pelo mato, protegida, felizmente, por carrapateiras.

Quando o funcionário da sucata procurou pela máquina, foi convencido por Manosinho a deixar a Catita no lugar em que estava, coberta pelas benditas carrapateiras, levando em troca doze quilos de ferro velho já cortado que ele tinha disponível na oficina da empresa. A máquina ficou intocada mais de um ano, antes de começar a ser reformada pelo abnegado chefe da oficina. Somente pouco antes da inauguração da ponte de concreto sobre o rio Potengi, em 1970, Manosinho fez a revelação a seus superiores, engenheiros Cláudio Belém e Alberto Marinho: salva do ferro velho, a Catita estava tinindo.

Manosinho escondeu a Catita por quatro anos no pátio da Estação de Natal até conseguir reformá-la, sozinho, sem ninguém saber

"E está funcionando mesmo?", perguntou Marinho, entusiasmado, depois que o mecânico retirou a lona, deixando surgir a máquina e com ela desvendando a surpresa sobre a qual havia feito suspense.

"Está, sim! Eu mesmo já fiz manobras com ela aqui no pátio", respondeu Manosinho, também eufórico.

Foi um momento de emoção. "Muitos ferroviários ficaram com lágrimas nos olhos ao verem as locomotivas a vapor se transformando em ferro retorcido; mas tínhamos ali, na nossa frente, uma sobrevivente, a mais querida delas", conta Manosinho. Depois disso, o inevitável: incorporaram a velha Catita no programa de inauguração da ponte de concreto, transformando-a na mesma protagonista que havia sido durante o trajeto realizado 54 anos antes, quando da inauguração da ponte de ferro, tendo o impávido Potengi com testemunha daqueles acontecimentos históricos.

Continua na 107

MEMÓRIA

Entre uma ponte e outra, 54 anos de História

No dia 20 de abril de 1916, às 10 horas, a locomotiva Catita inaugura a ponte de Igapó, uma das maiores do Nordeste. Dia 26 de setembro de 1970, às 17 horas, a mesma Maria Fumaça inaugura a ponte de Igapó, uma das maiores do Nordeste. Cinquenta e quatro anos depois, repetia-se a cerimônia. Os atores e os trajes eram outros, mas o velho Potengi continuava sendo parte do cenário.

Em 1916, respeitáveis cavalheiros, de fraque e cartola, luvas e bengalas, estavam nos vagões transportados pela Catita, então conduzida pelo maquinista Manuel Carnaúba. "Resfolegando entre os trilhos da ponte de ferro recém-concluída, a máquina contrastava, no irreverente chiado de sua caldeira, com a sisudez da elegância, ainda um tanto da belle époque, das autoridades, à frente o governador do Rio Grande do Norte, desembargador Joaquim Ferreira Chaves e seu vice Henrique Castriciano", anotou o cronista Djair Macedo.

Em 1970, durante solenidade igualmente pomposa, a mesma Catita, agora conduzida pelo maquinista Gonçalo Timóteo, tendo ao seu lado o auxiliar Gaspar Rodrigues e o chefe da oficina Manosinho, a velha locomotiva, resfolegando agora sobre os trilhos da ponte de concreto, ainda contrastava com a elegância das autoridades rebocadas em três ou quatro vagões, tendo à frente o governador do Rio Grande do Norte, monsenhor Walfredo Gurgel.

VAI-E-VEM DA BUROCRACIA

◊ 29 de abril de 2004 - o superintendente de Trens Urbanos de Natal, Francisco William Braga Rocha, informa pelo ofício 076/2004 à Coordenadoria do Grupo de Trabalho de Bens Históricos da Rede Ferroviária Federal, que a STTU de Natal reúne condições de ser responsável pela guarda da locomotiva Catita e seu reboque. Afirma ainda que a máquina, sendo deslocada para Natal, ficará situada no anexo do prédio das oficinas de manutenção mecânica, local onde pretende recuperá-la, colocá-la para funcionar.

◊ 2 de abril de 2007 - representantes da RFFSA, CBTU, Iphan, Fundação José Augusto (FJA), Fundação Capitania das Artes (Funcarte), IAPHACC e Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte (DNIT/RN), participaram de audiência na Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente, na qual o presidente do IAPHACC entregou memorial com um histórico da locomotiva Catita, apresentando provas de que ela se encontra no extinto Museu do Trem de Recife. Ficou acordado a necessidade de se fazer uma perícia e outros procedimentos para definir com precisão o interesse histórico da referida locomotiva e o melhor local para que a mesma seja resguardada em Natal.

◊ 20 de agosto de 2007 - a diretora da sub-regional do Iphan/RN, Jeanne Fonseca Leite Nesi, encaminha ofício ao superintendente de Trens Urbanos de Natal, José Fernandes da Silva, afirmando que, em função do inquérito civil instaurado pela 41ª Promotoria de Justiça da Comarca de Natal, no qual se pede providências para recuperar a locomotiva Catita e seu reboque, solicita oficialização do comprometimento da CBTU em abrigar os referidos bens.

◊ 6 de setembro de 2007 - o superintendente de Trens Urbanos de Natal, José Fernandes da Silva, ao acusar o recebimento do ofício enviado pelo Iphan/RN, encaminha fax 155/2007 à diretoria técnica da CBTU, no Rio de Janeiro, solicitando autorização para atender ao pleito.

◊ 18 de setembro de 2007 - o diretor técnico da CBTU Luiz Antônio Cosenza responde ao fax, autorizando a STTU a tomar providências necessárias. Afirma ainda que, posteriormente, informa a essa superintendência quanto ao repasse dos recursos, visando a recuperação da locomotiva, para exposição permanente na entrada dessa STTU.

◊ 16 de agosto de 2007 - em face de inquérito civil que tramita na Promotoria de Justiça de Defesa do Meio Ambiente, o promotor João Batista Machado Barbosa consulta a governadora Wilma de Faria, pelo ofício 222/07, sobre a possibilidade de envidar esforços junto ao Governo de Pernambuco para que seja restituída a locomotiva ao RN.

◊ 18 de outubro de 2007 - o secretário adjunto da Secretaria Estadual de Infra-Estrutura, Delevam Gutemberg Queiroz de Melo, pelo ofício 1521/07, comunica ao promotor João Batista Machado Barbosa que a governadora Wilma de Faria fez gestão junto ao Governo de Pernambuco e que a sua secretaria assume o compromisso de transportar a locomotiva Catita para Natal.

◊ 8 de dezembro de 2008 - o secretário estadual de Turismo, Fernando Fernandes, encaminha ofício 540/08 ao governador de Pernambuco, Eduardo Henrique Accioly Campos, solicitando a liberação e transferência da locomotiva Catita.

◊ 9 de dezembro de 2008 - o diretor da Fundação José Augusto, Joaquim Crispiniano Neto, pelo ofício 582/08, também encaminha ao governador Eduardo Campos solicitação com mesmo propósito.

◊ 10 de dezembro de 2008 - o presidente da Funcarte, Dácio Tavares de Freitas Galvão, solicita ao governador Eduardo Campos, pelo ofício 658/08, a liberação e transferência da locomotiva.

◊ 2 de julho de 2009 - pelo ofício 787/09, o secretário adjunto da Secretaria Estadual de Infra-Estrutura, Victor José Macedo Dantas, informa ao promotor João Batista Machado Barbosa que, cumprindo determinação da governadora Wilma de Faria, a sua secretaria se compromete a providenciar o transporte da Catita para Natal, no momento em que ocorrer a liberação da mesma pelo Iphan, de forma a deixar acesa na memória do povo esse marco ferroviário.

Pesquisador Ricardo Tersuliano, ao levantar informações sobre a ponte de ferro que cruzava o Potengi, descobriu paradeiro da Catita

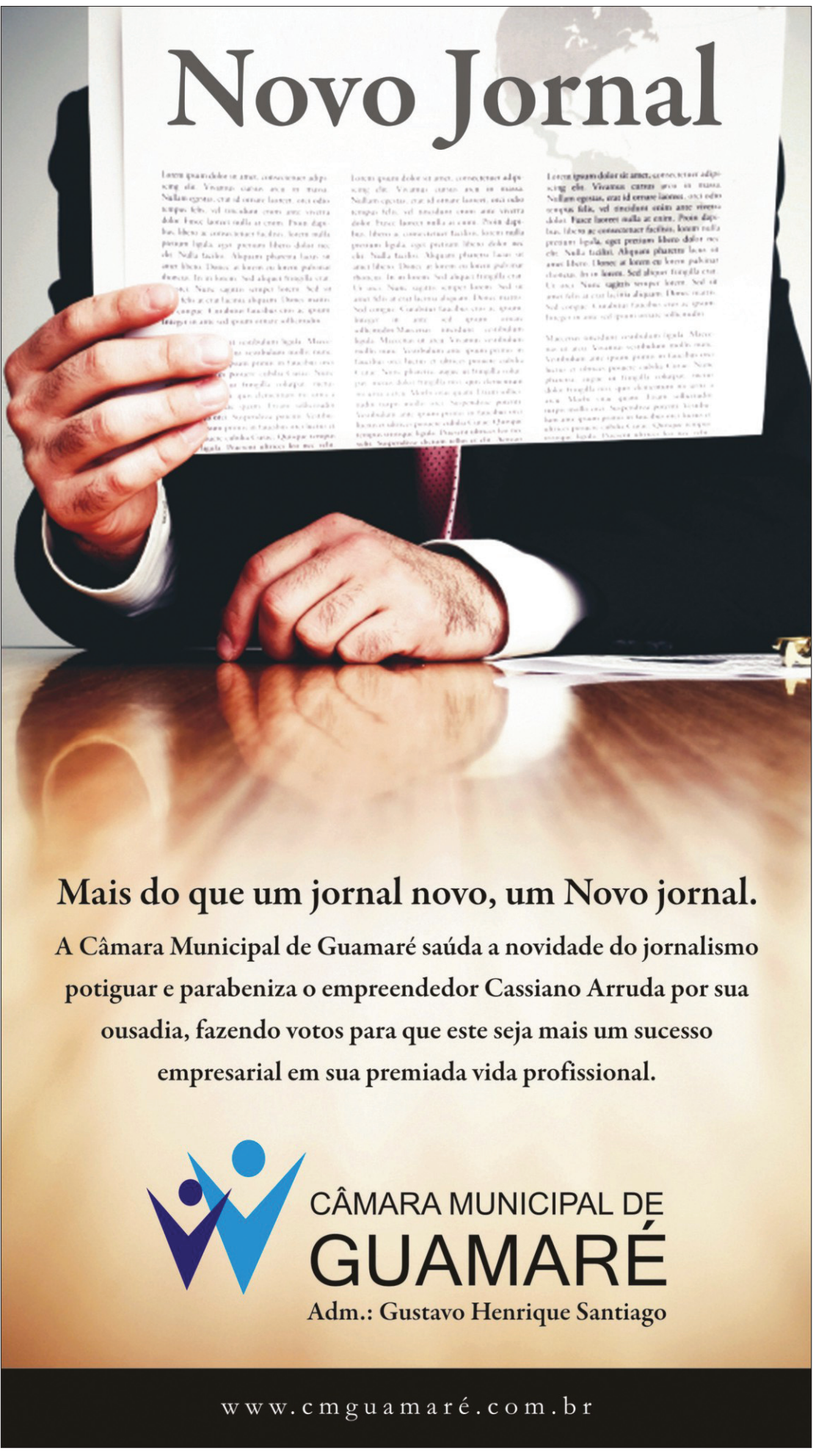
A mesma burocracia que quase transformou a locomotiva em ferro velho hoje se mostra incapaz de conseguir trazê-la de volta para o Rio Grande do Norte

PARA ENTENDER

A Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte (EFCRN) foi inaugurada em 1906, com a presença do então presidente eleito Afonso Pena. O primeiro trem partiu em 13 de junho da Estação Aldeia Velha, na Ilha da Coroa, situada à margem direita do estuário do rio Potengi. Durante a visita a Natal, o presidente participou também da inauguração do prédio do Escritório da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, localizado na Esplanada Silva Jardim, no bairro da Ribeira. Em1916, as oficinas foram anexadas ao prédio para a manutenção dos trens.

Em 1939, a Great Western, companhia inglesa que operava a linha Natal/Nova Cruz/Paraíba/Pernambuco/Alagoas, foi encampada pela Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte. Nos anos 50, a Estrada de Ferro Central do RN passou a se chamar Estrada de Ferro Sampaio Correia, engenheiro responsável pela construção da malha ferroviária e, em 1957, a empresa foi incorporada à Rede Ferroviária Federal, controlada depois pela Companhia Brasileira de Trens Urbanos.

A CBTU foi criada em 22 de fevereiro de 1984, vinculada à Secretaria Nacional de Transportes do Ministério dos Transportes e das Comunicações, na forma de uma Sociedade de Economia Mista, subsidiária da Rede Ferroviária Federal (RFFSA) com a missão de modernizar, expandir e implantar sistemas de transporte de passageiros sobre trilhos, operando aqueles sob administração do governo federal. Desde 1994, a CBTU passou a ser vinculada diretamente ao Ministério dos Transportes.



A TV com mais tempero local

A Band Natal conquista cada vez mais o povo potiguar. A programação tem os destaques da grade nacional e mais horas de jornalismo, esporte e entretenimento produzidos aqui, no Rio Grande do Norte.

Band, muito mais tempero local.
Canal 3 / Cabo 16

ART&C

NOVOS PASSOS EXIGEM CORAGEM
E DETERMINAÇÃO, POIS LEVAM A CAMINHOS
ANTES NÃO PERCORRIDOS, MAS TRANSFORMAM
AMEAÇAS EM OPORTUNIDADES.

PARABÉNS AO NOVO! SEJAM BEM-VINDOS.

UM NOVO MODELO DE GESTÃO HOSPITALAR CHEGA AO RN.
HOPE - HOSPITAIS POTIGUARES ESPECIALIZADOS.

UM MODELO VITORIOSO DE GESTÃO HOSPITALAR GARANTE
O MELHOR ATENDIMENTO, PROMOVENDO MAIS QUALIDADE E EFICIÊNCIA
PARA A SAÚDE DO RN.

HOPE
HOSPITAIS POTIGUARES ESPECIALIZADOS

AV. RODRIGUES ALVES, N° 781, CEP: 59020-280, TIROL | 84 4009 11 57

| DEPUTADO MIRIM | Meninos e meninas assumem o lugar dos deputados de verdade no plenário da Assembleia Legislativa

24 NOVOS parlamentares

HUMBERTO SALES/NJ

Luana Ferreira,
do Novo Jornal

TODA QUINTA-FEIRA, A pauta da Assembleia Legislativa costuma ficar recheada de projetos importantes. As sessões são sempre marcadas por acaloradas discussões entre parlamentares do governo e da oposição. Na última quinta-feira, porém, o plenário do Palácio José Augusto viveu uma tarde diferente.

O que a TV Assembleia mostrou ao vivo foram meninos e meninas com idades entre 14 e 17 anos ocupando as 24 cadeiras reservadas aos deputados. Eles tomaram posse como deputados-mirins para um mandato de um ano. As duas galerias, que só ficam lotadas em dias de votação de projetos de grande apelo, foram tomadas por familiares e professores emocionados.

> "Prefiro esse plenário ao original"
>
> **Fernando Mineiro**
> **Deputado estadual**

Treze meninas e onze meninos de ternos e calças pretos – encomendados sob medida pela Assembleia Legislativa - cantaram o hino nacional e o do Rio Grande do Norte, ouviram a saudação do presidente Robinson Faria e receberam o diploma das mãos dos parlamentares de verdade.

Depois, tal como uma primeira sessão pós-eleição, os deputados mirins elegeram o presidente da Casa e se confraternizaram num coquetel. "Nunca vi os deputados de verdade tão engajados quanto os deputados mirins", confessou, emocionado, Pádua Martins, chefe do cerimonial.

Ele foi o responsável pela execução do projeto da deputada Márcia Maia (PSB) e acompanhou tudo de perto: da campanha eleitoral, na última semana de outubro, à primeira sessão ordinária, no dia seguinte à posse.

"Prefiro esse plenário ao original", brincou o deputado Fernando Mineiro (PT). Ele fez companhia aos poucos parlamentares que trocaram suas poltronas confortáveis por cadeiras de plástico nas laterais do salão e assistiram à sessão solene em que seus colegas mirins foram empossados.

Os novos deputados participarão de uma audiência pública sobre Segurança, no dia 11 de dezembro, e terão um encontro com a governadora Wilma de Faria, que está sendo agendado pela filha dela, Márcia Maia.

Depois disso, eles acompanham os colegas deputados e a maioria dos funcionários da Casa e descansam no recesso parlamentar de fim de ano. Em fevereiro de 2010, os 24 deputados mirins voltam a se encontrar, mas só na última sexta-feira de cada mês. Feitas as contas, em um ano de mandato, serão oito sessões ordinárias, aquelas em que os projetos são discutidos ou votados.

■ Continua na pag. 15

BASE
Cert. Aut./SEAE/MF nº. 06/0305/2009 - Distribuição Gratuita - Imagens meramente ilustrativas.
O seu Natal
muito mais feliz.
A cada R$ 50,00 em compras você concorre
a um Tucson 0km e duas viagens para Paris.
Compras com Visa ou Visa Electron valem cupons em dobro.
Promoção válida até 08.01.10. Sorteio 10.01.10.
Consulte regulamento. Tíquetes de compra cumulativos.
VISA
MIDWAY MALL
muito mais shopping

Promessas de campanha, *projetos no plenário*

Deputado mirim Evandro Irving: novo presidente da Assembleia Legislativa

A campanha durou uma semana, para alguns, ou menos do que isso, para outros. A Assembleia Legislativa presenteou os 80 inscritos com mil santinhos para aumentar o poder de divulgação dos candidatos. Alguns usaram recursos próprios para confeccionar camisetas e até faixas. Quase todos fizeram campanha virtual.

"Nós ouvíamos as propostas na hora da oração, os candidatos distribuíram panfletos e, por conta própria, fizeram páginas na internet", disse Zemia Maria, que assistiu à posse da amiga Bárbara Maia, 15 anos, com outras colegas do colégio Nossa Senhora das Neves.

Na galeria lotada, as meninas chamavam atenção pelo guarda-roupa caprichado. "No convite dizia passeio completo. Estou super envergonhada", sorriu a tímida Ana Tereza, mostrando o aparelho nos dentes.

Como esse é o primeiro ano de implantação do Parlamentar Mirim, apenas seis escolas da Grande Natal participaram do projeto. Foi uma espécie de experiência piloto. A intenção dos organizadores é que as eleições se estendam para outras escolas a partir do ano que vem.

O Tribunal Regional Eleitoral também colaborou com o projeto. Cedeu seis urnas eletrônicas com foto e número dos candidatos especialmente para o dia da eleição. Os mesários foram os próprios funcionários do cerimonial da Assembleia e as escolas cuidaram da fiscalização.

Ainda livres das obrigações domésticas que costumam afastar a mulher da política, as meninas não só participaram ativamente das eleições, como conquistaram a maioria das cadeiras do plenário, duas a mais que os meninos. Nas últimas eleições de verdade, apenas três mulheres se elegeram.

Nos três dias que antecederam a posse, os deputados-mirins receberam aulas sobre ética, cidadania e atividade legislativa oferecido pelo Instituto Legislativo Potiguar. Criado há oito meses, o ILP também ministra cursos de autoajuda (intitulado "Arte de Vencer"), informática, português e atividades de assessoramento para funcionários da Casa e seus dependentes.

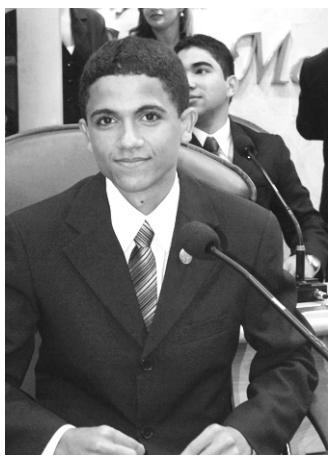
HUMBERTO SALES/NJ

Primeiro ato: parlamentares recém-empossados elegeram os membros da Mesa Diretora

FOTOS: ALAN VASCONCELOS

Maria Fonseca prometeu lutar por uma quadra para Felipe Camarão e foi eleita com 63 votos

Paulo Henrique quer reformar o auditório de sua escola: "É muito quente. Não tem como passar cinco minutos lá dentro"



Paula Tainá: polo da UERN em Macaíba para oferecer curso superior a quem não tem dinheiro para pagar o ônibus

O pouco tempo de convivência entre os novos parlamentares fez com que o presidente eleito, Evandro Irving, de Macaíba, confundisse o nome dos deputados na sessão de sexta-feira, em que parte deles apresentou seus primeiros projetos.

Os parlamentares mirins, tal qual parlamentares de verdade, não abriram mão de defender os interesses de seus colégios... eleitorais. Maria Fonseca, de Felipe Camarão, por exemplo, conquistou 63 votos prometendo lutar pela construção de um ginásio poliesportivo no bairro.

Lenita Silva também quer um ginásio, mas em Macaíba, onde mora. A conterrânea Paula Tainá pleiteia um polo da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (Uern) sob a justificativa de que muitas pessoas não ingressam no curso superior porque não têm dinheiro para pagar o ônibus. "Conseguir um transporte escolar não seria suficiente porque a demanda seria muito grande".

O projeto "A voz do Aluno", proposta da deputada Myria Karenina, abre espaço para reivindicação dos estudantes junto ao poder público. A implantação começaria na sua escola, Winston Churchill, e ela já tem as plataformas: instalação de câmeras de segurança, reestruturação dos laboratórios e climatização das salas de aula. Myria também gostaria de ter um conservatório de música voltado para estudantes em Natal.

O colega Paulo Henrique lembrou a necessidade de reforma do auditório do Churchill. "É muito quente. Não tem quem aguente passar mais do que cinco minutos lá dentro". Entre os deputados que estudam em escolas particulares, as propostas são mais sofisticadas.

Há projetos de doação de milhagens aéreas para atletas e de alimentos como multa para quem se atrasa no pagamento ou sonega impostos. Juliana Melo defendeu a proposta de segurança nos bairros – projeto que se assemelha ao Ronda dos Bairros, do deputado Robinson Faria, que nunca saiu do papel. A autora jura que não colou do colega. "Juro que só soube depois. Quem sabe o meu tem alguma coisa que pode ajudar no dele?", espera.

LUGAR PARA BRIGUINHAS

Não demorou muito para que os deputados mirins revelassem o quanto parecem com os colegas parlamentares de verdade. Foi debatendo o "Transporte Seguro". Fernanda Oliveira, do colégio das Neves, foi bombardeada por dezoito apartes sobre a proposta que obriga transportes públicos a instalarem câmeras de segurança e sistema de GPS.

Os deputados questionaram o custo e a utilidade dos equipamentos, quem deveria pagar – se o Executivo ou as empresas de ônibus - e a vulnerabilidade ao ataque de vândalos. A certa altura dos debates, um parlamentar sugeriu a realização de uma "intensa campanha da conscientização" para resolver o problema da conservação do equipamento. Foi aparteado com o apelo de um colega: "seja mais realista". Outro interferiu: "o que está acontecendo aqui é um debate pessoal". Como na vida real, a reação foi imediata. "Não é um debate pessoal. Não estamos aqui para realizar intriguinhas infantis", contra-atacou a realista.

Deputada mirim Fernanda Oliveira: realista

JOÃO GILBERTO

Estudo dirigido: aulas sobre ética, cidadania e atividade legislativa no Instituto Legislativo Potiguar

O CUSTO DA BRINCADEIRA: R$ 8.260,00

Enquanto os políticos de verdade não chegam a um consenso sobre a adoção – ou não – do financiamento das campanhas eleitorais com recursos públicos, a Assembleia Legislativa encontrou uma fórmula que poderá muito bem ser copiada em todo país: bancou a campanha para escolha dos 24 deputados mirins.

Disponibilizou os servidores de seu Serviço de Cerimonial, pagou a impressão de 80 mil santinhos e cartazes, mochilas, translado dos deputados-mirins entre Natal/Parnamirim e Macaíba nos dias de curso, de posse e de sessão, diplomas, certificados, carteirinha de deputado e coquetel.

Não bastasse, ainda obteve a adesão do Tribunal Regional Eleitoral que programou as urnas com a foto e o nome de cada candidato e as transportou aos locais de votação. Ao que se sabe, todos os deputados participaram de uma quota para custear os paletós e os terninhos dos colegas mirins.

80.000 santinhos	R$ 2.500
24 mochilas (R$ 20 cada)	R$ 480
24 camisetas (R$ 20 cada)	R$ 480
Coquetel	R$ 2.400
Roupa (deputados pagaram)	R$ 2.400

GRANDE NATAL

Ligada pelos problemas, separada nas soluções

Sheyla Azevedo, do Novo Jornal

QUANDO ALGUÉM SE lembra da Região Metropolitana de Natal (RMN) ou "Grande Natal" como é mais conhecida, composta por 10 cidades ao todo, traz logo à mente problemas urbanos, que passam desde o crescimento desordenado da capital para o lado de cidades vizinhas, cujo nome mais técnico é "conurbação urbana", indo até questões ligadas ao aumento da violência; formação de favelas e não de bairros; desemprego; falta de saneamento ambiental; surgimento de lixões; transporte público deficitário e em muitos momentos caóticos, só para citar algumas mazelas que fazem parte da vida de todos que vivem nessa área, independente da condição social e financeira. Mas, se por um lado os problemas são os primeiros a povoar o imaginário de quem vive na "metrópole em formação" ou nas manchetes de jornal, por outro, as soluções integradas entre os municípios que a compõem parecem bem distantes.

Mas, será que as pessoas compreendem o que é a RMN? Elas estão informadas e sabem a quem cobrar? Nas ruas, as entrevistas dizem que não. Os moradores do Jardim Lola, bairro situado do lado esquerdo da Avenida Tomaz Landim, na Zona Norte, sabem que aquela área faz parte de São Gonçalo do Amarante – Município que faz parte da RMN –, mas alguns entrevistados sequer sabiam quantos municípios ao todo compõem a Grande Natal: "Eu considero a Grande Natal as cidades de Parnamirim, Macaíba e São Gonçalo do Amarante", disse Cícero Pinto dos Santos, 48, desempregado, iletrado, que se vira fazendo jogos do bicho para a vizinhança ou sendo vendedor ambulante na Praia do Meio. Foi para o Hospital Santa Catarina, em Natal, que ele teve de ser levado quando foi vítima de uma bala "errada". É que na rua onde mora, mais conhecida por "Baixa da Coruja", Cícero era vizinho de um traficante e, durante uma vendeta entre traficantes inimigos, há quatro anos, ele foi atingido por uma bala, confundido por um dos traficantes rivais de "Toinho".

A morte passou-lhe apenas de raspão. Cícero sobreviveu, mas a bala permanece alojada em seu peito até hoje, já que nunca teve coragem de voltar ao Hospital e se submeter a uma cirurgia de retirada. "Na hora senti como se tivesse recebido uma grande pancada e ardia muito minhas costas. Fui para o Santa Catarina e o médico disse que eu tive muita sorte, porque a bala passou bem perto do pulmão. (A bala entrou pelas costas e se alojou no peito direito). Como estava muito inchado na época, ele pediu que eu voltasse depois. Nunca mais fui. Sou nervoso demais com essas coisas. Tenho pressão alta. Mas onde a bala ficou, dói de vez em quando", conta ele, acrescentando que nunca recebeu um pedido de desculpas formal pelo engano. Mas que o traficante, ao saber que ele tinha sido baleado inocentemente, comprou o medicamento receitado pelo médico.

Natural de Caiçara do Norte, Cícero se mudou para a capital há pouco mais de 20 anos. No fenômeno do êxodo rural já tão identificado pelos especialistas e que mudou a realidade populacional do país em 60 anos. De acordo com o vereador e presidente do Parlamento Comum da RMN, George Câmara, em 1950, 36% das pessoas moravam nas cidades, e todo o resto era rural. Em 2009, 84% vive nas cidades, e apenas 16% no campo. Vinte anos depois de deixar sua cidade-natal, Cícero continua iletrado, nunca conseguiu um emprego fixo, já foi vítima da falta de segurança e, mesmo assim, diz que sua "vida é boa e que gosta de morar no Jardim Lola".

Mas arrisca dizer, meio encabulado e sem muita certeza, que "está faltando os prefeitos se reunirem e discutirem os problemas comuns que são de Natal, de São Gonçalo, de Parnamirim e de Macaíba". Longe de ser especialista no assunto, é justamente isso que está faltando na RMN: integração, articulação e resolução conjunta dos problemas.

Planos consumiram R$ 1,3 milhão

O que é mais intrigante é que os estudos e iniciativas por parte dos gestores públicos para se entender e dominar o fenômeno da metropolização não estiveram parados durante todos esses mais de 12 anos - desde que a Região foi instituída pela Lei Complementar Estadual 152 de janeiro de 1997. A coisa se agravou e está parada de dois anos para cá. Depois de já terem sido investidos cerca de R$ 1,3 milhão com a realização dos Seminários que culminaram com o Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável da RMN (Peds) - só esse custou R$ 900 mil - e a contratação temporária de técnicos especialistas da UFRN, que compuseram o Grupo Técnico e a Coordenação da Região Metropolitana de Natal, ambos subordinados à Secretaria de Estado do Planejamento e Finanças (Seplan). Duas instâncias que, em tese, deveriam ser as responsáveis por articular os gestores, convocar reuniões, subsidiar tecnicamente com projetos, de modo a integrar todos os municípios desta Região.

Atualmente, a Coordenação da RMN conta apenas com seu coordenador, José Ivam Pinheiro e a secretária, servidora estadual cedida do Idema, Maríjia Tertuliano. E, para qualquer técnico envolvido na compreensão da RMN, se existem problemas nas metrópoles, a premissa básica para que eles sejam suprimidos ou, pelo menos, diminuídos, é a articulação dos diversos atores – sejam eles gestores públicos, legisladores ou sociedade civil – de modo que se organizem e busquem soluções pactuadas.

O vereador George Câmara (PCdoB), cuja trajetória política e atividades técnicas têm como foco a agenda para uma metrópole "mais humana", é quem explica com um exemplo prático, como isso funciona: "Não adianta uma cidade da Metrópole resolver o problema da violência individualmente, com aumento do emprego, melhoria na escolaridade das pessoas, se a cidade vizinha não tiver nada disso. Fatalmente, os bandidos da segunda vão 'migrar' para aquela cidade que está melhor. Na real, os problemas das metrópoles brasileiras estão se agravando. Não dá para esperar. Nós estamos nas cidades brasileiras como um médico traumo-ortopedista está no Walfredo Gurgel, tendo de fazer 'a escolha de sofia'. Resolvendo o que é mais grave", diz ele. Câmara esteve à frente da Coordenação da RMN durante a realização dos seminários e da elaboração do Peds (2005-2007), esse ano ele voltou à Câmara dos Vereadores de Natal, e retorna também à presidência do Parlamento Comum da RMN, órgão que ele ajudou a criar em 2001 e cujo intuito é o semelhante ao que se espera dos demais agentes públicos: integrar interesses e "agilizar o processo legislativo nas Câmaras em função da coletividade" dentro do conceito de metrópole. E aí, leia-se, além fronteiras dos municípios.

Mesmo acreditando que os 108 vereadores que fazem parte do Colegiado Pleno desse Parlamento podem ter um importante papel para a metrópole desejada e que eles "não querem ficar assistindo de camarote", George Câmara ainda encontra dificuldade em dois tipos de vereadores identificados: o que não está nem aí. E o outro que centraliza as atenções somente no seu município. "Acredito que precisamos ter o terceiro tipo: que pense como região metropolitana. Embora eu saiba que é difícil exigir que esse cara tenha um olhar de amplitude, diante dos problemas que ele tem no município dele", admite e continua seu diagnóstico, "mesmo depois de tanto trabalho que foi realizado ao largo desses anos, as pessoas ainda não sabem o que fazer ou o que está acontecendo. Estejam elas na sociedade em geral, ou os próprios gestores e demais agentes. As pessoas simplesmente não sabem. O Poder Público não está fazendo o que deveria para que isso funcionasse", opina.

ARGEMIRO LIMA/NJ

"Não adianta uma cidade da Metrópole resolver o problema da violência individualmente, com aumento do emprego, melhoria na escolaridade das pessoas, se a cidade vizinha não tiver nada disso"

George Câmara

RMN FOI CRIADA EM 1997

A RMN foi instituída pela Lei Complementar Estadual (LCE) 152, em janeiro de 1997, inicialmente com seis municípios: Ceará-Mirim, Extremoz, Macaíba, Natal, Parnamirim e São Gonçalo do Amarante. Doze anos depois, e após diversas outras Leis Complementares, a Grande Natal teve o acréscimo dos municípios de Nísia Floresta e São José de Mipibu (2002); Monte Alegre (2005) e a LCE mais recente, de 22 de julho desse ano, incluiu Vera Cruz como a décima cidade a ser incorporada à RMN. Sendo assim, com a segunda menor capital do Brasil, a RMN ocupa uma área de 2.811 quilômetros quadrados de área, representando pouco mais de 5% do território do Estado. Entretanto, nesse pequeno pedaço territorial vivem cerca de 42% (dados do IBGE) da população; 37% do eleitorado potiguar e 48% do Produto Interno Bruto – ou seja, o volume de riquezas produzidos no Estado que se concentram na RMN.

LEGISLAÇÃO É CONFUSA

A Lei Complementar Estadual 152/97 em seu artigo 2o diz que cabe ao Conselho de Desenvolvimento Metropolitano "especificar as funções e os serviços públicos que serão executados em parceria no âmbito metropolitano", bem como "analisar e aprovar o Peds e encaminha-lo à Assembleia Legislativa para aprovação mediante Lei". Uma outra questão diz respeito ao financiamento. Nessa mesma LCE, apenas dois parágrafos tratam de dotação orçamentária para gestão da RMN. No parágrafo 2o do artigo 3o que diz, "as despesas de manutenção do CDM deverão contar em dotações próprias do orçamento da Seplan". E no artigo 9o, retoma o tema, porém de forma imprecisa: "as despesas com manutenção e funcionamento do CDM e Secretaria Executiva deverão constar em dotações próprias do orçamento geral do Estado e dos municípios que integram a RMN". A legislação atual não é clara, sequer com a criação de um fundo para as atividades da Coordenação e da Secretaria Executiva do CDMN.

Plano estratégico espera aprovação

No livro recém lançado de George Câmara, Da Janela da Metrópole, uma das convidadas para fazer a apresentação é a arquiteta da UFRN, Maria do Livramento Miranda Clementino, que foi também, uma das coordenadoras da feitura do Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável (Peds-RMN) - principal documento realizado até o momento e que tanto diagnostica e analisa os problemas, quanto aponta as soluções viáveis, criando uma perspectiva – e uma agenda positiva - para uma metrópole que ainda pode dar certo, já que está em formação e não guarda problemas mais graves como outras metrópoles brasileiras. Porém, segundo ela, o Peds "continua uma letra morta". E aponta o principal responsável: "O Conselho de Desenvolvimento Metropolitano de Natal que não se reúne, não delibera, não prioriza, não tem agenda. Mas a cidade metropolitana existe", provoca. O CDMN é formado pelas seguintes instituições e membros: Governo do Estado, através da Seplan, cujo presidente é o titular dessa pasta; as 10 Prefeituras através dos seus prefeitos; um deputado representando a Assembleia Legislativa e um vereador, do Parlamento Comum da RMN.

Livramento Clementino está se referindo ao fato de que o Conselho de Desenvolvimento Metropolitano de Natal (CDMN) – que é constituído por 13 membros e é o instrumento criado legalmente, para fazer a gestão entre o Estado e os Municípios, para que se efetivem as políticas públicas integradas da RMN, não se reúne desde 2007. Significa dizer que o Peds sequer foi aprovado até hoje, porque só o CDMN é quem pode aprovalo. Um documento que contém no detalhamento diretrizes, projetos e modelos de gestão metropolitano e que custou, cerca de R$ 900 mil de investimento dos cofres públicos.

A "descontinuidade" dos trabalhos é fato que não é negado pelo titular da Seplan, Nelson Tavares Filho, que assumiu a pasta em abril desse ano. Além disso, ele aponta outros problemas que impediram a reunião do Conselho, no qual, pela Lei é ele quem preside: desinteresse por parte das Prefeituras, a eleição do ano passado que ocasionou mudança para novos prefeitos e falta de pessoal: "Há uma deficiência crônica de pessoal para trabalhar", admitindo ser impraticável que exista apenas um coordenador e uma secretária no órgão gestor. "Quando eu cheguei, tentei que cada município indicasse pessoas que pudessem tocar tarefas. Tentativa essa que acabou não seguindo adiante e estamos com pouca gente. Quando a Livramento fala no livro do George que o Plano é uma 'letra morta', um dos seus argumentos é o 'sabor das conjunturas políticas'. E é verdade. Tudo depende muito do calendário político. Precisamos entender que não há uma estrutura de poder no Brasil que determine uma instituição que seja intermediária entre Estado e Municípios. E isso contribui para a desintegração", afirmou, exemplificando com a existência dos Condados, nos EUA, que teriam esse papel.

Se não como solução imediata, mais como medida paliativa, Tavares Filho disse à reportagem que há a pretensão de que sejam contratados seis estagiários, divididos três por turno, para colaborar com o trabalho da Coordenação e Secretaria Executiva da RMN.

■ Continua na página 18

"Tudo depende muito do calendário político. Precisamos entender que não há uma estrutura de poder no Brasil que determine uma instituição que seja intermediária entre Estado e Municípios"

Nelson Tavares Filho

GRANDE NATAL

DESAFIO MAIOR É CONCILIAR TAREFAS DIFERENTES

Parnamirim/ Natal: exemplo de integração física e desarticulação administrativa

NEY DOUGLAS/NJ

José Ivam Pinheiro coordena a RMN

A frente da Coordenação e Secretaria Executiva da RMN desde 1o de outubro desse ano, José Ivam Pinheiro sabe que tem o desafio de fazer com que o Peds seja aprovado junto ao CDMN. Porém, suas tarefas dentro da Seplan vão além de coordenar as ações articuladas e pactuadas da Grande Natal. Desde que assumiu ele tem se debruçado sobre a necessidade de criação de um outro órgão deliberativo e consultivo no Estado, exigido pelo Governo Federal, que é o Conselho Estadual das Cidades (Concidades-RN), criado pela Lei Complementar 390, de 10 de julho desse ano. Portanto, no momento, ele também acumula a função de secretário executivo desse Conselho. Indagado se daria para cumprir todas essas funções, Pinheiro não se intimida com o trabalho, mas admite que "é necessária uma estrutura que, no momento, não existe".

Segundo explicou, para que exista o Conselho Estadual das Cidades, é preciso que sejam criados também os Conselhos Municipais em cada cidade do RN. E, portanto, Pinheiro está à frente da Comissão Preparatória para a 4a Conferência das Cidades do Rio Grande do Norte, determinada pelo decreto estadual 21.376, de 28 de outubro desse ano, cuja previsão é que ocorra entre os dias 18, 19 e 20 de março de 2010.

Com relação ao número de pessoal para trabalhar, Pinheiro explica que os "estagiários" a quem Tavares se refere são os técnicos solicitados por ele, oriundos de várias áreas da UFRN. Segundo explicou, para que o trabalho da RMN possa ocorrer dentro de uma perspectiva de "articulação intersetorial", com mobilização do Governo do Estado, Prefeituras e sociedade civil organizada serão necessários profissionais com Mestrado (arquitetos, urbanistas, geógrafos e engenheiros) para "dar suporte técnico e orientação de como se elaborar projetos e de como conseguir recursos junto ao Ministério das Cidades, por exemplo". "A expectativa é que até o final desse mês já estejamos com a equipe montada", vislumbra ele. Ao todo a solicitação é de contratação de 11 técnicos e duas pessoas para apoio.

Investimentos do projeto Copa 2014 podem ajudar na solução

De acordo com George Câmara não só as manchetes de assassinato, problemas no trânsito e falta de água compõem a Grande Natal. Algumas ações – embora que num ritmo ainda lento – já identificam a metrópole como um organismo que vai além da capital potiguar. O Samu Metropolitano e o aterro sanitário de Ceará-Mirim são exemplos citados por ele. "Esses exemplos podem aumentar a cultura metropolitana, ou seja, de que vivemos numa metrópoles. E não só as notícias que tratam no número de mortes no final de semana na Grande Natal, estampadas nos jornais", diz Câmara.

Com o início das obras da chamada "Via Metropolitana", anel viário com cerca de 28 quilômetros de extensão, Câmara acredita que seja mais uma ação que integre alguns municípios. Mas já numa entrevista em 2007 dada ao JH 1a Edição, o vereador natalense dizia que a Via Metropolitana estava se tornando uma realidade tardia. Citando Mossoró, que já tem um anel viário semelhante há mais de 35 anos. George Câmara vai mais além. Segundo ele, a Via Metropolitana só será completa se tiver o modal ferroviário, como aponta o Peds. "Essa é uma luta do Parlamento Comum, queremos incluir a linha férrea. Inicialmente com previsão para melhoria da linha que existe e, num segundo momento, com a inclusão dos metrôs de superfície".

> "O que é que fica de estruturante para a RMN de pois da Copa?"
>
> **George Câmara**

George Câmara insiste que o Peds ainda não foi posto em prática. Entretanto, seus dados estão atualizados e com uma previsão de aplicabilidade para até 2025. "A questão é que ele não tinha como adivinhar que Natal estaria confirmada para a Copa do Mundo. E isso torna algumas medidas ainda mais urgentes. Nos próximos dias 25 e 26 vamos discutir esse tema: "O que é que fica de estruturante para a RMN depois da Copa de 2014? Minha vida vai melhorar? Ou será como o Carnatal que acontece, desmonta camarote e acaba? Convidamos a economista Tânia Bacelar – que foi uma das coordenadoras do Peds. Dentre outras coisas queremos saber se só Natal vai concentrar investimentos", questiona o presidente do Parlamento Comum.

Câmara explica que o esse conceito de transbordamento, ou seja, quando uma cidade vai crescendo e invadindo outras, como é o caso de Natal em Parnamirim, São Gonçalo do Amarante e Extremoz, vai configurando a conformação de uma Região Metropolitana. E, se alguém se pergunta o que é que São José de Mipibu e Nísia Floresta têm a ver com isso? Já que elas sequer têm divisa com Natal. Outros fenômenos também determinam essa mancha urbana: o fato de muitas pessoas morarem numa cidade, mas trabalharem na capital. Ou então, morar em outra e procurar serviços médicos, só para citar.

"A metropolização à brasileira não é fruto de planejamento e sim da ausência dele. É produto de uma deformação", alega. Enquanto que em 1950, apenas 36% das pessoas moravam nas cidades, e todo o resto no campo; em apenas praticamente 60 anos, esse percentual subiu para 84%. Segundo Câmara, os 21 anos de Regime Militar, a ausência de política agrária para manter e estimular o homem no campo, assim como também a agenda neo-liberal que "desmontou" as cidades, privatizando serviços essenciais.

EXEMPLO QUE DEU CERTO

A Baixada Santista, em São Paulo, região criada apenas um ano antes que a RMN é hoje referência para estudiosos, técnicos e gestores que, por seu lado, têm vontade política. Formada pelos municípios de Bertioga; Cubatão; Guarujá; Itanhaém; Mongaguá; Peruíbe; Praia Grande; Santos e São Vicente, a Baixada Santista conta atualmente com o Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana da Baixada Santista (Condesb), que é formado por representantes das Prefeituras e do Governo do Estado de São Paulo, bem nos moldes do que está previsto na Lei que institui a RMN. O Condesb também é normativo e deliberativo, tratando dos assuntos inerentes aos campos funcionais de interesse comum e os membros têm participação paritária nas decisões.

Paralelamente ao Condesb, o então governo de Mario Covas, em dezembro de 1998, através da Lei Complementar Estadual 853, criou a entidade autárquica denominada de Agencia Metropolitana da Baixada Santista (Agem). . É ela quem integra, organiza, planeja e executa as funções públicas de interesse comum da Baixada Santista. Para isso, ela arrecada as receitas próprias ou as que lhe sejam delegadas ou transferidas, inclusive multas e tarifas relativas a serviços prestados; fiscaliza a execução das leis que dispõem sobre regiões metropolitanas e aplicar as respectivas sanções, no exercício do poder de polícia; estabelece metas, planos, programas e projetos de interesse comum, bem como fiscalizar e avaliar sua execução; promove a desapropriação de bens declarados de utilidade pública, quando necessário à realização de atividades de interesse comum, dentre mais outras atribuições. Para saber mais e acompanhas ações, o site é www.agem.sp.gov.br.

QUANDO SE É NOVO
NA CIDADE, CONHECER
UM BOM VIZINHO
FACILITA TUDO.

A REDEMAIS SAÚDA O NOVO JORNAL

E DESDE JÁ ABRE AS PORTAS DAS SUAS 21 LOJAS

PARA FACILITAR AINDA MAIS A CHEGADA DESSE PROMISSOR

PERIÓDICO NO RN. SÃO MAIS DE 1.436 COLABORADORES,

15.189 M² DE ÁREA DE VENDAS, 15º LUGAR NO RANKING

DA ABRAS, 9 LOJAS AUDITADAS PELA NIELSEN

E UM MONTE DE ECONOMIA PARA O NOVO JORNAL

E PARA VOCÊ TAMBÉM.

SEJA BEM-VINDO NOVO JORNAL.

AV. CAPITÃO MOR GOUVEIA, 502 - CIDADE DA ESPERANÇA - NATAL/RN - WWW.REDEMAISRN.COM.BR

RedeMAIS
SUPERMERCADOS

New Comunicação

Pela proposta, pela equipe de jornalistas, pela ousadia, pela coragem. Por tudo isso, o nosso diagnóstico a cerca deste novo veículo de comunicação é o melhor possível. O Instituto de Radiologia de Natal dá as boas vindas ao Novo Jornal que se apresenta hoje aos leitores do Rio Grande do Norte.

Av. Afonso Pena, fone: 84 4008.4707
www.irn.com.br

Instituto de Radiologia
NOSSO DIAGNÓSTICO É QUALIDADE.

ART&C

3 anos, vários sonhos realizados e outros em fase de acabamento.

Apesar da pouca idade, já trabalhamos como gente grande. Temos 88.788,67m² de área total em construção, com mais de 900 unidades vendidas, abrigando inúmeros sonhos. Que não cansamos de realizar e mostram cada vez mais a nossa credibilidade.

Porto do Alto
100% vendido e obras em fase de conclusão

Jardins do Alto
100% vendido e obras em fase de conclusão

Natture
100% vendido em 1 mês e obras em fase de conclusão

PLANEJE-SE. EM BREVE,
UM NOVO SONHO NA ABEL CABRAL:
AQUARELLE CONDOMÍNIO CLUBE

ESTRUTURAL

www.estruturalbrasil.com.br
(84) 4006.0300

| TALHADO | Falta de qualidade do produto e atraso na distribuição comprometem alcance social do programa

AZEDOU o leite do governo

ARGEMIRO LIMA/NJ

"Talhou várias vezes este ano. Quando fica assim, jogo no mato"

Francisca Silva da Costa, dona de casa

Rafael Duarte,
do Novo Jornal

QUANDO NÃO TALHA, o leite distribuído pelo Governo do Estado parece água na mesa da dona de casa Francisca Silva da Costa, 50. "Talhou várias vezes este ano. Quando fica assim, jogo no mato", admite a mulher, que mora na rua São Francisco, em Mãe Luíza, com o marido, um filho, uma nora e um neto de apenas dois anos, único membro da família oficialmente beneficiado pelo Programa do Leite.

Talhado, para quem não sabe, é quando o leite fica pastoso, azedo, tipo coalhada, e não deve ser consumido puro. Mesmo nos dias em que não azeda, dona Francisca não fica satisfeita com a qualidade do produto que recebe gratuitamente, como beneficiária de um dos principais programas sociais deste governo.

"Tem gosto de água, é fino. Nunca olhei a validade, mas para mim é velho", sentencia.

A dúvida em relação à qualidade do leite distribuído gratuitamente para 155 mil famílias do Rio Grande do Norte - segundo dados oficiais do Programa do Leite coordenado pela Secretaria Estadual de Trabalho, Habitação e Ação Social (Sethas) -, é comum entre os moradores dos bairros periféricos que recebem o benefício.

Em Mãe Luíza, Rocas e Quintas, por exemplo, as reclamações são parecidas. Ainda assim, muitos agradecem pelo fato de poderem receber sete litros de leite por semana, correspondendo a um litro por dia, distribuídos para famílias carentes em todos os 167 municípios do Rio Grande do Norte. Explica-se: em alguns casos, não raros, esse leite é o único alimento na mesa do pobre.

Segundo a Sethas, estão aptas a se cadastrar no programa as famílias carentes com crianças de seis meses a três anos de idade, ou crianças desnutridas com idade de até seis anos, gestantes, mulheres em fase de amamentação, portadores de deficiência que estejam incapacitados para o trabalho e idosos a partir de 60 anos.

Além das reclamações de que o leite distribuído pelo governo é "fraco e ralo", outra crítica comum, entre os beneficiários, refere-se às irregularidades dos horários de distribuição. Na fila formada na Escola Estadual Dinarte Mariz, em Mãe Luíza, a faxineira Emiliana da Silva, 44 anos, disse que, além de já ter recebido o leite estragado, tem dia que o benefício não chega. "Já talhou várias vezes, mas não devolvo o leite. Também tem dia que atrasa e já aconteceu até de não ser distribuído na data marcada", afirma.

Você ganha em economia.
A natureza, em preservação.

Por um mundo melhor, para as futuras gerações. O Grupo Neoenergia, por meio da COSERN, criou o Projeto Energia Verde, que vai possibilitar a troca de seus eletrodomésticos velhos por aparelhos novos e eficientes, com o Selo Procel de Economia.

Você faz doações na sua conta de energia, de acordo com sua faixa de consumo e ganha o dobro ou mais em bônus na conta de energia para trocar por refrigeradores, freezers e condicionadores de ar.
Essa doação será revertida para o reflorestamento da Mata Atlântica Parque das Dunas - Natal/RN.

Mais informações:
www.cosern.com.br/energiaverde
Midway Mall Shopping Center
Loja 235 D, Piso L2

projeto energia verde cosern

neoenergia | cosern Grupo Neoenergia

USAID DO POVO AMERICANO | UnP UNIVERSIDADE POTIGUAR Laureate International Universities | 60 ANOS FECOMERCIO RN | CDL Câmara de Dirigentes Lojistas de Natal

ART&C

NOVAS OPINIÕES, NOVAS REPORTAGENS,
UM NOVO JORNAL.
TANTA NOVIDADE QUE A GENTE
NÃO PODERIA ANUNCIAR OUTRO CARRO.

soul

Kia Soul, tão inovador que inaugurou um novo segmento: o carro design.

5 anos garantia ou 100 mil km

IBAMA PROCONVE HOMOLOGADO

KIA TOTAL

www.kia.com.br

Av. Prudente de Morais, 4666 - Lagoa Nova
Tel.: (84) 4009.9000

KIA
O poder de surpreender

MAGNUS NASCIMENTO/NJ

Para receber o leite que sobra, Esmerina Araújo caminha do Bom Pastor, onde mora, até o posto de distribuição do bairro das Quintas

Aos 100 anos, ela não consegue se cadastrar para receber o leite

QUANDO A APOSENTADA Esmerina Figueira de Araújo chegou ao ponto de entrega do leite, no bairro das Quintas, ao lado da Maternidade, comoveu todos os demais beneficiados do programa que estavam na fila. Aos cem anos de idade, ela estava sozinha, calçando uma chinela amarela surrada e segurando uma sacola de estopa desfiada, onde guardava a conta de energia no valor de R$ 25. Mesmo com a idade avançada, a aposentada tentou e não conseguiu, por três vezes consecutivas, se cadastrar no programa. Por isso, ela só recebe, quando recebe, o leite que sobra no dia da distribuição. E isso graças à boa vontade do chefe do setor de distribuição das Quintas, que se compadeceu com a situação dela.

"Com esse leite faço uma papinha e tomo no copo à noite", diz Esmerina, que mora sozinha numa casa alugada e sobrevive com a aposentadoria de R$ 465.

Pelo critério do programa, com a idade que tem, ganhando salário mínimo da aposentadoria, ela deveria ter direito a receber sete litros de leite por semana. Moradora no bairro do Bom Pastor, no entanto, a idosa faz o percurso até as Quintas a pé, vencendo o trajeto com duas horas de caminhada no passo arrastado, para arriscar a sorte.

"Procurei o posto de cadastro no Bom Pastor por três anos, mas nunca consegui a carteira de beneficiada. Aí desisti. Agradeço a essa moça que me entrega o leite", diz, sem reclamar do cansaço. E vai embora, seguida pelo olhar de quem ouviu seu relato. Vai a pé, no sol das 11h.

"Procurei o posto no Bom Pastor por três anos, mas nunca consegui a carteira de beneficiada. Aí desisti".

Esmerina Figueira, aposentada

UM REAL é o preço do litro no mercado negro

Em Mãe Luíza, o leite distribuído pelo governo também está sendo comercializado no mercado negro ao custo de R$ 1,00. A reportagem colheu vários relatos, junto aos moradores, sobre compra e venda do leite carimbado com as marcas dos governos estadual e federal.

Quem vende o produto, no entanto, usa o dinheiro para comprar outro litro de leite na padaria ou no mercadinho, acrescentando mais 50 centavos. "Eu nunca vendi meu leite, mas conheço muita gente que faz", atesta Francisca Silva da Costa, dona de casa.

Proprietária de uma mercearia, Adriana Fernandes, 35 anos, admite que já comprou o leite do programa governamental. "Eu já comprei sim (o leite) e às vezes compro, mas para dar aos meus meninos e não para revender", justifica. "O leite é ralo, fraco, não usaria no meu comércio", conta.

Há denúncias também de casos em que o leite é vendido para manter vícios. "Tem gente que vende para comprar bebida e até trocar por drogas", conta a dona de casa Elizaneide Cardoso de Melo, 39 anos.

"Eu já comprei sim (o leite) e às vezes compro, mas para dar aos meus meninos e não para revender"

Adriana Fernandes, comerciante

Recheio no Pão

A dona de casa Ana Cristina Silva Martins, 36 anos, não se afoba e lança mão da criatividade para driblar o constrangimento de receber leite estragado pelo programa do qual é beneficiária. "Pego aquela nata grossa, boto no pão e mando para dentro", afirma.

Desempregada, ela mora com cinco filhos numa casa doada, em Mãe Luíza, e sobrevive com R$ 210,00 do Programa Bolsa Família, do governo federal, além das doações de vizinhos. "Me dão comida, remédio, às vezes recebo até gás. O leite talha, mas tem dia que é a salvação. Bom mesmo é o da Guanabara", diz, referindo-se ao leite distribuído pela prefeitura no posto de saúde da rua Guanabara, no mesmo bairro.

Vizinha e amiga de Ana Cristina, a cabeleireira Darnele Silva Marques, 28 anos, lembra que, antigamente, a nata virava manteiga na mesa do café da manhã da família. "Hoje não dá para fazer manteiga. Até o bolo que eu faço com o leite do programa não tem gosto de bolo", ressaltou.

ARGEMIRO LIMA/NJ

Adriana Fernandes: proprietária de uma mercearia em Mãe Luiza

Única refeição para muita gente

Os dois litros de leite que Elizaneide Cardoso de Melo, de 39 anos, recebe do programa estadual, às vezes é a única refeição da família, que ao todo somam 14 pessoas. "Não dá para todo mundo, tem sempre alguém que não toma, mas é bem melhor que não ter", diz ela, acrescentando, porém, que desde que o neto saiu da maternidade, não falta leite para ele.

A família mora num pequeno cubículo, com três cômodos separados por pedaços de panos e lençóis, localizado nos fundos de uma casa da travessa São Luís, em Mãe Luíza.

Ao contrário de outros beneficiados, Elizaneide não reclama da qualidade do leite que recebe do Governo do Estado. Quanto mais carente é a família, menos senso crítico ela apresenta em relação a qualidade do produto. No caso de Elizaneide, do leite que recebe ela prepara o mingau do neto, faz a vitamina dos filhos, o arroz de leite do almoço e, quando pode, até a canjica do lanche da noite. "É a única coisa que a gente tem de graça", comemora.

ARGEMIRO LIMA/NJ

Elizaneide e filhos: o leite não é suficiente para todo mundo

AUGUSTO RATIS/NJ

Coordenador do programa diz que já corrigiu muita "coisa errada"

"Em São Gonçalo, por exemplo, descobrimos que o leite estava sendo distribuído por um político sem a logomarca do Governo do Estado".

Tomaz Pereira de Araújo Neto, coordenador do Programa do Leite

O ENGENHEIRO CIVIL Tomaz Pereira de Araújo Neto, 47 anos, assumiu há sete meses a coordenadoria de Desenvolvimento Social da Sethas, setor responsável pela condução do Programa do Leite. Ele faz um balanço positivo do projeto, embora reconheça que ainda possa haver distorções nos municípios atendidos pelo governo. Diz que precisou mudar "muita coisa errada que acontecia até o ano passado" e admite dificuldades para atrair o pequeno produtor de leite para o programa por conta do preço baixo do litro comprado pelo estado.

Sobre "as coisas erradas", Tomaz é comedido nas palavras, mas revela que até o ano passado o Programa do Leite sofria interferência política no interior. "Em São Gonçalo, por exemplo, descobrimos que o leite estava sendo distribuído por um político sem a logomarca do Governo do Estado", afirmou.

Apesar de não apresentar números oficiais sobre os benefícios que o Programa do Leite vem garantindo à população de baixa renda cadastrada, o coordenador acredita que a redução em 50% das taxas de mortalidade e de desnutrição infantil, que garantiu ao RN o reconhecimento do Unicef em 2009, deve ser debitada na conta do leite distribuído gratuitamente.

"Não tenho dúvidas de que o programa do leite foi fundamental nessa redução embora também haja outros programas sociais no governo", conta.

Sobre o controle de qualidade do leite, Tomaz afirmou que o monitoramento é feito pelo Instituto de Defesa e Inspeção Agropecuária, ligado à Secretaria Estadual de Agricultura. "Recebo relatórios mensais do Idiarn sobre a qualidade do leite do programa. Quando o produto não atende aos padrões, comunicamos à empresa, que tem 24 horas para resolver o problema. E a partir de agora, se em 72 horas não for solucionado a gente vai excluir o laticínio do programa", afirmou.

Apesar de receber o relatório mensal do Idear, quando a reportagem pediu para ver o documento, o coordenador falou para a equipe procurar a Secretaria de Agricultura.

Diretora do Idiarn nega fiscalizar programa

"Fazemos apenas o controle das usinas registradas no Idiarn e o monitoramento do leite dessas empresas. Não somos do Programa do Leite."

Tereza Cristina Farias Ribeiro , diretora do Instituto de Defesa e Inspeção Agropecuária do RN

Ao contrário do que afirmou o coordenador geral do Programa do Leite, Tomaz Pereira de Araújo Neto, a diretora do Instituto de Defesa e Inspeção Agropecuária do RN, Tereza Cristina Farias Ribeiro, disse que o órgão não é responsável pela fiscalização do programa. Segundo ela, o Idiarn monitora algumas empresas cadastradas que também distribuem o alimento, mas não são todas. "Fazemos apenas o controle das usinas registradas no Idiarn e o monitoramento do leite dessas empresas. Não somos do Programa do Leite.", disse.

Segundo disse, o monitoramento a que se refere é realizado mensalmente através da coleta de um litro de leite para análises físico-químico e microbiológica realizadas pelo Laboratório Central de Saúde Pública (Lacen). Caso a mostra coletada apresente algum problema, outros seis litros são analisados como contraprova. "A coleta é feita na empresa antes do leite ser embalado. Também verificamos se a empresa obedece às normas de higiene e a cada seis meses fazemos auditorias internas nas usinas, que vão desde a entrada do leite na empresa até a sua documentação", disse.

Cristina explica que as empresas costumam corrigir o defeito quando detectado. Em média, a cada mês duas usinas são notificadas. Se o problema persistir, a empresa pode levar advertência e até ser multada. "O número de registros é pequeno. Há problemas na qualidade, mas também na rotulagem do produto", revela.

Procurado novamente para responder as declarações da diretora do Idiarn, Tomaz Neto manteve a posição. "As pessoas não costumam assumir o que fazem. Recebo relatórios todos os meses. Ela (Tereza Cristina) está desdizendo o que faz. Existe um decreto estadual que diz que o Idiarn é quem fiscaliza o programa do leite", afirmou.

ARGEMIRO LIMA/NJ

Programa beneficia crianças de famílias carentes do bairro de Mãe Luiza

Secretário reconhece falha no acompanhamento da qualidade

O secretário estadual de Trabalho, Habitação e Ação Social, José Gercino Saraiva, reconheceu, em entrevista ao Novo Jornal, que o leite distribuído gratuitamente a 155 mil famílias do Rio Grande do Norte precisa de um controle específico. Ele assumiu a pasta há dez dias, substituindo seu filho, Fabian Saraiva, e informou que ainda está colhendo informações sobre a situação de cada setor da pasta. Disse que pretende desenvolver um trabalho no qual a própria população possa monitorar a qualidade do produto. Confira a entrevista:

- O coordenador do Programa do Leite disse que o Idiarn é o responsável pelo controle de qualidade do programa, mas o Idiarn nega essa responsabilidade. O senhor não acha que o leite distribuído pelo governo precisa de um controle específico?

- Evidentemente. E a intenção do governo é que esse controle de qualidade seja feito com transparência.

- E de que forma a Sethas pretende fazer isso?

- Olha, assumi agora, há seis dias (na época da entrevista) e ainda estou me reunindo com os setores. Mas a Sethas, no caso, não deverá ser a secretaria responsável para fazer esse controle.

- Mas se a Sethas gere o programa, não deveria ser responsável, pelo menos, por indicar quem deve fazer o controle de qualidade?

- Claro! Deve haver averiguação contínua dos órgãos técnicos para melhorar a qualidade. Como falei, estou chegando agora, mas já pensando no desenvolvimento do programa, que, a meu ver, deve acontecer de baixo para cima, pela base. Precisamos ouvir o que a população acha do leite. Faremos reuniões nas comunidades para ouvir os moradores sobre a qualidade do leite.

- Os moradores dizem que o leite costuma talhar e também não chega nos horários definidos.

- Isso deve ser comunicado imediatamente à secretaria. É um absurdo que isso esteja acontecendo. Temos de ver a viabilidade da instalação de um telefone público para receber essas denúncias. Pode ser até uma ouvidoria.

Às vezes um morador vende o leite para comprar um feijão ou um arroz que está faltando. Acho que o governo está fazendo a sua parte e deve trabalhar para melhorar e ampliar o Programa do Leite.

- Em Mãe Luíza, apuramos que há um comércio negro do leite. O que o senhor diz sobre isso?

- Às vezes um morador vende o leite para comprar um feijão ou um arroz que está faltando. Acho que o governo está fazendo a sua parte e deve trabalhar para melhorar e ampliar o Programa do Leite. Para você ter uma ideia, em comparação a 2001, quando fui secretário-adjunto dessa mesma pasta, havia um único técnico responsável e dois computadores superados. Recebíamos denúncias de quase todos os municípios. Hoje a situação é outra. Mas nem tudo está 100%. Estamos aqui para corrigir as falhas e seguir em frente.

Suspeita de apadrinhamento político nas cotas das usinas

MAGNUS NASCIMENTO/NJ

Local de distribuição do Programa do Leite: durante três vezes por semana, beneficiários pegam sete litros do produto

"NÃO QUERO SABER de onde vem o leite". A declaração foi dita, por telefone, pelo coordenador do Programa do Leite, Tomaz Pereira de Araújo Neto. Questionado sobre o nome das usinas responsáveis por pasteurizar, embalar e transportar o produto até os pontos de entrega do programa, com as respectivas quantidades de leite que cada uma vende ao governo, Tomaz pediu à reportagem que tentasse obter a lista com o consórcio que mantém contrato firmado com o Governo do Estado desde 2007. Sobre o fato da coordenação do programa não poder dar a informação, disse que o que interessava, para o governo, era a palavra do consórcio. "Não me interessa de onde vem o leite, quero saber do consórcio que é com quem temos contrato. Isso (o nome das usinas e a quantidade de leite) você deve pegar com eles", afirmou.

> "Não existe cota. A divisão foi feita baseada no que cada empresa fez para criar o consórcio, como colocar advogados à disposição"
>
> **Francisco Belarmino, presidente do SindLeite**

Com o consórcio, depois de três tentativas, o **Novo Jornal** teve acesso apenas aos nomes das usinas. Sobre a produção por empresa, o presidente do Sindicato dos Laticínios (SindLeite) e proprietário da usina Leite Babi, Francisco Belarmino, transferiu a responsabilidade para a Sethas, secretaria que gere o Programa do Leite e cujo coordenador é Tomaz Neto.

O jogo de empurra em relação à quantidade de leite que cabe a cada empresa fornecer ao programa tem uma explicação reforça o mistério sobre a divisão do leite vendido ao governo pelas usinas. O apadrinhamento político, segundo o proprietário da empresa Nippasa, José Aquino, é usado como critério para a divisão das cotas.

A Nippaza, localizada na fazenda Califórnia, em São Gonçalo do Amarante, faliu há seis meses. Assim que fechou, Aquino procurou a proprietária da usina Leite Cem, vizinha a dele, para repassar a cota da Nippasa, 6% do total. Mas não conseguiu. "A Sethas se meteu e disse que eu não poderia fazer dessa forma. Aí deixou metade da cota com a Cristiana (dona do Leite Cem) e pegou o resto para dividir com ninguém sabe quem", afirmou.

A empresária Cristiana Melo confirmou que ficou com metade da cota da Nippasa, mas não quis comentar para onde foi o restante das cotas. Já o presidente do SindLeite, Francisco Belarmino, negou que haja interferência política e afirmou que a divisão da quantidade de leite vendida ao governo está relacionada ao tamanho de cada empresa e à contribuição das usinas na criação do consórcio. "Não existe cota. A divisão foi feita baseada no que cada empresa fez para criar o consórcio, como colocar advogados à disposição por exemplo", afirmou.

ARGEMIRO LIMA/NJ

Programa do Leite: não há controle sobre a qualidade do produto

Decreto não faz referência ao papel da Secretaria de Agricultura

No decreto nº 16.844, de 7 de maio de 2003, assinado pela governadora Wilma de Faria e publicado no Diário Oficial, não há nenhuma referência quanto à fiscalização da qualidade do leite distribuído pelo programa. O documento delega à Secretaria de Estado de Ação Social a capacitação das equipes de distribuição do leite nos postos. Ainda segundo o decreto, cabe a esses grupos às funções de recebimento, armazenamento e distribuição do leite, bem como conferir a quantidade, data de validade e fabricação do produto, mediante inspeção visual da embalagem.

Também é de responsabilidade das equipes o envio de um relatório mensal de acompanhamento da distribuição do leite realizada no curso desse período. O documento não cita, nenhuma vez, o nome da Secretaria Estadual de Agricultura, da Pecuária e da Pesca (SAPE) nem do Idiarn, órgão vinculado a essa pasta

TRANSPORTE INTERMUNICIPAL.
SEM FISCALIZAÇÃO,
VAI ACABAR.

A concorrência desleal e a falta de fiscalização estão acabando com o transporte intermunicipal do Rio Grande do Norte. A população de 167 cidades corre o risco de ter o seu direito de ir e vir prejudicado pelo aumento do transporte clandestino – aquele que não oferece segurança, conforto e horários regulares, além de não pagar impostos nem gerar desenvolvimento. Com o fim do transporte legal, o maior prejudicado é o cidadão: os idosos perdem o direito à gratuidade, os estudantes à meia passagem e todos os passageiros ficam à mercê de um serviço sem nenhum compromisso com a legalidade.

Em decorrência da falta de fiscalização, muitas empresas faliram e deixaram de operar, como a Brandão, Unidos, Via Oeste e, mais recentemente, a Transul, que fechou as portas e deixou de atender à população de 10 cidades. Com isso, dezenas de tabalhadores também perderam seus empregos.

O SETRANS - Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros do Rio Grande do Norte vem a público denunciar esta situação e pedir providências, esperando que a nova gestão do DER tenha o transporte como prioridade e retome a operação Transporte Legal, prevista para durar 90 dias e suspensa pela Governadora Wilma de Faria depois de apenas 3 dias de fiscalização.

Não podemos deixar a população à mercê de um serviço clandestino e ilegal. Permitir que esta concorrência desleal cresça e tome o lugar de quem trabalha de forma séria e honesta é privar nosso estado de desenvolvimento e o nosso povo de um transporte com qualidade, dignidade e respeito. O cidadão norte-rio-grandense não pode pagar mais essa conta.

SETRANS·RN
www.setransrn.com.br

ALVES | CABRAL | CAMPOS | CIDADE DAS DUNAS | EMPRESA BARROS | NORDESTE
OCEANO | RIOGRANDENSE | TRAMPOLIM DA VITÓRIA | VIAÇÃO JARDINENSE | VIA SUL

ATRASO de pagamento e custo baixo do produto levam empresas à **FALÊNCIA**

Outro ponto que chama a atenção é o fato dos usineiros virarem reféns do governo. Isso ocorre porque há casos em que 100% do faturamento de algumas usinas se origina do Programa do Leite

ATUALMENTE, O CONSÓRCIO Leite Potiguar conta com 26 usinas, mas o número já foi maior. Segundo Francisco Belarmino, presidente do SindLeite, nos últimos anos uma empresa faliu (Nippasa, de São Gonçalo do Amarante) e outras duas (Cacau – de Bom Jesus - e Ilmol – de Mossoró) deixaram de vender leite para o Governo do Estado, apesar de seguirem funcionando.

A falência e a debandada das usinas estão atreladas a um único motivo: o custo baixo do produto – R$ 1,25 o litro - vendido ao estado. Outro ponto que chama a atenção é o fato dos usineiros virarem reféns do governo. Isso ocorre porque há casos em que 100% do faturamento de algumas usinas se origina do Programa do Leite. "No caso dessas empresas, se pararem de vender para o governo acabam fechando. Aí é melhor ficar no prejuízo, vendendo leite a preço baixo, do que parar", diz Belarmino.

De acordo com José Aquino, da Nippasa, o atraso no pagamento do estado também foi fundamental para o fechamento da usina fundada por seu avô em 1946. "Teve uma época em que eu pagava os produtores por semana. Depois passou a ser por quinzena e no fim já pagava por mês, porque o dinheiro não chegava. É até engraçado porque o governo estadual recebe o ICMS na frente, mas deixa para pagar as usinas no final", afirmou.

RAIO X

- 3.300 produtores de leite estão inseridos no Programa
- 145 mil litros de leite de vaca são produzidos por dia para o programa
- 10 mil litros de leite de cabra são produzidos por dia para o programa
- 567 profissionais entre nutricionistas, supervisores e entregadores estão envolvidos no programa
- 7 litros de leite são entregues semanalmente a cada beneficiado cadastrado no programa
- 72 milhões de reais é o custo do Programa do Leite
- 1,24 real é o custo do litro do leite para o Governo do Estado.
- 26 usinas fazem parte do consórcio do programa leite
- 155 mil famílias são beneficiadas com o programa

HISTÓRICO

CRIADO NA GESTÃO MUNICIPAL DE GARIBALDI FILHO, O PROGRAMA SE TORNOU TRUNFO ELEITORAL. NO GOVERNO WILMA DE FARIA, A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA INSTALOU CPI PARA INVESTIGAR INDÍCIOS DE IRREGULARIDADES

Criado na gestão do então prefeito Garibaldi Alves Filho, entre 1986 e 1989, o Programa do Leite - nome pelo qual ficou conhecido o programa de distribuição gratuita de leite para gestantes e crianças de famílias carentes - se tornou um grande trunfo eleitoral. Tanto que, no mesmo período, foi estadualizado pelo governador Geraldo Melo e nacionalizado pelo presidente da República José Sarney.

Embora de grande apelo popular, principalmente para os produtores de leite e para a população beneficiada com o alimento, o programa foi extinto na segunda gestão do governador José Agripino Maia, entre 1991 e 1994. Nesse período, o Rio Grande do Norte passou a produzir leite para estados vizinhos e queijeiras. Segundo analistas políticos, a atitude de acabar com o Programa do Leite foi decisiva para a derrota de Agripino na eleição seguinte, vencida por Garibaldi Filho, que retomou a distribuição gratuita de leite.

De lá para cá, o programa nunca mais foi paralisado. Na primeira gestão da governadora Wilma de Faria, no entanto, os indícios de irregularidades na compra do leite junto aos produtores levaram à abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) pela Assembleia Legislativa. A CPI, que teve como relator o deputado estadual José Adécio (DEM), investigou o problema com base no Relatório da Comissão Especial de Auditoria instituída por força do decreto estadual nº 16.685/03, que revelou irregularidades como superfaturamento de leite de mais de R$ 9 milhões.

ARQUIVO/AL

"A empresa que denunciamos e que pedimos para ser excluída por vender leite imprestável para o consumo humano, ainda continua no programa e é uma das que mais vende leite. Um verdadeiro escândalo"

José Adécio, deputado e relator da CPI

Outro ponto que chama a atenção foi o fato de que em 68,5% dos litros de leite analisados havia a presença de cloriformes fecais. Os indícios foram confirmados pela CPI que chegou a pedir a exclusão do Programa do Leite de uma das empresas acusada de fraude por misturar leite em pó e soro de leite em pó no produto distribuído pelo governo. Segundo José Adécio, as providências exigidas pela CPI não foram tomadas, embora o relatório final tenha sido encaminhado ao Ministério Público, Governo do Estado, Tribunal de Contas e Procuradoria do Estado. "A empresa que denunciamos e que pedimos para ser excluída por vender leite imprestável para o consumo humano, ainda continua no programa e é uma das que mais vende leite. Um verdadeiro escândalo", disse.

Outra sugestão dada pela CPI não acatada pelo governo foi a criação do cartão magnético do leite que, segundo o deputado, acabaria com as irregularidades e evitaria o desperdício do produto. "Com esse cartão, o estado pagaria apenas o leite que fosse consumido", disse.

EXECUTIVA

A HISTÓRIA ESTAVA ESCRITA. O ENCONTRO ESTAVA MARCADO.

AO COMPLETAR 19 ANOS, O CARNATAL RECEBE
O NOVO JORNAL FAZENDO FESTA NA AVENIDA.

A micareta do Brasil

Carnatal

Patrocínio:

SKOL pepsi VALOR IMÓVEIS-RN CRECI 1833 Método Construtivo NÓS RESPEITAMOS A NATUREZA. Natal Shopping

SIGA O CARNATAL NO TWITTER twitter.com/carnatal

www.carnatal.com.br

Além de formação de qualidade, Natal acaba de ganhar informação de qualidade.

Quem oferece o melhor conteúdo e estimula a opinião crítica dos cidadãos reconhece a importância do Novo Jornal. Parabéns pela iniciativa.

COMITÊ

Conceito 5, nota máxima do MEC, no reconhecimento dos cursos de graduação.

Vestibular 2010 Terças e Quintas

FIES ProUni enem

3215.2917
www.farn.br

FARN

Vagas também para transferência voluntária e portadores de diplomas para todos os cursos.

Ser “o novo” não é fácil. Imagine manter-se inovador por mais de seis décadas.

pandora

Capela Central do
Cemitério Morada da Paz
Natal/RN

1948
Aurino Vila funda a Casa Mortuária São Francisco das Chagas, no bairro do Alecrim. Anos depois, a empresa passa a se chamar Funerária São Francisco.

1965
Falece Aurino Vila. Após sua morte, a Funerária São Francisco passa a ser administrada por seus filhos – Aurino e Magno. Com o passar dos anos, os irmãos Nilo e Fernando juntam-se aos dois e fundam novas funerárias.

1993
Com a construção do Cemitério Morada da Paz, a população da região metropolitana de Natal é apresentada a um novo conceito em cemitérios.
As empresas, que passam a ser chamadas como Grupo Vila.

1994
O Grupo Vila cria o Plano Safra de Assistência Familiar, possibilitando o acesso de diferentes classes sociais a um serviço funerário de qualidade.

1996
O Cemitério Parque da Passagem é inaugurado na Zona Norte de Natal.
A região finalmente ganha um lugar bonito e tranqüilo para preservar a memória de sua população.

1998
O Grupo Vila funda o Centro Funerário Morada da Paz, que anos mais tarde passa a se chamar Centro São José.
O novo empreendimento consolida o Grupo como referência no Nordeste.

1999
Para atender a demanda por plano de assistência funeral, é criada a Multifam - uma clínica completa e especializada em medicina, odontologia e fisioterapia para toda a família.

2003
Na Grande Recife, são inaugurados a Funerária e o Cemitério Morada da Paz, marcando o início das atividades do Grupo Vila fora do Rio Grande do Norte.

2004
O Grupo Vila lança o Sempre, um plano de assistência funeral completo com benefícios em vida. Um produto diferenciado que logo se torna sucesso, contabilizando mais de 7 mil adesões no primeiro ano de atuação.

2006
Mossoró recebe uma unidade do plano Sempre e da Funerária São Francisco.

2007
O Grupo Vila expande sua atuação para o estado da Paraíba, através da entrada do plano Sempre de assistência funeral na cidade de Campina Grande, em parceria com a “A Viagem” Funerária e Velório.

2008
O Grupo Vila chega a mais duas importantes cidades do Nordeste: Caicó, recebe uma unidade do plano Sempre; e João Pessoa, que passa a contar com o plano Sempre, Floricultura Vila Flor e um centro de velório de alto padrão, a Funerária Morada da Paz.

2009
O Grupo Vila lança o primeiro crematório de Pernambuco, atendendo toda a Região Nordeste a partir de Recife.
E como todo instante é uma oportunidade para inovar, o Grupo Vila está lançando seu número único para atendimento em todo o país: 4002.2535.

Cemitério e
Crematório Morada da Paz
Recife/PE

Há mais de 60 anos o Grupo Vila mantém sua principal característica: a capacidade de inovar.

GRUPO VILA Desde 1948
SÃO FRANCISCO FUNERÁRIA E VELÓRIO
CENTRO SÃO JOSÉ FUNERÁRIA E VELÓRIO
MORADA DA PAZ Porque a vida continua
PARQUE DA PASSAGEM UM LUGAR PARA A ETERNIDADE
Multifam CLÍNICA MÉDICA E ODONTOLÓGICA
Sempre Plano de Assistência Funeral
VilaFlor floricultura

www.grupovila.com.br - 4002.2535

Eles se utilizam dos emblemas como escudo. Por trás de camisetas e bandeiras demarcam territórios, impõem vontades, restringem a liberdade de escolha, ignoram a civilidade e, como se fossem generais à véspera de uma batalha, convocam e lançam seus soldados ao combate.

TIAGO LIMA/NJ

Policiais militares têm feito operações semanais em praças públicas e nas proximidades de escolas para evitar as brigas de jovens estudantes

CAMPO DE BATALHA

Anderson Barbosa,
do Novo Jornal

ASSIM VEM SE comportando uma expressiva parcela da juventude natalense. Assim são as gangues - essencialmente formadas por estudantes que, em sua grande maioria, ainda nem atingiram a maior idade. Anonimamente, rapazes e moças de várias classes sociais, sem a menor noção de perigo, se camuflam em meio às torcidas organizadas dos clubes de futebol com um propósito definido. Para a cúpula da segurança pública do estado e estudiosos, esses adolescentes querem conquistar a moral dos colegas e o respeito da comunidade onde vivem, nem que seja pela força. Há também um ponto crucial: eles pedem socorro.

Pela internet, em especial nas comunidades do Orkut e salas de bate-papo, a garotada agenda e se prepara para os duelos. Ruas, avenidas, quadras de escolas, shoppings, casas de shows e até as praias urbanas já se tornaram áreas livres para os confrontos. No entanto, apesar de saber como agem e quem são os principais 'cabeças' dessas facções, a PM não consegue dar fim aos conflitos e enfrenta dificuldades para evitar suas sequelas. "Não pela falta de efetivo ou serviço de inteligência, mas pela própria lei, que acaba sendo permissiva com a delinquencia. É justamente por terem conhecimento dos privilégios e de uma certa impunidade que o Código Penal Brasileiro lhes concede, que a quase totalidade dos adolescentes apreendidos escapa ilesa dos procedimentos policiais", declarou o subcomandante do Policiamento da Capital, major PM Alarico Azevedo, admitindo que muitos jovens são detidos quando ocorrem as rixas, mas logo são liberados. "Chamamos os pais e conversamos com a família. Mas, como é difícil identificar quem iniciou ou provocou a briga, é quase impossível responsabilizar esse ou aquele adolescente. Por isso os liberamos", justificou. A exceção é quando o jovem é flagrado com armas ou drogas, só que a polícia não sabe quantificar os casos registrados este ano.

"A polícia procura entender o que leva um adolescente a se marginalizar. O que faz um rapaz ou uma moça se travestir de torcedor quando eles poderiam estar estudando e buscando um futuro melhor. Queremos saber como esses jovens, muitas vezes de classe média e alta, se transformam em marginais, com status de líder, conquistando o que querem à base da ignorância e brutalidade. Sabemos que tudo isso lhes permite popularidade, respeito e temor. Mas nossa missão principal é acabar com os traficantes que aliciam e se utilizam da inocência dos menores, ainda com o caráter em formação, em proveito próprio. Ou seja, para alimentar o tráfico de drogas em nossa cidade", intervém o capitão Correia Lima.

Desde junho passado, quando se tornaram corriqueiras as brigas envolvendo alunos de algumas escolas das redes pública e particular de Natal, o oficial começou a estudar a violência das torcidas organizadas fora e dentro dos estádios. "Espero concluir em março do próximo ano um relatório completo, com depoimentos e estatísticas para ajudar no próprio trabalho da PM", disse. Para o capitão, embora a pesquisa ainda não esteja concluída, já é possível considerar e apontar algumas conclusões. "Existe algo perigoso por trás disso tudo. Certamente, há uma intensa disputa territorial por drogas. No centro dessa turbulência, estão escolas tradicionais, como o Atheneu, Winston Churchill, Anísio Teixeira, Floriano Cavalcanti (Floca) e João Tibúrcio, além de outros da rede particular, só que em menor escala ou ocorrências isoladas", enumerou Correia Lima, alertando também para as meninas, cada vez mais ousadas e presentes em confusões. "Isso tem me assustado muito. É impressionante o ingresso cada vez maior de meninas nesse meio. Garotas que, inclusive, estão partindo para o conflito. Elas vãos às ruas com o mesmo ódio, ira e o mesmo desejo de liquidar com a gangue rival. Faltam ídolos para esses jovens. Os líderes dessas quadrilhas, infelizmente, ocuparam esse lugar", observou.

CHEGOU O MOMENTO MAIS ESPERADO DO DIA:
A HORA DE IR PRA CASA.
PRA SUA CASA.
Na vida de cada um de nós, poucas coisas são tão importantes como voltar pra casa, relaxar em paz com a família e curtir cada momento no conforto do seu lar. Sobretudo, depois de um dia inteiro de trabalho. Nada para a Abreu é tão valioso quanto fazer parte da vida das pessoas. E ver um sorriso de satisfação a cada negócio fechado.
CRECI 2639J 17ª Região
Abreu
BrasilBrokers
WWW.ABREUIMOVEIS.COM.BR
AV. PRUDENTE DE MORAIS, 2900 I 3203-3000

GANGUES DE TORCIDA dominam colégios

Fundadas em 1991, as torcidas 'Gang Alvinegra', maior entusiasta do ABC, e 'Torcida Máfia Vermelha', principal incentivadora do América, ganharam adeptos e também má fama. Hoje se transformaram em verdadeiros escapes para dezenas de jovens e crianças que, segundo a Polícia Militar, vão aos poucos se tornando intolerantes e violentas. "Ambas as facções, sem qualquer controle ou atitude capaz de separar ou mostrar à sociedade quem são os bons ou os maus torcedores, simplesmente aceitam e convivem lado a lado com essa crescente onda de violência", compreende o delegado geral de Polícia Civil, Elias Nobre de Almeida Neto. Prova disso, segundo Elias, está no fato das torcidas não cadastrarem seus seguidores. "E isso levou a uma propagação descontrolada e distorceu o ideal imaginado por cada uma. Seja da Máfia ou da Gang, seus diretores não sabem quantos são ao todo, o que fazem esses adolescentes, como se comportam e nem tão pouco com que finalidade ou propósito se utilizam dos nomes das torcidas. Na minha opinião, existe um esquema cuja finalidade maior é encobrir atividades criminosas, como as drogas".

É bem verdade que, por proibição imposta pelo Ministério Público, há anos as facções foram rebatizadas. Sem poder usar denominações que façam apologia à violência, a Gang do ABC transformou-se em 'Garra'; já a TMV, do América, passou a se intitular 'Tradição, Motivação e Vibração'. Tudo no papel, porque na prática, seus membros seguem entoando cânticos de afrontamento, hostilidade, provocação e ódio aos adversários. E o pior: a rixa, antes limitada aos estádios e quadras esportivas, invadiu o setor da educação. Está presente nas escolas, sejam públicas ou particulares. Está nos bairros, nas praças, na rede mundial de computadores.

"As torcidas organizadas se desorganizaram. Qualquer um, basta querer, se quiser entrar para uma gangue entra sem fazer esforço nenhum. Não precisa pagar mensalidade, dar satisfação ou cumprir horário. Eu mesmo fui ao campo, dei o dinheiro e comprei minha camisa. Daí comecei a ir aos jogos com a galera do meu bairro. Do nada, sem nem perceber, já estava na gangue, cantando gritos de guerra, fazendo gestos, pichando paredes, zoando os outros. Bastava me chamar, ou juntar uns dois ou três e pronto, a porrada comia", admitiu um rapaz de apenas 16 anos, morador de Mãe Luiza, que pediu à reportagem para não ser identificado ou fotografado. "Tenho medo. Já briguei muito e sei que tem muita gente querendo me pegar. Aqui na praça (Cívica), eu fico junto com a galera. Eles me dão proteção. Nem vou pra escola (Anísio Teixeira). Passo lá no Atheneu no início da tarde, pego a minha namorada e venho pra cá ficar zoando os abecedistas que passam. É divertido. E, se precisar, a galera sempre está aqui do meu lado, pro que der e vier", orgulhou-se, revelando ser membro da TMV há pouco mais de um ano - tempo, que segundo ele, foi suficiente para lhe dar prestígio entre os amigos. "Antes eu era um ninguém. Agora sou um cara considerado. Onde eu moro todo mundo sabe quem sou eu", disse. Já a namorada, uma menina de 15 anos, confessou que também já agrediu outra garota por causa de torcida de futebol. "Quem mandou ela tirar onda com a minha cara?! Eu tava na minha. Só porque eu usava uma camisa vermelha, ela mexeu comigo", disse. Questionada sobre a rival, a adolescente foi incisiva: "Sei lá! Deve ser lá do Churchill. Lá só tem abecedista mesmo".

HUMBERTO SALES/NJ

Comportamento de estudantes-torcedores de futebol vem sendo estudado por oficiais da PM

Atheneu é do América, Churchill é do ABC

Para a Polícia Militar, a preferência de alguns 'alunos torcedores' por certas escolas é uma certeza absoluta. Além da Praça Cívica (Praça Pedro Velho) - hoje ponto de encontro e de constantes brigas -, ou de determinados bairros onde a convivência não é nada pacífica, o Colégio Atheneu e a Escola Estadual Winston Churchill são apontados como os principais redutos das torcidas organizadas de ABC e América. No Atheneu predomina a TMV. Já no Churchill, quem 'manda' é a Garra. "Isso é fato. Os alunos buscam alcançar status, poder e auto-afirmação também nas escolas em que estudam. Para isso, o primeiro passo é estar com outros jovens que pensam como eles e possuem as mesmas preferências. Os que são contrários aos seus princípios são rechaçados. Temos conhecimento que no Atheneu, por exemplo, onde a maioria torce pelo América, é proibido usar camisas ou objetos do ABC. É uma lei que os próprios alunos impuseram dentro da instituição. Os líderes proíbem até que as meninas namorem rapazes que torçam pelo clube alvinegro. É um absurdo, mas é verdade", disse o capitão da PM Correia Lima.

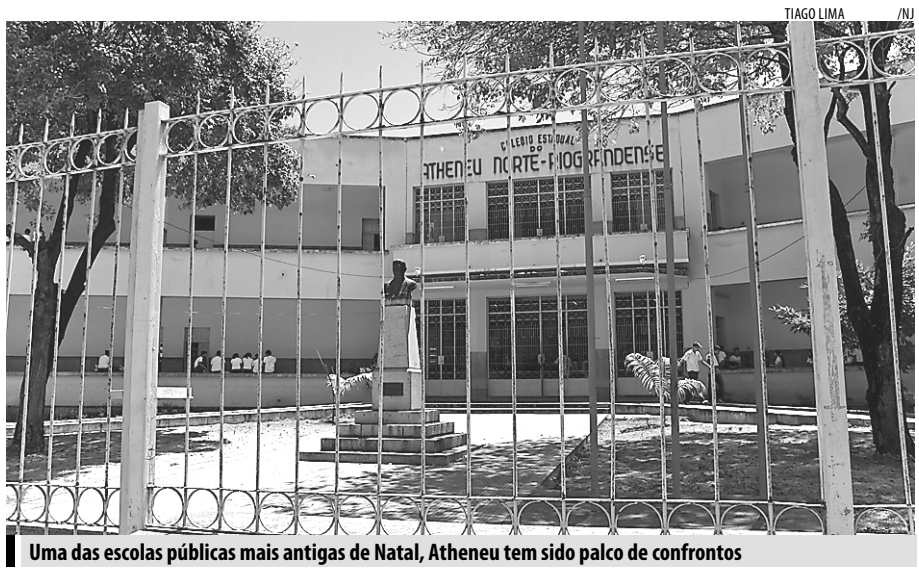
O Novo Jornal visitou o Colégio Atheneu para confirmar as informações da PM e a constatação foi impressionante. Por fora da escola, é visível as marcas da TMV. As paredes pichadas comprovam. Na fachada, salas de aula e nos banheiros, todas as grafias fazem referência à antiga Máfia Vermelha ou ao clube América. Do ABC, nenhuma vírgula sequer.

Bartolomeu Silva Carneiro, vice-diretor do colégio, não encontra explicação e não desmente os fatos. Para ele, "é um problema social que violenta não apenas os alunos, mas toda a escola. Infelizmente o Atheneu tornou-se um espaço demarcado", admitiu. "Embora os conflitos só ocorram no meio da rua, tivemos que chamar a polícia várias vezes porque alunos de outras escolas vêm provocar os nossos estudantes. Alguns se reúnem na frente do colégio e lançam rojões. É uma situação que, principalmente no final da tarde, quando os alunos estão saindo, torna-se perigosa", acrescentou.

Quanto às drogas, o vice-diretor afirma que este ano não houve apreensão e nenhum aluno foi flagrado com substâncias. "Mas já aconteceu, duas vezes, de adolescentes que não são matriculados no colégio serem pegos uniformizados com a camisa do Atheneu dentro da escola. O que eles faziam aqui, com mochilas nas costas, isso eu não posso dizer. Fica a suspeita que algo eles traziam", contou Bartolomeu.

À reportagem, o educador explicou que algumas providências estão sendo tomadas para tentar reverter essa situação. "Estamos trabalhando em parceria com a polícia. Montamos um setor de inteligência para monitorar os alunos suspeitos e acompanhamos, principalmente pelas redes sociais da internet, cada passo que eles dão. Através do Orkut, por exemplo, conseguimos identificar mais de 30 estudantes envolvidos com essas gangues. Destes, pelo menos 10 foram expulsos. E, por duas vezes, tivemos que ir à delegacia registrar boletins de ocorrência por causa de vandalismo e baderna, sempre envolvendo conflitos e rivalidade entre essas gangues", admitiu. Bartolomeu ainda fez questão de ressaltar que várias famílias já foram chamadas à escola para reuniões. E o que ficou evidenciado, também acabou preocupando a direção. "Observamos que muitos alunos envolvidos com atos de violência dentro e fora da escola são filhos de pais separados ou possuem famílias desestruturadas. Moram nas periferias e estão com um desempenho abaixo da média. Em todos os casos, as mães desconheciam as atitudes dos filhos e se recusaram a acreditar nas evidências que apresentamos para justificar a transferência dos alunos. Infelizmente é por isso que estamos tão preocupados, mas temos certeza que venceremos essa guerra. O Atheneu possui aproximadamente 2 mil alunos matriculados, e não é possível que uma minoria, composta por algumas dezenas, consiga manchar a história de uma escola tão tradicional", finalizou.

TIAGO LIMA /NJ



Uma das escolas públicas mais antigas de Natal, Atheneu tem sido palco de confrontos

Na Escola Estadual Winston Churchill, a situação não é tão diferente. Lá, os alunos também convivem com a invasão das torcidas organizadas e muitos alunos, vez ou outra, protagonizam badernas em frente ao colégio ou partem para a Praça Cívica, onde disputam o espaço com os estudantes rivais. Também é fato: a Garra Alvinegra é preferência. E os que comandam os corredores da escola não aceitam nada alusivo ao América. Qualquer insistência ou desobediência é confusão na certa. "Aqui é nós. Só dá ABC. A galera até pode torcer pra outro time, mas não pode se enfeitar e nem tirar onda. O bicho pega. Aqui dentro do colégio é complicado, mas lá fora é diferente. É a primeira coisa que a gente pergunta quando o aluno é novo. Se disser que torce pelo América, avisamos logo que é melhor procurar outro lugar para estudar", diz um rapaz de 17 anos, que se considera veterano no assunto. Aluno do Churchill há dois anos, o jovem, que também não quis se identificar, revelou que já foi armado à escola. "Meu revólver poderia ser útil. Ligaram pra mim logo cedo e disseram que ia ter porrada. Tava tudo marcado. Então peguei o 'berro', coloquei na mochila e fui me encontrar com a galera na frente da escola", contou o garoto. Em seguida, com feições de decepção, terminou a história contando que a polícia foi acionada e a briga evitada. "Fazer o quê? Eu tava todo animado. Aí os 'homens' chegaram e acabaram com a nossa festa", irritou-se.

"A escola sofre como um todo. Quando anunciam a invasão, mandamos fechar as portas. Angustiados, nos trancamos esperando que a polícia chegue logo. Ouvimos os rojões e o barulho das pedras. Infelizmente, vivemos quase uma guerra civil", descreveu o vice-diretor da escola, professor Osvaldo Garcia. Para ele, a repressão não resolve. "É preciso debater o assunto". Na opinião do educador, a televisão é a grande responsável pela violência. "O que podemos fazer? Eu pelo menos continuarei a minha luta diária de orientar e conversar com a juventude. Enquanto a educação não acontecer em tempo integral, conviveremos com essa mazela chamada violência. Aparentemente se culpa a família de estar ausente, mas não é correto culpar apenas os pais. O Estado tem sua parcela de responsabilidade por tudo isso que está acontecendo em nossa cidade. Os nossos filhos estão se matando por times de futebol. É tudo uma grande bobagem, uma miudeza. E mais preocupante ainda é não ver o governo agir", frisou o professor Osvaldo.

■Continua na pag. 34

Anderson Barbosa, do Novo Jornal
Fotos: Argemiro Lima

"Bandido bom é *bandido morto*"

"Eu tenho grandes amigos no Ministério Público, procuradores e promotores, mas infelizmente têm alguns que insistem nessa mania de perseguição contra mim".

"Estou sabendo que têm alguns elementos querendo me matar, querendo a minha cabeça numa bandeja".

NATURAL DE PAU dos Ferros, aos 68 anos de idade, o 'Xerife', como é mais conhecido e gosta de ser chamado o delegado Maurílio Pinto de Medeiros, hoje titular da Delegacia Especializada em Capturas e Polinter (Decap), continua polêmico. Cansou de ouvir dizerem que é insubstituível, embora ele próprio diga não acreditar. Faz o estilo comedido e discreto, mas quando provocado fala o que pensa. É considerado um policial que não alisa. Define-se como destemido e preza por princípios morais bem evidentes. Não esconde que adora ver bandido reagir e morrer. Apesar de envolvimento com denúncias - que vão de procedimentos irregulares até o comando de um esquadrão da morte; do caso dos 'Meninos de Ouro' às escutas telefônicas do 'Guardião' -, ainda assim Maurílio é respeitado. Goza do reconhecimento de seus pares e sustenta a preferência para cargos importantes dentro da cúpula da segurança pública. Perdeu as contas de quantos prendeu, não revela quantos matou, assume que tem gente querendo sua cabeça numa bandeja e assegura que é feliz com o que faz. A saúde anda debilitada em razão de um AVC. Aos leitores do **Novo Jornal,** ele conta sua trajetória e destaca fatos pontuais em sua carreira, como uma perseguição aérea inédita, que terminou com a morte de quatro assaltantes em Belém do Pará.

ARGEMIRO LIMA/NJ

Novo Jornal – Quando surgiu a vontade de ser policial e de trabalhar com a segurança pública?

Maurílio Pinto - Desde menino sempre me dediquei à área policial. Comecei seguindo o exemplo do meu pai, coronel Bento de Medeiros, conhecido em todo o Rio Grande do Norte como 'o caçador de pistoleiros'. Eu era menor de idade, tinha 16 anos quando participei de minha primeira operação, dirigindo para meu pai. Foi quando ele desbaratou o famoso 'sindicato do crime', uma grande quadrilha de assaltantes e matadores. Isso aconteceu na cidade de Patu, onde ele era delegado. Se não me falha a memória, isso aconteceu em 1958. Lembro também que, quando havia julgamentos na região Oeste, era eu quem fazia as diligências para a polícia. Era menor de idade, sem habilitação, mas já dirigia levando os presos para as audiências que aconteciam nas cidades.

A transferência para Natal veio quando?

Assim trabalhei até 1960, quando meu pai veio transferido para Natal e assumiu o Dops (Delegacia de Ordem e Polícia Social), que na época era o braço direito do secretário de Segurança – como se fosse hoje a Delegacia Geral de Polícia. Então nesse ano eu fui servir à Aeronáutica, passando dois anos como militar. Quando voltei, fui novamente trabalhar com meu pai. Mesmo sem ser funcionário, como voluntário, sem ganhar nada, atuei como auxiliar de polícia ajudando nos trabalhos do Dops. Foi somente no dia 1º de julho de 1964, por meio do general Ulisses Cavalcanti, que era o secretário de Segurança, que fui contratado como motorista policial. Oficialmente, foi nesse ano que eu ingressei na polícia. Posteriormente fiz concurso para investigador de polícia, escrivão e, por último, quando terminei o curso de direito, em dezembro de 1975, fiz outro concurso e me tornei delegado de polícia.

Já em 1º de março de 1976 fui nomeado coordenador de polícia da capital, cargo criado pelo coronel Veiga (João José Pinheiro Veiga – conselheiro mais antigo do Alecrim Futebol Clube, falecido em 12 de dezembro de 2008), que tinha acabado de assumir a Secretaria de Segurança do RN. Lembro muito bem do coronel Veiga, porque foi ele quem me lançou como delegado de polícia. Brincava com ele e dizia: - foi o senhor quem me lançou delegado. Passei exatos 21 anos, de 1976 a 1997, para resumir, exercendo chefias: em coordenadorias, departamentos e secretário adjunto. E hoje, estou aqui, como titular da Delegacia Especializada em Capturas e Polinter (Decap).

Após sofrer denúncias dos Direitos Humanos, que o acusou de chefiar um grupo de extermínio, o senhor sofreu a sua primeira exoneração, então como secretário adjunto de Segurança Pública no governo de Garibaldi Alves Filho. Considera isso uma manchou na sua carreira?

Claro que não. Primeiro porque considero os Direitos Humanos, o tal do Centro de Direitos Humanos e Memória Popular, que existe até hoje, como um objeto sem credibilidade, meio apagado, sem atividade. Para explicar melhor, tudo começou em 1996, quando fui acusado de comandar um grupo de extermínio. Inventaram histórias a meu respeito e sobre os policiais que trabalhavam comigo. Diziam que eu comandava os 'meninos de ouro', uns sete ou oito agentes que me auxiliavam nas investigações e nas operações policiais. Que eu mandava matar gente, inclusive o advogado **Gilson Nogueira**. Tudo mentira. Sou um homem que combate os grupos de extermínio.

Foi justamente nessa época que passaram a me chamar de 'Xerife'. Por conta disso, sofri uma pressão muito grande. Pressão essa, inclusive, que caiu sobre o governador Garibaldi Filho. Lembro que o ministro da Justiça da época, Nelson Jobim, e o procurador da República, Geraldo Brindeiro, mandaram ofícios ao governador pedindo a minha exoneração.

o caso

O advogado Gilson Nogueira de Carvalho foi assassinado em 20 de outubro de 1996, na entrada de seu sítio, na comunidade Ferreiro Torto, em Macaíba. Gilson era, junto com Roberto Monte, coordenador do Centro de Direitos Humanos e Memória Popular (CDHMP) e estava investigando denúncias envolvendo o grupo de extermínio chamado 'Meninos de Ouro', e também o envolvimento do então secretário adjunto de Segurança Pública Maurílio Pinto de Medeiros, na formação e homicídios deste esquadrão da morte. Na ocasião em que foi morto, Gilson Nogueira chegava a seu sítio em companhia de uma jovem. Em junho de 1997, as investigações sobre o assassinato de Gilson Nogueira foram encerradas a pedido do promotor de Justiça José Augusto Peres Filho, que solicitou o arquivamento do inquérito policial sem a indicação de nenhum indiciado. O pedido foi acatado pela juíza Talita de Borba Maranhão e Silva e o inquérito policial foi arquivado em definitivo no dia 19 de junho daquele ano.

O governador aceitou o pedido para demiti-lo?

Logo de início Garibaldi não aceitou e negou vários desses pedidos. Ele dizia que só me afastaria se as denúncias fossem comprovadas. Só que o Nelson Jobim veio pessoalmente conversar com o governador. Depois disso Garibaldi mandou me chamar e disse: - Maurílio, já respondi vários documentos dizendo que só lhe afastaria se me apresentassem as provas. Mas o ministro tomou café lá em casa e pediu para que eu lhe afastasse porque a Polícia Federal estava investigando a morte do advogado Gilson Nogueira, em Macaíba. Mas, se não comprovarem nada, você retorna ao cargo. Assim, vou atender ao pedido do ministro. Daí eu respondi: - governador, podem mandar Polícia Federal, FBI, qualquer um. Eu garanto que não vão provar nada, porque eu não tenho culpa nenhuma pela morte desse advogado. E Garibaldi disse: - eu sei que você não deve nada, mas vamos esperar a conclusão do inquérito.

Pois bem, passaram os 60 dias e não se chegou à conclusão nenhuma. Depois, decidiram prorrogar por mais dois meses as investigações. E novamente nada de resultado. Passei então quatro meses afastado. Depois desse tempo todo, e nada do inquérito ser concluído, e como o estado não permitia mais outro afastamento, além dos 120 dias, fui exonerado do cargo de secretário adjunto. Isso foi no dia 1º de março de 1997, coincidentemente, 21 anos depois de minha nomeação como coordenador de Polícia Civil. Por fim, passei mais um mês de 'férias' e fui nomeado para comandar a Polinter.

O senhor já se defendeu e ainda responde a várias denúncias. Tem fama de ser um delegado 'linha dura' e já deu declarações consideradas fortes. Tudo isso lhe transformou em um homem polêmico?

Eu não sou polêmico. Sou um profissional da segurança pública. É claro que já respondi a várias denúncias e ainda respondo a alguns processos. Mas não me arrependo de nada que fiz ou que falei. Sobre as denúncias, algumas eu até gosto de destacar para mostrar que não sou esse bicho feio que acham que eu sou. Tem o caso de uma operação que eu mandei fazer na cidade de Nísia Floresta. Desta, até meu filho participou. Um camarada lá, um bandido perigoso, acusado de homicídios e estupros, reagiu e foi baleado na perna. Prestamos socorro e tudo, mas acabei sendo indiciado. O Ministério Público considerou a operação ilegal. Só que o juiz de Nísia Floresta me absolveu. Uma promotora até recorreu, só que o Tribunal de Justiça também me inocentou.

E tem outra: uma diligência que eu mandei fazer lá em João Pessoa, na Paraíba. Era pra prender um bandido. Só que ele tentou escapar. Aí os agentes atiraram nele e ele morreu. Por causa disso fui indiciado de novo. O júri foi lá na Paraíba e o promotor de João Pessoa, ao invés de acusar os policiais, acusava a minha pessoa. Enfim, os policiais foram absolvidos e eu também.

Percebe-se que o Ministério Público acompanha de perto o seu trabalho. E vez ou outra o senhor acaba tendo que responder por alguns procedimentos que os promotores consideram ilegais. O MP lhe persegue?

Eu acredito que sim. Alguns membros realmente me perseguem. Eu tenho grandes amigos procuradores e promotores, mas infelizmente têm alguns que insistem nessa mania de perseguição contra mim.

"Dona Wilma acertou em escolher Agripino como secretário. Foi muito feliz, uma escolha técnica. Como profissional, estou satisfeito com o trabalho dele.

Então o caso do 'Guardião', onde o senhor responde por ter realizado escutas telefônicas ilegais, seria, na sua opinião, mais uma tentativa do Ministério Público de punir sua conduta profissional?

Todos os dias o meu advogado, doutor Cleto Barreto, me dá informações sobre os processos. São mais de 30, todos sobre o caso do 'Guardião'. Eles deveriam juntar todos esses processos num só. É muito desgastante ficar respondendo um por um. Mas sobre isso eu já falei e repito: se for condenado, terei um imenso orgulho, já que fiz tudo com minha consciência tranquila. Não fiz nada de errado. E se for condenado por fazer o bem e procurar bandidos, serei com orgulho.

Fora o Ministério Público, que o senhor afirma insistir em lhe perseguir, o delegado Maurílio Pinto tem inimigos?

Inimigos eu tenho. É tanto que, agora recentemente, fiquei sabendo que tem alguns elementos querendo me matar, querendo a minha cabeça numa bandeja. Recebi essas informações, mas só não posso dizer quem são agora porque estamos apurando. E nem adianta me perguntar se são pessoas envolvidas com grupos de extermínio, se são policiais ou coisa do tipo. Deixa primeiro eu confirmar quem são eles.

"Eu vivo dizendo que vou me aposentar, mas já vi que vou completar 70 anos de vida e encerrar minhas atividades policiais obrigado pela compulsória".

Aproveitando o assunto, o senhor sabe que existem grupos de extermínio atuando, principalmente, na Grande Natal. Quantos são e quem faz parte desses esquadrões da morte?

Claro que sei. Tem vários grupos. Tem muita gente pra morrer, posso afirmar com certeza. Eu mesmo recebo denúncias sobre policiais que matam bandidos e extorquem dinheiro. Aliás, eles matam qualquer um que atrapalhe seus interesses. É a droga como sempre, corrompendo. E quanto aos presos que estão sendo executados assim que saem para o semi-aberto, não tem nada de coincidência. É tudo obra de um grupo de extermínio formado na zona Norte da cidade. Gente que possui informações privilegiadas de dentro do Presídio Provisório Raimundo Nonato Fernandes. E não se trata apenas de mais uma quadrilha. Essa é bem pior. Têm outras que matam por vingança. Eu até acho engraçado isso. Como eu já disse, sou um homem que combate os grupos de extermínio, embora já tenha sido acusado de encabeçar um.

Se o nomeassem para a Delegacia Especializada em Investigação e Combate ao Crime Organizado com a missão de combater diretamente esses esquadrões da morte, o senhor acredita que teria condições de resolver o problema?

O que acontece é que o Ministério Público acha que eu pertenço a um grupo de extermínio, quando, na verdade, eu sempre combati isso. E posso dar exemplos: desarticulei um grande grupo que atuava em São Miguel, chamado 'sindicato do crime', que inclusive agia em várias cidades do Ceará. Também fui o responsável por desbaratar um grupo de extermínio aqui em Natal, composto por policiais militares e auxiliares de polícia civil.

Inclusive, no grupo mais recente que a polícia desarticulou, o de **'João Grandão',** até me pediram para eu colaborar com as investigações. Só que, quando aconteceu a morte do advogado Gilson Nogueira, com os familiares dele e os Direitos Humanos acreditando que eu tinha envolvimento com o grupo, eu preferi não movimentar uma palha. Se eu participasse, iam dizer que era armação. Então preferi me afastar.

Naquela época, eu lembro inclusive que tive uma raiva muito grande. O fato é que tinha um travesti chamado Carla, que fazia investigações particulares sobre a morte de Gilson Nogueira. E esse travesti depois foi assassinado. E, para surpresa minha, eu tomei conhecimento que esse camarada, esse travesti, tinha dado depoimento na promotoria dizendo que, se ele morresse, eu seria o responsável. Por causa disso, eu acabei sendo ouvido pela OAB, Polícia Federal e pelo Ministério Público. E sabe o que eu disse? Falei que tinha achado muito boa a morte dele. Claro que não tinha nada com o assassinato do travesti, mas, sinceramente, disse que tinha achado bom. Por tudo isso, eu prefiro não investigar mais grupo de extermínio nenhum. Sei quem são, mas prefiro nem dizer os nomes. Deixa o Ministério Público apurar, quem for de competência da polícia investigar. Mas, se os promotores me chamarem, eu tenho muita informação para dar.

Após sofrer denúncias dos Direitos Humanos, que o acusou de chefiar um grupo de extermínio, o senhor sofreu a sua primeira exoneração, então como secretário adjunto de Segurança Pública no governo de Garibaldi Alves Filho. Considera isso uma manchou na sua carreira?

Não recebi convite nenhum. Se recebesse, agradeceria com muita honra. Claro que ficaria feliz em encerrar minha carreira como secretário, mas minhas condições físicas não me permitem exercer essa função. Sobre o secretário Agripino, acho que ele está fazendo um bom trabalho. Dona Wilma acertou em escolher Agripino como secretário. Foi muito feliz, uma escolha técnica. Como profissional, estou satisfeito com o trabalho dele. Na área de diligências, de operações, de inteligência, ele está fazendo um bom trabalho. Muitos bandidos estão morrendo nessas operações e eu acho tudo isso muito bom. Não que eu esteja fazendo apologia à violência, mas acho bom quando o bandido reage e morre. Muitos me criticam porque eu acho que bandido bom é bandido morto. Mas a verdade é que eu acho muito bom ver bandido morto.

E em relação às críticas ao secretário?

Quanto às críticas que o secretário está recebendo, isso é normal. Também já criticaram outros secretários. Acho que tudo vem de pessoas que fazem oposição à governadora. A imprensa cai muito em crime dizendo isso e aquilo sobre a violência, mas eu sempre destaco que há uma diferença muito grande entre índices de violência e índices de criminalidade. Índice de criminalidade envolve tudo, furtos, roubos, mortes. Mas a violência não assusta tanto assim. Eu continuo afirmando: Natal está entre as capitais menos violentas do Brasil. Aqui no Rio Grande do Norte, se a gente comparar com outros estados, não vemos tantas barbaridades assim. Em Brasília, por exemplo, invadiram o Quartel General do Exército e ninguém solucionou o que aconteceu. Lá no Rio de Janeiro, os bandidos derrubaram até helicóptero. E aqui pertinho, em Pernambuco, invadiram uma delegacia e levaram 58 armas, entre pistolas e metralhadoras. E o que acontece aqui? Em São José do Mipibu, levaram três armas e soltaram um preso. Só por causa disso a imprensa fez um estardalhaço maior do mundo. Um fato isolado, fichinha como se diz.

Ao longo destes mais de 40 anos como policial civil, que fato marcou sua carreira?

O fato policial que eu guardo na memória como um dos mais importantes da minha carreira foi o assalto ao Banco do Nordeste (BNB) da cidade de Assu, ocorrido há cerca de 20 anos, ainda no governo de Geraldo Melo. Uma quadrilha invadiu a agência e fez vários funcionários reféns, inclusive o gerente, que foi sequestrado.

Foi algo inédito no país, já que fizemos a única perseguição aérea a bandidos que eu tenho conhecimento. Após o assalto, eles fugiram num avião do governo do Estado, exigido por eles. Então nós os seguimos a bordo de outra aeronave, cedida pelo próprio BNB. Primeiro tentamos interceptá-los na cidade de Teresina, no Piauí, mas não deu certo. Só fomos conseguir prendê-los em Belém do Pará, onde houve troca de tiros na pista do aeroporto e quatro assaltantes morreram. Libertamos o gerente do banco, que foi resgatado sem sofrer um arranhão sequer. O líder do bando foi capturado e todo o dinheiro recuperado.

E quanto ao futuro. Quais são os planos do Xerife?

Eu vivo dizendo que vou me aposentar, mas já vi que vou completar 70 anos de vida e encerrar minhas atividades policiais obrigado pela compulsória. E que fique bem claro para todo mundo: não tenho nenhuma vontade de concorrer a cargo nenhum. Não sou candidato e nem tenho pretensões políticas.

o caso

O ex-soldado da Polícia Militar João Maria da Costa Peixoto, o 'João Grandão', é acusado de comandar um grupo de extermínio formado por policiais militares, desbaratado no início de março de 2005, depois de mais de um ano de investigação da Delegacia Especializada de Homicídios (Dehom). Ao todo, 16 foram presos. Alguns deles, inclusive, respondem a outros processos por tentativa de homicídio, porte ilegal de armas, tentativa de extorsão e adulteração de veículo. Segundo a polícia, o grupo é suspeito de ter cometido 26 homicídios. Além de 'João Grandão, os PMs Ronaldo Erasmo Galdino de Lima, Roberto Moura do Nascimento, Thiago Vale Rabelo, Francisco Augusto Pereira, Carlos Costa Elias Isphair, José Teixeira Neto, Manoel da Costa Peixoto, Edivan de Medeiros Dantas, Horácio Dantas de Oliveira e Isaac Vale Rabelo também respondem a processo por formação de quadrilha na 6ª Vara Criminal e por homicídio na 3ª Vara Criminal da capital. Apontado como líder do grupo, João Grandão encontra-se hoje detido na Superintendência da Polícia Federal, em Natal. Há informações que ele pode ser transferido para a penitenciária federal de Mossoró nos próximos dias.

"A culpa não é da droga, mas da fome de reconhecimento"

■Continuação da pag. 31

Paralelamente à ausência familiar e à falta de investimentos sócio-educacionais, o fenômeno da violência entre os jovens precisa ser encarado sob uma ótica diferente. Não é a droga que está levando o adolescente a ingressar nas gangues, mas a fome de reconhecimento social. A compreensão acima é do professor de sociologia Edmilson Lopes, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nos últimos meses, ele tem desenvolvido pesquisas sobre crime organizado, violência e sofrimento social, além de estar concluindo uma dissertação de mestrado que trata do perfil de jovens vítimas da violência em Natal.

Questionado sobre essa violência em particular, logo de cara o professor desafia a sociedade. "Essa agressividade nos põe um desafio. Primeiro todos precisam entender o que se passa na cabeça desses jovens. Todos buscam uma resposta rápida, mas é preciso entender que e existe uma fome de reconhecimento social. E é cruel saciar essa fome numa sociedade que prioriza a cultura do 'ter' e do 'possuir'. Infelizmente, hoje, as escolas e a própria família não suprem os valores morais, justamente a cultura que está ficando de lado. A culpa não é da droga. Eu não acredito nisso. A culpa é da fome de reconhecimento, da necessidade de estar junto, de ter identidade, de pertencer a algo ou alguma coisa".

"Hoje a escola não dá visibilidade ao jovem; o adolescente enxerga a instituição como uma obrigação, um ambiente chato e tedioso; isso precisa ser mudado"

Ainda segundo Edmilson, "também podemos entender essa violência como um ritual de passagem da adolescência para a fase adulta. No caso dos meninos, a disputa teatralizada, com filmes postados no You Tube, por exemplo, faz valer a pena ser agressivo. Estou falando da performance de masculinidade. No vídeo, os garotos aparecem como homens valentes, batendo, impondo, humilhando. São os donos do pedaço, os senhores de tudo. E as meninas gostam disso. Quanto mais chocante e ousado o ato de violência, mais garantida será a conquista da namorada. E o contrário também acontece. Há meninas que entram nas brigas para mostrar ao parceiro que também são valentes,que dominam seus grupinhos de amigas", acrescentou.

Por fim, de acordo com o professor, somente através de uma repressão qualificada, com informações, monitoramento e uma educação sólida, a sociedade poderá encontrar soluções para o problema. "Já seria um bom começo. Hoje a escola não dá visibilidade ao jovem. O adolescente enxerga a instituição como uma obrigação, um ambiente chato e tedioso. Precisamos reconhecer também que esse ambiente escolar tradicional precisa ser mudado", finalizou.

Mais de 200 adolescentes respondem a processos na Vara da Infância e Juventude

FOTOS: TIAGO LIMA/NJ

Sociólogo Edmilson Lopes prepara tese de mestrado sobre violência juvenil

Embora a Delegacia Especializada de Atendimento ao Adolescente Infrator só contabilize algo em torno de duas dezenas de ocorrências envolvendo a participação de jovens nas rixas entre gangues, a quantidade de adolescentes que respondem na justiça por delitos decorrentes desse envolvimento é dez vezes maior. Segundo dados da 1ª Vara da Infância e Juventude, dos 1.058 processos que atualmente tramitam em aberto, pelo menos 25% das ocorrências nasceram da guerra entre as gangues.

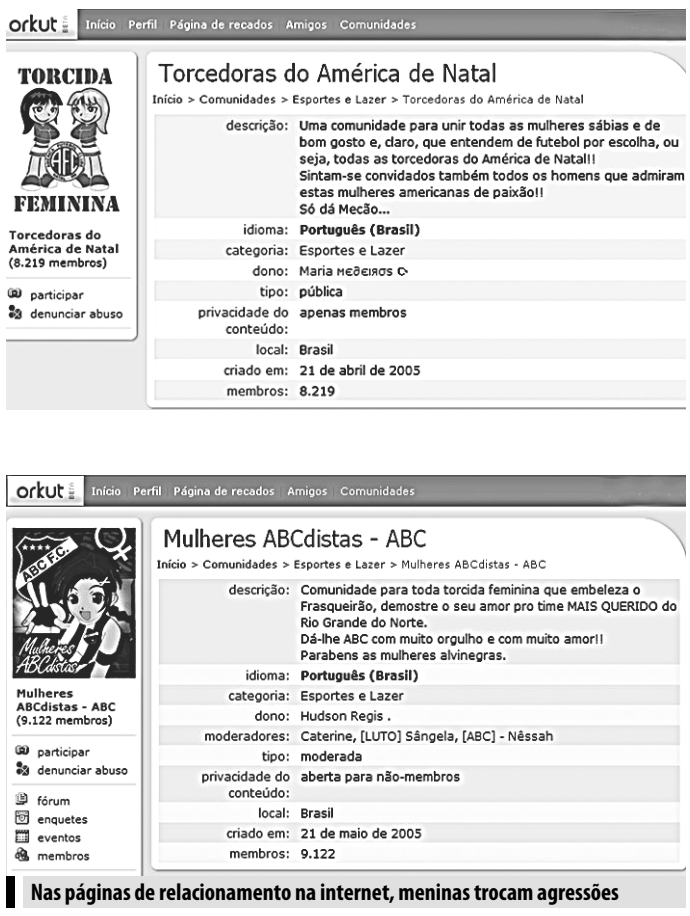
"É importante frisar que deste total há adolescentes que praticaram os mais variados crimes, como assaltos, furtos e homicídios. No entanto, pela experiência que nós temos aproximadamente 200 desses jovens respondem por problemas causados pelas gangues", informou o juiz José Dantas de Paiva.

Para o magistrado, a questão principal a ser debatida não está somente na quantidade de adolescentes vítimas ou culpados dessa violência, mas na razão.

Para o juiz José Dantas de Paiva, que critica a ausência de políticas sociais e de lazer, comportamento violento dos jovens é como um pedido de socorro

"Eu interpreto como um pedido de socorro dessa juventude. Faltam políticas sociais e áreas de lazer. São jovens que querem se tornar pessoas visíveis, que querem aparecer para a sociedade. E como não encontram, vem a violência e proporciona essa aparição", disse José Dantas, acrescentando que "a ausência da família faz o jovem procurar na rua o que ele não encontra em casa".

A acusação feita pelo delegado da DEA, denunciando que a Polícia Militar está agindo de forma errada ao liberar os adolescentes apreendidos e não os encaminhando à delegacia especializada, tem a corroboração do juiz José Dantas de Paiva. "Isso contraria o procedimento que nós pregamos", destaca o magistrado. Para ele, a conduta cria e alimenta, de forma reiterada, a cultura da impunidade. "E o resultado disso é que o jovem não está nem aí. Para o infrator, tanto faz ser preso uma, duas ou dez vezes. Ou seja, ele sabe que se brigar não vai acontecer nada. A polícia chega, faz aquele famoso baculejo e depois libera. Isso não está correto. É assim que a PM acha que vai acabar com essa guerra? Eu tenho certeza que não", pontuou.



Nas páginas de relacionamento na internet, meninas trocam agressões

"SOMOS BONITINHAS, MAS NÃO SOMOS BOAZINHAS"

Não há números que determinem quantos são os jovens envolvidos ou que participam com frequência das gangues de torcida organizada na capital. No entanto, a presença cada vez mais visível de meninas acompanhando os jogos e, de certa forma também envolvidas nas brigas, demonstra, segundo o capital da PM Correia Lima, que a violência não distingue sexo. Como já foi dito pelo policial, "é impressionante o ingresso cada vez maior de meninas nesse meio".

Na internet, por exemplo, após uma rápida pesquisa sobra as comunidades que usam o nome das torcidas organizadas TMV e Gang Alvinegra, é fácil encontrar algumas criadas e utilizadas exclusivamente pelas garotas torcedoras. Quatro dessas comunidades chamam a atenção pelo número de membros e pelo conteúdo postado. Da Torcida Máfia Vermelha existe uma facção chamada 'Gatas da TMV', que contém 1.327 membros. Em outra comunidade, também alusiva ao América, intitulada 'Torcida Feminina: Torcedoras do América de Natal', 8.219 jovens compartilham da mesma ideologia e pregam: "Abcedista que fizer palhaçada é melhor fugir do Orkut! Não iremos perdoar!", diz uma postagem de apresentação.

Pelo lado do ABC existe a comunidade 'Mulheres ABCdistas', com 9.122 membros. Já a comunidade 'Garra Alvinegra: Comando Feminino', com 2.134 membros registrados, explica bem o sentimento das garotas: "Somos preto e branco eternamente. Defendemos as nossas cores em qualquer lugar. ABC por amor, Garra Alvinegra por paixão. Somos amigas respeitadas e queridas. Mexeu com uma, podes crer, mexeu com todas. Se quiser passar mal, encare o nosso bonde, pra tu sentir o que é disposição. Somos bonitinhas, mas não somos boazinhas".

Presença das meninas nas ocorrências envolvendo brigas de torcida tem sido cada vez maior

Rondas policiais não têm sido suficientes para conter o ímpeto violento dos jovens

Delegado acusa Polícia Militar de descumprir a legislação

Somente neste ano, segundo o comando da Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (Rocam) - companhia independente da Polícia Militar que geralmente chega primeiro para atender às ocorrências envolvendo as brigas entre os estudantes -, mais de 100 adolescentes foram detidos após causarem badernas, atos de vandalismo ou agressões pelas ruas da capital. "Destes, confesso que não sei dizer quantos foram levados à delegacia ou autuados. É muito difícil saber. Quando chegamos ao local da confusão, os jovens são detidos e chamamos os pais. Aos poucos eles vão sendo liberados. Apreensão, só se encontrarmos drogas ou armas, o que quase não acontece nessas situações", revelou o capitão Marlon de Gois.

Em busca desta estatística, o **Novo Jornal** procurou a Delegacia Especializada de Atendimento ao Adolescente Infrator, localizada na Cidade da Esperança. À reportagem, o delegado Júlio César Barbosa da Costa informou que, de janeiro até o final de outubro, pouco mais de 10 menores tinham sido autuados por rixa de gangues.

Para explicar o pequeno número de ocorrências, ele atribuiu culpa à PM, teceu críticas à forma como a polícia ostensiva vem combatendo esse tipo de delito e ainda denunciou a corporação por não cumprir a lei. "A falha é da Polícia Militar, que

Júlio Cesar Barbosa diz que policiais militares não têm autoridade para liberar os adolescentes apreendidos: "a falha é deles"

não tem autoridade para liberar os adolescentes. Poucos menores foram autuados porque a PM não cumpre a lei. Se houve a detenção, é porque houve indício suficiente, flagrante ou materialidade do delito. Como é então que eles liberam os infratores? Só o delegado, após apurar a ocorrência, é quem pode dispensar o apreendido", afirmou, emendando que ficou surpreso quando soube pela mídia que mais de 50 adolescentes haviam sido apreendidos após uma pancadaria generalizada na abertura dos JERNS, na quadra do IFRN, o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (antigo Cefet) e que se alastrou pelas imediações do shopping Midway Mall. "Quer saber o resultado disso tudo? - Ninguém foi trazido à delegacia. E como ninguém foi autuado, consequentemente nenhum menor foi responsabilizado. Em outros casos, o policial leva o menor para a delegacia do bairro. Pior ainda, pois o jovem não será submetido a nenhum Termo Circunstancial de Ocorrência (TCO), acabará solto do mesmo jeito e a família nem tomará conhecimento do fato", concluiu.

Ainda de acordo com o titular da DEA, quando a polícia conduz o menor à delegacia, todo o procedimento é realizado. "Aqui, dessas 20 ocorrências que recebemos este ano, todos foram autuados, alguns por rixa (art.137 do Código Penal) e outros também por lesão corporal (art.129). Em seguida, o jovem é submetido a uma medida sócio-educativa prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente que resulta em audiência com o Ministério Público. Após a lavratura do procedimento, o menor infrator é liberado aos pais e marca-se essa audiência, onde o juiz decidirá pela remissão (perdão), seguida de prestação de serviços públicos, ou até mesmo em encaminhamento aos Centros Educacionais (Ceduc), onde o jovem pode ficar confinado três anos no máximo.

ART&C

TER SER TER SER TER

30 ANOS É OUTRA HISTÓRIA.

INTERNACIONAL É OUTRA HISTÓRIA.

INFRAESTRUTURA E CORPO DOCENTE
DIFERENCIADOS É OUTRA HISTÓRIA.

A MAIOR UNIVERSIDADE PRIVADA DO
NORDESTE É OUTRA HISTÓRIA.

UMA NOVA FONTE DE INFORMAÇÃO,
QUE CHEGA PARA SOMAR A
TUDO ISSO É OUTRA HISTÓRIA.

BEM-VINDO, NOVO JORNAL.

30 Anos UnP
UNIVERSIDADE POTIGUAR
Laureate International Universities®
Uma universidade da rede:
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES
www.unp.br

ART&C

3 anos, vários sonhos realizados e outros em fase de acabamento.

Apesar da pouca idade, já trabalhamos como gente grande. Temos 88.788,67m² de área total em construção, com mais de 900 unidades vendidas, abrigando inúmeros sonhos. Que não cansamos de realizar e mostram cada vez mais a nossa credibilidade.

Porto do Alto
100% vendido e obras em fase de conclusão

Jardins do Alto
100% vendido e obras em fase de conclusão

Natture
100% vendido em 1 mês e obras em fase de conclusão

PLANEJE-SE. EM BREVE,
UM NOVO SONHO NA ABEL CABRAL:
AQUARELLE CONDOMÍNIO CLUBE

ESTRUTURAL

www.estruturalbrasil.com.br
(84) 4006.0300

| VOTO | Um dos bairros mais pobres de Natal, Felipe Camarão concentra o modelo mais atrasado de prática política: o clientelismo

O último CURRAL

São mais de 50 mil pessoas vivendo em 13 mil moradias distribuídas em 650 hectares. Se é em números e com base em indicadores sociais pouco confortáveis que pode ser medido o tamanho do bairro de Felipe Camarão, um dos maiores de Natal - e entre os mais pobres -, é também como exemplo típico de comunidade vítima do atraso que essa parcela de habitantes da Zona Oeste pode ser definida. Lá, o vereador Adão Eridan consolidou uma carreira. Ele distribui de remédio a caixão.

Ambulância mantida pela fundação do vereador Adão Eridan, com adesivo de propaganda política: retrato sem retoques do tipo de assistência social prestada em Felipe Camarão

ESTAMOS ENTRE OS DESTAQUES DESTA DÉCADA.
PARA SER MAIS EXATO, DAS ÚLTIMAS CINCO.

A Santa Marta vem fazendo história. Desde a década de 60, quando foi inaugurada, até hoje, dá uma mãozinha aos criadores e às suas ideias. Porque nosso objetivo é torná-las ainda melhores. São recursos gráficos, projetos especiais, impressão de qualidade, tudo para que seu produto fique entre os melhores. E se destaque no mercado.

1960
1970
1980
1990
2000

DA/DPA/dvp

gráfica santa marta
www.graficasantamarta.com.br

Oral Way
Odonto Center

ALGUNS HÁBITOS SÃO TÃO INDISPENSÁVEIS QUANTO ESCOVAR OS DENTES E IR AO DENTISTA. A LEITURA É UM DELES.

Seja bem-vindo, Novo Jornal.

Trabalhar com o que há de melhor em tecnologia é essencial.

Seja na hora de criar um veículo de comunicação de primeira linha

ou na hora de oferecer os melhores serviços.

Por isso, a Oral Way Odonto Center investe em inovação e no que há

de mais moderno na área odontológica, oferecendo os melhores

profissionais, equipamentos e serviços para você manter seus

dentes saudáveis e seu sorriso sempre bonito.

Tudo com a facilidade de ter horário estendido no Midway Mall e

uma localização privilegiada no Sea Way, na estrada de Ponta Negra.

ATENDIMENTO MIDWAY:
3646.3306
Segunda a sábado: 10h às 22h
Domingos e feriados: 15h às 21h

ATENDIMENTO SEA WAY:
3642.1967
Segunda à sexta-feira:
8h às 18h

Oral Way
Odonto Center
A marca do seu sorriso no Midway

CRO/RN-1242

www.oralway.com.br

Adão Eridan, coronel à moda antiga

Lívia Aires,
especial para o Novo Jornal
Fotos: Magnus Nascimento

A fundação do vereador providencia funeral para quem não tem condições e oferece até ônibus para levar famílias ao enterro

"QUEM É QUE tem R$ 500,00 para pagar em um exame?", questiona a doméstica Maricélia Silva, moradora do bairro de Felipe Camarão. Ela diz que precisa do exame, que não conseguiu marcar indo ao posto de saúde do bairro, e não vê outra forma de conseguir realizá-lo a não ser recorrendo à Fundação Maria Neuzelides. "Se não for aqui, não tem jeito. Tenho um exame para ser marcado desde junho, aqui consigo em 15 dias. Vou buscar a requisição para marcar por aqui", completa.

A entidade em questão é a Fundação Maria Neuzelides de Alencar Andrade, idealizada pelo vereador Adão Eridan, entidade cadastrada na Renipac (Rede Nacional de Instituições Prestadoras de Serviços Assistenciais Continuados), registrada oficialmente desde agosto de 1998, e funcionando de fato há cerca de 13 anos. A Fundação, cujo nome é uma homenagem à mãe do vereador, começou as atividades quando as pessoas da vizinhança batiam à sua porta para que ele prestasse socorro, levasse mulheres para a maternidade, a qualquer dia ou hora.

Hoje, a instituição possui quatro ambulâncias que prestam atendimento 24 horas e transportam pacientes para hemodiálise e fisioterapia, e para realizar exames, além de fazer a doação de cadeiras de rodas, remédios e cestas básicas montadas com os alimentos arrecadados da inscrição dos cursos de artesanato ministrados no local. Segundo Raimundo Fernandes, coordenador da fundação e irmão de Adão Eridan, quando as pessoas precisam de remédio apresentam a receita e eles providenciam. "Compramos em uma farmácia próxima daqui e pagamos por mês", informa.

A instituição também providencia o funeral para quem não tem condições e disponibiliza um ônibus para levar as famílias ao enterro. O caixão é doado pela Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social, mas a fundação providencia as flores. Raimundo Fernandes acrescenta que, como as pessoas do bairro sabem que podem contar com a ajuda da entidade sempre que precisarem, até o pagamento de conta de telefone já foi solicitado. "Mas nessas horas usamos o bom senso", completa.

Ainda no prédio da fundação, funciona o Centro Educacional Antonia Ester de Alencar Souza, escola destinada a crianças de 4 a 6 anos, dos níveis III e IV. O diretor do Centro Educacional, José Bezerra, que atende hoje 115 alunos, diz que a escola é mantida através de convênio com a prefeitura e que recebe R$ 46,00 por aluno, valor usado para fazer pagamento dos 14 funcionários, incluindo os professores, comprar material escolar e merenda, e fazer a manutenção das instalações físicas do prédio. A fundação também possui dois gabinetes odontológicos, que estão desativados por falta de recursos. Nos fins de semana, o pátio da fundação é usado pelos moradores para festas de casamento e aniversário. Fernandes explica que é cobrada uma taxa simbólica de R$ 50,00 pelo aluguel para pagamento de uma pessoa que faz a limpeza.

Maricélia Silva acha que único meio de obter exames é recorrendo à fundação de Adão Eridan

"Se não for aqui, não tem jeito. Tenho um exame para ser marcado desde junho, aqui consigo em 15 dias".

Maricélia Silva

"Não faço em troca de votos, mas é a única contrapartida que a população pode me dar"

O reflexo do assistencialismo praticado pela Fundação Maria Neuzelides, que no bairro é chamada de 'a Fundação de Eridan', pode ser sentido nas urnas. Não é à toa que este já é o quarto mandato do vereador. Segundo estatísticas do Tribunal Regional Eleitoral, nas eleições municipais de 2008, Adão Eridan ficou em terceiro lugar no pleito com 9.945 votos, o equivalente a 2,44% dos votos válidos. Foi na 4ª Zona Eleitoral, que, além de Felipe Camarão, compreende os bairros de Cidade da Esperança, Cidade Nova, Lagoa Nova, Candelária, Pitimbu, Cidade Satélite, Planalto e Guarapes, onde o vereador obteve o maior número da capital, totalizando 6.283, mais de 65% da totalidade dos votos.

Mas o bairro definitivamente foi o grande responsável pela renovação de seu mandato. Das 207 seções da 4ª Zona Eleitoral, 49 delas ficam situadas em locais de votação de Felipe Camarão, onde o candidato obteve 4.993, quase 80% dos votos válidos, e dez vezes mais que o primeiro lugar em todo o pleito, Paulo Wagner. Só em Felipe Camarão, Adão Eridan obteve mais votos do que osobtidos por ele nas outras zonas eleitorais. Este número também é maior que a somatória dos 10 candidatos mais votados no bairro.

Para Adão Eridan, que encara tudo com muita naturalidade, os números são uma consequência natural do trabalho realizado por ele. "Fazer o bem sem olhar a quem", afirma, e completa que, ao contrário de muitos outros políticos, não impõe condição ao ajudar. "Não pergunto de onde é, se a pessoa vota aqui, nem peço número do título. Me pedem e eu ajudo. Não faço em troca de votos, mas é a única contrapartida que a população pode me dar". Diz também que toda a estrutura e prestação dos serviços são mantidos "no sufoco", e que para continuar ajudando, além de pegar dinheiro empresado, retira do próprio salário. Hoje, de acordo com o Setor de Recursos Humanos da Câmara Municipal, um vereador recebe por mês R$ 9.222,00.

Do CE, o prestamista

Nascido em uma família de agricultores no Sítio Jatobá, município de Aiuaba, estado do Ceará, Adão Eridan chegou ao Rio Grande do Norte há 26 anos, para trabalhar como prestamista, vendendo produtos de porta em porta. Foi assim que começou a conhecer as pessoas e a identificar as necessidades do bairro. "Quando cheguei aqui, não tinha uma rua calçada". Participando das reuniões de conselho comunitário, foi incentivado a tentar a carreira política. Na primeira eleição que participou, em 1992, não foi eleito. Candidatou-se novamente em 1996, e ainda com cédulas de papel obteve 4.322 votos, sendo eleito para seu primeiro mandato. Ainda hoje seis de seus irmãos trabalham como prestamistas.

Foi nesta campanha que assumiu o compromisso de não sair do bairro, onde mora até hoje. A casa do vereador fica localizada ao lado da fundação, e a movimentação de pessoas é grande. "Até aos domingos as pessoas batem na porta para pedir as coisas", revela o vereador, que no início usava seu carro particular nas ocorrências. Quando se elegeu pela primeira vez comprou o primeiro carro zero, para transformar em ambulância. Desde então, continua fazendo o mesmo trabalho de quando começou, e se mantendo no poder.

"Até aos domingos as pessoas batem na porta para pedir as coisas"

Vereador Adão Eridan

Sem a unanimidade

O poder de voto de Adão Eridan pode ser confirmado por reações como a da comerciante Terezinha Dantas, de 76 anos, que é de Caicó e mora em Natal há apenas quatro anos. Mudou-se para a capital por causa da faculdade do filho, e acha Felipe Camarão um bom lugar para morar. Para aumentar a renda e passar o tempo, ela dividiu ao meio a casa de apenas um cômodo onde mora e montou uma lojinha onde vende roupas. Como é mais nova na vizinhança, dona Terezinha nem sabe direito o nome dele: "Eu nem o conheço, mas sei que ajuda todo mundo aqui. Caminhão de mudança, ônibus para velório, o que precisar. Meu filho mesmo já precisou de um local para organizar uma reunião para a faculdade e foi ele quem arranjou tudo". E completa: "Nem voto aqui, mas se votasse, meu voto seria dele".

Na Câmara Municipal, só este ano Adão Eridan apresentou 129 requerimentos, dos quais 25 foram para beneficiar sua comunidade. Foram pedidos de implantação de linhas de transporte social, poda de árvores, drenagem, pavimentação, capeamento asfáltico, instalação de lombadas, iluminação, construção de passarela e de Unidade de Pronto Atendimento. E quando se fala em pavimentação, o vereador cita os nomes de todas as ruas que ainda faltam ser calçadas no bairro, em um total de 9 ruas.

Por outro lado, Elizeu Viana, dono de uma farmácia localizada em uma das principais ruas do bairro há 25 anos, não reconhece mais o trabalho que o vereador faz no bairro, e dá todos os créditos da ajuda recebida pelos moradores do bairro ao Conselho Comunitário, que é presidido por Francisco Cirilo da Silva. Para o comerciante, "Adão já ajudou. Hoje ele está sumido e quem vem ajudando é Cirilo. Inclusive meu filho foi encaminhado ao emprego depois de um curso oferecido pelo Conselho".

Ações sociais e eleitorais

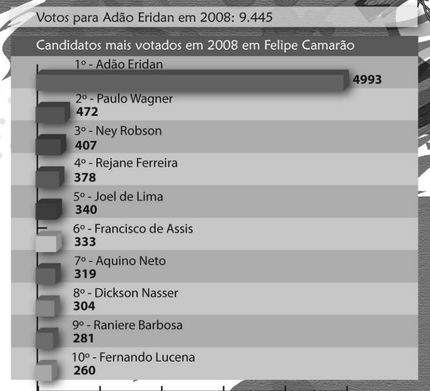
O bairro de Felipe Camarão, situado na Zona Oeste da cidade, possui indicadores sociais que preocupam. O Índice de Qualidade de Vida (IQV) é o 4° pior da capital, o que significa que seus moradores possuem a mais baixa renda, moram em domicílios com as piores condições de saneamento básico e possuem o mais baixo nível de escolaridade. O IQV, que é de 0,27, reflete diretamente nos índices de violência, e foi obtido através de estudo realizado em 2003 pela Secretaria Municipal de Planejamento, Fazenda e Tecnologia da Informação, comparando todos os bairros de Natal.

CULTURA

Outra instituição que atua no bairro, esta sem ajuda política, é a Conexão Felipe Camarão, que atualmente integra 400 crianças e jovens entre quatro e 24 anos, além de seus familiares que vivem em situação de risco social. Leonardo Silva, 11 anos, chegou há cinco meses ao Conexão por causa do primo. "Eu gostava e achava bonito o que ele fazia, aí pedi para vir também". Os jovens participam de oficinas de rabeca, flauta, percussão, musicalidade, lutheria de rabeca, têm aulas de interpretação, teatro e habilidades de circo, capoeira, e nas oficinas de moda confeccionam as roupas que usam nas apresentações.

Vera Santana, coordenadora do Conexão Felipe Camarão, explica que a ideia também é gerar renda, a partir das oficinas de moda. "Já temos muitas camisetas customizadas prontas. Vamos agora organizar a exposição e vender os produtos". Igor Elias tem 11 anos, é aluno das oficinas de teatro e técnicas de circo há 8 meses. Muito satisfeito com o que aprende, diz que não pensa em parar. "Por causa do Conexão estou cada dia mais conhecido por aqui", afirma, já gostando da fama.

Leonardo Silva, 11 anos, participa de oficinas do Conexão Felipe Camarão



- Em Felipe Camarão, Adão Eridan teve mais de 10 vezes o número de votos do segundo colocado;
- O número de votos destinados a Adão Eridan em Felipe Camarão é maior do que a somatória dos votos do 2° ao 10° colocados no mesmo bairro;
- A quantidade de votos para Adão Eridan no bairro de Felipe Camarão, situado na 4ª Zona Eleitoral, foi maior do que a somatória de todas as outras zonas;

Artistas como o flautista Carlinhos Zens participam de projetos no bairro

NAM - ESPAÇO VIDA E MOVIMENTO

O Núcleo de Amparo ao Menor, que também funciona em Felipe Camarão dentro do Espaço Vida e Movimento, atende 235 crianças e jovens com idade entre dois e 21 anos. Segundo Noranice Araújo, diretora da instituição, o principal objetivo do NAM é evitar que estas crianças vão para as ruas. "Veja bem: não tiramos as crianças da rua. Evitamos que elas vão para as ruas, onde elas só aprendem coisas inadequadas; aqui elas aprendem coisas boas", afirma.

As atividades oferecidas pelo NAM são educação infantil; Projeto de Habilidade de Estudo, em que as crianças frequentam as escolas da comunidade em um período e no outro recebem um complemento do conteúdo; teatro; oficina de música e cidadania; palestras mensais para alunos e família; bazar; projeto de sustentabilidade ecológica, onde são ensinados os três Rs – reclicar, reutilizar, reciclagem. As oficinas de coral, flauta doce e musicalização são as mais frequentadas. Noranice revela que por causa da grande procura, a ideia é ampliar este horizonte. "Para o ano que vem estamos pensando em montar uma filarmônica".

O NAM começou pelo trabalho de uma senhora chamada Vovó Albanira, moradora do bairro de Igapó, e que criava 17 crianças. Como não tinha condições financeiras, anunciou no jornal que precisava de ajuda. Depois que Vovó Albanira faleceu, as crianças voltaram para as suas famílias. Foi criado o Lar Espírita Vovó Albanira,depois denominado NAM – Núcleo de Amparo ao Menor.

CONSELHO COMUNITÁRIO

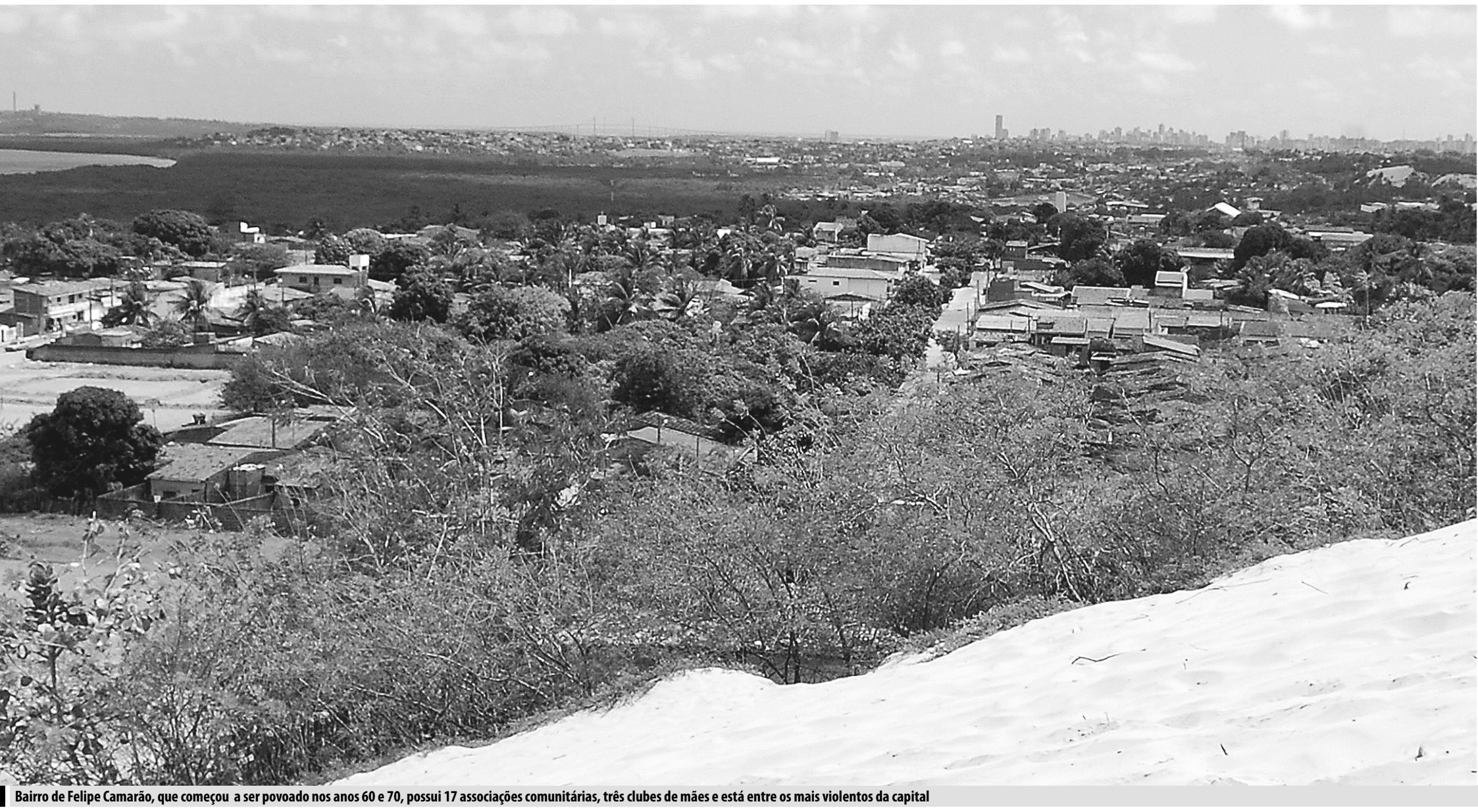
O Conselho Comunitário funciona há 33 anos e desde maio deste ano está oferecendo cursos de qualificação para o mercado de trabalho, voltados para jovens e adultos com idade entre 18 e 29 anos, dentro do Projeto Renda Mais, em parceria com o Governo do Estado. As aulas sobre "Cidadania", "Preparação para o 1° emprego" e "Qualidade no Atendimento" têm duração de dois meses, e o curso já formou três turmas de 120 alunos cada. Francisco Cirilo explica que a população com esta faixa etária não possui qualificação suficiente, em muitos casos por ter deixado de estudar quando mais novos para cuidar de filhos. Através de convênio firmado com várias empresas da cidade, os alunos formados são encaminhados para o primeiro emprego, e a estimativa é que cerca de 100 pessoas já estejam trabalhando.

- O bairro de Felipe Camarão foi o responsável por quase 80% dos votos válidos da 4ª Zona Eleitoral;
- O bairro de Felipe Camarão possui 7 locais de votação, com 49 seções, e 22.174 eleitores aptos a votar;
- Destes, 22,51% destinaram seus votos a Adão Eridan.

MASCULINO
>=70 anos=438 eleitores
18 a 69 anos= 11.059 eleitores
16 e 17 anos= 195 eleitores

FEMININO
>=70 anos= 551 eleitores
18 a 69 anos= 12.164 eleitores
16 e 17 anos= 228 eleitores

Antes de Felipe Camarão, bairro se chamava Reforma



Bairro de Felipe Camarão, que começou a ser povoado nos anos 60 e 70, possui 17 associações comunitárias, três clubes de mães e está entre os mais violentos da capital

Bairro nasceu das terras da viúva Machado

Inicialmente formado por granjas e grandes propriedades de terra, o bairro de Felipe Camarão começou a ser ocupado entre os anos de 1960 e 1970 por imigrantes vindos do interior. Como as terras de quase toda sua extensão pertenciam a Amélia Machado, ela resolveu vendê-las. Um dos novos proprietários construiu o loteamento Reforma, que deu início às ruas do bairro, cujo nome é uma homenagem ao índio Felipe Camarão, herói da luta contra os holandeses.

Hoje possui quase todas as ruas calçadas e saneadas, três unidades básicas de saúde, uma maternidade e uma clínica especializada em saúde mental. São quatro escolas municipais, seis estaduais e sete particulares; três creches municipais e três particulares. De equipamentos de lazer, possui uma praça pública e uma quadra de esportes. Ainda segundo dados da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, possui 17 associações comunitárias, três clubes de mães, quatro conselhos comunitários e um grupo de idosos.

A estrutura policial disponível para atender a um dos bairros mais violentos da capital possui uma delegacia distrital, que hoje tem a custódia de 20 presos enquadrados na Lei Maria da Penha, e uma base comunitária. Segundo o comandante do Policiamento da Capital, coronel Araújo Silva, o bairro conta com três motos da Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (Rocam) e uma viatura. "São três policias da Rocam, três na viatura e mais dois na base comunitária para atender o bairro, além do efetivo do 9° Batalhão, que fica na Cidade da Esperança e que atende toda a Zona Oeste".

O delegado do 14° Distrito Policial, Heleno Luiz da Silva, explica que a origem dos crimes no bairro são as drogas e afirma: "Com toda certeza digo que 99% dos crimes no bairro são cometidos por viciados. A população em si é pacata". O delegado diz que o crime que mais preocupa é o homicídio, já que no bairro existem vários grupos rivais que disputam o controle de território, e que fazem de tudo para manter o poder. "Quando assumi a delegacia, a média aqui era dez homicídios por mês. Conseguimos diminuir para cinco por causa da repressão e do empenho nas investigações", acrescenta.

O delegado afirma que a delegacia também identificou os autores de vários crimes, que até então não estavam sequer respondendo a processos. Porém, ele ainda considera um índice alto, principalmente por causa da motivação, e completa: "Falta severidade no Judiciário. As vítimas dos crimes praticados no bairro já passaram por delegacias ou até presídios". Mesmo com este empenho, a dificuldade está em encontrar provas da autoria dos crimes, uma vez que impera a lei do silêncio. "A polícia sabe da autoria dos crimes, mas é difícil arranjar testemunhas. Todos têm medo de falar".

> "Quando assumi a delegacia, a média aqui era dez homicídios por mês; conseguimos diminuir para cinco por causa da repressão"
>
> **Heleno Luiz da Silva, delegado**

Hoje quase totalmente urbanizado, bairro que um dia também se chamou Peixe-Boi já foi área formada por granjas e grandes propriedades

ART&C

CHEF DE COZINHA TAMBÉM DÁ ORDENS. EXIJA UVIFRIOS FOOD SERVICE.

A Uvifrios oferece serviços especiais para o mercado de Food Service (restaurantes, hotéis e bares) com o máximo de presteza e qualidade. Projetos culinários com oficinas e workshops, consultoria de nível internacional para chefs e um mix de mais de 1.800 produtos, além do Uviexpress, serviço exclusivo que atende clientes em Natal de forma rápida e segura. Escolha a Uvifrios Food Service e deixe sua cozinha no ponto.

PEÇA PELO TELEVENDAS

3644.5030

UVIFRIOS FOODSERVICES

O melhor para você no atacado e no varejo.
www.uvifrios.com.br

PARNAMIRIM
Av. Brigadeiro Everaldo Breves, 1547, Centro
84 3644 5000

NATAL
Av. Cap. Mor Gouveia, s/n, box MP IX 01 a 10, CEASA
84 3209 2800

MOSSORÓ
Rua Dr. Mario Negócio, 345, Centro
84 3323 8999

PUBLIEDITORIAL

Eugenio

NATAL É A APOSTA DE LÍDERES DO MERCADO IMOBILIÁRIO BRASILEIRO QUE JÁ VENDERAM MAIS DE 600 UNIDADES EM POUCO MAIS DE SEIS MESES.

A CYRELA PLANO&PLANO, LÍDER NO SEGMENTO QUE ATUA, DESEMBARCOU EM NATAL EM 2008 E JÁ INVESTIU MAIS NO MERCADO LOCAL.

Morro do Careca

A Cyrela Brazil Realty é a maior e a mais admirada incorporadora de imóveis residenciais da América Latina – segundo dados da Economática, da revista Euromoney e da CartaCapital – além de ser uma das mais antigas do mercado imobiliário com mais de 50 anos. Uma das características da empresa que a levou ao topo no setor é a de sempre buscar aprimorar seus produtos, unindo conhecimento e aptidão de outras companhias que tenham a mesma solidez de mercado. Por isso, em 2006 resolveu se unir à Plano&Plano, uma empresa com 12 anos de experiência e um histórico de qualidade construtiva em todos os segmentos imobiliários.

Com a união do profissionalismo da Cyrela que acumula mais de 100 canteiros de obras em andamento em 17 Estados e 55 cidades brasileiras, além de Buenos Aires na Argentina, a entrega de mais de 22 mil lares e mais de 50 mil clientes conquistados, e da Plano&Plano que desde a sua fundação já lançou mais de 600 mil m² e construiu mais de 190 mil m², entre torres residenciais, condomínios horizontais, obras hospitalares, universidades, indústrias, bancos e corretoras, o comando das companhias viram os resultados aumentarem na mesma proporção dos investimentos.

Para o diretor geral da Plano&Plano, Rodrigo Luna, a parceria firmada há três anos foi muito importante para o crescimento das empresas, porém, o despontamento do mercado imobiliário em regiões antes atendidas apenas por empresas locais, como muitas cidades do Nordeste, nos planos de empresas de abrangência nacional, foi crucial para que Natal entrasse no radar de expansão das companhias.

"O Rio Grande do Norte é uma região de oportunidades e os números não deixam mentir. Segundo o IBGE, é o terceiro Estado do Nordeste com maior crescimento. Fora isso, Natal faz parte de uma região que vê seu mercado se estruturar com uma população semelhante ao das cidades do Sudeste onde já atuamos, porém, com uma demanda reprimida, consequência de uma concorrência menos agressiva", finaliza o executivo.

Contudo, desembarcar em uma nova região requer um forte planejamento. Para o sucesso há de se levar em conta os costumes locais e as necessidades e anseios do consumidor. Por isso, as empresas se uniram à Abreu Imóveis, que há 18 anos atua no mercado potiguar, comercializando e administrando imóveis.

"Quando a Cyrela Brazil Realty e a Plano&Plano procuraram a Abreu Imóveis com a intenção de incluir Natal em seus planos de negócio, sabia que essa atitude traria bons resultados para a cidade de Natal e mais tarde para o próprio Estado, afinal estamos falando de duas líderes de mercado do setor imobiliário", comenta Ricardo Abreu, presidente da Abreu Imóveis.

O pressentimento do empresário natalense comprovou-se assertivo quando, após um ano de trabalho em Natal, as empresas lançaram dois empreendimentos que juntos somam mais de 718 unidades, venderam algo em torno a R$ 133 milhões, empregaram centenas de pessoas, considerando empregos diretos e indiretos e estão se preparando para continuar atuando na região.

A decisão de trabalhar com mão de obra local qualificada também colaborou com o sucesso alcançado pelas empresas que contrataram um dos melhores escritórios de arquitetura e paisagismo de Natal, Abreu e Barros Arquitetura, que assina mais de 5.000 projetos hoteleiros. Marília Bezerra e Gracita Lopes também assinam alguns dos projetos das empresas.

"Decidimos utilizar a expertise dos fornecedores locais e buscar na região mão de obra que atendesse às demandas de qualidade exigidas pelas companhias. Para nós é importante que todos os envolvidos nos projetos tenham experiência local, pois serão eles que conseguirão incluir características importantes para o consumidor, observarão tendências e ajudarão no sucesso do imóvel", garante Rodrigo Luna.

A respeito do futuro, as empresas que formam a Cyrela Plano&Plano concordam que o processo de consolidação regional está acelerado e que as expectativas para 2010 são boas já que tudo aponta para um maior fortalecimento da economia brasileira com boa projeção do PIB e do poder de compra do consumidor.

"Natal se mostrou uma ótima cidade para os negócios, por isso, a expectativa de abrangermos nosso raio de atuação para outros municípios nunca esteve tão forte. Esperamos continuar a lançar empreendimentos que venham de encontro com os desejos do consumidor potiguar e dessa forma a região torne-se nosso ponto de partida para a atuação no nordeste", finaliza Paulo Felice, diretor de novos negócios da Cyrela Brazil Realty no Nordeste.

O executivo ainda revela que os programas de incentivo do Governo Federal como o Minha Casa, Minha Vida também ajudarão na expansão das empresas na região. Felice destaca que está previsto nos planos lançar empreendimentos que se encaixem no perfil do programa federal em parceria com a Living Construtora, empresa do Grupo Cyrela Brazil Realty que tem como objetivo operar de forma diferenciada, com foco no desenvolvimento de novas técnicas construtivas, produtos e processos em parceria com fornecedores exclusivos para os segmentos econômico e supereconômico. As empresas não abrem o valor total das unidades comercializadas até o momento dentro do programa do Governo Federal, mas dizem que os empreendimentos com essas características são sucesso de vendas e tendem a se esgotar nas primeiras semanas pós-lançamento.

Ponte Estaiada

ARGEMIRO LIMA/NJ

Morador do Bom Pastor: exemplo de sacrifício para garantir água

| COLAPSO | Previsão dos especialistas é de que os mananciais de Natal irão se acabar em dez anos

Falta ÁGUA na torneira... e o problema vai PIORAR

Ada Lima, do Novo Jornal

OS MANANCIAIS DE água potável localizados em Natal podem acabar em uma década. A previsão da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (Caern) é inquietante, mas não soa estranha diante dos alertas sobre os riscos de escassez de água em escala global. Moradores de algumas regiões da capital potiguar encaram a ameaça de colapso como uma tragédia anunciada.

"Considerando as informações dos técnicos da Caern, a água está acabando. Vai chegar o dia em que não haverá água nas áreas mais altas da cidade", diz a pedagoga Vânia Ferreira. Moradora há 18 anos da rua Dois de Novembro, no bairro de Petrópolis, limite com Areia Preta, ela afirma que o abastecimento sempre foi irregular. "É uma situação crônica. Quando me mudei para cá, a casa já tinha uma cisterna enorme. Os vizinhos vinham pegar água aqui".

A explicação recorrente dos atendentes da Caern, segundo Vânia Ferreira, é de que o consumo aumenta nos meses mais quentes; sem pressão, a água não chega a toda a cidade. "Quando ligamos para a Caern, pedem para aguardar o inverno. Eles dizem que aqui o problema é mais grave porque, além de a rua ser alta, existem muitos prédios por perto", reclama.

O desabastecimento não é exclusividade das áreas mais altas da cidade. Os meses mais quentes do ano são difíceis no conjunto Santarém, localizado no bairro Potengi, Zona Norte da capital. "É voz corrente que, nessa época, a água começa a escassear. Há dias em que ela não tem força suficiente para subir até a caixa, em hora nenhuma", afirma o jornalista Franklin Machado, morador da rua Pindorama. Durante as crises, ele compra, por semana, pelo menos três garrafões de água mineral, de 20 litros cada, para suprir as necessidades da família, composta por cinco pessoas.

Segundo o assessor de Gestão Empresarial da Caern, Marcos Rocha, o aumento do consumo, puxado pelo calor, de fato contribui para tornar a oferta de água desigual. Dados da gerência da companhia, referentes a 2008 e 2009, apontam que o volume consumido no Rio Grande do Norte é maior de outubro a janeiro, variando entre 7 milhões e 7,2 milhões de metros cúbicos por hora – nos demais meses, a média é de 6,7 milhões de metros cúbicos por hora. Considerando que cada metro cúbico equivale a mil litros de água, em janeiro deste ano foram consumidos mais de 7,5 bilhões de litros de água.

Mas, de acordo com Rocha, a causa maior da falta de água é outra. "Essa explicação [dos atendentes da Caern] é enganosa. O principal motivo da redução são os rompimentos constantes nas tubulações próximas à estação de Potilândia. Os testes na adutora do Jiqui também estão causando problemas em bairros como Tirol, Petrópolis e Cidade Alta. Quando esses vazamentos forem controlados, a oferta de água vai melhorar", afirma. Na tentativa de combater o desperdício, técnicos desenvolvem uma pesquisa através de geofonadores, equipamentos que permitem localizar vazamentos nas tubulações.

> Explicação da Caern é de que o consumo aumenta nos meses mais quentes do ano e, sem pressão, a água não chega a toda cidade

Além disso, a companhia pretende adquirir 50 mil hidrômetros e, assim, aumentar de 70% para 100% o índice de medição do consumo em Natal.

Marcos Rocha acrescenta que a melhoria do abastecimento depende do aumento da produção. Nesse sentido, a companhia iniciou os testes da nova adutora do Jiqui – que deve começar a operar em março de 2009 –, está substituindo trechos da antiga adutora de Extremoz e promovendo a nova captação do Rio Doce, o que vai proporcionar um aumento de volume de 2.200 metros cúbicos por hora. "Também construiremos uma subadutora, saindo de Candelária, para reforçar o abastecimento no bairro Felipe Camarão, e vamos ampliar a subadutora que sai do Centro Administrativo, para melhorar a oferta em bairros como Dix-Sept Rosado, Quintas e Bairro Nordeste".

Mas toda essa água, um dia, vai acabar, de acordo com Marcos Rocha. "Não teremos problema com a oferta durante pelo menos dez anos", afirma. Passado esse período, será necessário trazer água de outras cidades. "Como isso custa mais caro, contaremos com os mananciais mais próximos enquanto for possível. Depois disso, temos a segurança do Sistema Maxaranguape de Abastecimento", conclui.

Continua na página 47

Eugenio

OUSADIA.
A PRIMEIRA GRANDE NOTÍCIA DO NOVO JORNAL.

UMA NOTÍCIA NOVA CHEGOU EM NATAL. O NOVO JORNAL ESTÁ INDO ÀS RUAS COM NOTÍCIAS EXCLUSIVAS, ARTIGOS DETALHADOS E MUITA OUSADIA. UMA PROPOSTA QUE VAI DEIXAR A SOCIEDADE POTIGUAR AINDA MAIS INFORMADA. A DELPHI PARABENIZA ESTE GRANDE LANÇAMENTO E DESEJA MUITO SUCESSO.

Delphi ENGENHARIA
tudo que você merece

Delphi Store no Midway Mall – 3º piso
www.delphiengenharia.com.br
Ligue: 3203-6003

A SINTONIA COM O NOVO

Todo mundo gosta de novidades e todos respeitam o novo. Melhor quando o novo vem acompanhado de uma história de respeito, de ética e de moral, além da melhor estrutura e das mais avançadas tecnologias.

É por isso que, desde 1976, a Imunizadora Potiguar está sintonizada com o novo, com a novidade, com as novas descobertas, com as melhores e mais modernas tecnologias.

Tudo para satisfazer o seu cliente e conviver em harmonia com o meio ambiente e com a sociedade.

Daí, o constante processo de evolução.

Hoje, a Imunizadora Potiguar continua realizando os mais eficientes serviços de limpeza de fossas sépticas, com os melhores e mais modernos equipamentos.

Ligue 3205-1525 e agende o seu atendimento.

Hoje, a Imunizadora Potiguar continua com um excelente serviço de locação de banheiros químicos para festas e locais de grande concentração de pessoas.
É só ligar para 3205-1525 e contratar o serviço.

Hoje, a Imunizadora Potiguar continua com os mais modernos e potentes equipamentos para o desentupimento e a limpeza de esgotos e galerias de águas pluviais, além de um perfeito sistema de lagoas de estabilização, como destino final dos resíduos dos seus serviços de limpeza na cidade.
Confira: ligue 3205-1525 para resolver seus problemas.

Hoje, a Imunizadora Potiguar, continua valorizando os seus recursos humanos, as pessoas que, em seu nome, prestam os melhores serviços aos seus clientes.

Hoje, a Imunizadora Potiguar continua líder de mercado nos seus segmentos de atuação.

Tudo isso representa o novo, a novidade...

IMUNIZADORA POTIGUAR

3205-1525
www.imunizadorapotiguar.com.br
potiguar@imunizadorapotiguar.com.br
R. Pedrinho Bezerra, 1991 - Felipe Camarão - Natal/RN.

34 anos de responsabilidade com o meio ambiente.

ARGEMIRO LIMA/NJ

Rua Aristófanes Fernandes, bairro do Bom Pastor: cena bastante comum

Bacia do Maxaranguape pode ser solução para o abastecimento de água

Continuação da Capa

O Sistema Maxaranguape de Abastecimento é resultado de um estudo contratado pela Caern junto a especialistas do LARHISA – Laboratório de Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A equipe avaliou os rios Maxaranguape, Punaú e Boa Cica, e apontou a bacia do Maxaranguape, localizada a 30 km da capital, como uma excelente fonte de água potável. "Essa água pode abastecer a capital durante décadas. Os rios Punaú e Maxaranguape têm volume de 6 metros cúbicos por segundo, suficiente para 2,5 milhões de habitantes. Hoje usamos apenas um sexto desse volume", afirma o hidrólogo João Abner, um dos coordenadores do estudo.

A ideia é montar um sistema capaz de captar água em dois pontos na margem esquerda da BR-101. A primeira captação seria feita diretamente do rio Maxaranguape, e a segunda, do rio Riachão, que drena a porção sul da bacia. Uma adutora de grande porte transporia a água para a estação de tratamento localizada à direita do rio Ceará-Mirim, em uma área pertencente ao Estado, na praia de Genipabu. Daí, as águas tratadas seriam bombeadas para um reservatório assentado no cordão de dunas ao Sul da praia de Genipabu, em uma área já desapropriada, onde funcionava um hotel. Desse ponto, a água seria transferida, por gravidade, através da Ponte Newton Navarro, para o início da Via Costeira de Natal, e bombeada para três pontos de distribuição localizados na área do Parque das Dunas, que abasteceriam reservatórios construídos nas dunas do Bosque dos Namorados, do Campus Universitário e do Centro de Convenções. As ligações no Parque seriam feitas por tubulações aéreas.

O estudo aponta, entre as vantagens do Sistema Maxaranguape de Abastecimento, a possibilidade de expansão das captações superficiais para a Bacia do Punaú, graças à localização do sistema adutor ao longo da BR 101; a redução dos impactos da implantação de tubulações de grande porte nas principais vias de tráfego de Natal; e o baixo custo da desapropriação, tendo em vista a localização das captações e do sistema adutor na faixa de domínio da BR 101, em vias públicas e áreas do Estado.

João Abner lembra que a proposta não é definitiva. "Isso é um estudo sujeito a alterações. A definição do número e local dos reservatórios, por exemplo, só virá, de fato, com um estudo de impacto ambiental". O hidrólogo garante que, se aproveitado, o Sistema Maxaranguape de Abastecimento resolverá não apenas o problema da oferta da água. "O governo, na tentativa de responder às demandas, adota soluções não definitivas. Rio Doce e Jiqui estão no limite, abastecem a cidade durante as chuvas, mas na estiagem não têm capacidade de diluição. E nós queremos garantir a preservação das águas subterrâneas para as futuras gerações", ressalta.

MP exige medidas para evitar contaminação do lençol freático

A preocupação com a qualidade da água consumida em Natal é compartilhada pelo Ministério Público Estadual. A Portaria 518/04 do Ministério da Saúde determina que a concentração de nitrato na água não pode ultrapassar 10 miligramas por litro. Dados fornecidos pela Promotoria de Defesa do Meio Ambiente dão conta de que os poços localizados em Candelária e em Cidade Satélite têm concentração de 14,2 mg/l e 12 mg/l, respectivamente. E o manancial apontado como a única reserva de água potável da cidade corre risco de contaminação, de acordo com a promotora Gilka da Mata.

A zona de proteção ambiental do San Vale é dividida em duas áreas: a subzona 1, de conservação, composta por dunas com cobertura vegetal; e a subzona 2, de uso restrito, definida pela Lei como aquela que se encontra em processo de ocupação. Nessa subzona, que engloba o Parque das Colinas e outros loteamentos próximos, existem fossas cujos contaminantes atingem o lençol freático e chegam aos poços perfurados pela Caern na área de conservação.

A água extraída da região do San Vale é lançada no Reservatório 6 da Caern – próximo à Delegacia de Candelária – que abastece 16 bairros. Enquanto outros poços em Natal produzem menos de 100 metros cúbicos por hora, os que ficam no San Vale têm vazão em torno de 200 metros cúbicos por hora. "É como uma lagoa do Jiqui subterrânea", compara a promotora.

Segundo Gilka da Mata, a contaminação do aquífero pode ser impedida com a instalação de um sistema de esgotamento sanitário na subzona 2. O Ministério Público aguarda o cumprimento de uma ação do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte, de 18 de fevereiro deste ano, que obriga o Município e a Caern a concluírem a instalação do sistema no prazo de 18 meses. Os recursos necessários, de acordo com a companhia, totalizam mais de R$ 19 milhões, quantia que não poderá ser destinada pelo governo federal.

"O Governo do Estado encaminhou vários projetos na área de saneamento para serem habilitados junto ao Ministério das Cidades. O do San Vale chegou a ser pré-habilitado. Mas nem o Estado nem a Caern apresentaram a justificativa da decisão judicial e da lei municipal que impõe a instalação do sistema de esgotamento sanitário na área. O projeto acabou ficando em pé de igualdade com os demais e não foi priorizado", explica a promotora.

Gilka da Mata ressalta que, com o crescimento da cidade, as águas da Lagoa do Jiqui, do Rio Doce e do San Vale não serão suficientes para atender a futura demanda da capital, e defende a implantação de um Plano Diretor de Abastecimento de Água da cidade. "É praticamente certo que a Caern terá de ir buscar água em outras cidades para poder abastecer a população de Natal. O Plano Diretor servirá para avaliar novos mananciais", explica.

> "É praticamente certo que a Caern terá de ir buscar água em outras cidades para poder abastecer a população de Natal"
>
> **Gilka da Mata, promotora**

Prefeitura ameaça romper contrato de concessão com Caern

> "É uma situação desgastante, mas necessária"
>
> **Bruno Macedo, procurador geral**

NEY DOUGLAS/NJ

As ponderações do Ministério Público levaram a Procuradoria Geral do Município a solicitar à ARSBAN – Agência Reguladora de Serviços de Saneamento Básico do Município do Natal – um estudo do contrato de concessão com a Caern. "A franca maioria das cláusulas não foi cumprida, e outra parte foi observada parcialmente", afirma o diretor técnico da ARSBAN, Aristotelino Monteiro. "A companhia tem projetos, mas não vejo uma evolução, de fato. Continuamos com os mesmos antigos problemas, como a poluição do rio Potengi, problemas com esgotamento sanitário e a distribuição deficitária", afirma.

Foi exatamente o descumprimento dessas três cláusulas que levou o Município a enviar um ofício à Caern, no dia 15 de maio deste ano. Em 18 de junho, a companhia anunciou investimentos para cumprir as metas pendentes. Cinco meses depois, a Procuradoria Geral do Município confirmou a possibilidade de deflagração de um processo administrativo que pode resultar na declaração de caducidade do contrato de concessão da companhia, cuja vigência é de 25 anos, a partir de abril de 2002. Nesse caso, seria necessário abrir uma licitação para a escolha da nova concessionária. "É uma situação desgastante, mas necessária", diz o procurador geral Bruno Macedo.

Em reunião com representantes do Município do Natal, em Brasília, no dia 4, o presidente da Caern, Walter Gasi, sugeriu buscar parcerias público-privadas ou adotar a subconcessão, modalidade que consiste em abrir processo para a seleção de um investidor privado que seria responsável pela execução de obras. A Zona Norte da cidade receberia atenção especial, já que as metas estipuladas para a Zona Sul foram quase todas atingidas. O auxílio da iniciativa privada seria fundamental, já que a chance de captação de recursos federais foi perdida.

De acordo com Bruno Macedo, o Município está disposto a estudar a possibilidade de uma subconcessão. No entanto, tal escolha implicaria no envio de uma mensagem à Câmara Municipal para alterar a atual lei, que não permite a modalidade sugerida pela Caern. Tudo isso vem sendo discutido em reuniões com a ARSBAN e o COMSAB – Conselho Municipal de Saneamento Básico. "Queremos a solução menos desgastante para o cidadão. Temos que resolver isso com urgência, pelo menos até o final do ano", afirma o procurador geral. Se o prazo para evitar um colapso na capital é curto, a Caern já precisa correr contra o relógio para garantir que será dos seus escritórios que as soluções sairão.

NEY DOUGLAS/NJ

> "A companhia tem projetos, mas não vejo uma evolução, de fato. Continuamos com os mesmos antigos problemas, como a poluição do rio Potengi, problemas com esgotamento sanitário e a distribuição deficitária"
>
> **Aristotelino Monteiro, diretor técnico da ARSBAN**

“Aqui a gente passa

A frase de uma moradora antiga do Maruim revela que, mesmo vivendo em meio à insalubridade, teme ser transferida para outros bairros. Sem a solidariedade dos vizinhos, ela e muitos outros receiam enfrentar dificuldades para sobreviver

Joana Gomes, aposentada e diabética, é moradora há 50 anos do Maruim e prefere não fazer previsão para o futuro

Rafael Duarte,
do Novo Jornal
Fotos: Humberto Sales

OS ESGOTOS CORREM a céu aberto, invadindo ruelas, exalando um odor forte, um mau cheiro que não pede licença para alcançar as narinas até mesmo de quem está dentro de casa, casebres, melhor dizendo. Com menos de cinco palmos de largura, os becos são quase labirintos, que se confundem com extenso varal. Nos telhados, as roupas velhas e surradas dos moradores são estendidas e lá em cima, à espreita do sol, dividem espaços com pneus velhos, brinquedos quebrados, pedaços de madeira, parafernália diversa.

A comunidade do Maruim, localizada nas Rocas, Zona Leste da cidade, está com os dias contados. É o que dizem agora, como já disseram antes. Enquanto os mais velhos esperam pela transferência e pelas casas novas, beneficiados pelo projeto de ampliação do Porto de Natal, que enfim atraiu recursos do governo federal, a molecada continua com o pé na lama, atiçando o vira-lata que cruza a calçada. Não têm a preocupação dos adultos, que mesmo morando em abrigos apertados, em meio à insalubridade do local, ainda temem pelo futuro que os aguarda.

Nem mesmo eles, os adultos, parecem se importar com a sujeira na qual sobrevivem 255 famílias. Naquela tarde, quatro mulheres jogavam cartas sobre uma surrada toalha vermelha numa das esquinas do Maruim. Alguns homens se divertiam rindo da vida alheia ao redor de uma garrafa de cachaça. Tudo isso sob o sol das 14h30, de uma quinta-feira normal, ou quase.

Lama nas ruas, roupas estendidas nos telhados e uma criança despida: cotidiano de uma comunidade

A comunidade cresceu sendo ignorada pelo poder público. E se acostumou com isso, ao que parece. Desempregada ou subempregada, a maioria das pessoas dali encontra motivo de alegria em pouca coisa, quase nada. Afinal, apesar do estado de vulnerabilidade social, ninguém passa fome no Maruim. E quem diz isso, de forma franca e direta, é uma senhora de 77 anos. Ela está sentada na cama de casal em que dorme, na sala apertada da casa pequena onde mora com dois filhos, que dividem o único quarto.

“Aqui a gente passa aperto, fome não”, diz a viúva aposentada Joana Gomes de Souza, moradora há 50 anos do Maruim.

Daqui a cinco meses, a casa que dona Joana comprou, em 1952, com o dinheiro da venda da máquina de caldo de cana do marido, vai sumir do mapa, ou melhor, do Maruim. Na última semana de novembro, a Prefeitura anunciou que vai começar a transferir os moradores da comunidade para outros bairros. Cada família poderá escolher, entre três opções, onde deseja morar.

A casa da ‘matriarca do Maruim’ faz parte da primeira etapa da demolição que vai despejar, também, outras 155 famílias até março de 2010. As 100 famílias restantes terão que aguardar pela próxima remessa da verba federal, já assegurada pela União, pelo menos é o que dizem os gestores públicos envolvidos no processo, para poder deixar a área de 7.500 metros quadrados que será ocupada pelo Porto de Natal.

A ameaça de passar fome, no futuro, depois da transferência para a casa nova, em outro bairro, constitui um forte elemento de resistência ao projeto da Prefeitura. Há moradores que não querem sair do Maruim, onde mesmo em meio a tanta miséria há um espírito de solidariedade que conforta e anima a quem mora lá. E eles não querem perder isso, já que terão de separar com a mudança.

“Quando alguém precisa de alguma coisa sempre aparece um vizinho para dar. Aperto todo mundo passa, mas fome não”, reforça a velha senhora.

Sobre o futuro, dona Joana não faz previsões. Principalmente porque não é a primeira vez que o poder público diz que vai transferir as famílias do Maruim. O novo destino ainda é incerto. Sabe apenas para onde não quer ir. “Se tiver de sair daqui, não vou querer ir para Igapó nem para as Quintas. Tenho diabetes, hipertensão e quero ficar aqui por perto. Prefiro as Rocas, que é perto do Hospital dos Pescadores e conheço todo mundo”, afirmou.

“Quando alguém precisa de alguma coisa sempre aparece um vizinho para dar”

Joana Gomes de Souza, moradora

aperto, fome não”

Entre a solidariedade e a violência, a vida vai passando

Na comunidade em que 22% das famílias são chefiadas por mulheres, o medo de passar fome longe da solidariedade dos vizinhos assusta. A preocupação é tão grande que a dona de casa Ednalda Cassiano da Silva, 37 anos, se refere à transferência do Maruim para outro bairro como “a mudança para outro mundo”. A história de vida dela retrata bem a relação de cumplicidade entre os moradores. Ednalda nasceu na comunidade, perdeu os pais e foi adotada por uma família vizinha. Hoje, mora sozinha com duas filhas numa casa que também já serviu de ponto comercial. “A gente tinha uma mercearia aqui, mas quando minha mãe morreu só ficaram as dívidas. Então resolvi fechar”, diz.

Mas se, por um lado, o sentimento de amizade é um ponto de ligação dos moradores com a comunidade, por outro o crescimento da violência e do tráfico de drogas força a população a repensar se vale a pena permanecer. A aposentada Almira Silva perdeu o filho caçula de 15 anos de idade. O garoto foi assassinado há cinco anos dentro da comunidade por uma mulher que ficou apenas um ano presa. Outro problema é o barulho provocado pela chegada dos contêineres no Porto de Natal, que atrapalha o sono de muita gente no Maruim.

“Fiz uma pequena cirurgia e minha médica mandou que eu me mudasse para não morrer, por causa do barulho. Consegui uma casinha aqui perto, nas Rocas, mas tenho que pagar aluguel, água, luz, gás e comida. Com um salário mínimo de aposentada, não sei até quando vou conseguir sobreviver. No Maruim só pago gás e comida. Mesmo assim, quando falta, os vizinhos ajudam”, conta.

Rua da Floresta é o endereço de 1.500 moradores da comunidade

Até no endereço, o Maruim é diferente. Nas ruelas e becos que transformam a comunidade num labirinto, não chega carta. Mas o fato de o carteiro não entrar na comunidade nada tem a ver com o medo dos vira-latas que surgem em todos os lugares. É que no Maruim uma única rua dá nome a todas as outras. É curioso, mas a rua da Floresta é o endereço de 1.500 pessoas que sobrevivem naquele pedaço das Rocas. Segundo a população local, todos os dias o carteiro deixa as correspondências na Associação dos Pescadores, no mesmo bairro. Quem tem conta para pagar, ou aguarda a carta de algum parente distante, se desloca até a entidade. Toda casa tem seu próprio número. Mas ninguém reclama. Faz parte do perfil da comunidade.

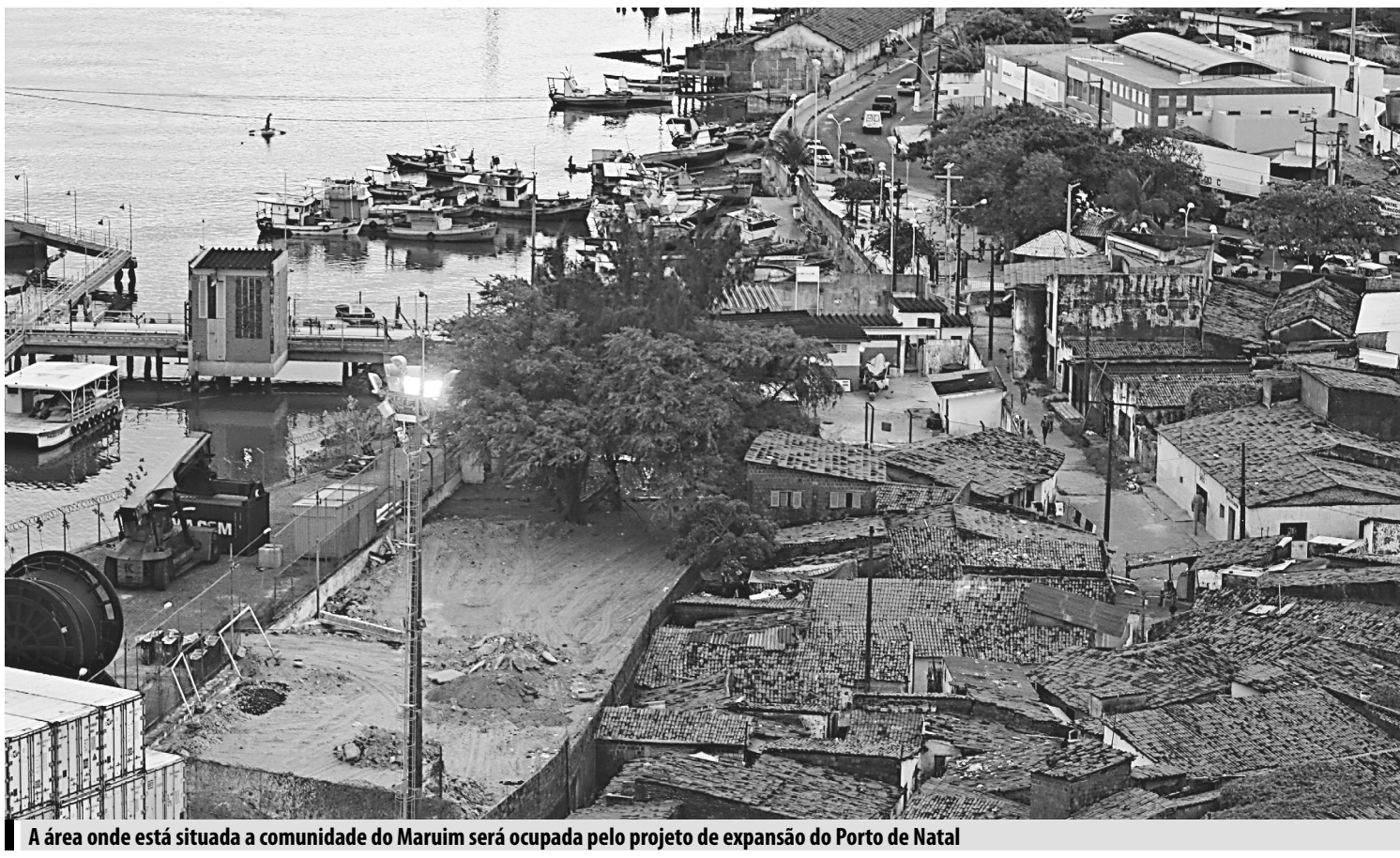
Por falar em perfil, outro ponto importante que demonstra a força feminina no Maruim ficou caracterizado na escolha dos representantes dos moradores. No início do ano, quando a prefeitura voltou a se reunir com a comunidade para tratar da mudança, três mulheres e dois homens foram eleitos. De lá para cá, os marmanjos desistiram de lutar pela comunidade e, desde então, quem manda na rua da Floresta tem voz delicada, cabelo grande e atende pelos nomes de Maria, Ednalda e dona Novinha.

Mudança deve ser concluída nos próximos cinco meses

Segundo a secretária municipal de Habitação, Regularização Fundiária e Projetos Estruturantes, Diana Mota, as primeiras 155 famílias do Maruim começarão a ser transferidas para outros bairros de Natal a partir da última semana de novembro. A mudança será finalizada em, no máximo, cinco meses e está orçada em R$ 3,5 milhões, dos quais R$ 3,3 milhões virão do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social 2008 (FNHIS) e o restante dos cofres do município.

As casas custarão, em média, R$ 23 mil. A verba da segunda etapa foi assegurada pelo governo federal, semana passada, depois que a prefeita Micarla de Sousa assinou um protocolo de cooperação federativa, em Brasília, no valor de R$ 12 milhões, que serão divididos entre as transferências do Maruim e da comunidade do Jacó, próximo ao Centro de Turismo, além da construção do centro profissionalizante de Mãe Luíza, que vai complementar o projeto do padre Sabino, espécie de protetor do bairro, falecido há três anos. “Existem 72 áreas de risco em Natal, onde as pessoas sobrevivem em condições insalubres, e o Maruim é uma delas. Estamos convocando as famílias para optar pela casa. Esse é, sobretudo, um projeto social”, afirmou Mota.

Becos sujos e imundos, o retrato da pobreza de uma das mais antigas comunidades das Rocas



A área onde está situada a comunidade do Maruim será ocupada pelo projeto de expansão do Porto de Natal

RAIO X

7.500
metros quadrados é a área ocupada pela comunidade;

1.500
pessoas vivem, hoje, no local;

255
famílias serão transferidas;

R$ 3,5 mi
é o orçamento para a primeira etapa de transferência;

5 meses
foi o prazo dado pela Prefeitura para a transferência;

22%
das famílias são chefiadas por mulheres;

17,7%
dos moradores são pescadores e têm preferência por morar na Redinha;

9,29%
dos moradores são aposentados;

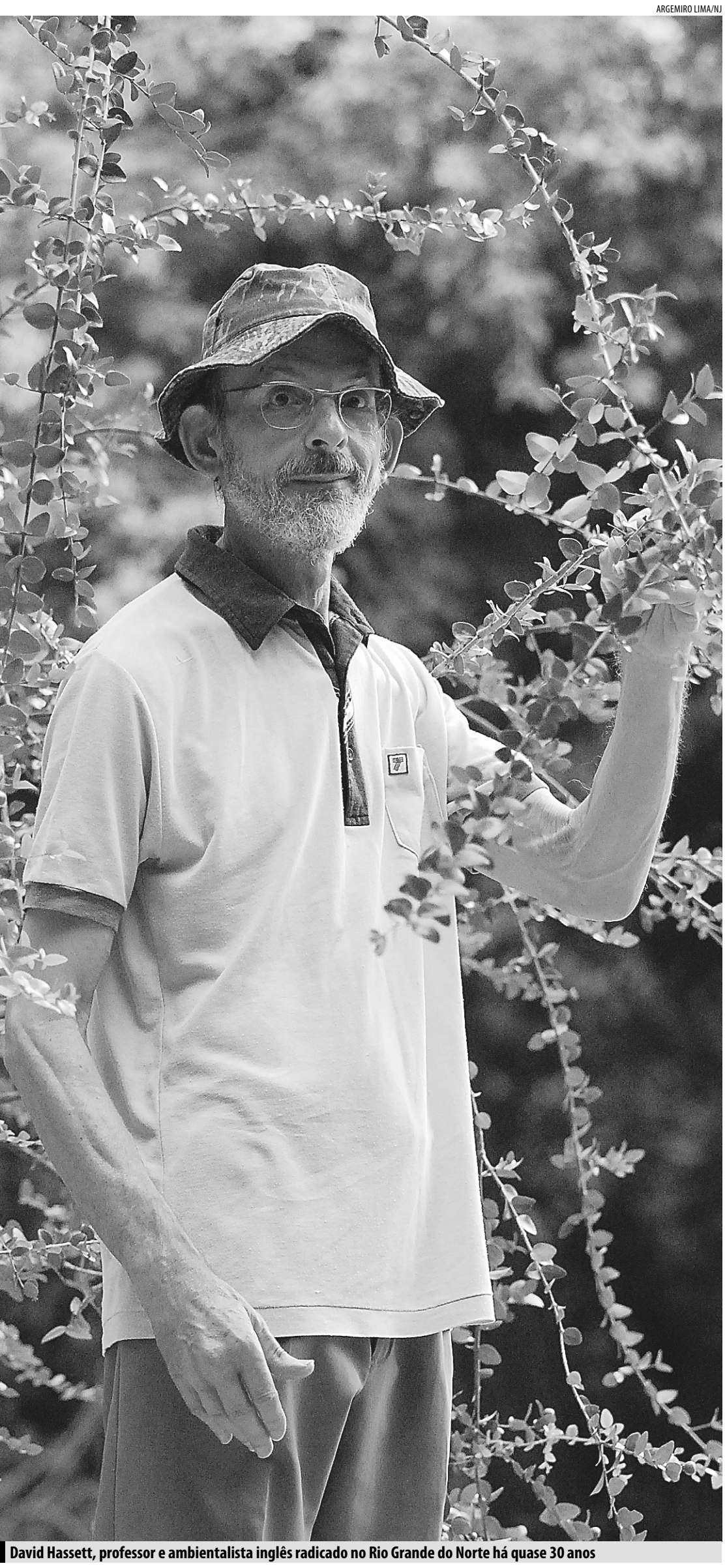
56%
da comunidade é formada por jovens.

“Existem 72 áreas de risco em Natal, onde as pessoas sobrevivem em condições insalubres, e o Maruim é uma delas”

Diana Mota, secretária municipal de Habitação, Regularização Fundiária e Projetos Estruturantes

Ednalda Cassiano: cumplicidade com vizinhos

ARGEMIRO LIMA/NJ



David Hassett, professor e ambientalista inglês radicado no Rio Grande do Norte há quase 30 anos

| PERFIL | Professor confessa sua paixão pelo Nordeste brasileiro

NATURALISTA troca floresta britânica por SANTUÁRIO ECOLÓGICO em Pipa

Moura Neto, do Novo Jornal

AOS CINCO ANOS de idade sentiu o apelo forte e mágico da natureza sobre si mesmo. Na pequena e charmosa cidadezinha de Loughborough, cercada pela floresta de Charnwood, a maior da Inglaterra, a cerca de 200 km de Londres, o pequeno David gostava de passear pelos bosques e parques, visitar museus de História Natural e colecionar penas de aves, flores, conchas e fósseis, montando um pequeno museu geológico, ele mesmo, no quintal de casa, usando o depósito onde os pais guardavam as ferramentas de jardinagem. Mais tarde, aos 37 anos, o professor e ecologista David Maurice Hassett começou a construir seu próprio Santuário Ecológico, na praia de Pipa, litoral Sul do Rio Grande do Norte, para preservar, por sua conta, 90 hectares da exuberante e escassa Mata Atlântica.

Na cidadezinha de Loughborough, David Hassett gostava de passear pelos bosques; no litoral potiguar, construiu um santuário para ajudar a preservar a Mata Atlântica

Aberto ao público em 1991 e em 2001 tombado pelo Município de Tibau de Sul, o Santuário Ecológico é reconhecido como posto avançado da Reserva Biosfera da Mata Atlântica, atraindo ao local intensa movimentação turística e atividades de educação ambiental proporcionadas a pessoas de todas as idades, desde que amantes da natureza, bem como projetos de pesquisas científicas. E, mais ainda, sobressai-se como a obra consagradora de um homem que dedicou 33 anos de sua atribulada vida ao ensino, à atuação em defesa da cultura, do patrimônio histórico e, sobretudo, da ecologia.

Aos 60 anos, o professor e ecologista David Maurice Hassett, cidadão inglês e natalense, título conferido em 2006 pela Câmara Municipal, bem como Cidadão Honorário de Tibau do Sul, não gosta de falar sobre si mesmo, exceto se for para comentar sobre o trabalho ao qual se entrega por inteiro. Caminhando pelas trilhas do santuário, muitas vezes sendo ele mesmo guia para os visitantes, em grande parte alunos de escolas públicas ou universitários, de certa forma este homem que exerceu o cargo de Agente Consular Honorário do Reino Unido em Natal até há cerca de dois anos, quando se afastou por motivos de doença, recorda da cidadezinha inglesa onde seus familiares ainda vivem.

Criado em contato íntimo com a flora e a fauna – sua mãe ainda hoje alimenta pássaros silvestres com frutas, grãos e amendoim no jardim de casa, em Loughborough, banquete ofertado às vezes às raposas da floresta, que também comparecem ao jardim da sua mãe e por ela são igualmente alimentados – David desde cedo aprendeu a cultuar o amor à natureza. "Tive sorte de cair naquele lugar cercado de natureza", conta o ecologista, lembrando que foi morar em Loughborough ainda criança, depois de uma fase difícil em que seu pai, engenheiro químico do Exército britânico, ficou desempregado no pós-guerra.

Aos nove anos, o pequeno David apaixonou-se pelo Brasil quando, numa gincana da sua escola primária, descobriu um livro antigo do explorador inglês Henry Walter Bates, "Um naturalista no Rio Amazonas", no qual o autor conta a saga de ter percorrido durante 11 anos a floresta Amazônica em busca de espécimes para os museus europeus. "Este livro traz um registro fascinante sobre as comunidades ribeirinhas, os seus costumes, a flora e a fauna tropical", frisa.

Lembra ainda que, deslumbrado pelas gravuras contidas nesse tomo empoeirado, passou a pintar o cenário percorrido pelo escritor, "com árvores gigantescas e folhagem exuberante escondendo índios com zarabatanas", transformando em ateliê o seu pequeno quarto, que mal comportava a cama. Hoje em dia David não pinta mais. Contenta-se apenas em apreciar e incentivar as atividades artísticas, em qualquer lugar em que esteja.

Apaixonado por artes e ciências

Confessa que, durante muito tempo, sonhou em participar de expedições pela Amazônia, fascínio que aumentava na medida em que assistia filmes de aventuras pela televisão. O passaporte para conhecer o Brasil, porém, só lhe caiu nas mãos em 1976, já formado em Economia pela Universidade de Londres e ganhando a vida dando aulas em Faculdades de Administração, quando se casou com uma brasileira, natural de Minas Gerais, que trabalhava na Embaixada do Brasil na Inglaterra.

Aos 30 anos, em 1979, David chegou enfim ao Brasil, país de onde não deseja sair mais, admite. "Permaneci alguns meses com os sogros, em São José dos Campos, antes de mudar para o Nordeste, ansioso para conhecer seus costumes e tradições, certo de que esta região era o coração autêntico do Brasil", conta. Transferiu-se de Recife para Natal dois anos depois, em 1981, para abrir a Cultura Inglesa com o objetivo não apenas de promover o conhecimento do idioma inglês e ajudar a estreitar os laços entre o Reino Unido e o Brasil, mas também fomentar as artes e as ciências.

A Cultura Inglesa não foi uma aventura de percurso. Em Londres, David concluiu o curso de licenciatura no ensino de inglês pelo Trinity College, o que lhe capacitou para realizar esse empreendimento. Trouxe ainda na sua bagagem o domínio sobre os idiomas francês, espanhol e russo, antes de aprender português. Também trazia o diploma de outros cursos de nível superior, além do de Economia, com enfoque em Relações Internacionais: Administração, pelo Chartered Institute of Administrators; Publicidade, pelo Institute of Marketing; e Comércio Exterior, no Institute of Export. Sua ânsia de aprender e ensinar sempre mais o levou a realizar, já em Natal, o mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela UFRN.

Depois de 28 anos radicado no Rio Grande do Norte, o naturalista dedica a maior parte do seu tempo à preservação da paisagem e à educação ambiental. Além do Santuário Ecológico de Pipa, David vem atuando, desde 1994, como representante permanente do Jardim Botânico de Londres na Associação Plantas do Nordeste (APNE).

A APNE desenvolve um programa de intercâmbio científico por meio de uma parceria anglo-brasileira, envolvendo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o Real Jardim Botânico de Kew, da Inglaterra, universidades, institutos governamentais de pesquisa e ONGs, voltado para o estudo da biodiversidade e uso sustentável dos recursos vegetais nativos do Nordeste brasileiro.

DIVULGAÇÃO

Santuário Ecológico de Pipa: visão para o mar

Prêmios e honrarias

O professor e ecologista David Maurice Hassett não gosta de falar sobre si mesmo, é avesso à autopromoção, mas não pode esconder de ninguém que, em resposta ao seu trabalho, foi condecorado em 1998 pelo Jardim Botânico de Londres pelos serviços em favor da colaboração científica entre Inglaterra e Brasil. Em 2003, o professor e ecologista David Maurice Hassett foi homenageado pela ABAV/RN (Associação Brasileira de Agentes de Viagem/RN) pelo seu pioneirismo no ecoturismo estadual. Também em 2003, foi laureado com o Prêmio HSBC pelo projeto de educação ambiental e preservação da flora brasileira.

"Sonho em poder ajudar na implantação de uma série de parques e corredores ecológicos ligando o Rio Grande do Norte aos estados vizinhos, garantindo assim a preservação das paisagens mais deslumbrantes", afirma. "Também gostaria de ver implantado o corredor cultural entre a rua Santo Antônio, na Cidade Alta, até a avenida Duque de Caxias, na Ribeira, transformando a área em vibrante palco de acontecimentos artísticos e ponto de encontro entre o erudito e o popular, entre o boêmio e o sagrado, entre o passado e o presente, restabelecendo-o, enfim, como autêntico coração da cidade".

Militância em favor da natureza

Quando os portugueses chegaram às novas terras, no século 16, encontraram um país tomado por uma floresta virgem que se estendia por quase toda costa do Atlântico. Para alguns, aquilo era a própria visão do paraíso na terra. Palmeiras e outras árvores incontáveis, algumas com até 50 metros de altura, com galhos carregados com uma profusão de bromélias, samambaias e orquídeas, além, é claro, da presença, também incontável, de belos e exóticos animais. Tucanos, tamanduás, papagaios, antas, preguiças, macacos, etecétera. Nos dias presentes, a Mata Atlântica é o segundo ecossistema mais ameaçado de extinção do mundo, perdendo apenas para as quase extintas florestas da ilha de Madagascar, na África.

Quando David Hassett conheceu Pipa, na década de 80 do século 20, deparou-se com falésias corde-rosa e faixas contínuas de mata verde, uma mistura de cores que lhe encantou, "parecia uma ilusão de ótica". Brotou no peito do ambientalista o desejo de salvar pelo menos parte daquele patrimônio natural, que, aliás, logo passou a ser avidamente explorado pelo turismo e pela especulação imobiliária. Foi isso que fez David se envolver com o projeto do Santuário Ecológico, investindo uma soma de recursos que prefere não mencionar.

Em 1991, o ecologista quis compartilhar os encantos do pequeno paraíso que conseguiu preservar em Pipa, criando um Jardim Botânico, espaço de visitação intensiva dentro do Santuário Ecológico. Logo conseguiu também parcerias e adesão de instituições e pesquisadores, que comparecem ao local para desenvolver atividades científicas, como identificação e documentação das plantas da região e a formação de coleções vivas.

Além de vegetação natural, o visitante do Jardim Botânico poderá conhecer coleções de espécimes representativas da flora regional, como orquídeas e bromeliáceas. O local dispõe de infraestrutura básica, com banheiros, acomodação para pesquisadores e alunos, salas de trabalho e trilhas sinalizadas com desenho de animal, planta ou elemento folclórico. A fauna nativa de grande porte sumiu, mas o visitante ainda encontra soim, raposa, guaxinim, gato-do-mato, tatu, peba, tamanduá-mirim, coelho, além da fauna marítima, com destaque para os golfinhos e tartarugas.

O Projeto Tamar, de preservação de tartarugas marinhas, fincou uma base experimental em Pipa com apoio do Santuário Ecológico. O cidadão britânico não se cansa de participar de inúmeras iniciativas relacionadas com a preservação do meio ambiente. Ajudou a criar ou faz parte dos Clubes de Observadores de Aves do RN, Clube de Espeleologia do RN, Fundação Amigos do Lajedo de Soledade e Clube dos Amantes da História Natural.

MARCA

Nasceu bonito, saudável
e mede 54,6cm.

Parabéns ao Novo Jornal, o novo bebê da imprensa potiguar.

PROMATER
HOSPITAL GERAL
CARINHO E RESPEITO PELA VIDA
www.promater.com

Akira Yano
massoterapia e clínica geral

Akira Yano Terapias oferece uma experiência que transforma, renova e estimula. Através do cuidado de profissionais, a massoterapia, a quiropraxia e as terapias orientais podem reestruturar o corpo físico, energético e emocional. É como uma viagem. Uma experiência que pode fazer muito bem.

Serviços oferecidos:

- Massoterapia
- Quiropraxia
- Psicoterapia
- Acupuntura
- Terapia Ocupacional
- Estética Facial e Corporal
- Clinica Geral

Endereço: Rua Norton Chaves, 803, Lagoa Nova, Natal-RN
Telefone: (84) 3206-2666
Site: www.akirayano.com/especialidades

kki.com.br

Aguce seus sentidos.

O Hotel Vila do Mar concentra as qualidades de um excelente hotel. É capaz de receber os melhores eventos associando conforto, entretenimento e a melhor estrutura. Além do Vila Hall, com 900m² de sofisticação e qualidade, estão disponíveis 5 salas de médio-pequeno porte para acontecimentos das mais variadas capacidades e tipos e um estacionamento exclusivo para mais de 400 veículos.

Via Costeira, 4233 - Natal - RN - Brasil
55 84 4009 4900 - reservas@viladomar.com.br - www.viladomar.com.br

Negócio bom se faz no papel.

Uma relação bem sucedida se constrói na base do compromisso com a verdade e da confiança. Confiança que, por sua vez, é uma premissa básica. Seja na hora de comprar um imóvel ou até mesmo assinar um jornal.

Quando o projeto de um veículo de comunicação sai do papel, ele passa a significar muito mais do que um novo negócio. Trata-se de um compromisso dos seus idealizadores com a sociedade, com a democracia e principalmente com a exatidão das palavras que proferem, os conceitos que emitem e as opiniões que externam.

Pois são elas que vão fortalecer o acesso à informação e caminhar lado a lado com o desenvolvimento de uma sociedade. Sempre.

SEJA BEM-VINDO, NOVO JORNAL.

www.nlimoveis.com.br

NL IMÓVEIS

CRECI 1440J

A CIDADE INVISÍVEL

Todos os dias, 65 mil pessoas compram, divertem-se, encontram-se, passeiam ou simplesmente perambulam pelo Midway Mall. Mas o hábito não basta para conhecer números e histórias que fazem do shopping uma cidade dentro da cidade. O NOVO JORNAL vai revelar essa intimidade, em cobertura diária que começa nas páginas 55, 56 e 57

ART&C

Já que você veio procurar notícias importantes no Novo Jornal, a gente adianta uma: nossas matrículas já estão abertas.

Venha aprender idiomas com a metodologia Senac e o menor custo hora/aula do mercado. Abra portas para um mundo de oportunidades. Aproveite que as matrículas estão abertas e coloque nossos 10 anos de tradição na sua carreira.

Matrículas ABERTAS
4005.1000
www.rn.senac.br

senac
QUALIFICAÇÃO QUE ABRE PORTAS
6 ANOS
FECOMERCIO RN

MARCA

O NOVO
FAZ PENSAR
O NOVO
FAZ ANDAR
O NOVO
FAZ MUDAR
O NOVO
FAZ VER
O NOVO
FAZ AVANÇAR
O NOVO
FAZ OLHAR
O NOVO
SÓ FAZ ESTIMULAR

O NOVO É O NOVO JORNAL

Seja bem-vindo, Novo Jornal.

certa desde 1974
engenharia
www.construtoracerta.com.br

Geórgia Hackradt, do Novo Jornal
Fotos: Tiago Lima

UM DIA NO SHOPPING

Repórteres documentam a intimidade do centro comercial preferido dos natalenses

10h00

Ao som da música-tema do shopping, com arranjo pop e voz feminina, **abrem-se as portas** do maior templo do consumo de Natal, para um novo dia de compras e lazer. Advanildo Falcão, 22 anos, é funcionário de empresa responsável pela segurança do Midway Mall e um dos encarregados de abrir as portas do shopping, que só serão fechadas ao fim do dia ou em casos isolados, como assaltos. Nesse momento, o grupo de 20 pessoas que esperava do lado de fora se dispersa pelos corredores, para as primeiras compras do dia. E eu começo minha reportagem.

10h57

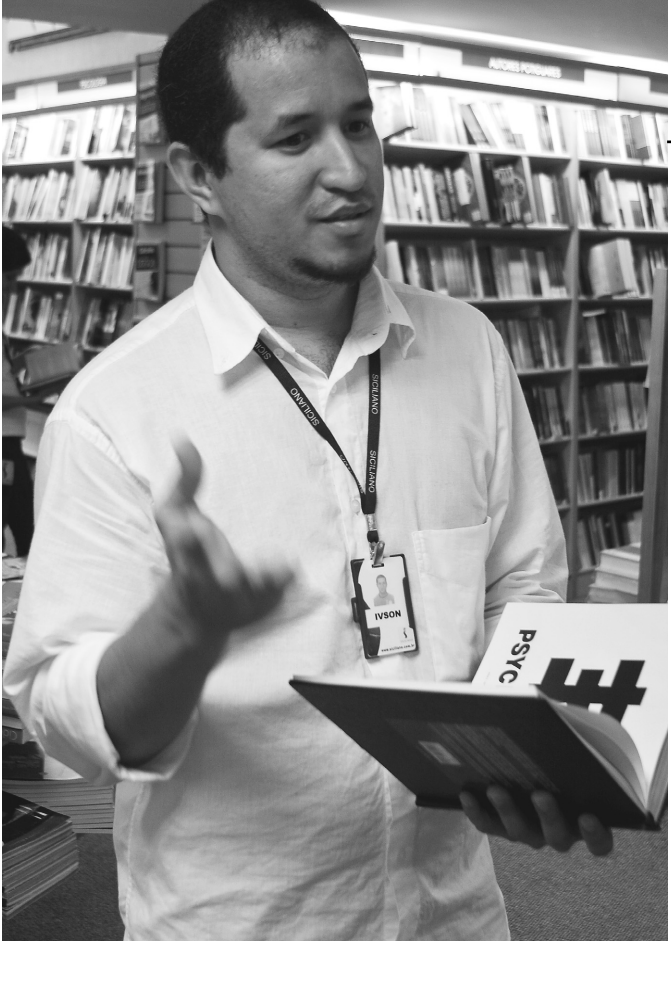
Ivson Melo, 28, vendedor da única livraria do shopping, inicia seu expediente esperando a tranqüilidade costumeira de uma segunda-feira. A maior parte dos freqüentadores da loja procura livros de romance e auto ajuda. Estudante de ciências sociais, Ivson, que já foi vocalista de uma banda de rock, prefere outro estilo. "Gosto de livros de **filosofia, música e sociologia**, que é minha área", diz o estudante. Quando não está atendendo algum cliente, Ivson folheia os livros que gosta e passeia por entre as estantes, escolhendo os próximos a serem lidos por ele.

11h21

João Mateus acabou de completar 5 anos e decidiu ir a uma das lojas de brinquedos do Midway para escolher o presente. Acompanhado pela avó, Dione Moura e pela irmã Maria Fernanda, João Mateus corria pela loja, fascinado pela variedade de bonecos e carrinhos de controle remoto. Maria Fernanda se ateve ao mini escorregador, de onde observava a euforia do irmão. Dione preferiu ir ao shopping pelo fácil acesso e pelas opções de escolha, sabendo que uma das lojas atenderia às expectativas do menino. Depois de muito refletir, João Mateus entrega à avó o brinquedo escolhido, uma pista de corrida da Hot Wheels. Satisfeito com o presente, João Mateus deixa a loja, **feliz da vida**.

11h45

Na pausa para um café, encontro José Ribamar Barbosa Júnior, de 28 anos. Júnior, como gosta de ser chamado, já foi funcionário de dois restaurantes do shopping. É barista do café há quase um ano e diz que os pedidos que mais fazem sucesso são a tapioca crocante (R$4,50) e o café com creme de avelã (R$3,50 o pequeno). Júnior prepara em média **100 cafés com creme de avelã por dia**, no fim de semana, o número sobe para 200, 5 vezes mais que o café comum (R$2,00 o pequeno). O movimento aumenta por volta do meio dia e segue intenso até a noite. O perfil dos freqüentadores é que varia muito. "Todo mundo gosta de um café depois do almoço", diz Júnior.



12h28

Os estudantes do IFRN O.F., G.B., K.R., G.F. e V.S., todos de 15 anos, vão ao Midway diariamente para almoçar, passear e ver filmes. Os adolescentes estudam no IFRN pela manhã e fazem outros cursos à tarde, pela proximidade dos locais, escolheram o Midway como **ponto de encontro**. Durante o intervalo entre as aulas, os jovens almoçam e conversam por algumas horas, já que os cursos só têm início no fim da tarde. O baralho de Uno é item essencial na mochila de G.B. e passatempo preferido dos amigos. O que os estudantes não gostam muito é do rigor dos seguranças, que não permitem muitas brincadeiras na praça de alimentação.

O MIDWAY EM NÚMEROS

- 227 mil metros quadrados
- 280 lojas
- 5 mil empregos
- 65 mil pessoas/dia no shopping
- 7 mil pessoas/dia nas lojas
- 3 mil 500 vagas nas garagens
- 12 mil 500 veículos/dia
- Consumo de energia igual ao de uma cidade de 50 mil moradores

12h57

Minha fome desperta e reclama por comida. Paçoca com arroz de leite, de preferência. Decido por almoçar em um restaurante de comida regional, onde saciar minha vontade certamente não será difícil. A essa hora muitas mesas da praça de alimentação já estão ocupadas. Grupos de estudantes, de colegas de trabalho, famílias, pessoas almoçando sozinhas. Escolho uma mesa perto da grande parede de vidro da praça de alimentação, com vista para a Av. Bernardo Viera. Para mim, o lugar mais agradável da praça, ao menos quando o Sol permite que seja. **Em outro horário é possível se bronzear durante um lanche naquela área, e essa não é exatamente a melhor atividade que o shopping oferece.**

UM DIA NO SHOPPING

13h42

Na sessão de CDs e DVDs das Lojas Americanas, Maria Aparecida da Costa, 25, registra a compra de uma cliente, que sai da loja levando um cd de Capital Inicial. Maria Aparecida trabalha como operadora de caixa das Americanas há 5 meses e diz que, mesmo com tantas cópias piratas de CDs e DVDs, os originais são muito procurados. A sessão de filmes e música das Americanas apura, em média, R$4.000 por dia em CDs e DVDs. Principalmente CDs de pop rock internacional e DVDs de filmes de sucesso, como O Crepúsculo. O público é variado, a sessão de lançamentos é sempre procurada. Dos 5 clientes presentes no momento, 2 deixaram a loja levando algum item. As músicas de tema natalino que tocam na loja lembram aos clientes que a data já está próxima. **"É Simone o dia inteiro, em outubro era Xuxa, eu já tava enjoada",** diz Maria Aparecida, que não tem preferência por estilo musical.

14h00

Decido ir ao cinema. Na fila, apenas 3 aguardam a vez para comprar os ingressos. Aproveito a tranqüilidade do lugar para perguntar à moça do outro lado do vidro algumas informações sobre os filmes em cartaz, já que os folhetos com as sinopses não estavam disponíveis. Digo a ela que estou em dúvida entre O Grilo Feliz E Os Insetos Gigantes e Os Normais 2 – A Noite Mais Maluca de Todas. Ela responde que uma coisa não tem nada a ver com a outra. "Esse do grilo é um desenho, filme de criança. Os Normais é uma **comédia** bem imoral", explica a moça. Dito isso, faço minha escolha: Os Normais. Aproveito uma promoção de ingressos a R$2,00 para qualquer filme nacional e escolho um horário conveniente, no auge da preguiça pós-refeição.

14h20

Pouco menos da metade da capacidade da sala está ocupada. O aviso **para que os celulares sejam desligados** já foi dado e o filme começa.

15h45

A sessão termina e passando pela lanchonete do cinema encontro um casal conversando animadamente. Os estudantes Maria Luiza, 18, e Edglei, 22, aguardam atendimento para comprar a pipoca e o refrigerante que levarão à sala de cinema. Os dois se conheceram há 3 anos na igreja católica que freqüentam, logo ficaram amigos e se encontram nas missas desde então. **Esse foi o primeiro encontro dos dois fora da igreja**. O shopping foi o lugar escolhido, onde assistiriam ao filme Jean Charles, sobre o brasileiro morto por engano em uma estação de metrô, em Londres. O casal parecia bem animado, não sei se pelo filme, pela pipoca...

16h12

Mais uma pausa para café, dessa vez encontro um grupo de jovens que conversa animadamente na mesa ao lado. Os estudantes Raniere Moura, Fernanda Gurgel, Teles dos Santos Júnior, Ricardo França e Maria Gabriela Nobre, todos com 19 anos, são amigos há 6. Conheceram-se ainda no ensino fundamental da escola e concluíram o ensino médio juntos. Hoje se dividem entre os que já estão na universidade e os que estudam para uma nova tentativa no vestibular, mas sempre encontram tempo para reuniões rápidas. "A gente vem sempre que dá, geralmente é nas sextas feiras, quando as aulas acabam mais cedo", diz Raniere. Os jovens se reúnem no Midway, por ser um ponto central e de fácil acesso. Almoçam e trocam lembrancinhas entre eles, geralmente são chocolates, CDs ou DVDs. Quando sobra **um tempinho**, gostam de ir ao cinema.

16h41

Um novo grupo de amigos, ainda mais animado que o primeiro, conversa em uma das mesas da praça de alimentação. Para minha surpresa, o assunto é justamente **o lançamento do Novo Jornal** e as expectativas de cada um em relação ao periódico, que, diz Lúcia Helena Pereira, 64, está de parabéns pela escolha da equipe de jornalistas. A escritora Lúcia Helena, o casal de advogados Jaime, 60, e Valéria Aquino, 51, e a amiga Marilene Wanderley, 68, são amigos há mais de 10 anos e se encontram sempre que possível. Independente de o grupo estar completo, Lúcia Helena e Marilene vão ao Midway todos os dias. Além de almoçar, os amigos passam o tempo na livraria e vão ao cinema. Antes do surgimento do Midway Mall, se reuniam no restaurante Xique-Xique, que já não existe mais. A construção do shopping só lhes trouxe benefícios, já que agora fazem uso dos serviços desejados sem problema de deslocamento, além de passarem mais tempo juntos.

17h05

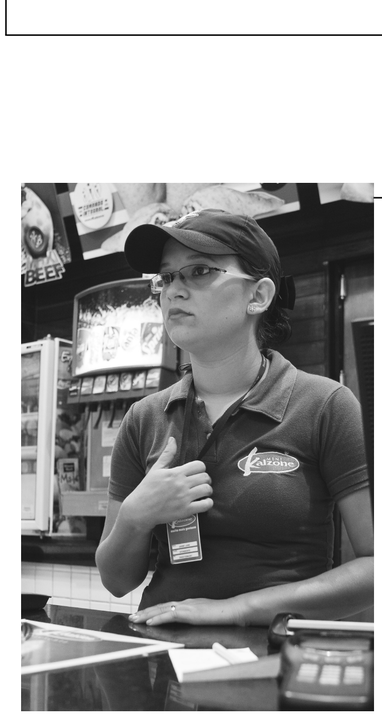
O pianista Valdier Ribeiro, 31, toca as primeiras notas da música **(I Did It) My Way**, famosa pela interpretação de Frank Sinatra, marcando a abertura de sua apresentação no pátio central do shopping. Para o repertório das apresentações no Midway, Valdier escolhe músicas de artistas populares como Caetano Veloso e Djavan, que sempre agradam. Já na escola de Guamaré, onde é professor de artes, ensina música erudita, apesar de não gostar muito do estilo. "Gosto de tocar Bossa Nova e trilhas de filmes, Romeu e Julieta, Dr. Jivago...", conta o músico. Professor há 7 anos e pianista há 15, Valdier se apresenta no Midway há mais de quatro anos e não se incomoda com o barulho do shopping. "Eu sei que não estou em um teatro, não é um concerto", acrescenta Valdier.

17h24

Existem algumas pracinhas no estacionamento do shopping. Uma delas, defronte ao supermercado Extra, é ponto de encontro de jovens conhecidos como emos. A palavra deriva do estilo musical Emotional Hardcore, foi abreviada e hoje também é usada para definir o estilo de determinados grupos ou pessoas. Os emos, em sua maioria, são jovens. A franja cobrindo os olhos é característica essencial a qualquer emo, a carência de afeto, também. Os jovens se abraçam e beijam constantemente, sentam nos colos uns dos outros e se dizem muito sensíveis. L.K, 16, F.G, 15, e E.L, 17, são emos. A amizade não é de longa data, menos de um mês, mas todos se tratam com bastante intimidade. Os três adolescentes são homossexuais assumidos para os amigos, mas não para a família. E.L. se dizia evangélico até um mês atrás, devido à pressão sofrida na igreja, abandonou a religião. **"Meus pais não sabem, tem essa coisa da religião, aí eu não falo. Aqui não tem problema",** diz E.L. Durante a semana a média de freqüentadores da praça, espécie de clã dos emos, é de 10 jovens. Aos sábados o número aumenta para 50. Segundo L.K., o grupo se reúne para beber, fumar e tocar violão. As reuniões não agradam os seguranças do shopping, que reclamam e pedem silêncio. Uma câmera foi instalada exclusivamente para monitorar o grupo. Para F.G., a praça é melhor porque, mesmo com essa vigilância, os jovens têm mais liberdade do que se estivessem em outras áreas do shopping, onde praticam um hábito pouco recomendável. "Na praça de alimentação só é bom de ir pra comer as pizzas que deixam sobrando nas mesas", completa L.K. A faixa etária do grupo varia de 12 a 26 anos.

17h43

"Não são adolescentes, são **aborrecentes**", protesta o vigilante Janilson Otaviano, 33, que fazia a ronda no estacionamento. Vigilante do Midway há 2 anos, Janilson diz que os emos sempre perturbam, falam palavras de baixo calão e usam drogas. Ambulâncias já foram acionadas para socorrer jovens que passavam mal. Outro ponto que incomoda a vigilância e os clientes é o namoro entre jovens do mesmo sexo. "Não que eu tenha nada contra, mas isso é um ambiente familiar", acrescenta Janilson. Outros jovens de torcidas de futebol também perturbam o equilíbrio do shopping. "Quando tem jogo, eles marcam brigas pelo Orkut, MSN, e vão brigar no Game Station", finaliza Janilson, que disse que alguns pais já foram chamados ao Midway, mas a situação não se alterou.



18h15

No mezanino da livraria do shopping **uma moça fantasiada de cadáver senta no chão mirando o vazio**. A roupa branca e a maquiagem escura fazem parte da performance da atriz, muda e imóvel, que segura ainda uma bandeja de pirulitos coloridos. Tem início a exposição do fotógrafo e estudante de design Andrey Lourenço, 20. A mostra é inspirada no livro "O Maníaco do Circo" do escritor potiguar Leonardo Barros, uma estória fictícia sobre um menino esquizofrênico que, quando criança, tinha medo de palhaços e acaba por se tornar um serial killer na vida adulta. Os amigos de Andrey são os modelos das fotografias, bastante sombrias, que retratam palhaços loucos e moças assassinadas, tudo isso envolto por uma profunda escuridão. Foi a segunda exposição de Andrey, a anterior foi inspirada na saga de "O Crepúsculo", da qual o jovem é fã. "A próxima provavelmente será sobre Harry Potter, mas ainda é muito cedo pra planejar", diz Andrey.

18h56

O pianista encerra sua apresentação com Wave, de **Tom Jobim**, que não é exatamente um compositor popular. Wave é uma das mais pedidas, segundo o músico Valdier Ribeiro.

19h16

A aposentada Maria de Deus Peres, 70, descansa em um dos bancos no interior do shopping. Deusinha, como é conhecida, mora em João Pessoa, mas vem regularmente a Natal para encontrar a família, que mora aqui. Sempre que está na cidade, ela vai ao Midway para assistir a apresentação do pianista, olhar as vitrines e "merendar". O passeio no Midway agrada, mas Deusinha diz que gosta mesmo é de festa. "Eu gosto muito, mas **já tou velha pra dançar, hoje eu gosto de ir pra ver os jovens dançando**", diz a simpática senhora.

19h37

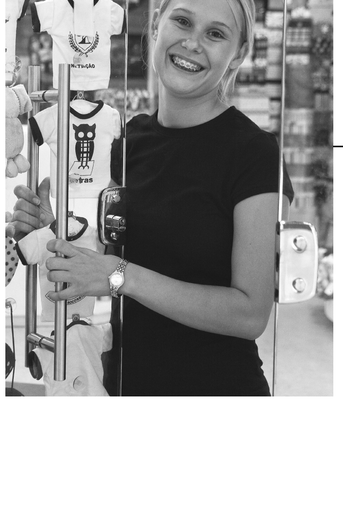
Um grande grupo chama a atenção na praça de alimentação. Trata-se de mais uma reunião sobre o Nordeste Ball, **campeonato nordestino de futebol americano**, que é tão americano quanto o shopping. São representantes de 3 dos 7 times do Estado, os veteranos Ponta Negra Bulls e Natal Scorpions e o iniciante Natal Hunters, exclusivamente feminino. O grupo se reúne semanalmente no shopping para discutir regras e horários de campeonatos. Marcelo Costa, 37, é representante do Natal Scorpions, e garante: "quem conhece o esporte, se apaixona". O time, que treina no campinho da paróquia de Ponta Negra, ainda não tem o Full Pad, que é o equipamento de proteção do futebol americano. Até agora, os jogadores treinam com uniforme e protetor bucal, mas o equipamento completo está previsto para chegar em janeiro de 2010. Esporadicamente, um time de baseball treina no mesmo campinho. O apreço não é só pelo futebol americano. "Às vezes abrimos o treino com uma peladinha mesmo, todo mundo gosta", diz Marcelo. Apesar de serem adversários em campo, os jogadores se dão muito bem fora dele, o que fica claro pelo clima de descontração das reuniões.

20h18

A lanchonete em que vou jantar está movimentada, a funcionária Janne Lane Bandeira da Silva, 22, trabalhou o dia inteiro para atender aos pedidos, que variam entre 350 e 400 diariamente. Ela e o marido Paulo Roberto Marcelino da Silva, 24, trabalham juntos e se conheceram na lanchonete. Janne é funcionária há 2 anos e 7 meses, quando foi contratada conheceu Paulo, que já trabalhava no lugar. Ficaram amigos quase que imediatamente e logo começaram um namoro. "Não demorou muito **e juntamos os trapos**", brinca Janne, casada há 2 anos e 5 meses.

20h49

Adriano Marinho, 26, e Laura Caroline Marinho, 24, conversam virtualmente com os amigos através do laptop de Adriano. O casal freqüenta o shopping quase diariamente e sempre levam o laptop, exceto quando vai de ônibus, com medo de assaltos. A internet wireless da praça de alimentação já resolveu muitos problemas do casal, que recentemente mudou de casa e ainda não instalou o serviço no novo endereço. "Quando tinha as tomadas na praça de alimentação, vinha muita gente. Hoje a gente usa enquanto durar a bateria", diz Adriano. **Os dois são atores** e se conheceram durante um evento cenográfico em Maceió, terra natal de Adriano, e namoraram virtualmente por quase um ano. "A internet fez parte da nossa história, foi quase um ano de muitos e-mails e conversa pelo MSN", diz Laura. Em 2007, Adriano veio morar em Natal, os dois casaram no início desse ano, em Tabatinga.



21h32

Em uma loja de roupas o vendedor Lude Oliveira dos Santos, 24, realiza a última venda do dia. Funcionário há 1 ano e 3 meses, Lude pretende continuar loja por mais algum tempo, para juntar dinheiro. Lude e sua namorada, a dinamarquesa Isabell Rosen, 22, conheceram-se na loja. Isabell, que estava passando as férias com a família em Natal, foi atendida por Lude e se interessou pelo rapaz. Tanto que pediu o e-mail e alguns dias depois o convidou para uma festa de réveillon no hotel em que estava. **Situação inusitada para uma cidade turística onde o comum é ver homens estrangeiros se interessando pelas meninas**. Não demorou e os dois começaram o namoro, se comunicando em inglês. Assim que conseguir o dinheiro, Lude pretende ir à Dinamarca, casar e trabalhar.

21h55

O locutor anuncia que em **5 minutos** o shopping encerrará suas atividades, os corredores começam a esvaziar e os funcionários da limpeza concentram-se nos corredores dos banheiros.

21h58

Denise Salviano, 20, fecha as portas da papelaria depois de mais um dia de trabalho, das 16h às 22h. Denise é vendedora da loja há um ano e é feliz no emprego que tem. Esse é seu segundo emprego, já tendo trabalhado eu uma loja de roupas. Denise, que vendeu bem durante o dia, já vive a maratona de vendas do natal. "**A partir do dia 20 a loja bomba**", diz a moça.

22h07

A Assistente de Serviços Gerais (ASG) Michelline Ferreira dos Santos, 35, checa se as cabines do banheiro feminino estão vazias. Michelline trabalha das 10h20 às 22h20, fazendo a limpeza geral do shopping. Quando a última pessoa deixa o banheiro, **ela tranca a porta** e encerra seu expediente. A precaução não é meramente burocrática, uma colega de trabalho de Michelline já deixou uma moça trancada no banheiro por não ter verificado todas as cabines. Antes de ser ASG, Michelline era recepcionista de um escritório de advocacia, onde trabalhou por mais de um ano e para onde pretende voltar.

22h12

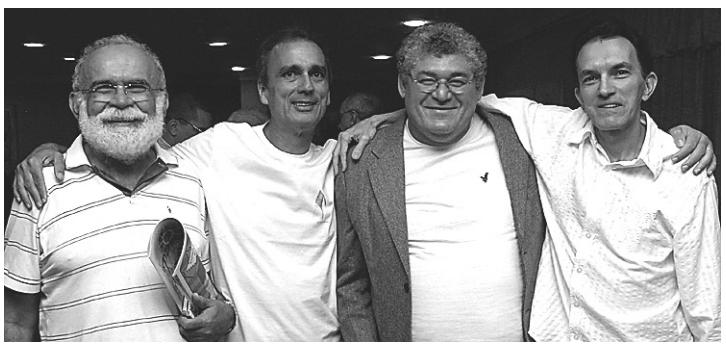
Daniel Guedes, 25, fecha as portas da ala "L1 América" do Midway Mall. Está começando a etapa mais solitária do trabalho do vigilante noturno, que está nesse emprego há 7 meses. Apesar do stress do trabalho, Daniel gosta do que faz e não pensa em seguir outra carreira. "Quero ficar aqui até o dia em que **Deus ou a empresa** permitir", diz o vigilante. Das 19h até 7h da manhã, Daniel e os outros colegas são os donos do Midway, junto com o pessoal da limpeza.

LANÇAMENTO REVISTA PALUMBO

Fernanda Bandeira

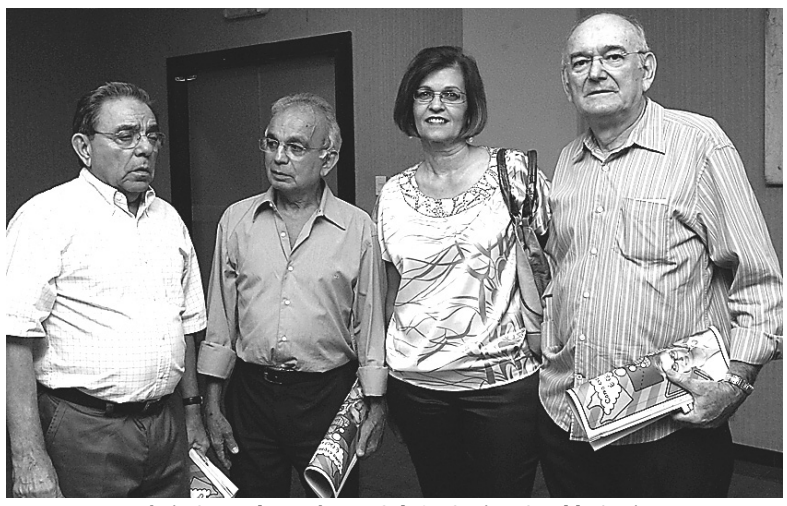
Déia, Candinha Bezerra, Olga Aranha e Alda Martinelo

Neide e Olímpio Maciel

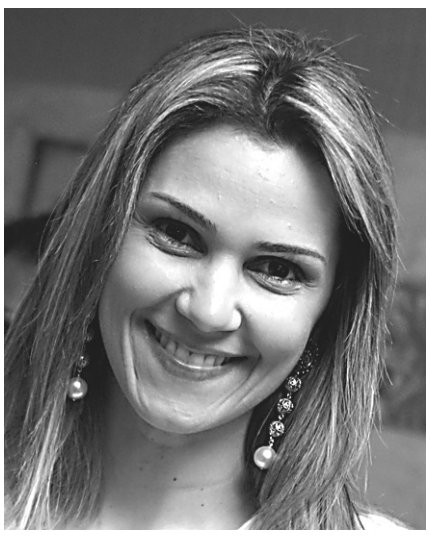


Moacy Cirne, Dácio Galvão, Carlos de Souza e Tácito Costa

Airton Bulhões, Sávio Hackradt, Petit das Virgens e Francisco Alves

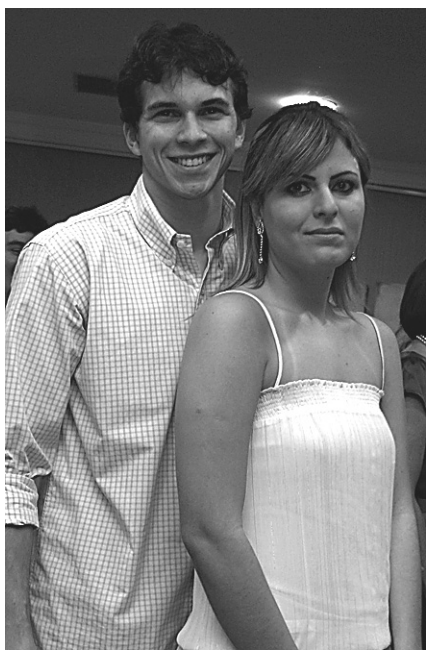


Laércio Segundo, José Arno Galvão, Sonia e Geraldo Queiroz



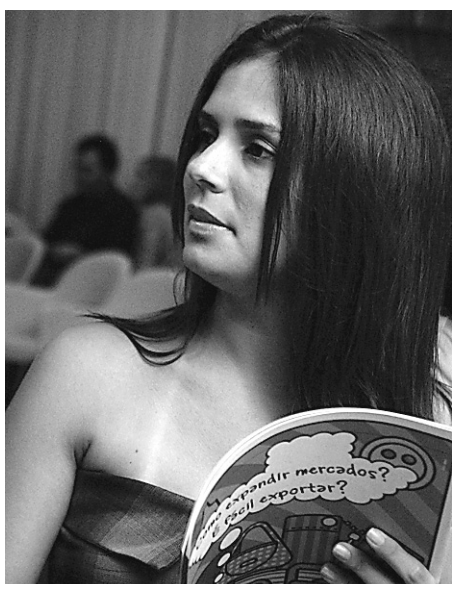
Kadidja Furtado

Juliano Caldas e Maria Gurgel

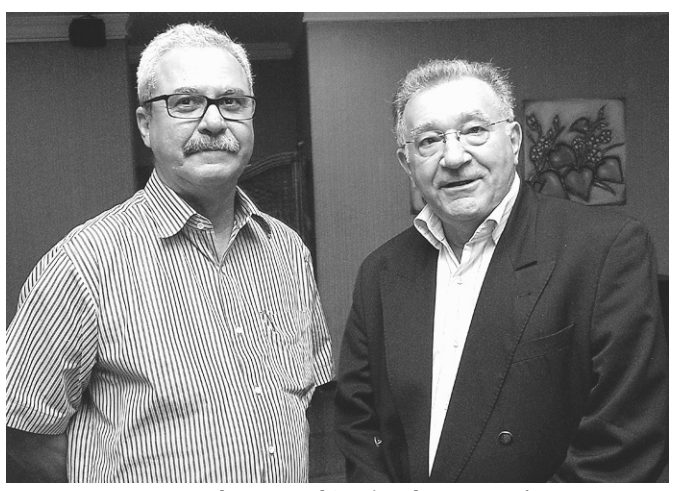


Renato Furtado e Paula Alves

Moelle Queiroz



Renata Bezerra



Zeca Melo e Manoel Pereira, do Novo Jornal

ROTEIRO

CINEMA

CÓDIGO DE CONDUTA– Direção: F. Gary Gray. Clyde (Gerard Butler) testemunha o assassinato da sua família. Anos depois, é preso acusado injustamente de matar o assassino. Clyde procura, a qualquer custo, provas para denunciar o corrupto sistema judicial. 16 anos. Cinemark: 15h10 – 17h30 – 19h50 – 22h20 Moviecom: 17h30 – 19h40 – 21h50

UMA PROVA DE AMOR – Direção: Nick Cassavetes. Com Cameron Diaz e Alec Baldwin. Anna, 13 anos, foi concebida para que sua medula óssea prolongasse os anos de vida da irmã mais velha. Já adolescente, Anna se pergunta qual o sentido da vida. Livre. Cinemark: 21h20

TÁ CHOVENDO HAMBURGUER – Direção: Phil Lord e Chris Miller. Animação. Cientista tenta acabar com a fome do mundo, mas algo dá errado e começam chuvas de sopa e tempestades de hambúrgueres, causando um problema global. Livre. Cinemark: 13h25 – 15h30

OS FANTASMAS DE SCROOGE - Direção: Robert Zemeckis. Jim Carrey interpreta um velho avarento e mal humorado. Na véspera do natal, o velho é assombrado por três fantasmas que o fazem ver resultados de suas atitudes e ter a chance de se arrepender. Baseado em conto de Charles Dickens. 10 anos. Cinemark: 11h50 - 14h20 - 16h35 - 18h50 - 23h40 Moviecom: 14h50 – 16h50 – 19h00 – 21h00

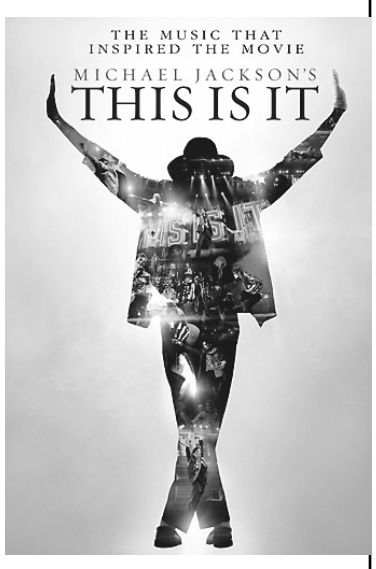
BESOURO – Direção: João Daniel Tikhomiroff. A história do capoeirista que viveu no Recôncavo baiano nos anos 1920 e é considerado um dos maiores de todos os tempos. 14 anos. Cinemark: 12h30 - 15h00 - 17h10 - 19h25 - 21h35 - 23h55 Moviecom: 16h45 – 20h35

JOGOS MORTAIS VI – Direção: Kevin Greuter. Ultima parte do plano de Jigsaw a ser desvendada. O detetive Hoffman é o único a conhecer toda a verdade, mas se vê forçado a colocar em ação mai um dos jogos mortais de Jigsaw. 18 anos. Cinemark: 17h50 - 19h55 - 22h Moviecom: 17h50 – 22h

SINÉDOQUE, NOVA IORQUE – Direção: Charlie Kaufman. Caden Cotard (Philip Seymour Hoffman) é um diretor de teatro frustrado, hipocondríaco e egoísta. Quando recebe a oportunidade de escrever sua primeira peça, sua vida está de pernas para o ar. Na intenção de criar algo real propõe recriar o seu mundo no palco em cada detalhe. 18 anos. Cinemark: 14h

2012 – Direção: Roland Emmerich. Em 2012, quando desastres naturais começam a destruir a Terra, pesquisador acadêmico lidera um grupo de pessoas numa luta para evitar esses eventos apocalípticos que foram previstos num antigo calendário dos povos Maias e que pode culminar com o fim da civilização. 12 anos. Cinemark: 14h05 - 14h40 - 17h20 - 18h - 20h40 - 21h20 Moviecom: 15h00 – 18h05 – 21h10 (legendado); 14h – 17h05 – 20h10 (dublado)

CANTORAS DO RÁDIO – Direção: Gil Baroni, Marcos Avellar. Documentário. Um resgate e uma homenagem aos anos dourados da música popular brasileira. O filme tem como fio condutor o show "Estão Voltando as Flores", criado e dirigido pelo renomado pesquisador Ricardo Cravo Albin, que celebra dez grandes cantoras do rádio e conta com a participação especial de Carmélia Alves, Carminha Mascarenhas, Ellen de Lima e Violeta Cavalcante. Moviecom: 17h20



MICHAEL JACKSON'S THIS IS IT – Direção: Kenny Ortega. Documentário montado a partir das imagens inéditas dos últimos ensaios do rei do pop. Livre. Cinemark: 16h45 - 19h15 - 21h45 Moviecom: 15h35 - 19h45

HOTEL ATLÂNTICO - Direção: Suzana Amaral. Um ator desempregado (Júlio Andrade) viaja sem rumo pela região Sul do país, vivendo situações inesperadas, por vezes absurdas. Nestes fragmentos do cotidiano, ele descobre o seu inusitado destino. Baseado na obra de João Gilberto Noll. Moviecom: 15h10 – 19h25 – 21h40 - 15h20

DIAS AMARGOS – Direção: Marshall Herkovitz. Danny De Vito é um palhaço profissional cuja mulher morre em um acidente de carro. Ele passa a de seus dois filhos pequenos, mas apesar de amoroso é imprestável no trabalho papel de pai. Programação do FestNatal. Moviecom: 15h20 – 17h40 – 20h

LIVROS

DE MOCINHOS E SUPER-HERÓIS, de Alex Medeiros. Crônicas sobre cinema e histórias em quadrinhos. Bar Jukebox, hoje, 18h30.

JORGE FERNANDES, O VIAJANTE DO TEMPO MODERNISTA, de Maria Lúcia de Amorim Garcia. Reunião da obra completa do poeta potiguar com textos inéditos. Dia 19, na Livraria Siciliano (Midway Mall), 19h.

ART&C

A INFORMAÇÃO CIRCULA

A DEMOCRACIA AGRADECE

Todos os veículos de comunicação que vêm reforçar os princípios da democracia são bem-vindos. Por isso, a Assembleia Legislativa comemora com cada norte-rio-grandense a criação do mais novo veículo de informação no RN. Ao Novo Jornal, muitos anos de vida.

Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa

Nossa loja é como você: fica cada vez mais bonita.

Nesta quinta-feira, 19 de novembro, será inaugurada a nova loja O Boticário do Shopping Cidade Jardim. Uma loja com muito mais espaço e serviços, e que agora contará com um Lounge de Maquiagem. Na ocasião será lançado o Projeto Bioconsciência do Boticário. Venha nos fazer uma visita. Esperamos por você.

O Boticário®

Graphos

NOVO (Adj.)

Que se encontra no início de um ciclo, de um processo; que apresenta originalidade, que tem caráter de novidade; que se caracteriza pela atualidade, pela contemporaneidade; que, apesar da maturidade, possui, vigor, viço.

ENCONTRAMOS NO DICIONÁRIO AS MELHORES DEFINIÇÕES PARA O NOVO JORNAL!

Sejam bem vindos e parabéns pelo espírito empreendedor que os leva a acreditar na livre expressão.

HOMENAGEM DO SISTEMA FECOMERCIO RN

SISTEMA FECOMERCIO RN senac SESC RIO GRANDE DO NORTE

RIBEIRA
(quase) NOVA DE GUERRA

ARGEMIRO LIMA/NJ

Apesar da revitalização da Ribeira ainda não ter saído do papel, o bairro de apenas 1.966 moradores (IBGE/2007) já atrai a atenção do mercado imobiliário. Nos últimos meses, cinco novos empreendimentos residenciais foram lançados. A maioria ainda se encontra em estágio de vendas, longe do início da construção das primeiras torres. Mas é difícil transitar pela "Ladeira de Marpas" e não se impressionar com o surgimento inesperado de um corredor imobiliário na Ribeira, em um trecho de pouco mais de 500 metros de extensão.

(CONTINUA NA PÁGINA 63)

ART&C

A RIBEIRA É UM MARCO PARA GRANDES PROJETOS.

O BAIRRO QUE RECEBE O NOVO JORNAL TAMBÉM ESTÁ RECEBENDO A ALBRA.

A RIBEIRA ESTÁ REVIVENDO PELA MÃO DE SONHADORES, QUE ESTÃO COLOCANDO EM PRÁTICA GRANDES PROJETOS. A ALBRA ESTÁ FELIZ POR SEU EMPREENDIMENTO LE RIVAGE, NO ALTO DA RIBEIRA, PORQUE DE SONHADORES NÓS ESTAMOS BEM ACOMPANHADOS. JÁ SÃO DIVERSOS CLIENTES QUE APOSTARAM NA QUALIDADE DO LE RIVAGE, E MUITO EM BREVE, SERÃO VIZINHOS DO NOVO JORNAL.

POR ISSO, A GENTE DIZ QUE, HOJE, É UM DIA SÓ DE BOAS NOTÍCIAS.

ALBRA
INVESTIMENTOS IMOBILIÁRIOS
Uma vida feliz é feita de sorrisos.
www.albrabrasil.com.br

EMPREENDIMENTO:
ALTO DA RIBEIRA,
PRÓXIMO A ANTIGA LADEIRA DA MARPAS.

CENTRAL DE VENDAS:
RUA JUNDIAÍ COM AV. CAMPOS SALES.
INFORMAÇÕES: 84 3201.8115

ART&C

SÃO TANTAS ATRAÇÕES POR TODA CIDADE QUE DIFICILMENTE O PAPAI NOEL VAI LHE ENCONTRAR EM CASA.

NATAL EM NATAL. UM GRANDE PRESENTE DE NATAL PARA TODO O BRASIL.

Se já é bom ganhar presente no Natal, imagina como é bom ganhar a cidade do Natal de presente. De novembro a janeiro, Natal se enfeita com cores, luzes e magia. É o Natal em Natal: uma celebração que encanta toda a cidade da gente, com eventos, shows, desfiles, espetáculos e muitas outras atrações. Venha viver este clima. Programe-se e reúna toda a sua família para aproveitar esta época mais esperada do ano.

NATAL EM NATAL
O NATAL DO BRASIL

PREFEITURA DO NATAL
Cidade da Gente

www.natalemnatal.com

| MORAR NA RIBEIRA | Localização privilegiada compensa o descaso do poder público e seduz a classe média

UM NOVO PETRÓPOLIS

NEY DOUGLAS/NJ

"Ladeira de Marpas" concentra os novos condomínios da Ribeira

"A vista é muito bonita, mas localização é ainda mais perfeita. Além de ser perto do meu trabalho, facilita o acesso a restaurantes, supermercados, hospitais e lojas"

JOSÉ GURGEL DOS SANTOS comerciante

NEY DOUGLAS/NJ

"É preciso que a estrutura seja avaliada novamente, para que se tenha a comprovação que o bairro tem condições de suportar esses primeiros empreendimentos, bem como outros no futuro"

ADALGISA DIAS diretora do Sinduscon

"Acredito que a Ribeira tem tudo para virar uma área nobre. Basta que os projetos de revitalização prometidos para o bairro sejam postos em prática"

EDSON MATIAS empresário

"No fim de semana não tem nada para se ver ou se fazer no centro. Não tem ninguém na rua, está tudo fechado. A Ribeira está do mesmo jeito: esquecida e precisando de nova vida"

FÁTIMA FREIRE gerente comercial

NÚMEROS

5 novos
empreendimentos estão sendo construídos

R$ 2.500
é o preço médio do metro quadrado na Ribeira

778 novos
apartamentos no bairro até 2012

Alexis Peixoto, do Novo Jornal

DESCONTADAS AS diferenças individuais de cada projeto, é possível identificar algumas características em comum que aproximam o público alvo dos novos empreendimentos na Ribeira. São condomínios fechados, com uma ou mais torres de apartamentos com o padrão da classe alta, mas com preços acessíveis ao bolso das classes mais populares. Além dos modelos mais populares, aalguns incluem apartamentos especiais do tipo duplex e coberturas, que exploram a vista do Rio Potengi.

Mesmo com a entrega prevista para daqui a três anos, os novos condomínios têm atraído a atenção de muitos compradores. Das cinco construtoras com empreendimentos no local, pelo menos duas afirmam já ter vendido metade dos apartamentos. Após a entrega de todos os prédios, 778 novos apartamentos serão criados no bairro.

No entanto, não é o charme boêmio do bairro, nem tampouco a programação cultural da Rua Chile e adjacências que têm atraído novos moradores para a Ribeira. A grande vantagem vendida nos encartes publicitários das construtoras é a proximidade com a Cidade Alta, Tirol e Petrópolis.

Nesses bairros mais nobres, os moradores poderão encontrar serviços ausentes na Ribeira como supermercados, lojas, restaurantes, farmácias, padarias e outros comércios de conveniência. A posição estratégica da Ribeira é tão valorizada que um release enviado para a imprensa por uma das construtoras define a Ribeira como "o novo bairro de Petrópolis".

O comerciante José Gurgel dos Santos Neto, 27 anos, concorda. Atualmente morando em Candelária, ele perde entre 30 e 40 minutos no trajeto diário entre sua casa e as três lojas que possui na área de Petrópolis, onde também fica a escola da filha de 6 anos. Pensando em concentrar todas as atividades de sua rotina em pontos próximos, José Gurgel comprou um apartamento quando o empreendimento ainda estava na planta, em 2007.

"A vista é muito bonita, mas localização é ainda mais perfeita. Além de ser perto do meu trabalho, facilita o acesso a restaurantes, supermercados, hospitais e lojas", afirma.

A gerente comercial Fátima Freire, 36, terá que esperar até fevereiro de 2011 para se mudar para o apartamento no condomínio Costa do Atlântico. Ela também pretende aproveitar a proximidade com o local de trabalho, uma sorveteria próxima à Praça André de Albuquerque, na Cidade Alta. Mas cobra outros investimentos na Ribeira, como o estímulo ao comércio, a revitalização de ruas e prédios e uma programação cultural contínua.

"Como são condomínios de classe média alta, acredito que isso possa estimular o aparecimento de serviços de profissionais liberais, como médicos e dentistas. Mas os projetos de revitalização prometidos precisam sair do papel", opina, comparando a situação atual da Ribeira ao bairro de Cidade Alta nos fins de semana. "No fim de semana não tem nada para se ver ou se fazer no centro. Não tem ninguém na rua, está tudo fechado. A Ribeira está do mesmo jeito: esquecida e precisando de nova vida".

Valorização inédita

Mesmo não apostando nos atrativos da Ribeira em si, a chegada dos novos empreendimentos sinaliza uma mudança da imagem do bairro diante dos olhos do mercado imobiliário. O Sindicato da Indústria da Construção Civil do RN (Sinduscon-RN) não dispõe de um levantamento específico da valorização dos bairros de Natal em anos recentes, mas de acordo com os preços praticados pelas construtoras com empreendimentos na Ribeira, é possível verificar na área um custo médio de R$ 2.500 por metro quadrado.

O preço ainda é inferior ao de bairros próximos como Tirol e Petrópolis, com média de preços de R$ 3.100, mas já é equivalente a bairros valorizados, como Lagoa Nova e Morro Branco. A marca pode ser considerada inédita. No último levantamento de preços de metro quadrado, realizado em 2006 pelo Sinduscon, a Ribeira sequer aparecia no ranking dos 11 bairros mais caros de Natal.

Facilidades

Além da possibilidade de desfrutar desses centros comerciais sem pagar o preço normalmente praticado nos bairros nobres da cidade, as facilidades no pagamento são outra arma de persuasão utilizada pelas imobiliárias. Dependendo do empreendimento, o interessado dispõe de financiamento direto com a construtora ou com uma instituição bancária, que chega a oferecer financiamento de até 70% do valor do imóvel, com prazo de pagamento parcelado em até 30 anos.

"Com a queda da taxa de juros, houve uma migração para o financiamento por meio de empréstimo bancário. Isso se reflete na extensão do prazo para quitação da dívida, o que acaba valorizando muito o imóvel", explica Marcio Paulino, gerente financeiro do grupo Paiva Gomes, um dos primeiros a apostar na Ribeira. "Acredito que a Ribeira tem tudo para virar uma área nobre. Basta que os projetos de revitalização prometidos para o bairro sejam postos em prática".

O ineditismo da especulação imobiliária no bairro é outro fator que tem estimulado os empresários a apostar na Ribeira como um celeiro de bons negócios. "É uma área que tem um grande potencial para o mercado imobiliário, mas que até então permanecia inexplorada. Com todas as vantagens que a área oferece, era natural que a visão empresarial se voltasse para o bairro. Acredito que este seja o início de uma redescoberta da Ribeira", prevê Edson Martins, presidente do Grupo Capuche, que mantém um stand de vendas na esquina da Rua Coronel Avelino Freire.

Entraves

Para a engenheira civil Ana Adalgisa Dias, Diretora Executiva do Sinduscon-RN, o momento é favorável, mas o entrave nos projetos de revitalização prometidos para o bairro impede que a Ribeira seja explorada de acordo com sua importância histórica e cultural.

"A chegada desses imóveis é algo muito positivo para o bairro. Mas é preciso que essa estrutura seja avaliada novamente, para que se tenha a comprovação que o bairro tem condições de suportar esses primeiros empreendimentos, bem como outros no futuro", afirma.

Outro ponto apontado por Ana Adalgisa é a ausência de comércios de artigos de conveniência na área. "Não há estímulo para que o comércio se instale no bairro. A nossa expectativa é que esses primeiros empreendimentos atraíam esses comerciantes. Mas enquanto os projetos de revitalização não forem implantados de fato, as pessoas que forem morar ali terão que se deslocar para os outros bairros para suprir as suas necessidades", analisa.

ART&C

EM NOME DE MAIS

DE TRÊS MILHÕES DE TELESPECTADORES,

GOSTARÍAMOS DE DESEJAR BOAS VINDAS

AO NOVO JORNAL.

PERTENCEMOS À MAIOR REDE DE COMUNICAÇÃO

DE TODA A AMÉRICA LATINA. DIARIAMENTE, LEVAMOS

AOS NOSSOS TELESPECTADORES UMA PROGRAMAÇÃO BASTANTE

DIVERSIFICADA, QUE ATENDE A TODOS OS PÚBLICOS.

MAS É NO JORNALISMO QUE VEMOS A IMPORTÂNCIA

DE ESTAR À FRENTE DOS FATOS, MANTENDO A TRANSPARÊNCIA,

A ÉTICA E O COMPROMISSO COM A VERDADE.

SEJA BEM-VINDO, NOVO JORNAL.

INTER TV
CABUGI

ENTRA PREFEITO, SAI PREFEITO... E NADA

| REVITALIZAÇÃO | Projetos para a Ribeira esbarram em vícios como a falta de continuidade administrativa

ARGEMIRO LIMA/NJ

Largo do TAM é um raro exemplo de obra planejada e realizada

A PREFEITURA DE Natal tem desde o ano passado um Plano de Reabilitação do Bairro da Ribeira, feito a partir de uma parceria firmada entre o Ministério das Cidades, a Caixa Econômica Federal e a própria Prefeitura, que contratou a consultoria de pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para o desenvolvimento de uma proposta para o bairro. É a terceira tentativa de revitalizar o bairro. As duas primeiras (veja box) fracassaram.

O Plano está dividido em setores e apresenta propostas para cada um deles, mas até hoje só saíram mesmo do papel as obras que estavam contempladas e algumas em andamento na época de elaboração do Plano, como foi o caso das mudanças no largo do Teatro Alberto Maranhão.

No caso da Habitação, foi identificado que a população residente na Ribeira está concentrada no que chamaram de Ribeira Alta, a região onde estão edifícios como Rio Mar e Chácara 402, e onde estão surgindo novos prédios. De outro lado há uma população na comunidade do Maruim, já na divisa com o bairro das Rocas.

A partir daí foi feito um cadastro dos imóveis existentes na Ribeira, levando em conta o estado de conservação, a importância histórica, a classificação quanto ao estilo arquitetônico etc, para recomendar o uso adequado a cada um. Para o uso habitacional, o Plano identificou 175 imóveis vazios ou subutilizados, parte deles destinada à restauração antes da ocupação e parte necessitando mesmo de reconstrução total. Também foram catalogados os imóveis destinados ao uso misto (moradia e prestação de serviços) e os destinados ao comércio.

Dos imóveis aptos ao uso habitacional, foi feito um levantamento na Secretaria de Tributação e no cartório de Imóveis, para a elaboração de uma planilha apontando os nomes dos proprietários. Todos estavam cadastrados na Secretaria, mas apenas 17% tinham registro no 3º Ofício de Notas.

As propostas

Depois do levantamento, o Plano de Reabilitação da Ribeira apresenta as propostas para o bairro, incluindo áreas próximas como o parque ferroviário existente nas Rocas, composto por galpões, antigas oficinas, um edifício administrativo, a antiga estação e por uma rotunda. Uma parte do proposto começou a ser implantada no ano passado.

A avenida Duque de Caxias, por exemplo, ganhou uma nova iluminação, recuperação das calçadas e uma projeto de urbanização do canteiro central. O Plano defende que toda a avenida, desde o Grande Hotel até o rio Potengi, sofra uma intervenção com a recuperação dos imóveis, passeios, iluminação e mobiliário, possibilitando transformar a avenida em uma rua de lazer para a realização de feiras de artesanato e eventos culturais

Para a rua Chile, o mais importante conjunto arquitetônico da Ribeira, é proposta a restauração dos imóveis de valor patrimonial para abrigar atividades relacionadas à cultura, gastronomia e entretenimento. A segunda proposta para a rua é a mais polêmica e defende a demolição dos imóveis descaracterizados e sem valor patrimonial, muitos dos quais hoje abrigam empresas de pesca que poderiam ser transferidas para o terminal em construção. Há ainda um projeto denominado Becos e Travessas, de recuperação urbanística dessas vias abundantes na Ribeira, e no qual se enquadra a construção de praças, largos ou belvederes nas áreas a serem demolidas na rua Chile.

Em relação ao sistema viário, o Plano propõe desafogar a Duque de Caxias a partir da utilização mais intensa da rua Almino Afonso. Nesse ponto, a proposta parece ter sido ultrapassada, já que previa a desapropriação de Marpas para a construção de uma rótula, ligando as avenidas Rio Branco e Cordeiro de Farias com a Almino Afonso. Mas o terreno onde funcionou Marpas foi vendido a um grupo empresarial que lançou um projeto de construção de novos edifícios residenciais.

A segunda intervenção proposta é o prolongamento da Esplanada Silva Jardim até a avenida Floriano Peixoto, valendo-se de terrenos não utilizados na antiga rotunda da Rede Ferroviária. Outro eixo de propostas do Plano prevê a valorização turística e cultural do bairro, com a construção de novos equipamentos e a concessão de áreas para atividades de lazer.

Novas promessas

De acordo com informações da Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente, o Projeto Beco e Travessas e o de Acessibilidade da Rua Chile já contam com recursos de 300 mil reais no Orçamento de 2010, quando a Prefeitura promete iniciar as obras. Em paralelo a esses projetos, está em andamento o Plano de Ação Para as Cidades Históricas, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Esse projeto pretende revitalizar os centros históricos abandonados de várias capitais do Brasil.

O IPHAN realiza atualmente a articulação entre as três esferas de poder – municipal, estadual e federal – e promove oficinas sobre o tema para os profissionais que irão trabalhar nas revitalizações, com um plano estratégico com duração de 4 anos, a partir de 2010. Para a Ribeira, estão programadas inicialmente a substituição da rede de esgotos do bairro, criada em 1939, e a macro-drenagem para conter bolsões de acúmulo de água.

DOIS EXEMPLOS DE FRACASSOS

"VIVA RIBEIRA"

O primeiro projeto de revitalização da Ribeira começou a ser detalhado, a pedido do então prefeito Aldo Tinoco, em 1995. O "Plano de Reabilitação Urbana da Ribeira" consistia no desenvolvimento de três eixos: legislação, visando medidas de incentivo à preservação; projetos físicos, com a finalidade de restaurar e construir ruas, praças e decks; e estratégia mercadológica, para divulgar bolsas de negócios capazes de estimular o comércio na área. O segundo eixo foi chamado de "Viva Ribeira" e apenas um de seus expedientes foi finalizado, o "Fachadas da Rua Chile", que restaurou a parte da frente de 45 prédios. A falta de verbas e a mudança na gestão municipal, com a posse de Wilma de Faria, em 1997, impediram a execução de todos os outros.

"RIBEIRA VIVA"

Em 2006, os planos de revitalização ressurgiram. O prefeito Carlos Eduardo conseguiu a liberação de uma verba de R$ 8 milhões para, entre outras obras, realizar a primeira etapa do novo projeto, chamado de "Ribeira Viva". A primeira fase, com a duplicação das avenidas Duque de Caxias e Januário Cicco e da execução do projeto "Largo do Teatro", com a restauração da Praça Augusto Severo e do Largo Dom Bosco, além da transformação da antiga rodoviária em Museu da Cultura Popular, foi inaugurada em julho de 2008. Mas o resultado final foi o mesmo de 1996: sem infraestrutura, a Ribeira continuou sendo ignorada por moradores em potencial.

Nos anos dourados, o hotel era o centro da vida na Ribeira e cartão postal da cidade

| GRANDE HOTEL | Ascensão e declínio de um símbolo que Natal desprezou

Do luxo ao limbo

Alexis Peixoto, do Novo Jornal

NA ESQUINA DAS Avenidas Tavares de Lira e Duque de Caxias, ponto de confluência dos caminhos de todos que passam pela Ribeira, um gigante observa silencioso o movimento dos carros e das pessoas. O prédio onde antes transcorria o dia-a-dia agitado e glamoroso do Grande Hotel hoje abriga uma repartição da Justiça Estadual, de movimentos calculadamente burocráticos. Os passos dos hóspedes ilustres e anônimos que por lá passaram, as conferências políticas travadas nos salões particulares e a glória daquele que um dia foi o maior hotel da cidade de Natal sobrevivem apenas na memória de poucos e nas páginas dos livros de história.

Fruto da modernização da cidade proposta pelo Plano Geral de Obras do escritório Saturnino de Brito, em 1935, o Grande Hotel foi construído pelo Governo do Estado, aproveitando a fartura dos cofres públicos proveniente do ciclo do algodão. Desde os anos 20, Natal era um dos principais pólos da aviação nacional e pela cidade transitavam muitas pessoas, vindas de todos os lugares do Brasil e do mundo. A necessidade de um hotel de luxo que pudesse acomodar esses hóspedes de maneira adequada era assunto recorrente na imprensa da época.

Modernismo

O projeto original, elaborado pelo arquiteto francês George Munier, impressionava logo na fachada. O desenho incorporava aspectos da arquitetura modernista que já era observada nos principais centros urbanos do país, mas ainda era rara em Natal. Na parte interna, o projeto original de Munier previa a construção de um prédio com térreo, mezanino e três pavimentos de quartos, totalizando 108 apartamentos. Na execução do projeto, verificou-se que o orçamento não era tão generoso quanto se pensava, e uma série de alterações foi feita no projeto original. Supervisionadas pelo próprio prefeito de Natal, o engenheiro Gentil Ferreira, as modificações descartaram um dos pavimentos, o que reduziu a capacidade do prédio para 78 quartos.

Mesmo menor, o edifício não perdeu sua majestade. O Grande Hotel foi um dos primeiros prédios da cidade a ser construído com concreto armado e um dos únicos a possuir elevador. Foi durante muitos anos o segundo prédio mais alto de Natal, perdendo apenas para a maternidade Januário Cicco.

Depois de pronto, o prédio foi arrendado em 1939 para Theodorico Bezerra, pioneiro da hotelaria no estado e ex-gerente de outros hotéis na Ribeira, como o Hotel Internacional e o Hotel Avenida. Naquele mesmo ano, Theodorico se muda com a família para o Grande Hotel.

Embora o edifício tenha sido inaugurado em janeiro, oficialmente, o Grande Hotel abre as portas para os primeiros hóspedes no dia 1º de setembro 1939. No mesmo dia, as forças do exército alemão invadem a Polônia dando início a Segunda Guerra Mundial.

Os anos dourados

A coincidência de datas pode ser entendida, por aqueles que acreditam em tais coisas, como um presságio do período de prosperidade que esperava o hotel.

Em meados de 1941, já circulava incógnito pelos corredores um certo Mister Jameson, enviado especial do exército americano para verificar a viabilidade da instalação de uma base aérea na cidade. O espião passava despercebido entre os hóspedes e transmitia suas informações via rádio, trancado dentro do banheiro do hotel.

Com o início das obras da base de Parnamirim, o hotel passou a receber além dos hóspedes habituais, oficiais do alto escalão dos exércitos brasileiro e americano. O Almirante Ary Parreiras, desfrutou das acomodações do hotel por cerca de seis meses, enquanto sua residência na Base Naval do Alecrim não ficava pronta. A primeira dama da China, Madame Chiang Kai-shek também flanou sua postura elegante e imperial pelos corredores.

Com a entrada definitiva do Brasil na guerra e a conclusão das obras da base, a Ribeira se transformava no principal pólo cultural e comercial da cidade e o salão do de festas do Grande Hotel era o ponto mais concorrido da noite do bairro, local onde fervilhavam cenas e personagens que marcaram o período.

Sob o comando do pianista Paulo Lyra, que de dia também era o porteiro do hotel, a orquestra animava o jantar nas noites de quinta-feira. O salão de jogos funcionava a todo vapor e todo se enchia de soldados americanos que apostavam até os últimos centavos de dólar no jogo de dados. O mítico boêmio Zé Areia podia ser visto trabalhando na barbearia do hotel ou vendendo saguis e periquitos aos soldados americanos no salão de jogos. O próprio Theodorico frequentemente perdia minutos preciosos do seu tempo negociando com os soldados o câmbio de dólares por cruzeiros.

Kleber Bezerra, filho de Theodorico, foi testemunha ocular destas e de outras cenas. Ainda criança, acompanhava a ida e vinda de oficiais e dos hóspedes que lotavam o hotel. "No auge mesmo, houve épocas de ter gente dormindo em camas armadas no saguão de entrada. Outra vez, na época da guerra os edifícios Bila e Varela tiveram que servir de anexo, porque não havia espaço para todo mundo no hotel", conta.

Folclore

Sobre os artistas de Hollywood que supostamente ficaram hospedados no hotel da época da guerra, Kleber não confirma nem nega. "Não estou dizendo que eles nunca vieram, mas eu mesmo nunca vi nenhum. Eu era criança, talvez não tenha nem notado. Mas acho que tem muito folclore nessa história também". Kleber aproveita a deixa para esclarecer um equívoco comum se tratando do assunto. "Eu sei com certeza que Tyrone Power nunca esteve no Grande Hotel. Ele veio da Argentina, pilotando o próprio avião e parou aqui para reabastecer e o povo foi lá recebê-lo. Eu era menino e me levaram no meio, e eu fui lá ver a chegada dele também. Se ele passou a noite, dormiu lá pela base mesmo. Mas não veio a Ribeira, muito menos ao hotel", conta.

Finda a guerra, Theodorico decidiu aproveitar os lucros e expandir as ações do Grande Hotel. Tornou-se representante da Pan Air e instalou um guichê da companhia área no saguão do hotel. Do período do pós-guerra Kleber Bezerra lembra a passagem de artistas de renome nacional e internacional como Nelson Gonçalves, Orlando Silva, Vicente Celestino, Pedro Vargas, Agostin Lara e outros. "Quando esse pessoal chegava em Natal, geralmente se apresentava no Teatro Carlos Gomes,que hoje se chama Alberto Maranhão. E todos se hospedavam no Grande Hotel".

Os anos dourados se estenderam até meados da década de 50. Com o ingresso de Theodorico na política, eventualmente assumindo a presidência do Partido Social Democrático (PSD), o hotel passa a sediar as reuniões do partido e outras conferências políticas, geralmente a portas fechadas no "confessionário" particular do gerente. Era a época dos banquetes, políticos ou não, servidos com toda a pompa no restaurante do hotel. "Era tudo muito chique, o pessoal fazia discursos, etc. Mas sem atrapalhar o funcionamento normal do restaurante", lembra Kleber.

Declínio

A primeira ameaça ao reinado do Grande Hotel veio em 1957, no governo Dinarte Mariz, com o Plano Kahir. Elaborado pelo arquiteto João Kahir a convite do governador, o plano apresentava uma série de melhoras urbanísticas para a cidade, dentre as quais a construção de um novo hotel capaz de suportar o crescente fluxo de hóspedes da cidade. Ironicamente, o discurso era bastante semelhante ao que fora usado para justificar a construção do Grande Hotel na década de 30.

Na década de 60, com a construção do Hotel Reis Magos, começava então a nova tendência hoteleira da cidade, voltada para o turismo de litoral. A Ribeira já não tinha a mesma importância econômica de então, e o Grande Hotel começava a sofrer as consequências. "Até 1962, o movimento era intenso. A partir daí, começou a decair aos poucos", lembra Kleber.

Theodorico ainda conduziria o hotel através das décadas de 70 e 80, mas de maneira turbulenta, envolvido em processos judiciais para prolongar a concessão e tentativas de se adaptar aos padrões modernos de hotelaria.

A derrocada definitiva do deu-se em 1981, com a transferência do terminal rodoviário da Ribeira para a Cidade da Esperança. Em 1987, o Grande Hotel já assumia ares de elefante branco numa Ribeira que nem de longe lembrava as glórias do passado. O único morador do hotel era o próprio Theodorico Bezerra. Derrotado e desiludido, concorda em entregar o prédio de volta ao Governo do Estado.

Depois da queda

Após o fechamento, o prédio do Grande Hotel foi aproveitado pelo Governo de diversas maneiras.

Ainda no fim dos anos 80, houve planos para transformar o prédio em um albergue da juventude, mas a ideia nunca saiu do papel. Em 1991, o prédio foi tombado como Patrimônio Histórico Estadual. Nos anos seguintes, abrigou a sede do Tribunal de Justiça do Estado até 2001, quando a nova sede do Fórum de Natal foi concluída. Desde então, o prédio abriga os Juizados Especiais Cível e Criminal.

A fachada original do prédio permanece praticamente inalterada, a não ser pela instalação de caixas de ar-condicionado.

Na parte interna, o saguão de entrada e as escadas conservam o piso original. O bar do hotel hoje abriga um terminal bancário e o restaurante, o setor de ajuizamento.

No antigo apartamento 64, onde Theodorico morou durante a maior parte do tempo em que foi gerente do Grande Hotel, funciona hoje o gabinete do Juizado Especial do Trânsito.

MAGNUS NASCIMENTO/NJ

Após o esvaziamento do bairro, sobraram as linhas imponentes e a destinação burocrática

"AQUI FUNCIONAVA ISSO, ALI ERA AQUILO"

Vinte e dois anos após o fechamento do Grande Hotel, um novo membro da família Bezerra volta a ocupar o posto mais alto no edifício. O juiz Gustavo Eugênio de Carvalho Bezerra, atual coordenador dos Juizados Especiais Cíveis e Criminais do RN, é neto de Theodorico Bezerra e filho de Kleber Bezerra. Desde que assumiu a coordenação da repartição, há um ano, o juiz trabalha na sala ao lado do antigo quarto 51, o primeiro ocupado por Theodorico e família quando se mudaram para o hotel.

Aos 46 anos, Gustavo tem lembranças vivas de sua infância no Grande Hotel. Assim que chegava da escola, o pequeno Gustavo ia para o hotel, onde também funcionava o escritório do pai. Todos os dias, o neto almoçava no restaurante do hotel com o avô Theodorico, sempre na mesma mesa de canto, a mais próxima da cozinha, reservada especialmente para o gerente.

À tarde, recebia salvo conduto para transformar qualquer dependência do prédio em palco de brincadeiras. Os locais favoritos eram os corredores, o elevador movido a manivela e o quintal de terra onde ficava o depósito de lenha e a criação de animais de Theodorico que incluía galinhas, bodes, patos e até um pavão.

Quando chegava o carnaval, o hotel era o quartel general preferido dos foliões, local perfeito para a confecção de adereços dos blocos e outras travessuras. "Nós preparávamos os bastidores do bloco e aproveitávamos para fazer 'assaltos' de carnaval no restaurante do hotel", recorda Gustavo.

MAGNUS NASCIMENTO/NJ

Gustavo Bezerra guarda boas recordações da infância com o avô

Figuras marcantes

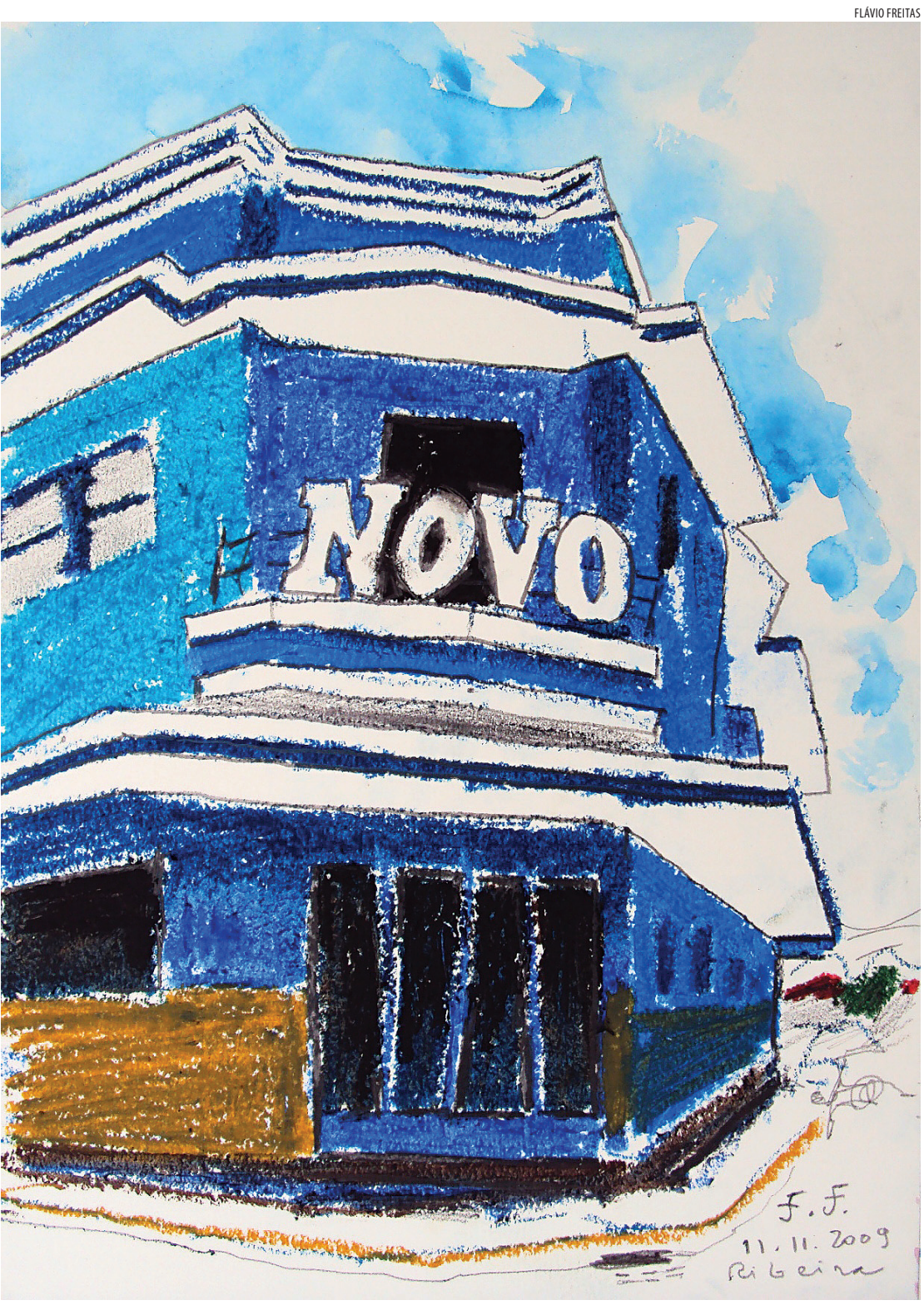
Mas a lembrança mais forte que o prédio desperta no juiz é a imagem do avô. Gustavo define Theodorico como uma pessoa "inquieta", em atividade constante durante todas as horas do dia. "Ele acordava sempre muito cedo. Às 5 horas da manhã já estava de pé, no restaurante do hotel, ajudando a servir o café da manhã aos hóspedes", conta Gustavo.

Entre os personagens ilustres do hotel, ele lembra bem do pianista Paulo Lyra ("Grisalho, alto") e do Doutor Assis, médico que morava no hotel e povoava o imaginário da garotada. "Ele era muito sério, sempre usava branco. Era uma figura muito marcante", conta.

Questionado a respeito dos pontos comuns entre sua atual função de coordenador dos juizados especiais e o trabalho do seu avô como administrador do Grande Hotel, Gustavo diz não enxergar muita semelhança. Mas logo depois pensa melhor e admite: "Obviamente as funções são diferentes, mas não há como pensar na figura de Theodorico nos corredores do hotel".

Quando vai visitar o filho no trabalho, Kleber Bezerra não consegue conter a nostalgia. "Passo pelos corredores e minha cabeça começa a dar voltas. Vou lembrando e apontando 'aqui funcionava isso, ali era aquilo'. É inevitável conter as lembranças".

FLÁVIO FREITAS



Escritor Deífilo Gurgel recorda figuras e fatos que marcaram o edifício emblemático da história da Ribeira

MEMÓRIAS DO LUGAR DO NOVO

Moura Neto, do Novo Jornal

ARGEMIRO LIMA/NJ

TRINTA E NOVE anos depois de desertar da profissão de bancário, o escritor e folclorista Deífilo Gurgel retorna ao local onde trabalhou por 17 anos como funcionário do Banco do Estado de São Paulo (Banespa). O prédio de dois andares na rua Frei Miguelinho, número 33, esquina com a 15 de Novembro, na Ribeira, que já foi também sede de uma construtora mas estava fechado, foi revitalizado e é agora a sede do **Novo Jornal**.

Passos miúdos, gestos lentos, que em nada lembram a agilidade de quem ganhou fama entre os colegas e clientes por contar dinheiro com rapidez, o areia-branquense octogenário percorre cada dependência do imóvel, recolhendo silenciosamente as lembranças de um tempo que não deixou saudades. "Jamais exerceria novamente esse emprego", diz, admitindo a falta de aptidão para ser bancário.

Politicalha

Em 1953, quando o Banespa abriu uma agência bancária em Natal, certamente em decorrência das ligações entre o potiguar Café Filho, então vice-presidente da República, e o governador paulista Ademar de Barros, Deífilo Gurgel estava desempregado, com mulher e dois filhos para sustentar. Havia pedido recentemente demissão do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (Ipase), primeiro emprego conquistado oito anos antes, em 1945, por concurso público, mas que largou por não suportar a "politicalha rasteira que tomou conta do serviço público federal no governo Dutra".

Aos 24 anos, sem contar mais com a estabilidade de que gozava por lei o funcionalismo público e já pai de dois filhos, Deífilo teve de recorrer às relações familiares para voltar a garantir o recebimento do contracheque no final do mês. Sua sogra Zulmira Teixeira, mãe de Zoraide, com quem se casou em 1951, era prima da esposa de Café Filho, dona Jandira, que conseguiu sua indicação para caixa da nova agência bancária de Natal.

Dezessete anos se passaram, até que, em 1970, diante de nova dificuldade financeira, Deífilo procurou seus superiores e pediu um empréstimo, oferecendo o salário como garantia. Como recusaram o pedido, ele formalizou sua demissão do banco e ficou novamente sem emprego, durante cinco ou seis meses, agora com cinco filhos para alimentar, até ser socorrido, dessa vez, por João Faustino, secretário municipal de Educação, que o convidou para ser Diretor do Departamento de Cultura, cargo no qual descobriu o folclore potiguar. "Foi então que me deparei com a minha verdadeira vocação, a cultura, que passou a ser minha profissão daí por diante", assinala.

Aos 83 anos, o escritor vai desfiando essas lembranças, enquanto observa o trabalho dos operários que reformavam o prédio para receber o **Novo Jornal**. No andar térreo, reconheceu o local em que trabalhava como caixa. No andar de cima, depois de cumprimentado efusivamente pelos jornalistas, o folclorista desfia, sem emoção aparente, outras memórias do bairro que misturava boêmia e negócios.

Entre os clientes assíduos do banco estavam alguns dos empresários e comerciantes do bairro, como a família Maurício de Souza: José Maurício, advogado e marido da governadora Wilma de Faria, que tinha uma loja de secos e molhados, e seus irmãos Antônio Maurício, que administrava uma casa de ferragens, e Mário Maurício, dono de um bar.

No domingo, o bancário de folga costumava passear com os filhos mais velhos, (o poeta) Carlos Gurgel e (o analista de sistema) Mário Sérgio, trazendo-os para provar as guloseimas do bar de Mário Maurício.

Também entre os clientes do Banespa permanece na lembrança do ex-bancário a figura excêntrica de um velhinho, provavelmente dono de alguma gleba no interior, que ganhou o apelido de "Cornetinha" porque andava com um aparelho semelhante ao instrumento musical que conduzia ao ouvido sempre que precisava escutar o que falavam para ele. Além disso, "Cornetinha" tinha o hábito, digamos, nada asséptico, de cuspir no balcão para umedecer os dedos com que contava as notas que recebia do caixa.

"Não sabia que, no futuro, iria me dedicar de corpo e alma ao mesmo negócio"

Deífilo Gurgel

Ascenso Ferreira

Também não haveria de esquecer a figura majestosa do poeta pernambucano Ascenso Ferreira, que de vez em quando aparecia no banco, usando um chapelão de palha na cabeça, para vender seus livros ao gerente José Pires, um homem voltado para a cultura. Em pleno vigor da juventude, o bancário estava ocupado demais com os encargos profissionais e demandas familiares para imaginar que um dia também iria se interessar pelos mesmos objetos de estudo sobre os quais já se debruçava aquele poeta pernambucano, coisas como bumba-meu-boi e pastoril, que mais tarde iriam encantar para sempre os olhos do folclorista areia-branquense.

Meio século, um pouco mais ou um pouco menos, separa Deífilo Gurgel de boa parte das lembranças da época de funcionário do Banespa. Em 1963, empregado já há uma década da instituição e com o primeiro livro publicado, "Cais da Ausência" (1961, Coleção Jorge Fernandes), iniciou o curso de Direito, concluído em 1970, "para nada", segundo ressalta. A faculdade funcionava no prédio que depois abrigou a Secretaria de Segurança Pública, ao lado do Teatro Alberto Maranhão.

Longe da boêmia

Quando terminava o expediente, à noitinha, costumava sair caminhando pelas ruas e ruelas do bairro, alheio aos apelos das mulheres que faziam ponto nas esquinas, até alcançar a Cidade Alta, onde tomava o ônibus, talvez ainda o bonde, não recorda bem, para sua casa, no Tirol, bairro no qual sempre residiu.

Quando chegava às imediações do mercado, onde hoje se localiza o Banco do Brasil, era comum se deparar, nas calçadas, durante a segunda administração de Djalma Maranhão (1960/1964), com apresentações de grupos folclóricos.

"Achava aquilo um saco; não sabia que, no futuro, iria me dedicar de corpo e alma ao mesmo negócio", declara o folclorista. Sua demissão, em 1970, coincide com a transferência da sede do banco para a Avenida Rio Branco, Cidade Alta, onde permaneceu desde então, e com o início da derrocada da Ribeira como bairro nobre.

A conversa já se prolonga por quase duas horas. Cento e vinte minutos de viagem ao passado, sem atropelo da nostalgia. Ao contrário, o escritor e folclorista Deífilo Gurgel, permanece o tempo todo com pleno domínio sobre suas emoções e sentimentos. Ao ser convidado pelo fotógrafo Argemiro Lima para pousar diante do prédio do **Novo Jornal**, reagiu com uma pitada irretocável de bom humor: "Agora, sim, vai permanecer a dúvida sobre quem é mais velho, se o prédio ou se eu mesmo".

RATTS RATIS

NOVO JORNAL E SUN RIVER. AS ESTRELAS DE UM ESPETÁCULO CHAMADO RIBEIRA.

O bairro mais charmoso, tranquilo e poético de Natal acaba de ganhar mais uma novidade: o Novo Jornal. O Grupo Capuche saúda o novo periódico que chega trazendo inovação, qualidade e estilo. Assim como o Sun River Ribeira, o grande lançamento da Capuche. A combinação perfeita entre um excelente projeto e uma ótima localização para você morar com todo conforto e praticidade. E ainda ter na sua janela uma das mais belas vistas de Natal: o encontro do rio com o mar.

A Capuche não para de pensar em VOCÊ.

GRUPO EMPRESARIAL CAPUCHE

www.grupocapuche.com.br

A eterna *peleja* entre o novo e o velho

Franklin Jorge, do Novo Jornal

OS ARTISTAS ESTÃO se tornando audaciosos. Após anos de humilhações e dificuldades infligidas por gestores descomprometidos com a cultura, nomeados segundo critérios políticos, eles descobriram finalmente que podem criar alternativas e andar com as próprias pernas. O resultado aí está: uma insurreição em processo que foge ao controle das instituições, eternamente deitadas em berço esplêndido.

Através de ações alternativas que dependem mais da vontade de cada um do que de projetos bancados pelo poder público, os artistas vão ocupando o vazio resultante da inexistência de políticas culturais antenadas com a diversidade. As ações são pontuais e atendem a interesses momentâneos que logo são esquecidos e substituídos por novas solicitações que não se concretizam em obras.

A maioria dos entrevistados pelo repórter afirma que não espera nada das instituições. Há um descrédito generalizado que contamina qualquer iniciativa, e escrever sobre a atuação dos governos na cultura do Rio Grande do Norte é correr o risco de reiterar o que todos sabem de cor e salteado. As instituições não têm nenhum crédito.

O escritor Rodrigo Levino é taxativo: Não há o que esperar delas. "Aliás, há. No mínimo, que parem de evacuar dinheiro do povo, pago em impostos, em projetos (ou falta deles) sem nenhum futuro. No mais, de tão capengas e inoperantes, sempre envolvidas em pendências, merecem o repúdio de todos e acabam alvo de chacotas. Em verdade, estão todos perdidos, sem rumo. Não vai melhorar. Resta cada um fazer o seu, sem esperar as instituições, parece o melhor caminho, mesmo que inglório, injusto e dificultoso. Mas quem disse que era fácil?", questiona.

■Continua na pag. 70

O ARTISTA DE NATAL

Criador infenso ao populismo rasteiro e demagógico que contamina a nossa produção cultural, especialmente no segmento das artes visuais, Fernando Galvão reinventa o espaço urbano de Natal com ousadia, cosmopolitismo e originalidade, numa série de pinturas que testificam seu talento e um progressivo domínio da técnica.

Intuitivo e comprometido com a modernidade, como alguns poucos outros artistas atuantes em Natal nesse começo de milênio, Fernando Galvão tem excluído de suas composições, rigorosamente elaboradas segundo uma iconografia intrigante e misteriosa, o apelativo folclórico e pitoresco com que se enfeitam aqueles que reproduzem o óbvio e se comprazem numa facciosa orgia de estereótipos banais e corriqueiros, presentificados em surtos de política cultural alienada e alienante em voga desde o governo do prefeito Djalma Maranhão.

Trabalhando em pequena e média dimensões, concebe Natal como uma cidade tentacular, de arquitetura complexa e arrojada, luminosa e feérica, da qual emana uma atmosfera de magia e onirismo que toca a essência mesma do nome que recebeu no batismo, há mais de quatrocentos anos.

Qualquer aficcionado logo percebe, diante dos frutos da sua arte, que não é o caju de Vatenor que emblematiza Natal, mas a metrópole aerodinâmica e planetária engendrada pela astúcia estética de Fernando Galvão.

[Fragmento do livro A Ostra e o Martelo [Inédito], de Franklin Jorge

Um exemplo da arte de Fernando Galvão

Música Potiguar Brasileira
Sábado, de 17 às 18 h.
Reprise aos domingos, de 12 às 13 h.

Chorinhos e Canções
Diariamente, de 7 às 8 h.

Samba e Bossa
Diariamente, de 8 às 9 h.

Você só ouve aqui!

universitária fm
88,9
A universidade da música

Ainda não inventaram nada melhor para dar as boas-vindas do que um belo sorriso.
Bem-vindo Novo Jornal.

ORAL ESTÉTICA
CLÍNICA ODONTOLÓGICA
Especialista em fazer você sorrir.

Av. Jaguarari, 1975, Lagoa Nova. - www.clinicaoralestetica.com.br

Um jornal que mal chegou
às ruas e já tem o que a maioria
leva anos pra conquistar:
credibilidade.

A Cabo Telecom saúda o **Novo Jornal**,
que chega com uma equipe de alto nível
para contribuir com o jornalismo
de qualidade feito na nossa cidade.

CABOTELECOM
O mundo em conexão com você

0800 884 5961
www.cabotelecom.com.br

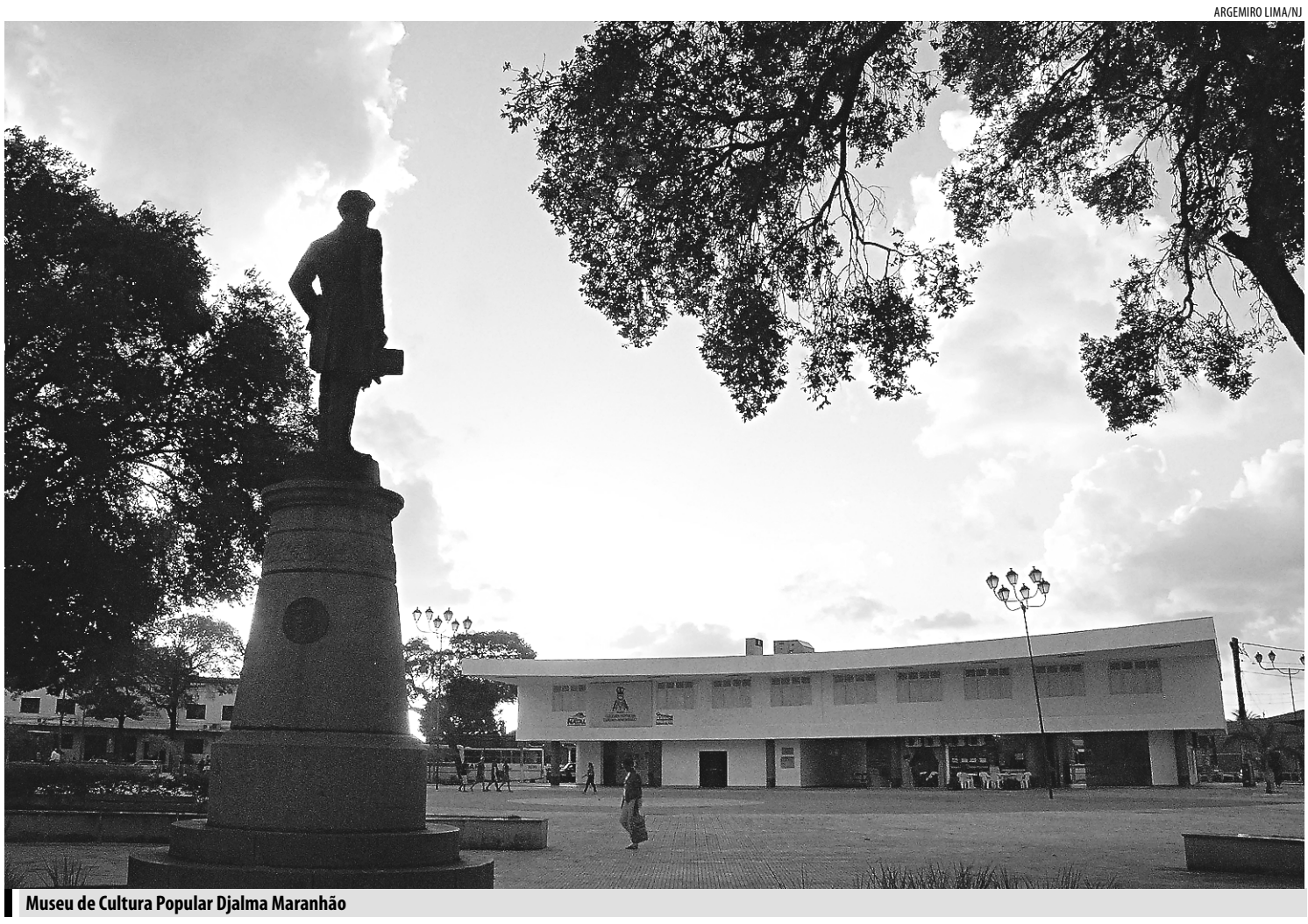
Inovar

Av. Hermes da Fonseca, 409, Petrópolis, Natal/RN – Brasil 59014-165
Tel.: 55.84.3202.2424 c 55.84.3202.5337
Creci 3207-J

Brasil Natal | Sotheby's INTERNATIONAL REALTY

MARCA

ARGEMIRO LIMA/NJ



Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão

■Continua da pág. 69

Segundo a escritora e artista plástica Nivaldete Ferreira, uma das características desse processo resulta do temor que em geral os gestores "tem do novo, em qualquer linguagem".

E, acrescenta que o habitual é confortável, não demanda esforço para novas percepções, não incomoda, "é correr para o abraço". Ponha-se um grupo jazzístico pra tocar e um conjunto de forró e veremos do que gosta o nosso público. O primeiro terá uma plateia mínima, com certeza (o jazz, em si, não é assim tão novo, mas permite improvisações, inovações, deixa que nos sintamos no presente). Escreva um poema à maneira de Cummings ou Paul Celan. Muitos dirão que não é poesia. E há outro aspecto: essa tal globalização reclama a coisa dita mais 'de raiz' ..., talvez como forma de dar rosto às culturas regionais. Ora, uma vez filhos de uma globalização anterior, herdamos o que nos foi imposto pela colonização. Inclusive, em termos politicos, o coronelismo que com o tempo foi se tornando hight-tech.

A diferença é que isso virou tradição - e tem seu valor, mas não deveria desestimular o atrevimento de criar, de fazer experimentações, principalmente nos jovens. O mesmo adolescente que participa do bumba-meu-boi deve ser incentivado a fazer performances e instalações artísticas em feiras e shoppings e onde mais seja. Do contrário, crescerá olhando apenas para o passado. E, afinal de contas, estamos todos é desterritorializados. O 'nosso lugar' acaba sendo um lugar mental.

Novos meios, velho vícios

MAGNUS NASCIMENTO/NJ

A Fundação José Augusto...

MAGNUS NASCIMENTO/NJ

... e a Capitania das Artes privilegiam a música e esquecem as outras artes

Nos últimos anos, com o surgimento e democratização de novos meios, como a internet, o confronto se tornou inevitável.

Nesse novo quadro que se desenha à revelia de instituições como a Fundação Capitania das Artes e Fundação José Augusto, a música ocupa um lugar privilegiado. Não somente por sua popularidade e por ser Natal uma cidade, historicamente, afeiçoada ao violão e ao piano. E, sobretudo, pelo baixo custo da produção e instantaneidade dos resultados que asseguram a subsistência. As dificuldades enfrentadas pelos escritores são de natureza mais complexa e confronta-se com a insuficiência do hábito da leitura, por ser o livro caro e pelo estado deplorável das nossas bibliotecas públicas, algumas com o acervo defasado em mais de 20 anos. Os artistas plásticos e as pessoas que fazem teatro se incluem nesse grupo prejudicado pela falta de investimentos.

A negatividade desse processo continua sendo a escolha dos gestores, em sua maioria sem vivência da cultura, arrogantes ou impermeáveis ao diálogo num setor que vive da comunicação e do contraditório. Muitos deles, temendo confrontos com quem é do ramo, encastelam-se em seus gabinetes e criam todo tipo de barreiras para dificultar e impedir a discussão de ideias. Uma prática incompatível com a dinâmica da cultura.

Nos últimos anos, com o surgimento e democratização de novos meios, como a Internet, esse confronto se tornou inevitável até porque o editor e o repórter de cultura foram perdendo a aura e, consequentemente, o poder que os tornava influentes e blindados. Agora, há a blogosfera por todos, especialmente por aqueles que não tinham voz, criando uma comunicação instantânea e novos nichos de consumidores que não dependem mais de caprichos e das idiossincrasias de egos inflamados.

Nesse novo quadro que se desenha à revelia de instituições como a Funcarte e Fundação José Augusto, a música ocupa um lugar privilegiado.

Isto fez com que os jornais criassem novas editorias e investido mais no chamado jornalismo cultural que, pela precariedade do acervo das bibliotecas e da falta do hábito da leitura e do debate intelectual, sempre considerado tabu entre os gestores e jornalistas, continua sendo uma das áreas mais vulneráveis e passível de conflitos que beiram quase sempre a questão pessoal, estratégia geralmente usada para desqualificar o debate. O debate que faltava e que está se tornando rotineiro, a despeito da velha herança, marcada pelo coronelismo, que caracteriza a relação das instituições com os produtores culturais.

ARGEMIRO LIMA/NJ

Diversidade à espera do momento para pegar fogo

Há, portanto, dois cenários que se contradizem e exprimem uma realidade que tipifica Natal. O da cultura oficial, vivendo há gerações um interminável presente, e o do underground, ou seja, daquele cenário que enxerga a realidade multifacetada. Simplificando, as instituições parecem viver numa idade anterior à descoberta e ao uso da internet e das mídias baratas que começam a ser usadas, especialmente, pelos mais jovens empenhados na criação de uma obra.

Caio Vitoriano, pós-graduado em Design, observa que há em Natal um cenário cultural rico, mas faltariam organização e políticas culturais para pegar fogo. O meio mais organizado, a seu ver, seria o musical, que tem bandas, artistas solos, grupos musicais, orquestras, trabalhos autorais que se projetam além dos nossos limites geográficos. Nesse contexto, há bandas de heavy metal com discos editados na Europa, bandas de rock'n'roll que cantam em inglês e bandas de chorinho instrumental que se apresentam na Europa e no Japão. E dois grandes festivais, o DoSol e o MADA, que já se tornaram referenciais. Faltaria, no entanto, o foco profissional necessário a um projeto que tivesse continuidade.

Contudo, é preciso "pressionar" as instituições, como fez recentemente a Cia. Trupe de Teatro, promovendo a ocupação da Fundação José Augusto, para chamar a atenção de todos para a falta de políticas culturais, por parte do governo estadual, que manipula os artistas com intenção eleitoreira, criando prêmio e distribuindo incentivos sem provisão de fundos. No caso específico, veio a público o atraso dos repasses e a intenção do governo de transferir o pagamento para o próximo ano. O que teria fatalmente ocorrido sem a ocupação da FJA pelos artistas, uma espécie de "ação de guerrilha" que mostrou toda a fragilidade da cultura oficial e o desprestígio do cordelista Crispiniano Neto, presidente da instituição que tem uma relação delicada com a chefe do governo.

> É preciso 'pressionar' as instituições, como fez recentemente a Cia. Trupe de Teatro, que ocupou dependências da Fundação José Augusto em ato político.

Essa descentralização começa a dar seus primeiros passos a caminho da liberdade, na área da literatura, que pode ser considerada de baixo nível, apesar das exceções de praxe. Os Jovens Escribas surgiram como uma promessa, mas apenas Rodrigo Levino conseguiu projetar-se, escrevendo em publicações de circulação nacional, ao optar por uma "carreira solo". O diferencial dos Jovens Escribas resultaria de um certo auê, por causa da estratégia publicitária usada para vender livros. O dia do lançamento, enfatiza Caio Vitoriano, é o dia do show. Mas falta, aí, um dos mais importantes elementos, posteriores a criação e a produção cultural: a crítica e o exercício do inconformismo.

O quadro se repete no âmbito da Prefeitura, cujos equipamentos culturais sofrem com o descaso. Também, como tem ocorrido com a FJA, a Funcarte tem sido objeto de denúncias de desvio de recursos, prática administrativa nada ortodoxa. Como depositar na conta particular de um motorista o dinheiro do salário de outros servidores, enquanto na FJA foi usada para pagar restos de campanha, um escândalo que repercutiu e provocou a queda da diretoria.

O NOVO? O QUE HÁ DE NOVO?

NEY DOUGLAS/NJ

João Batista de Morais Neto, poeta e ensaista - Tenho observado que a onda de blogs e agora de twitters tomou conta da cidade. Com isso, além da proliferação e da diversidade de informações que, neles, são veiculadas, há também uma superexposição dos egos. Mas alguns sites e alguns blogs são interessantes e cumpre com sua contribuição. Além disso, os festivais de rock, que hoje envolvem uma multiplicidade de gêneros musicais propiciando uma diversidade, também, das ofertas do mundo pop. No mais, o exercício da crítica, embora mais fértil, continua inexpressivo. Muitas vozes, mas poucos discursos pertinentes. Há gente escrevendo com posições demasiado conservadoras, apresentando uma visão de cultura reacionária, como diria Guattari. Tem-se hoje muita gente publicando. Poetas, romancistas, cronistas. Mas nada que tenha uma força significativa. Os melhores ainda são os de sempre. Há uma emergência do trabalho de escritores publicitários.

Vicente Vitoriano, artista plástico, poeta e crítico de arte - Pelo que me é dado a ver, sinto, como nunca, um marasmo cansativo. É possível ponderar, quando se pensa em alguma coisa que se tem feito em música ou teatro, refiro-me a algum festival de música popular, especialmente de rock, ou ao Clowns de Shakespeare. Na minha área, de artes visuais, a coisa está lenta, devagar, quase parando. Para se ter uma ideia, o Salão de Artes Visuais da Cidade do Natal, não obstante sua institucionalização, periga não acontecer, devido a saída de César Revoredo da presidência da Capitania das Artes. A coisa por lá parece tão estática! A medir pelos comunicados da Assessoria de Comunicação, tudo está se resumindo ao Auto do Natal. Por outro lado, o até interessante Panorama das Artes Visuais, ou Prêmio Thomé Filgueira, criado no ano passado pela Fundação José Augusto, não terá reedição, uma vez que não teve destinação de verba no orçamento do Estado neste ano para o mesmo. Enquanto isto, uma ou outra exposição se espaçou ao longo deste 2009.

> "Sinto, como nunca, um marasmo cansativo. Na minha área, de artes visuais, a coisa está lenta, quase parando"
>
> **Vicente Vitoriano**
> **Escritor e crítico de arte**

CEDIDA

Nivaldete Ferreira, escritora e artista plástica - Difícil pergunta... Com um pouco de humor, diria que muitos edifícios com nomes estrangeiros, se espichando além das dunas... Falando sério: na arte? Na cultura?... Talvez exista muita coisa que eu não esteja percebendo da minha pequena janela... Do que estou me lembrando, diria que, na música, há Dudu Taufic, Manoca Barreto, Juliano (Djô-Djô), Jubileu, entre outros. Nas artes visuais, um Jota Medeiros, o último Vicente Vitoriano. Na performance, Civone Medeiros. E há alguns grupos de teatro e dança, que vão fazendo as coisas e acontecendo, sabe Deus com que sacrifício. Haverá outros nomes, certamente, mas não os tenho na mente. E esclareço: tomo por novo o que causa, pelo menos, algum estranhamento, o que não está plenamente de acordo com o gosto vigente. O que provoca interpelações. O que caracteriza uma cidade como cosmopolita? O fato de abrigar muitas etnias, muitas línguas, múltiplas culturas, como S. Paulo ou N. York?... Se é assim, como pensar Natal nesse quadro? O turismo preenche isso? Claro que não, pois é um acontecimento comercial, passageiro, não há trocas culturais significativas, sem falar que, em certos casos, a população local é forçada a alterar sua cultura de lazer para ceder espaço ao turista. Por exemplo, quem se sente à vontade, hoje, em Ponta Negra? E estar antenado com o que ocorre no mundo todo, via internet principalmente, não garante esse cosmopolitismo, pois qualquer vilarejo que disponha de uma boa estação digital pode ter o mesmo acesso a essas informações. Verdade que parece estar havendo investimento de capital estrangeiro aqui, principalmente em construções. Mas vejo isso como negócio, apenas. Pelo menos por enquanto. De resto, cosmopolitismo é um fantasma que ronda cidades menores. Do que Natal precisa mesmo é de mega-eventos com teatro, música, dança, literatura, etc.

ARGEMIRO LIMA/NJ

Stella Galvão, escritora e jornalista – O que tem me agradado imensamente são as rodas de chorinho no velho bairro da Ribeira, tendo a lua por testemunha, e um número superlativo de gentes de todas as idades.

NEY DOUGLAS/NJ

Laurence Bittencourt Leite, jornalista cultural e crítico literário - De novo, a rigor, nada. Agora do ponto de vista específico da nossa literatura, o que há são promessas tanto no campo da prosa quanto no da poesia. Cito como exemplo o aparecimento do escritor e contista Charles Phelan, que tem publicado esporadicamente em sites e blogs de amigos, seus contos que são de uma força extraordinária. Esse é diferenciado. Na poesia eu destacaria também, como despontando, o médico José Delfino, que tem produzido uma poesia de qualidade. Aliás, Delfino irá lançar o seu primeiro livro de poemas ainda este mês, no dia 26. Já o Charles, parodiando um pouco Pirandello, é um escritor à espera de um editor que o descubra, o lance, e o coloque no circuito literário nacional.

"Há gente escrevendo com posições demasiado conservadoras, apresentando uma visão de cultura reacionária, como diria Guattari"

João Batista de Morais Neto
Escritor e ensaísta

AUGUSTO RATIS/NJ

Cláudio Damasceno, artista plástico e professor de Design Gráfico - Natal é cosmopolita, sempre tem algo novo e interessante, ligado ao que acontece nos importantes centros urbanos. Instrumentistas como Diogo Guanabara, Antônio de Pádua; o pessoal do Rosa de Pedra; o competente músico e instrumentista Esso são bons exemplos no campo da música. Nas artes visuais tem os novíssimos Mário Massashi, Mário Rasec e Jimmy Free. Aliás, Mário Rasec além de desenhista e pintor é um excelente poeta. Porém, precisamos de uma gestão pública que se aproxime das pessoas, do povo. Que promova atividades culturais a partir dos grupos sociais, nas periferias, sem clientelismo; que faça grandes eventos para mostrar e intercambiar conhecimentos em todas os campos artísticos, mas, a partir de um trabalho com a comunidade, não pelo gosto diletante do gestor segundo o que ele acredita ser o melhor para as pessoas. Não precisamos de um príncipe das artes. Precisamos de um gestor democrático, com espírito público e com a intenção de favorecer a cultura popular e as artes em geral. Sem isso os jovens ficam nas mãos dos vampiros da "cultura" que vendem lixo musical e celebram a burrice já instituída.

CEDIDA

"Precisamos de de uma gestão pública que se aproxime das pessoas, do povo, sem clientelismo e sem 'vampiros' na cultura"

Cláudio Damasceno
Professor e artista gráfico

Rodrigo Levino, escritor e jornalista - Fora de Natal há quase dois anos (e acompanhando tudo pelos jornais lidos à distância), me sinto pouco à vontade para dizer o que há de novo, mas ouso apontar a Flor do Sal, editora tocada por Adriano de Sousa e Flávia Assaf, e a Revista Catorze, idealizada por jovens estudantes de jornalismo. Juntos, preencheram, independentes de dinheiro público, a lacuna deixada pelas instituições municipal e estadual responsável por, entre outras coisas, publicar livros. Parecem-me os projetos mais consistentes e comprometidos com o que se propõe, além de arejados pela não presença do vírus da pretensão. O restante é consolidação (independe de ser novo) de iniciativas não atreladas à incompetência do poder público, como o DoSol (gravadora, casa de show, festival).

"A cultura sempre foi vista de uma forma marginal, menor, e por isso mesmo faltam recursos. Seria necessário um mercado consumidor, e isso nós não temos"

Laurence Bittencourt Leite
Escritor e jornalista cultural

QUAL A INFLUÊNCIA DA INTERNET NESSE PROCESSO?

João Batista de Morais Neto- Muito forte. A linguagem rápida, escrita para acesso a um público comum e variado faz com que resulte nessa característica, a ênfase no fait-divers.

Laurence Bittencourt Leite - Olha, é inegável a influência da internet no nosso tempo. A invenção do microcomputador foi uma revolução sem precedentes. Mais uma, aliás. Basta pensarmos que o surgimento de blogs, de sites, como algo alternativo, tem permitido o aparecimento de discussões sobre questões que envolvem a cultura, por exemplo, e isso é bom. Muito bom. Mas uma cultura viva, pujante, não se faz apenas com internet, coisa que em um país como o nosso, extremamente pobre e carente, continua sendo um instrumento para poucos. Ainda que sua influência seja inegável.

Rodrigo Levino- A da liberdade. Primeiro de opinião, para dizer o que, por exemplo, não dizem os jornais dependentes de patrocínio governamental. Segundo, para escoar a produção, arregimentando apoio, contato, fazendo da internet uma mídia eficaz na formação de público, de opinião. As últimas grandes, mesmo que digam inúteis, discussões sobre a cultura em Natal foram travadas na internet, no Substantivo Plural, de Tácito Costa, por exemplo.

Vicente Vitoriano - Creio que a internet não deveria ter influência negativa, se eu penso na possibilidade de circulação de informações, digo sobre a realização de eventos e que tais. O que ocorre, imagino, é que o público é "naturalmente" desmotivado e não seria o hábito de ficar teclando ou navegando na internet que o impediria de estar presente, participar, caso estivesse de fato interessado.

COMO DESCREVERIA A CENA CULTURAL DA CIDADE?

Laurence Bittencourt Leite - Falar de cena cultural da cidade, infelizmente, é pensar em "políticas públicas" para a cultura, e essas, de um modo geral, têm sido um desastre. O que eu desejaria é que já tivéssemos uma estrutura local com diversidade cultural independente dos poderes públicos. Como não temos, caímos sempre na dependência desses chamados poderes públicos, o que termina afetando essa mesma cena cultural. Repare que as reclamações são as mesmas ao longo dos anos, e ao longo dos governos municipais. A cultura sempre foi vista de forma marginal, menor, e por isso mesmo faltam recursos. Já para termos uma estrutura independente, seria necessário um mercado consumidor, onde as pessoas pudessem ter condições de consumir cultura e isso nós não temos. Eu não estive lá, mas por tudo que li, a Feira Literária de Pipa foi um sucesso não só de público como de venda. Basta pensar: qual o público que frequenta Pipa?

Do ponto de vista da cultura oficial, mais seriedade, comprometimento e um maior entendimento sobre o nosso tempo. É o que espera, por exemplo, o crítico Laurence Bittencourt Leite. Não basta apenas colocarem um nome para gerir o pouco recurso da cultura, mesmo que seja um bom nome, como isso bastasse. Não. É necessário que haja uma política pública maior, uma política da prefeitura ou do governo que seja, direcionada para a cultura. Enquanto não houver esse comprometimento maior, vamos ficar nas mesmas reclamações e atrasos. Ou com avanços pontuais. E isso ainda é muito pouco. É repetitiva em sua acanhada proliferação.

| LANÇAMENTO | Publicação terá foco jornalístico voltado para a cultura potiguar

PALUMBO

Revista investe na diversidade e no prazer da leitura

Alexis Peixoto, do Novo Jornal

NA ERA DA comunicação via internet, com ferramentas como twitter e os blogs ganhando cada vez mais espaço, a palavra impressa prepara uma retomada. A revista Palumbo chega às bancas e livrarias de Natal e Mossoró com a proposta de valorizar o texto escrito, com artigos de opinião, reportagens de fôlego e entrevistas aprofundadas.

"Basicamente, é a revista que todo jornalista gostaria de fazer", define o jornalista Osair Vasconselos, que compõe o conselho editorial da Palumbo junto ao jornalista e escritor Tarcísio Gurgel, os jornalistas Albimar Furtado e Afonso Laurentino e o pesquisador, poeta e produtor cultural Dácio Galvão.

"Queremos atrair o leitor que gosta de ler, que valoriza o texto impresso. Mas não queremos investir contra os fenômenos da internet como o twitter e os portais, mas sim oferecer uma alternativa a eles", explica Osair, citando a Piauí como ponto de referência para a nova publicação.

A primeira edição chegou às bancas na última sexta-feira (13). Mas até o primeiro leitor folhear as páginas da revista, o projeto passou por um período de gestação cuidadoso, inicialmente iniciado por Tarcísio Gurgel e Osair.

A ideia inicial era oferecer uma publicação que pudesse cobrir os assuntos em pauta no momento, mas de uma forma menos imediata, porém mais completa.

As raízes e a relação com o que acontece na capital potiguar levaram ao nome "Palumbo", referência ao plano urbanístico de autoria do arquiteto italiano Giácomo Palumbo. Elaborado em 1929, o Plano Palumbo foi uma das primeiras tentativas de pensar Natal como uma metrópole moderna e deu origem ao planejamento do que hoje se conhece como os bairros de Tirol e Petrópolis.

Para os editores, o nome tem um significado ainda mais abrangente. "Além da referência ao plano e aos bairros, o nome representa também uma espécie de sociologia de Natal e do Rio Grande do Norte. No nosso entender, 'Palumbo' se refere também às pessoas que moram aqui e que fazem a cidade, que compõem a sociedade natalense", diz Osair.

A referência tipicamente potiguar, no entanto, não limita a área de cobertura da revista. Segundo Osair, a publicação tem liberdade para abordar qualquer assunto, não ficando restrita ao campo cultural, político ou econômico. "Não é uma revista segmentada, é uma revista jornalística", define. Tarcísio Gurgel concorda, mas faz questão de esclarecer com antecedência um equívoco em relação ao conteúdo da revista. "Não é uma revista para intelectuais, uma publicação elitista. Estamos pensando numa revista para qualquer pessoa que goste de ler, que queira ficar informada", destaca. "Em termos ideológicos, eu diria que é uma retomada da categoria de publicações como Cigarra e A Tribuna, que circularam entre fins do século 19 e o início do século 20. O que não quer dizer necessariamente que nós nos inspiramos nessas publicações, mas sim que guardamos um tipo de identificação com elas".

No conteúdo planejado, há espaço para reportagens de fôlego, entrevistas, perfis de texto e fotográficos, artigos opinativos, dicas culturais, crítica de arte, música e literatura.

Revista reúne colaboradores como Tarcísio Gurgel e Marize de Castro

LACUNA

Apesar das limitações do mercado editorial potiguar, "risco" é uma palavra que não existe no vocabulário dos editores. Na avaliação de Osair, a possibilidade da falta de espaço para uma publicação do gênero não foi considerada. "Não trabalhamos com essa variável, ao menos de uma maneira consciente. O que nos motivou em primeiro lugar foi o nosso ímpeto jornalístico, a nossa vontade de fazer uma revista nestes moldes", admite o jornalista.

Tarcísio Gurgel aproveita o fim do raciocínio do colega e aponta o surgimento de outras revistas análogas em outras partes do país. Elegendo a Piauí como a maior representante dessa corrente e principal evidência de que o modelo dá certo, Gurgel acredita que o momento é propício para que se preencha essa lacuna no Rio Grande do Norte. "Há uma grande expectativa para esse tipo de publicação. E nós todos que estamos envolvidos acreditamos muito na força da palavra impressa, na importância do texto", afirma.

Entre os colaboradores que assinam textos na primeira edição estão François Silvestre, Carlos de Souza, Jão Saraiva, Marize Castro, Roberto Furtado, Claudia Gazola, entre outros.

Um dos destaques do primeiro número é a publicação de trechos do livro Belle-Époque na Esquina, de Tarcisio Gurgel. O livro, que tem lançamento programado para 27 de novembro, é fruto da tese de doutorado do escritor sobre os primeiros anos do século 20 em Natal.

A Palumbo tem periodicidade mensal e vem editada em formato 51 cm por 32 cm, com 47 páginas coloridas. A revista será vendida em bancas e livrarias com preço de capa de R$ 8.

HUMBERTO SALES/NJ

"Basicamente, é a revista que todo jornalista gostaria de fazer"

Osair Vasconcelos
Editor

IBAMA
PROCONVE
HOMOLOGADO

bora.

Breve em Natal. Porque você pode mais.

Audi
Vorsprung durch Technik

Tudo fica melhor quando sua empresa cuida bem de você.

Unimed Empresarial. Você sente a diferença.

Quando uma empresa oferece Unimed aos seus colaboradores
recebe de volta mais motivação, mais dedicação e mais comprometimento.
Entre em contato com a gente. Está na hora de fazer diferente.

Unimed Natal
O melhor plano de saúde é viver.
O segundo melhor é Unimed.

Ligue e agende uma visita:
3220.6200 | www.unimednatal.com.br

ABC perdeu o Estadual "mais fácil da história", segundo dirigentes, e fechou ano com o rebaixamento

HUMBERTO SALES/NJ

HUMBERTO SALES/NJ

América sequer passou à segunda fase da Copa do Brasil e precisa se esforçar para continuar na Série B

|SÉRIE B | ABC e América podem marcar 2009 no calendário como um ano para ser esquecido

Nem CHORO nem VELA

Bruno Araújo, do Novo Jornal

NEGAÇÃO, RAIVA, BARGANHA, depressão e aceitação. A psiquiatra Elizabeth Kubler-Ross aponta esses cinco momentos como estágios vividos por uma pessoa que perdeu alguém que amava. Se pensarmos bem, a teoria criada pela médica suíça pode ser aplicada tranquilamente aos torcedores de ABC e América e seus dirigentes. Diante de aparelhos de TV, pelo rádio ou nas arquibancadas do estádio, eles puderam observar suas equipes serem desclassificadas do Campeonato Estadual e eliminadas precocemente da Copa do Brasil. Agora, ao final da Série B, o futebol potiguar contabiliza o antecipado rebai-xamento abecedista – a três rodadas do fim da competição – e a luta dos americanos para evitar a segunda queda em dois anos. Após uma campanha vergonhosa na Série A em 2008, o clube ameaça repetir o papelão este ano.

A pergunta feita pela maioria dos torcedores, tanto de ABC, quanto do América é: "Por que os times potiguares não conseguem realizar boas campanhas em competições nacionais?" A dúvida é resultado da série de fracassos e da irregularidade desses times em campeonatos brasileiros. Do lado alvinegro, a última grande conquista foi o acesso à Série B, em 2007, e que durou apenas dois anos. Do lado rubro, o acesso à Série A em 2006 e o remoto título da Copa do Nordeste, em 1996. São conquistas solitárias em um mar de troféus de títulos estaduais, frustrações dos torcedores e dívidas acumuladas.

| ABC | Às voltas com mais um rebaixamento, clube precisa se reestruturar para evitar os erros de 2009

CRÔNICA DE UMA QUEDA ANUNCIADA

Bruno Araújo, do Novo Jornal

QUAL A RECEITA para conquistar um rebaixamento antecipado? Basta contratar mais de 70 jogadores por temporada, trocar de técnico quatro vezes, atrasar os salários por alguns meses e pagar salários acima de R$ 15 mil a atletas que não valem a metade disso em campo. Se conseguir reunir tudo isso no "caldeirão" da Série B, no calor tropical nordestino, é provável que bem antes do fim das 38 rodadas, sua equipe esteja degustando a amarga e indigesta terceira divisão.

Apesar de parecer uma receita suicida, foram esses os ingredientes que garantiram o rebaixamento ao ABC três rodadas antes do fim da competição. Com uma folha mensal de R$ 350 mil, o clube contratou 76 jogadores na temporada.

Para o presidente do ABC, Judas Tadeu, o número de contratações não é o verdadeiro motivo do rebaixamento alvinegro, mas sim a fragilidade financeira do clube, que não permitiu investimentos maiores. "Fizemos um planejamento de montar uma base para a disputa do Estadual, Copa do Brasil e Série B. No entanto, as coisas não funcionaram e tivemos a necessidade de mudar buscando o melhor para o clube", declara.

Sobre possíveis erros de avaliação durante as contratações, Tadeu alega que as escolhas não foram feitas de maneira irresponsável e que foram baseadas em indicações dos treinadores, conselheiros do clube e dele próprio. "Ninguém erra por querer. Contratamos atletas que tiveram bons rendimentos em seus clubes anteriores e, assim como aconteceu, pode ocorrer de um ou outro não render o esperado. Isso é normal", garante. Em relação a atletas com salários fora da realidade financeira, ele afirma que poucos nomes "estouraram" o teto estabelecido. "Atletas diferenciados como Erandir, Gaúcho, o goleiro Thiago Cardoso e Juninho foram algumas opções em que ousamos um pouco mais, mas em momento algum foram cometidas loucuras", explica.

Dinheiro no lixo

Por mais que Judas Tadeu afirme o contrário, os números do ABC este ano comprovam os erros de avaliação do clube. Destaque para a quantidade de jogadores trazidos para o ataque. Foram 19 contratados em busca de um artilheiro alvinegro, dentre eles nomes como Valdir Papel e Nonato. No entanto, o "matador" abcdista até o momento é o zagueiro Gaúcho, com 11 gols marcados. Se lá na frente é um zagueiro que tem resolvido, na defesa o resultado não é dos melhores. Com 11 defensores contratados e 14 volantes, o time conseguiu chegar a 35ª rodada da Série B com 85 gols sofridos e 79 marcados.

Com o retrospecto de pior ataque da Série B (33) e segunda pior defesa (60) até a rodada passada, o resultado da campanha alvinegra não poderia ser outro, senão, o rebaixamento à Terceira Divisão.

Bola pra frente

Um dia após ser confirmado o rebaixamento abecedista, o presidente Judas Tadeu revelou detalhes sobre a profunda crise que o clube está passando. O dirigente credita boa parte dessa situação à fragilidade financeira vivida pelo ABC ao longo dos últimos cinco anos.

"Pagamos contas de 2005 em 2006, de 2007 em 2008, ocorrendo a mesma coisa em 2009. Para o próximo ano, não há perspectiva alguma de melhora, já que na disputa da Série C não há tantos patrocínios e as cotas de transmissão repassadas pela CBF inexistem", explica.

Para o final da Série B, com a equipe já rebaixada, Judas prevê acordos com pelo menos 70% dos atletas para rescisão de contratos, a fim de reduzir o impacto dos salários nas contas. Durante a competição, a folha salarial era de aproximadamente R$ 350 mil e o custo mensal de manutenção da estrutura e do futebol profissional é de R$ 700 mil. "Vivemos uma crise política, técnica e, principalmente, financeira. Não é a primeira tormenta que o clube vive, muito menos a pior", garante.

Tadeu explica que o rebaixamento do ABC não é resultado de falta de planejamento. A diretoria apostou nos últimos anos em investimentos altos, como, por exemplo, a construção do estádio Frasqueirão. "Tentamos avançar no futebol e na estrutura ao mesmo tempo, tal qual equipes como Goiás, São Paulo e Internacional. Temos um Centro de Treinamento, Departamento Médico, um gramado impecável e gastamos cerca de R$ 15 mil nas categorias de base", enumera o dirigente, apontando a falta de retorno financeiro. De acordo com ele, o ABC deve fechar o ano com um déficit de quase R$ 2 milhões.

Em relação às trocas de treinadores e as sucessivas contratações e rescisões, Tadeu explica que foi traçado um planejamento com Heriberto comandando a equipe montada desde o Estadual nas três competições que seriam disputadas pelo ABC. No entanto, ele reconhece o erro em não ter sido mudado o comando técnico a tempo. "Quando o contratamos, tivemos aprovação do Conselho Deliberativo e da própria torcida, mas demoramos a mudar e perdemos o campeonato estadual mais fácil da história do clube", lamenta. Ele justifica as constantes mudanças como a "busca por uma solução" para a situação dentro de campo.

Sobre o futuro, Judas Tadeu afirma que agora o que precisa ser feito é "arrumar a casa", sendo o primeiro passo resolver o processo sucessório do clube e antecipar as eleições para 1º de dezembro. "Feito isso, pode-se recomeçar o planejamento para levar o ABC de volta à Série B", afirma.

AUGUSTO RATIS/NJ

Judas Tadeu é a cara do desânimo alvinegro: clube precisa de um 'choque de gestão'

"Ninguém erra por querer. Contratamos atletas que tiveram bons rendimentos em seus clubes

"Vivemos no ABC uma crise política, técnica e, principalmente, financeira"

COMENTÁRIO

RUIM DENTRO DE CAMPO, PIOR FORA DELE

Não é somente o rebaixamento para a Série C (como se isso ainda fosse pouco) que reforça o sentimento de que há algo de errado no ABC. O clube vem sistematicamente sofrendo de problemas sérios dentro e fora do gramado. Afinal de contas, na última década, as crises foram tantas que entraram para a rotina de torcedores e dirigentes. De repente, tornou-se normal esperar que o clube seja rebaixado ou mesmo fique de fora de competições nacionais, como já aconteceu por dois anos consecutivos. Está mais do que claro que é preciso mudar.

Por incrível que possa parecer, essa opinião é compartilhada com o 'todo-poderoso' presidente Judas Tadeu, que confirmou ao **Novo Jornal** ser a favor da reformulação do estatuto proposta por um grupo de conselheiros. Eles propõem a substituição da figura do presidente com plenos poderes por um conselho gestor, formado por cinco integrantes escolhidos pelo conselho deliberativo.

No entanto, o próprio Judas reconhece que dificilmente essa proposta será aceita. Figuras influentes no alvinegro já se posicionaram contra. Pelo menos cresce no clube o sentimento de que o modelo atual de gestão não funciona.

"É muito fácil apontar Judas Tadeu como culpado – afinal é sempre ele que está à frente das decisões. Mas não é apenas substituindo-o por cinco que as coisas passarão a funcionar a contento. Quem dera fosse tão simples."

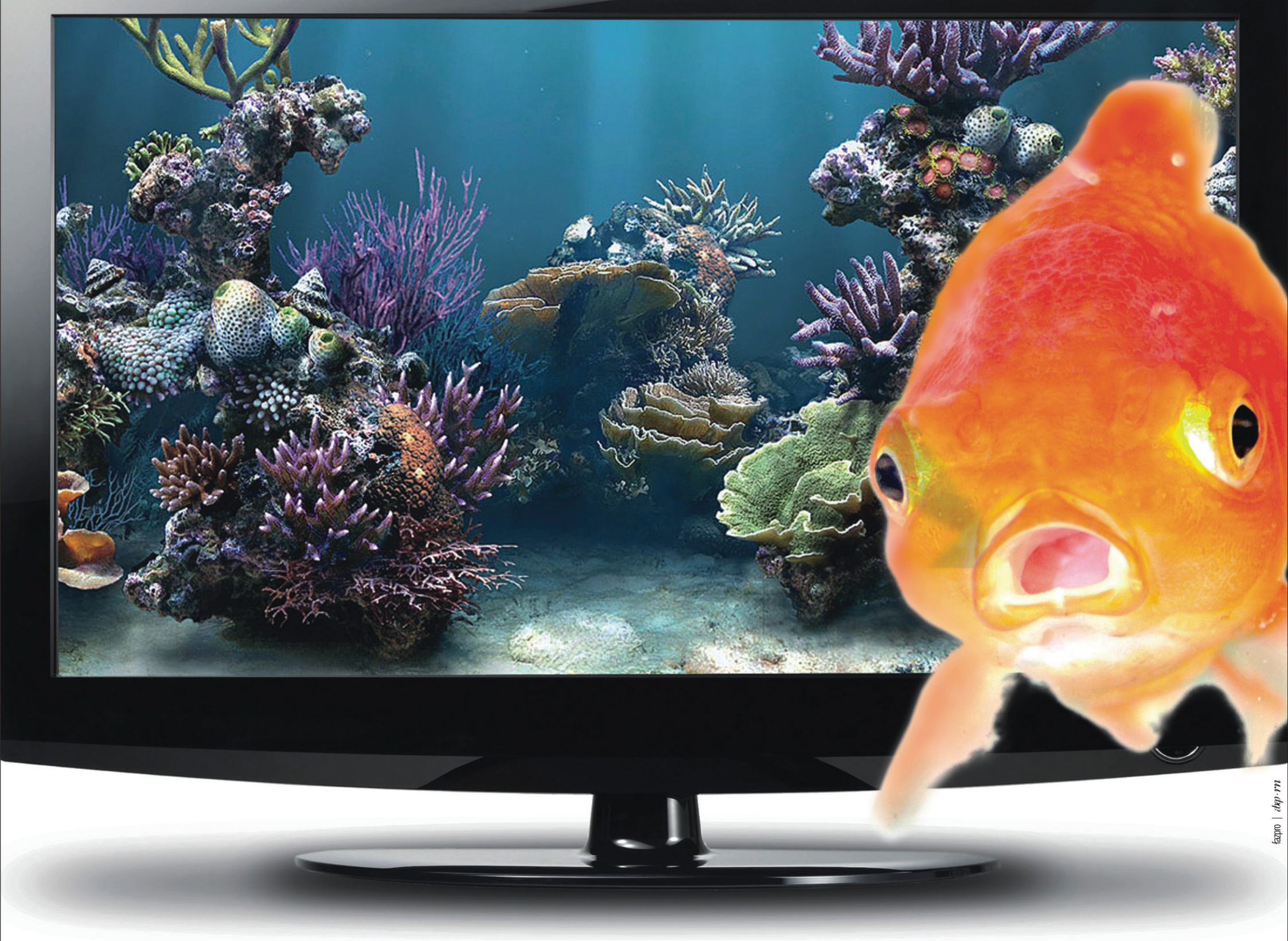
É muito fácil apontar Judas Tadeu como culpado – afinal é sempre ele que está à frente das decisões. Mas não é apenas substituindo-o por cinco que as coisas passarão a funcionar a contento. Quem dera fosse tão simples. O clube precisa se adaptar aos nossos tempos, deixar de ser um arrumadinho entre sócios apaixonados, que periodicamente fazem uma cotinha para tentar tampar um buraco cada vez maior e encontrar alternativas viáveis financeiramente de se manter.

O conselho vale para os demais clubes do estado: ou passam a ser administrados como empresas, ou estaremos fadados, ano após ano, a nos acostumarmos com o pior ao fim de cada temporada.

Alex de Souza, editor de Esportes.

TV TROPICAL / RECORD COM NOVO TRANSMISSOR DE 15 kW

AGORA VALE A PENA COMPRAR SUA TV DE LCD.



A TV Tropical / Record, canal 8, está inaugurando um novo transmissor

de 15 kW na Grande Natal. Isso quer dizer que agora a sua TV vai ficar melhor ainda,

com muito mais qualidade de imagem e maior alcance.

Que tal aproveitar pra trocar sua TV antiga por aquela LCD novinha?

TV TROPICAL

RECORD

TV DE PRIMEIRÍSSIMA

| AMÉRICA | Equipe precisa de 4 pontos em 2 jogos para continuar na Série B do Brasileiro

À espera de um MILAGRE

AUGUSTO RATIS/NJ

Eduardo Rocha enumera, entre os projetos para 2010, a criação de uma loja de produtos licenciados

Com uma das folhas salariais mais baixas da Série B – aproximadamente R$ 270 mil –, o América conseguiu montar uma equipe competitiva e figurou entre os primeiros colocados. Contudo, de uma hora para outra, os resultados deixaram de vir e o clube começou uma queda livre rumo à zona de rebaixamento, região da qual agora tenta fugir.

Um dos conselheiros americanos mais atuantes, Eduardo Rocha aponta que a oscilação rubra na tabela não é fruto – como alguns afirmam – de falta de planejamento. "Falam muito nesse assunto, mas foi pensando em planejamento que o América mudou após o Estadual. Fez uma pré-temporada, contratou técnico e 80% do elenco antes do início da Série B, mas as coisas nem sempre funcionam como imaginamos", declara. Do modesto elenco que disputou o Campeonato Estadual, as mudanças foram tantas que o clube chegou à marca de 90 jogadores entre idas e vindas.

A surpresa nos planos americanos, em meio à caminhada até então tranquila na Série B, foi a notícia de que a relação entre o técnico Guilherme Macuglia e os jogadores já não era das melhores. "Fomos surpreendidos com a informação de possíveis desavenças entre o grupo e o técnico e ficamos entre a cruz e a espada. Os resultados estavam acontecendo, mas a situação era delicada demais", lembra Rocha. Ele também lamenta que a decisão de retirar o treinador do comando tenha sido tomada "um pouco tarde", ou seja: tempo suficiente para transportar o América do G-4 ao Z-4.

"Logo após a saída de Macuglia, recebemos a indicação de Roberto Fonseca e acatamos. Ele salvou o Botafogo de Ribeirão Preto do rebaixamento no Paulistão e apostamos. Mas ele foi o pior treinador da história do América. Não entendia nada de futebol", criticou o dirigente.

Com a passagem relâmpago de Arthur Neto, Diá assumiu e tem conseguido bons resultados, inclusive, com grandes chances de se livrar do fantasma da degola. E se em campo as coisas voltam a dar certo, fora delas, a situação financeira – mesmo melhor que a do ABC – não é alentadora. De acordo com Eduardo Rocha, o clube deve fechar o ano com um débito superior a R$ 700 mil. "Há poucos investimentos no futebol potiguar. Temos um custo médio por mês de R$ 415 mil. Houve jogos em que praticamente pagamos para jogar, já que a receita tem sido quase sempre menor que os compromissos financeiros", declara.

> "Há poucos investimentos no futebol potiguar. Temos um custo médio por mês de R$ 415 mil"

No entanto, o dirigente vê uma saída para a crise rubra. Projetos como a criação de uma loja de produtos licenciados até o fim do ano e os investimentos para trazer novos sócios-torcedores poderão injetar no clube até R$ 120 mil mensais. "Estamos trabalhando desde já. Alguns jogadores como Leandro, Júlio Terceiro, Ricardo Oliveira, Rodolpho e Adalberto manifestaram interesse em permanecer para 2010. É certo que, independentemente do resultado na Série B, vamos tentar fazer com que o América seja uma equipe mais equilibrada dentro e fora de campo", promete.

COMENTÁRIO

O DRAMA DOS GÊMEOS SIAMESES

Existem mais coisas em comum entre ABC e América do que sonharia qualquer dramaturgo inglês. Apesar da rivalidade que marca a relação dos clubes em campo, um sentimento natural no meio esportivo, mas que muitas vezes é mal interpretado por alguns grupos de torcedores, o que se deve ter em mente é que um deles dificilmente teria condições de sobreviver sem o outro.

Nossos principais clubes vêm, há décadas, apostando num modelo semelhante de gestão, em que as fontes de receita estão sempre aquém das despesas geradas pela manutenção das equipes profissionais. Sem desmerecer conquistas como a construção do Centro de Treinamento Abílio Medeiros, ou o Estádio Maria Lamas Farache - no caso do ABC -, têm-se a impressão que essas benfeitorias foram fruto de um impulso, incapazes de integrar um plano estratégico de longo prazo, capaz de usar essas estruturas a favor dos clubes, seja na formação de atletas, ou na capitalização das agremiações.

Não é mera coincidência que as fases de decadência dos dois times aconteçam tão próximas umas das outras. Afinal de contas, num calendário tão cruel quanto o proposto anualmente pela Confederação Brasileira de Futebol, o que seria de América e ABC sem a realização dos chamados 'Clássicos-Rei', oportunidades cada vez mais raras de se atingir a capacidade máxima de público de nosso estádios? Ainda mais tendo-se em conta que, fora os minguados ganhos provenientes destes jogos, restam poucas fontes de rendas capazes de lhes assegurar a manutenção. **Alex de Souza, editor de Esportes.**

> Apesar da rivalidade que marca a relação de ABC e América dentro de campo, é preciso ter em mente que um deles dificilmente teria condições de sobreviver sem o outro

| BOM EXEMPLO | Com estrutura semelhante a ABC e América, clube deve subir à Série A em 2010

No Ceará não tem disso não

JARBAS DE OLIVEIRA/FOLHAPRESS

O time Vovô soube contratar na hora certa e a boa campanha veio naturalmente; com isso, torcida deu as caras e a arrecadação do clube subiu

Os tropeços de ABC e América na Série B não são exclusividade do futebol norte-rio-grandense. As equipes do Campinense/PB, Fortaleza e Bahia também estão mal das pernas: as que já não estão com os dois pés na Terceira Divisão do próximo ano, caminham a passos largos para isso. No entanto, se cinco dos seis times da região Nordeste na Série B vão preferir esquecer 2009, o Ceará tem motivos de sobra para comemorar. Com uma folha salarial de aproximadamente R$ 350 mil, semelhante a das equipes potiguares, o time Vovô está entre os quatro primeiros e, depois de 16 anos, perto de garantir o retorno à elite do futebol nacional.

Apesar de o ano não ter começado bem, com a perda do título cearense para o Fortaleza e um jejum de seis jogos sem vitória no início de Segundona com, o Vovô apostou no planejamento, manteve a base que disputou o Estadual, contratou 18 atletas durante a Série B e dispensou apenas quatro durante a competição.

Para o presidente do Ceará, Evandro Leitão, a situação dos clubes nordestinos em 2009 é o reflexo da falta de planejamento e de organização administrativa. "Trabalhamos a todo instante com o pé no chão e estamos equilibrados financeiramente. Contratamos o suficiente para reforçar nossa equipe, sem desfazer a base que possuíamos do estadual", aponta o dirigente.

E a afirmação do cartola é verdadeira. De um elenco com 34 atletas, 20 fazem parte do grupo que disputou o Estadual. "Investimos bem. Estamos honrando nossos compromissos e isso se reflete dentro de campo e nas arquibancadas, com a torcida lotando o estádio para nos apoiar", afirma Leitão. Apesar de o Ceará ainda não ter confirmado presença na primeira divisão para o próximo ano, ele já faz promessas para 2010: "Não queremos voltar para a elite apenas para lutar para não cair e sim para fazer uma grande campanha".

Sobre as más campanhas das equipes nordestinas nas Séries A e B, Evandro Leitão aponta que a gestão desses clubes seguiu na contramão da adotada pelo Ceará. Para ele, o possível rebaixamento de Sport e Náutico, ambos pernambucanos e que disputam a Série A, assim como a situação dos demais nordestinos na Segundona, como ABC, América, Bahia, Fortaleza e Campinense, é resultado de um planejamento falho. "Sentimos muito, pois com a queda dessas equipes, a nossa região fica enfraquecida no cenário do futebol nacional", lamenta.

Com uma folha de pagamento de R$ 350 mil - igual à do ABC - clube manteve base do Estadual, contratou 18 atletas durante a Série B e dispensou apenas quatro no ano.

RATTS RATIS

verdade

Acabou de nascer,
mas já sabe o que
quer da vida.

PRAIASHOPPING
SUA VIDA É A NOSSA PRAIA

Homenagem do Praia Shopping ao Novo Jornal.

www.praiashopping.com.br

Sales

Nova loja Todeschini
Uma odisséia nos espaços

O Grupo Ferreira inaugura mais um super espaço da **Todeschini** em Natal, uma **loja conceito** com mais de setecentos metros quadrados. A nova loja Todeschini Tirol terá uma mostra de ambientes permanente, apresentando mais de trinta soluções planejadas em projetos residenciais e corporativos. Venha conhecer de perto esta **graaaande** novidade e se ambientar com as tendências em projetos e móveis personalizados.

Nova loja Todeschini, uma odisséia nos espaços.

Aberta ao público: a partir do dia **28** de novembro/2009

Todeschini
www.todeschininatal.com.br

Av. Prudente de Morais, 1280
Tirol (esquina c/ av. Ceará Mirim)

ARGEMIRO LIMA/NJ

O ABC está vivendo as mesmas dificuldades que o América viveu em outros momentos

Leonardo Arruda, ex-presidente do ABC

| OPINIÃO | O que pensam ex-dirigentes e torcedores sobre as campanhas de ABC e América

Várias cabeças, a mesma sentença

A CRISE DOS times potiguares não é uma exclusividade dos atuais dirigentes. Contemporâneos na presidência de suas equipes, Leonardo Arruda no ABC (1994 a 1998) e José Maria Figueiredo no América (1996) afirmam ter vivido dificuldades na época em que comandaram os clubes e apontam os motivos que podem ter resultado nas más campanhas da temporada 2009.

Sobre a situação atual, o ex-presidente e conselheiro Arruda prefere não apontar culpados e destaca que na gestão de Judas Tadeu o ABC obteve grandes conquistas: o estádio Frasqueirão e o Centro de Treinamento Vicente Farache. No entanto, aponta erros que, para ele, teriam sido decisivos para o rebaixamento do clube. "O ABC está vivendo as mesmas dificuldades que o América viveu em outros momentos. Trouxeram Heriberto da Cunha e Arturzinho pelo que eles fizeram no América. Para mim, esse é um grande erro. É preciso que se tenha um treinador com identificação com nosso clube. Devemos procurar nosso próprio caminho", justifica.

Arruda afirma que, em 1994, assumiu um ABC "quebrado". Na ocasião, para tentar reverter a crise, ele propôs a substituição de integrantes do Conselho Deliberativo por pessoas mais atuantes e que, segundo ele, viviam realmente a realidade do clube. "Justamente nessa época, Rubens Lemos, Judas Tadeu e outros importantes nomes vieram para o clube. Foi quando começamos a crescer. Pudemos respirar e arejar o conselho", diz. O ex-dirigente lembra ainda de um pepino que quase resultou na perda de um dos maiores patrimônios alvinegros. "Resolvemos um problema de alienação da Vila Olímpica", rememora. Por fim, Leonardo Arruda ressaltou a necessidade de, em alguns momentos, promover a mudança para tentar encerrar um ciclo negativo.

América

Cotado para voltar à presidência americana, José Maria Figueiredo – dirigente do clube no acesso à Série A em 1996 – enumera os problemas que transformaram o bom início na Segundona num martírio para a torcida. "Não houve repressão dos grupos que se formaram e a não retirada a tempo do técnico resultou na sequência negativa de cinco derrotas, o que nos prejudicou por demais", avalia.

Além disso, ele critica aqueles que viam o ex-jogador Souza como o "salvador da pátria", apesar de o atleta merecer o status de ídolo. De acordo com o ex-presidente, equipes que dependem de exclusivamente de um jogador sofrem quando o perdem, fazendo referência ao Vasco da Gama, que após a aposentadoria de Romário, passou por dificuldades para se reerguer, sendo inclusive rebaixado para Segunda Divisão. "Fora isso, ainda tivemos treinadores que colocavam jogador destro para jogar na esquerda e vice-versa. Aí fica difícil", reclama.

Figueiredo aponta outro revés: a saúde financeira do clube. "A atual diretoria conseguiu fazer um verdadeiro milagre ao montar uma equipe boa como essa para a Série B e dentro da realidade financeira. Hoje, o América tem patrimônio físico, mas não tem dinheiro em caixa. Está quebrado. Vejo o presidente José Rocha investir dinheiro no clube que ele sabe que nunca mais terá de volta", revela.

Em relação a sua passagem pela presidência, ele afirma que os tempos eram outros e o clube conquistou o acesso à Primeira Divisão porque tinha jogadores com amor à camisa, algo que considera ainda mais raro hoje. "Tínhamos jogadores que cresceram aqui e outros que vieram porque realmente queriam jogar no América. Carlos Mota, Moura, Biro Biro, Zé Inaldo e outros que tinham orgulho em vestir essa camisa."

Voz do povo

Torcedor sempre tem opinião sobre tudo relacionado a seu time. Ele dá pitaco sobre contratações, esquema tático, problemas internos e sobre a melhor escalação para a equipe. Sobre a crise e a má fase de ABC e América, não faltaram críticas a dirigentes e treinadores.

Os alvinegros foram unânimes em apontar que o maior erro da diretoria foi manter o técnico Heriberto da Cunha e o time que fracassou no Estadual.

Já para os rubros, a demora na resolução do conflito entre os jogadores e o ex-técnico Guilherme Macuglia foi apontada com a principal falha. Por outro lado, os torcedores rubros destacaram o acerto na contratação de Francisco Diá para assumir o comando técnico e tentar salvar o clube.

AUGUSTO RATIS/NJ

Hoje o América tem patrimônio físico, mas não tem dinheiro em caixa. Está quebrado

José Maria Figueiredo, ex-presidente do América

HUMBERTO SALES/NJ

"Ter permanecido com Heriberto, treinador responsável pela perda do Estadual e contratar jogadores que estavam muito tempo parados são os principais motivos dessa situação no ABC",

Evilásio Câmara, 53 anos, editor de imagem

HUMBERTO SALES/NJ

"O erro vem desde janeiro. A filosofia de Heriberto era equivocada, trouxe um monte de jogadores dele e montou uma 'panelinha'. Fiquei sabendo até que um dos melhores jogadores do América, Somália, foi oferecido e ele não quis. Dá para entender?"

João Batista Nóbrega, 53 anos, aposentado

HUMBERTO SALES/NJ

"O time do Estadual era fraco e não conseguiu disputar nem a final. Não foi reforçado para a Série B. Temos o pior ataque e a segunda pior defesa e isso reflete na campanha."

Antônio Avelino, 56 anos, técnico em engenharia

AUGUSTO RATIS/NJ

"Macuglia não deveria ter sido demitido. Deveriam ter acabado com a 'panelinha'. Nadai também não era para ter saído. Se os dois tivessem ficado, estaríamos brigando pelas cabeças e não contra o rebaixamento."

Heriberto Júnior, 41 anos, vendedor

AUGUSTO RATIS/NJ

"Por causa dos jogadores que queriam derrubar Macuglia, o rendimento da equipe caiu para que ele fosse demitido. Se Diá tivesse chegado antes, teria sido diferente. Ele motivou o time e é o grande responsável pela melhora. Não fosse ele, dificilmente o América se salvaria."

Leandro Araújo, 23 anos, comerciante

AUGUSTO RATIS/NJ

"Macuglia perdeu o comando e, com a melhora das outras equipes, o América veio para a parte de baixo da tabela. Com Diá no comando técnico e Souza auxiliando e resolvendo os problemas aqui dentro, o time voltou a ser o que era."

Tomaz Pereira, 75 anos, engenheiro civil

COMENTÁRIO

HUMBERTO SALES/NJ

ALECRIM, UM 'CASE DE SUCESSO'. ATÉ QUANDO?

Nem só de choro e ranger de dentes vive o torcedor potiguar. O ano de 2009, tão infeliz para as duas grandes torcidas do estado, assistiu também ao ressurgimento do Alecrim Futebol Clube, a chamada terceira força do nosso futebol. Se a crise administrativo-financeira que atingiu o futebol potiguar nas últimas duas décadas causou estragos consideráveis em ABC e América, para o Alecrim Futebol Clube ela foi quase fatal.

O Verdão, que orgulhou sua torcida tradicional e apaixonada com a conquista do bicampeonato estadual em 1985 e 1986, foi sendo pouco a pouco engolido pelo amadorismo e falta de visão de sucessivas gestões. Os desmandos tiveram reflexos imediatos no campo. As boas campanhas deram lugar a ve-xames seguidos, o clube foi sendo alijado de competições nacionais até ter que se contentar apenas com o papel de figurante nos estaduais, a cada ano menores e desprestigiados por cartolas e torcedores.

Mas, é como dizem os manuais de auto-ajuda: ao se chegar ao fundo do poço, só dá para olhar para cima. Após mais um Estadual sofrido, em que esboçou a possibilidade de disputar pelo menos um turno, o clube conseguiu num golpe de sorte a indicação para disputar a recém-criada Série D do Campeonato Brasileiro, após a desistência do ASSU.

Para isso, o grupo armou-se não apenas de coragem. Reuniu um grupo coeso de jogadores que se destacaram nas demais equipes que disputaram o Estadual, um plantel enxuto com menos de 30 atletas, conseguiu mobilizar alguns investidores para manter o projeto a curto prazo, entre eles empresários conceituados como Flávio Anselmo e Gilberto de Nadai, e mais importante: mobilizou uma torcida sempre pronta a comparecer na hora em que o time precisa.

O resultado, por mais surpreendente que tenha parecido, foi o esperado: a classificação para a terceira divisão. A campanha vitoriosa somou, em 14 jogos, seis vitórias, três empates e cinco derrotas, com 18 gols marcados e 15 sofridos.

Este, entretanto, é apenas um passo rumo à estabilidade e, quem sabe, à reconquista do seu lugar junto aos grandes do estado. O clube parece ter entendido o recado, pois o planejamento para 2010 já se iniciou. Entre as metas a serem alcançadas, estão manter o grupo de investidores que possibilitaram a montagem da equipe, o investimento nas categorias de base (os eternos patinhos feios do futebol poti-guar) e a busca de uma parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Resta saber se essas ações serão suficientes para apagar da memória dos alecrinenses o revés dos últimos anos e escrever uma nova página na história de um clube quase centenário, que muitos imaginavam condenado ao esquecimento. **Alex de Souza, editor de Esportes.**

A CRISE EM NÚMEROS

ESTATÍSTICA

ABC EM 2009

Jogos:	61
Vitórias:	24
Empates:	11
Derrotas:	26
Jogos em casa:	31
Vitórias em casa:	19
Empates em casa:	05
Derrotas em casa:	07
Jogos fora:	30
Vitórias fora:	05
Empates fora:	06
Derrotas fora:	19
Gols pró:	79
Gols contra:	85
Saldo:	- 06
Pontos Ganhos:	83
Pontos disputados:	183
Aproveitamento:	45,3%
Aproveitamento em casa:	66,6%
Aproveitamento fora:	23,3%

AMÉRICA EM 2009

Jogos:	58
Vitórias:	19
Empates:	14
Derrotas:	25
Jogos em casa:	27
Vitórias em casa:	12
Empates em casa:	6
Derrotas em casa:	9
Jogos fora:	31
Vitórias fora:	7
Empates fora:	8
Derrotas fora:	16
Gols pró:	86
Gols contra:	91
Saldo:	- 5
Pontos Ganhos:	71
Pontos disputados:	174
Aproveitamento:	40,8%
Aproveitamento em casa:	51,85%
Aproveitamento fora:	31,18%

PLANTEL EM 2009

AMÉRICA

Goleiros
Rodolpho, Weverton, Adriano, Adson, Michel

Zagueiros
Adalberto, Edson Rocha, Thiago Messias, Geriel, Alexandre Henrique, Luis Henrique, Plínio, Marcelo Ramos, Marcelinho, Leandro Silva, Heverton, Vanderlei, Frede, Marcão, Onildo, Sidrailson

Laterais
Berg, Xavier, Breno, Thoni, Rodrigo Ninja, João Celso, Wilton Goiano, Tita, Carlos Alberto, Carlinhos Paulista, Teles, Eduardo Igor, Thiago Gasparino , Jackson, Luciano Amaral

Volantes
Alexandre Paulista , Dude, Diego, Alisson, Wendes, Júlio Terceiro, Ricardo Oliveira, Herbert , Ramires, Cleisson, Vinícius, Jackson Feitosa, Glaydson , Somália, Chapinha

Meias
David, Fábio Neves, Marcelinho, Altair, Gustavo, Guaru, Everton Cezar, Cacá, Rafael, Leto, Souza, Marcinho, Thiago Ulisses, Rosembrick

Atacantes
Patrick, Helinho, Max, André Luis, Caio, Thiago Silvy, Tiquinho, Lúcio, Bibi, Sandro Hiroshi, Danillo Alves, Victor Hugo, Alisson Ricardo, Rinaldo, Leandro Rodrigues, Manú, Ciel, Reginaldo, Ronaldo, Torona, Fernando Mineiro, Geovane

Técnicos
Marcelo Vilar, Tita, Vereador, Guilherme Macugli, Roberto Fonseca, Arthur Neto, Francisco Diá

ABC

Goleiros
Paulo Musse, Ranieri, Tiago Cardoso, Aloísio, Wellington

Zagueiros
Ciro, Cauê, Gaúcho, Juninho, Ben-Hur, Fabiano, Leonardo, Rafael Pedro, Edson, Pedrosa, Renê

Lateral-esquerdo
Panda, Ademar, Delano, Beto, Rogerinho, Gleydson, Bruno Barros, Roque

Lateral-direito
Marco Aurélio, Chiquinho, Bosco, Marcos Tamandaré, Paulinho, Thiaguinho

Volante
Audálio, Alexandre Oliveira, Augusto Recife, Rafael, Fabiano Silva, Fausto, Marquinhos Mossoró, Erandyr, Simão, Rogério, Elton, Danilo Lopes, Tales, Jonatha

Atacante
Fábio Saci, Selmir, Junior Negão, Fábio Silva, Ronaldo Capixaba, Moré, Paulinho Macaíba, Ivan, João Paulo, Gabriel, Nonato, Valdir Papel, Leandro Love, Diogo, Hamilton

Meia
Washington, Kel, Sandro, Alex Oliveira, Tucho, Gedeon, Marcos Paraná, Tiano, Tiago Gaúcho, Coimbra, Rodriguinho, Zé Eduardo

Técnicos
Heriberto da Cunha
Arthurzinho
Wassil Mendes (interino)
Flávio Lopes
Didi Duarte

VESTIBULAR
SÁBADO
2010.1
Cresça
Mude pra melhor
FATERN
CONVÊNIO UNIVERSIDADE GAMA FILHO
TOPDEZ

Escolha qual curso mudará sua realidade profissional.

CURSO	MANHÃ	TARDE	NOITE
Administração	279,30	-	335,14
Enfermagem	559,29	499,00	559,29
Fisioterapia	559,29	499,00	615,30
Publicidade e Propaganda	391,18	-	446,48
Serviço Social	319,45	285,00	335,14
Gestão de Finanças**	239,00	-	259,00
Redes de Computadores**	239,00	-	259,00
Sistemas para Internet**	239,00	-	259,00

VALORES JÁ COM DESCONTO DE 5%, VÁLIDO PARA PAGAMENTOS ATÉ A DATA DE VENCIMENTO.
* VALOR REFERENTE AOS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA NO PERÍODO MATUTINO
** VALORES VÁLIDOS SOMENTE PARA OS PRIMEIROS 10 MATRICULADOS DE CADA CURSO TECNOLÓGICO

Amplo Laboratório de Anatomia

Laboratório de Fisioterapia

Laboratório Escola de Enfermagem

Prêmio Top of Quality 2008
Prêmio Nacional de Excelência em Qualidade de Ensino 2008
FIES ProUni PROEDUC

FATERN
Faculdade de Excelência Educacional do Rio Grande do Norte.
CONVÊNIO UNIVERSIDADE GAMA FILHO
4008.0354
WWW.FATERN.EDU.BR

Editor: Carlos Prado
E-mail: economia@novojornal.jor.br
Fone: 84 3201.2443 | 84 3221.3438

Negócio a preço justo

FRED VERAS

Pequenos produtores de Mossoró já tem contrato para mandar a safra de 2010 para a Europa

Carlos Prado, do Novo Jornal

NO DIA 15 de dezembro a agricultora Maria do Socorro Carvalho vai fazer a primeira viagem internacional de sua vida. Em Londres ela vai apresentar aos consumidores de uma rede de supermercados os melões que produziu junto com o marido, Ubiratan, e mais nove pequenos produtores da comunidade rural de Pau Branco, em Mossoró.

Ao todo, serão embarcados para a Inglaterra 10 containers com 200 toneladas de frutas cultivadas pelos associados da Cooperativa de Desenvolvimento Agroindustrial Potiguar, a Coodap. A venda vai render cerca de R$ 280 mil, R$ 28 mil para cada produtor.

Para o ano que vem a Coodap já tem encomendas de 80 containers de melão produzidos por todos os seus 20 cooperados. Na atual safra, só a metade deles conseguiu se adaptar às normas de cultivo que garantem a qualidade exigida pelos consumidores europeus.

As exigências fazem parte do processo de certificação fair trade, ou comércio justo, como é chamado o sistema de compras internacionais baseado em critérios que pesam questões socioambientais. O melão de Pau Branco é o único do planeta que conta com o certificado, concedido pela ONG Fair Trade Labelling Organization (Flo Cert), da Alemanha.

A certificação tem validade até 2012 e além de garantir a compra da safra a um preço 30% superior ao praticado no mercado, assegura um bônus de dez centavos de dólar por cada quilo de melão exportado. O dinheiro deve ser empregado em projetos sociais da comunidade voltados para as áreas da educação, saúde e saneamento. Os importadores ainda adiantam parte do valor da compra para que os agricultores não precisem contrair dívidas para financiar o custeio da a produção.

Ansiosa com a proximidade da viagem , Maria do Socorro não esconde o orgulho pela conquista. "Não foi fácil se adaptar a tantas normas, mas nós conseguimos, com muito esforço", afirma a agricultora, lembrando que antes da certificação os pequenos produtores eram obrigados a vender o melão a atravessadores, por preços baixos.

NOVOS PROCESSOS

O processo de certificação da Coodap começou em 2007 e custou R$ 77 mil, bancados pelo Sebrae/RN(R$ 40 mil) Sebrae nacional (R$ 30 mil) e prefeitura de Mossoró(R$ 7 mil).

O dinheiro foi gasto em assistência técnica, qualificação dos agricultores e em missões à Europa para contatos com importadores.

Segundo o diretor técnico do Sebrae/RN, João Hélio Cavalcanti, três outros processos de certificação em comércio justo estão em andamento no estado. Os novos certificados deverão ser obtidos em seis meses e vão beneficiar pequenos agricultores das regiões do Mato Grande e do eixo Assu/Mossoró produtores de castanha de caju,mel e coco seco.

FRED VERAS

"Não foi fácil se adaptar a tantas normas, mas nós conseguimos, com muito esforço".

Maria do Socorro
Agricultora

| CRISE | Para suprir queda dos repasses federais, RN vai arcar com dívida de R$ 417 milhões

Herança maldita

Carlos Prado, do Novo Jornal

A crise financeira internacional, eclodida em setembro de 2008, está deixando de herança para a economia do Rio Grande do Norte um prejuízo de mais de meio bilhão de reais. Os efeitos atingem o setor privado, devido à queda nas exportações e à desvalorização do dólar, mas são mais devastadores com relação às finanças do governo do estado.

Para cobrir um uma diferença nas transferências de recursos da União, que em outubro chegou a R$ 388,5 milhões, o governo estadual contratou um financiamento de R$ 167 milhões junto ao BNDES. Um segundo empréstimo, no valor de R$ 250 milhões, está sendo pactuado, totalizando uma dívida de R$ 417 milhões que deverá ser paga em dez anos.

Os empréstimos, autorizados por resoluções do Banco Central, foram propostos para compensar as perdas no Fundo de Participação dos Estados(FPE) e a queda nos pagamentos dos royalties do petróleo. Ao todo o BNDES vai emprestar R$ 10 bilhões aos estados e ao Distrito Federal.

Como a linha de crédito tem cláusula que proíbe o estado de usar o dinheiro dos empréstimos para pagar despesas correntes, como folha de pagamento, o governo do RN ficou perto do limite de ser enquadrado na Lei de Responsabilidade Fiscal. Pela Lei, o máximo que o Executivo estadual pode gastar com salários é o equivalente a 49 por cento de suas receitas. Há um limite chamado prudencial, de 46,5 por cento, que já foi ultra-passado.

O secretário estadual do Planejamento e Finanças, Nelson Tavares ,admite o sufoco,mas esclarece que as perdas de receita não são causadas por queda na arrecadação de tributos esta-duais. Segundo ele, impostos como o ICMS e IPVA, este ano, tiveram crescimento de R$ 36,6 milhões e R$ 16,2 milhões, respectivamente, em comparação com o ano passado.

REPASSES FEDERAIS PARA O RN DE 01 A 10/ 2009
Em R$ milhões

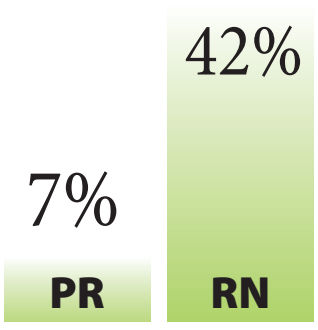
FPE :	Previsão	R$ 1.789
	Repasses	R$ 1.512
	Diferença	R$ 277
Royalties:	Previsão	R$ 242
	Repasses	R$ 122
	Diferença	R$ 120
CIDE:	Previsão	R$ 15,8
	Repasses	R$ 13,9
	Diferença	R$ 1,8
IPI:	Previsão	R$ 6,1
	Repasses	R$ 3,8
	Diferença	R$ 2,3
Lei Kandir*	Previsão	R$ 3,6
	Repasses	R$ 16,4
	Diferença	R$ 12,7
Total	Previsão	R$ 2.056,6
	Repasses	R$ 1.668,1
	Diferença	R$ 388,5

* Inclui FEX

Efeitos são piores para os mais pobres

Analisando-se os orçamentos dos estados é possível observar que justamente sobre os mais pobres é que recaiu o maior peso no processo de recuperação da crise. Isso porque para as unidades da federação mais desenvolvidas a influência dos repasses federais nas receitas é mínima. Num estado como o Paraná, por exemplo, o FPE representa apenas cerca de 7 por cento da arrecadação geral, enquanto que no Rio Grande do Norte ele equivale a 42 por cento da receita.

No orçamento do RN de 2009, para uma receita total de R$ 5,3 bilhões, era esperado um FPE da ordem de R$ 2,2 bilhões. Até outubro só foram repassados R$ 1,5 bilhão. Os estados mais ricos ainda levaram vantagem por abrigarem a maior parte das indústrias beneficiadas com as isenções do IPI que o governo federal usou para compensar os efeitos da crise: as montadoras de automóveis e as fábricas de eletrodomésticos. É por isso que o Paraná, apesar da crise, não sofreu queda na arrecadação.



O empreendimento do ano acaba de ser entregue.

A Conisa tem o prazer de anunciar a entrega do Maison Petrópolis. Um empreendimento singular, no coração do bairro mais charmoso de Natal, com um padrão de qualidade diferenciado e uma vista deslumbrante para o Mar e o Rio Potengi.

Aos novos moradores, os nossos parabéns pelo excelente investimento em qualidade de vida para toda a família. Aos que ainda desejam conhecer detalhes deste grande empreendimento, pronto para morar, a Conisa disponibiliza as últimas unidades para venda. Venha, descubra um apartamento único, idealizado para pessoas exclusivas, como você.

New Comunicação

Construção: conisa construções civis ltda

Vendas: PRISMA IMOBILIÁRIA LTDA. CRECI-2376 J

84 4005.3800

Comércio espera farra de importados no natal

Lojistas estão otimistas com a disposição da população para as compras do fim de ano

AUGUSTO RATIS/NJ

Consumidor faz planos de compra de eletrônicos importados

Fábio Farias, do Novo Jornal

GEORGIO RIBEIRO É operador de vendas das Lojas Insinuante na Av. Rio Branco, centro de Natal. Entusiasmado, ele confessa que as vendas nos primeiros dez dias desse mês já supera o total de outubro. Sem medo de errar, aposta: "será o melhor natal desses últimos anos para o co-mércio".

"É possível que tenha promoções de laptops vendidos a R$ 1 mil nas lojas".

Adelmo Freire

A perspectiva otimista de Geórgio está mais que acertada. Com a expectativa de liberação do maior lote de restituição do Imposto de Renda do Brasil para o dia 16 desse mês e com um crescimento real no valor do 13° salário de 33% em relação a 2002, a expectativa, segundo a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), é de que dezembro 2009 registrará um aumento médio de 12% nas vendas em relação ao ano passado e que o comércio deve ter o melhor natal da década.

A estimativa do Superintendente da CDL, Adelmo Freire é de que o crescimento será ainda maior no setor de eletrônicos, "pela queda do dólar e pela proximidade da copa, que deve aumentar a venda de TVs". O setor de vestuário e a chamada linha branca de eletrodomésticos também devem colher bons frutos nesse período.

Georgio confirma a estimativa da Câmara dos Dirigentes Lojistas. Ele conta que as TVs LCDs são as mais procuradas na loja em que trabalha, além de eletrodomésticos de geladeiras, máquinas de lavar e microondas. A CDL acredita também que a venda de notebooks pode ter um crescimento neste ano. "É possível que tenha promoções de laptops vendidos a R$ 1 mil nas lojas", disse Adelmo.

Esse período se caracteriza pela contratação de funcionários temporários no setor. Cerca de três mil empregos devem ser gerados no final deste ano em Natal, o que deve aquecer ainda mais a economia. "As empresas devem contratar muito neste fim de ano", diz. Adelmo destaca ainda que a perspectiva otimista no comércio começa com a decoração natalina. "Esse ano, as lojas estão antecipando a decoração, como forma de atrair clientes e gerar o clima de fim de ano".

Gerente de uma empresa de vestuário do centro de Natal, Janaina Fernandes trabalha no comércio há treze anos. Ela ainda não sentiu diferenças na venda em sua loja, mas diz esperar um bom movimento, mas nada excepcional. Para ela, o melhor natal na sua loja foi o de 2005.

Já Alessandra Gomes, gerente da Botton no Centro, está oti-mista. Ela afirma que a empresa já aumentou o número de funcionários e espera um aumento nas vendas na ordem de 20%. Ela falou que sente o aumento no movimento. "O pessoal passa aqui, pesquisa preços, estou sentindo um aumento no movimento. O ruim é que deixam para comprar de última hora", afirma.

De acordo com a CDL, 2007 foi o ano que registrou a maior movimentação comercial na década. A crise mundial no ano passado contribuiu para uma queda nas vendas nas festas de fim de ano e também na oferta de crédito em 2008. "Ano pas-sado foi mais fraco, pessimista, as pessoas compraram menos" afirma Adelmo.

IR SAIU ONTEM

O sexto lote da restituição do Imposto de Renda foi para os bancos ontem. São R$ 1,96 bilhão para 2,12 milhões de contribuintes em todo o Brasil. É o maior lote da história do órgão. O dinheiro vem com correção de 5,39% que corresponde a variação da Taxa Selic entre maio e novembro deste ano. No RN foram liberados R$ 15,8 milhões.

Desde o dia 9 deste mês, a relação dos beneficiados está disponível no site www.receita.fazenda.gov.br ou através do telefone 146. Os contribuintes que não receberam a devolução, podem ligar no número 4004 – 0001 (capitais) ou 0800 729 0001 (demais localidades).

13º e restituição irão turbinar compras

A auxiliar de serviços gerais, Maria da Conceição, 45, conta que já recebeu seu 13° salário. O dinheirinho extra ela usou para pagar dividas. Maria espera neste ano um natal mais simples, mas afirmou que não vai deixar de comprar.

Segundo o diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Melquisedeque Moreira, mesmo as pessoas que usam o dinheiro para pagar dividas devem consumir mais neste período. "O pessoal geralmente paga o cartão de crédito, para usá-lo novamente no natal, logo o consumo nessa grupo populacional também aumenta", afirma

O motivo de todo esse otimismo no comercial é porque o valor médio que cada trabalhador deve receber é de R$ 821,76, um aumento real de 33% em relação a 2002. Deve circular ao todo o valor de 890 milhões de reais, 3,4% do Produto Interno Bruto do RN nesse período. Valor 11,6% maior que no ano passado. "O aumento significativo do 13° foi puxado pelo aumento real do salário mínimo nos últimos anos", afirma Melquisedeque.

O aumento no mercado de trabalho no Rio Grande do Norte também é uma das causas desse número positivo. Segundo o Dieese, em 2002 os beneficiários da previdência eram a maioria e representavam 52,36%. Esse percentual caiu para 46,01% neste ano. "Houve uma expansão significativa na oferta de empregos neste período no Estado". Os trabalhadores formais recebem um salário médio maior que os da previdência, o que beneficia o comércio.

Fernando Luís tem 22 anos e trabalha como vigilante. Ele ainda espera o pagamento do décimo terceiro salário, mas confirma que vai investir o dinheiro para gerar frutos no futuro. Ele também planeja comprar presentes neste ano. No momento da entrevista, Fernando comparava preços de DVD's em lojas de eletrônicos.

Além do décimo terceiro salário, as classes mais altas devem ser beneficiadas pela restituição do imposto de renda. Isso vai favorecer no RN cerca de 15 mil pessoas. "Se juntarmos o bolo do décimo terceiro, junto com essa restituição, é bem provável que teremos um natal muito bom para a economia", disse Melquisedeque.

ARGEMIRO LIMA/NJ

Melquisedeque Moreira, do Dieese

Encontramos o melhor meio de apresentar nossas novidades

O maior parque em volume d'água está ficando ainda maior. Aguardem!

Nova pizzaria e tapiocaria

Novo Kid´s Club

TOPDEZ

REVEILLON OCEAN PALACE
★★★★★
Senhas antecipadas
Mesa: R$ 1.400,00 (máximo de quatro pessoas)
Até duas pessoas extras por mesa: R$ 350,00 (cada)
Crianças até 12 anos: Desconto de 50%

RESORT OFICIAL DA COPA DE 2014

OCEAN PALACE ★★★★★
BEACH RESORT & BUNGALOWS

Av. Via Costeira - Km11 | Praia de Ponta Negra - Natal/RN | Brasil |Fone: +55 84 3220-4144 | www.oceanpalace.com.br

| LOGÍSTICA | Natal deve ganhar novo terminal marítimo

Porto do futuro

Carlos Prado, do Novo Jornal
Fotos: Ney Douglas

A COMPANHIA DOCAS do Rio Grande do Norte (Codern) tem planos de desenvolver o projeto de construção de um novo porto em Natal. O terminal irá ocupar um trecho de um quilômetro da margem oposta do Rio Potengi, em relação à localização do porto atual, a um custo estimado de R$ 800 milhões e irá elevar em 10 vezes a capacidade de movimentação de cargas marí-timas do estado, sendo interli-gado por via férrea ao aeroporto de São Gonçalo do Amarante.

A construção ainda não tem prazo para começar, mas a previsão é de que entre dez e quinze anos o RN possa contar com o novo porto que, de acordo com a Codern, transformaria o estado na principal plataforma de embarque de transporte marí-timo da América do Sul. Essa condição, segundo o diretor técnico e comercial da Codern, Hanna Safieh, seria assegurada pela posição geográfica de Natal, além da proximidade do aeroporto.

O posicionamento permite que Natal ofereça aos exportadores um transit line (duração da viagem) reduzido, ideal para o transporte de perecíveis, como frutas, pescados, carnes e outros produtos in natura. Hanna Safieh acredita que o novo terminal será o mais competitivo do país nos embarques para os mercados da Costa Leste americana, Europa, África, Oriente Médio e Ásia.

Novo porto irá ficar na margem Norte do Potengi

Atualmente as cargas despachadas de Natal para Europa levam, em média, 10 dias para serem entregues nos destinos. A vantagem é obtida porque depois de sair daqui os navios não fazem novas escalas antes de chegar aos portos europeus. Isso fez com que produtores de uva do Vale do São Francisco, em Pernambuco, trocassem o porto de Suape pelo de Natal para despachar suas exportações européias.

Para o diretor da Codern, o novo porto transformaria Natal no maior centro de inte-gração de cargas da América do Sul, semelhante a Las Palmas,na ilha espanhola de Majorca. "Imagine o que não significaria para um exportador de produtos in natura do Chile, ou Argentina, por exemplo, despachar sua carga por via aérea até Natal e daqui reembarcá-la num navio que estaria a menos de 15 quilômetros do porto," afirma Safieh, lembrando que o mesmo poderia ocorrer com exportadores brasileiros, através do transporte ferroviário e de cabotagem.

Outro grande avanço para a economia estadual, com a construção do novo terminal marítimo, seria a possibilidade de receber navios transportadores de minérios, o que não é possível para o porto situado na Ribeira, que só trabalha com containers. Isso permitiria que o estado embarcasse sua própria produção mineral, além de poder desenvolver projetos de geração de energia através de termoelétricas sustentadas a carvão mineral.

Obras do PAC

Cais vai ter mais 200 metros

Antes de sonhar com o mega porto, entretanto, a Codern precisa garantir os recursos destinados às obras de melhoria e expansão do atual terminal. Para fazer a dragagem do leito do Potengi, construir um terminal de passageiros, aumentar em 200 metros o cais de atracação e ocupar a área a ser liberada pela remoção da comunidade do Maruim, serão necessários cerca de R$ 160 milhões.

Na relação das obras incluídas no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do governo federal, consta apenas a dragagem do canal de acesso ao porto, estimada em R$ 30,2 milhões. As demais dependerão de recursos obtidos através da Secretaria Especial de Portos (SEP). Para a extensão do cais serão precisos R$ 80 milhões. A construção do terminal marítimo de passageiros(TMP) vai exigir mais R$ 35 milhões(PAC da Copa) e as obras na área do Maruim consumirão R$ 5 milhões.

Entre as obras relacionadas, a mais urgente é a da dragagem, que aumentará a profundidade do canal do Potengi de 9 metros para 12,5 metros, expandindo também a bacia de evolução de navios. Isso permitirá o acesso ao porto de embarcações de até 60 mil toneladas de capacidade de carga. Atualmente Natal só recebe navios de até 25 mil toneladas.

RN NÃO É O SONHO DE CONSUMO DO TURISTA BRASILEIRO

Pesquisa do Instituto Vox Populi comprova que, apesar de ter as atrações que o turista gostaria de desfrutar, o RN não está na preferência de quem pensa em viajar

Pesquisa "Hábitos de Consumo do Turismo Brasileiro" desvenda a preferência do brasileiro

O estudo encomendado pelo Ministério do Turismo revela o potencial crescente para o turismo nas classes populares

GIOVANNI SÉRGIO

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Vox Populi para o Ministério do Turismo revelou que Natal, a despeito de contar com uma das maiores redes hoteleiras do país, não consegue avançar na preferência do brasileiro como destino turístico. De acordo com a sondagem, 54,6% das pessoas que pensam em viajar, nos próximos dois anos, elegeram o Nordeste como o passeio dos sonhos, mas só 4,4% manifestaram o desejo de conhecer Rio Grande do Norte, que ficou atrás da Bahia (21,4%), Ceará (11,9%) e Pernambuco (9,8%).

A pesquisa "Hábitos de Consumo de Turismo Brasileiro-2009" ouviu, por telefone, 2.514 pessoas de 11 capitais do país. Os entrevistados foram separados em dois grupos: o dos que fizeram viagens de turismo nos últimos dois anos e o dos que pretendem viajar. Entre os que viajaram, 37,4% revelaram ter vindo ao Nordeste, sendo que 3,8% estiveram no RN, que mais uma vez veio depois da Bahia(11,6%),Ceará(7,8%) e Pernambuco(5,9).

A sondagem apurou também que os principais motivos que definem a escolha dos destinos turísticos das pessoas que pretendem viajar são as belezas naturais, com 37,9% e as praias, com 24,4%o que mostra que Natal e todo o Rio Grande do Norte, tem as atrações que os brasileiros pretendem usufruir.

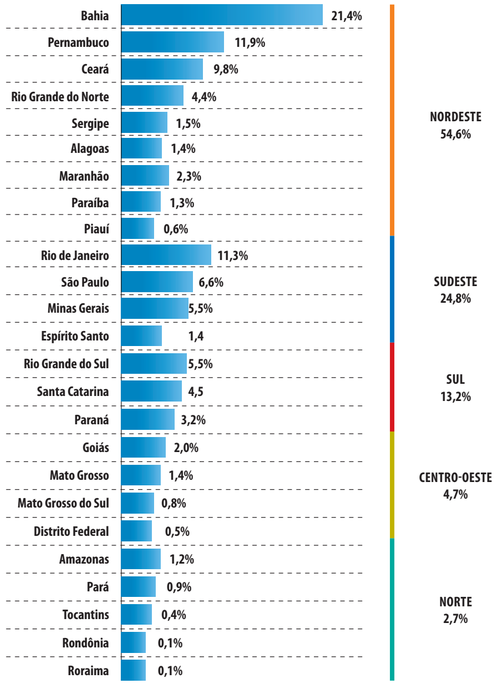
Segundo o estudo, o número de pessoas que fizeram pelo menos uma viagem pelo Brasil nos últimos dois anos aumentou 83% em relação ao estudo feito em 2007. Dos 2.514 entrevistados, 58,8% viajaram entre 2007 e 2009. Na última pesquisa, esse percentual correspondia a 32%.

Além de viajarem mais pelo Brasil, os entrevistados disseram-se satisfeitos com o passeio: 95,1% dos clientes atuais avaliaram a viagem como 'boa ou ótima' e 53,7% tiveram suas expectativas totalmente correspondidas. A maior parte (92,6%) afirmou ter intenção de voltar ao local visitado e 95% recomendaria o destino a amigos e familiares.

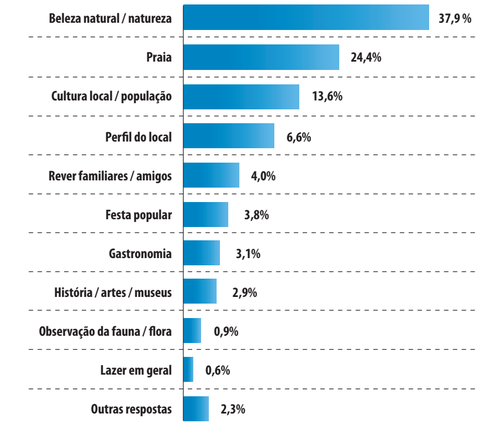
A maioria dos que viajaram também avaliou positivamente a viagem quando questionada sobre os itens: hotéis e pousadas; restaurantes; segurança; opções de lazer; meios de transporte; e informações turísticas.

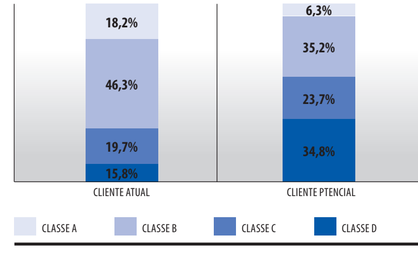
O levantamento mostra que a maioria (69,2%) planeja a viagem com antecedência, mas na hora de efetivar a compra, 61,6% o faz faltando menos de 30 dias para a viagem. Desse total, 19,9% fecha o negócio sete dias antes de viajar.

Com relação ao pagamento, a maioria prefere pagar à vista, tanto quem viajou (63,2%) como os que ainda pretendem fazê-lo (63,9%). A maior parte também planeja seus roteiros sem contratar os serviços de uma agência de viagem: 79,1% dos potenciais preferem viajar por conta própria.



Belezas naturais, praias e cultura são os itens que despertam maior interesse do turista brasileiro





EMPROTURN DIZ QUE VAI REVERTER SITUAÇÃO

O presidente da Emproturn, Cláudio Porpino, conhece a pesquisa do Ministério do Turismo. Ele afirmou que o governo do estado pretende reverter essa situação através de campanhas de divulgação e acordos com as principais operadoras de turismo do país. Citou como exemplo um encontro com o presidente da CVC, Guilherme Paulus, que teria como objetivo traças estratégias visando dobrar o número de fretamentos da empresa para o RN.

Porpino informou também que já há uma campanha de divulgação prevista, que terá duração de três meses. A veiculação será através da televisão , emissoras de rádio e dos principais jornais do estado de São Paulo e das principais cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e norte do Paraná.

"O negócio é motivar o turista em potencial nos principais mercados emissores, e isso estamos fazendo", Afirmou o presidente da Emproturn.

RN NÃO É O SONHO DE CONSUMO DO TURISTA BRASILEIRO

GIOVANNI SÉRGIO

Pesquisa do Instituto Vox Populi comprova que, apesar de ter as atrações que o turista gostaria de desfrutar, o RN não está na preferência de quem pensa em viajar

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Vox Populi para o Ministério do Turismo revelou que Natal, a despeito de contar com uma das maiores redes hoteleiras do país, não consegue avançar na preferência do brasileiro como destino turístico. De acordo com a sondagem, 54,6% das pessoas que pensam em viajar, nos próximos dois anos, elegeram o Nordeste como o passeio dos sonhos, mas só 4,4% manifestaram o desejo de conhecer Rio Grande do Norte, que ficou atrás da Bahia (21,4%), Ceará (11,9%) e Pernambuco (9,8%).

A pesquisa "Hábitos de Consumo de Turismo Brasileiro-2009" ouviu, por telefone, 2.514 pessoas de 11 capitais do país. Os entrevistados foram separados em dois grupos: o dos que fizeram viagens de turismo nos últimos dois anos e o dos que pretendem viajar. Entre os que viajaram, 37,4% revelaram ter vindo ao Nordeste, sendo que 3,8% estiveram no RN, que mais uma vez veio depois da Bahia(11,6%),Ceará(7,8%) e Pernambuco(5,9).

A sondagem apurou também que os principais motivos que definem a escolha dos destinos turísticos das pessoas que pretendem viajar são as belezas naturais, com 37,9% e as praias, com 24,4%o que mostra que Natal e todo o Rio Grande do Norte, tem as atrações que os brasileiros pretendem usufruir.

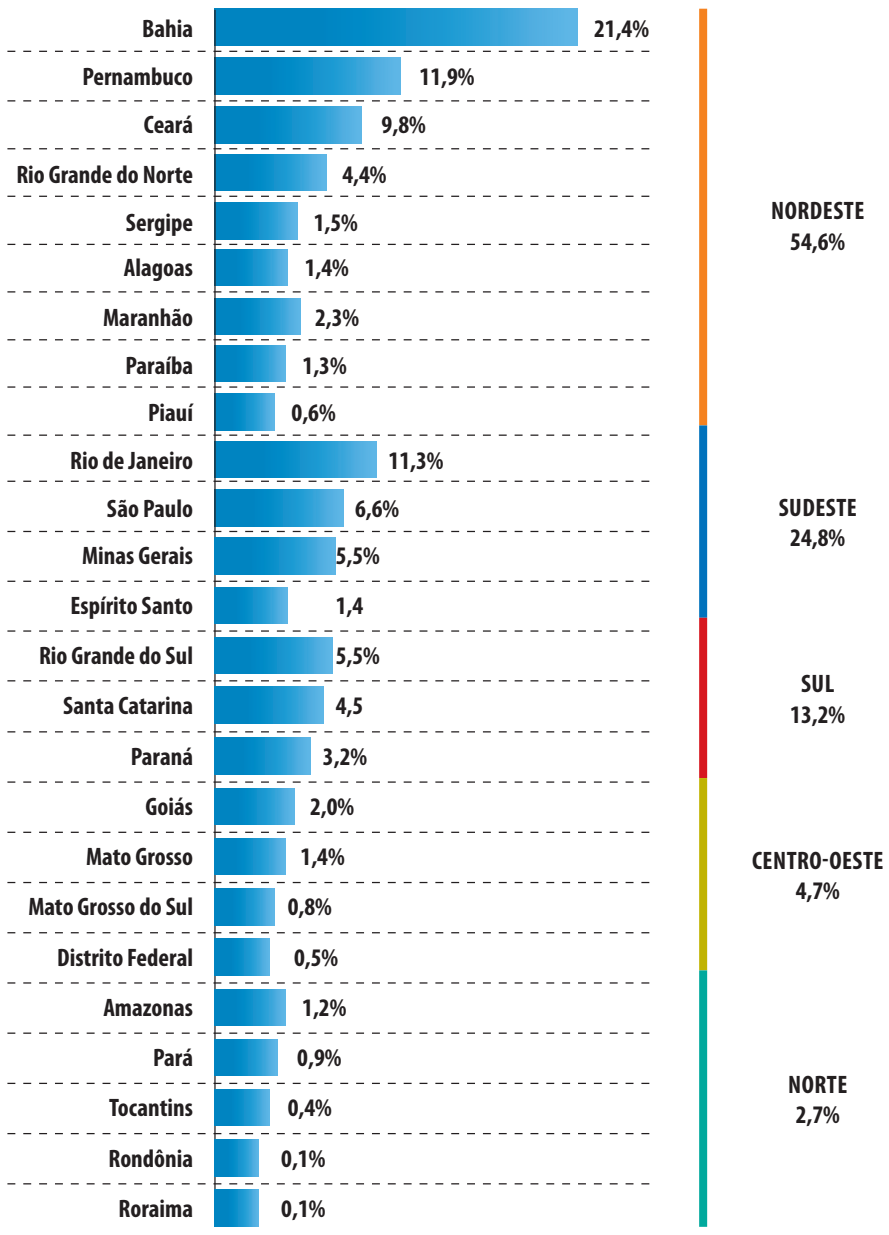
Segundo o estudo, o número de pessoas que fizeram pelo menos uma viagem pelo Brasil nos últimos dois anos aumentou 83% em relação ao estudo feito em 2007. Dos 2.514 entrevistados, 58,8% viajaram entre 2007 e 2009. Na última pesquisa, esse percentual correspondia a 32%.

Além de viajarem mais pelo Brasil, os entrevistados disseram-se satisfeitos com o passeio: 95,1% dos clientes atuais avaliaram a viagem como 'boa ou ótima' e 53,7% tiveram suas expectativas totalmente correspondidas. A maior parte (92,6%) afirmou ter intenção de voltar ao local visitado e 95% recomendaria o destino a amigos e familiares.

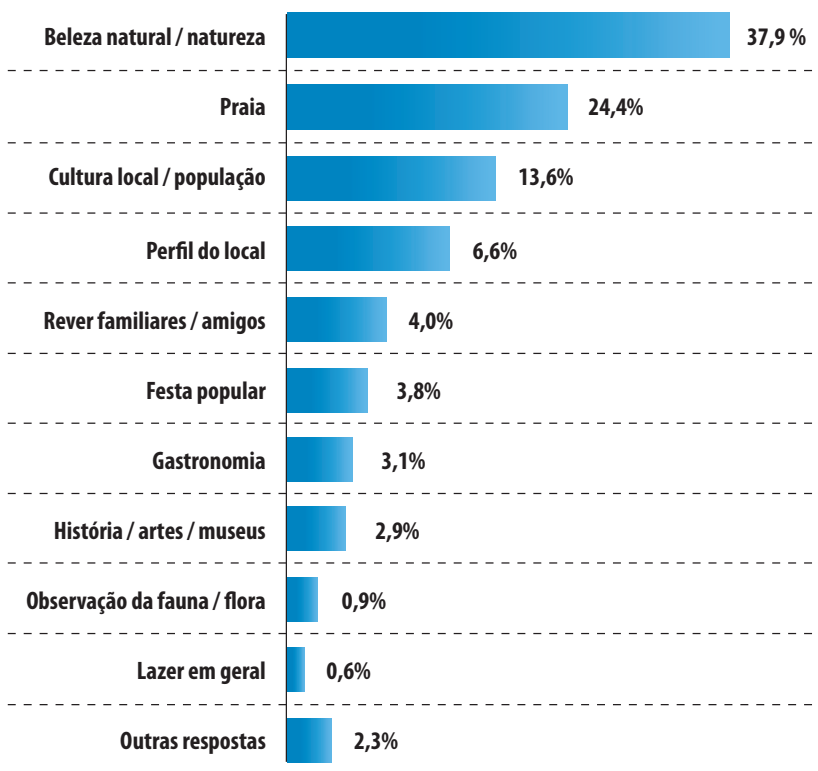
A maioria dos que viajaram também avaliou positivamente a viagem quando questionada sobre os itens: hotéis e pousadas; restaurantes; segurança; opções de lazer; meios de transporte; e informações turísticas.

O levantamento mostra que a maioria (69,2%) planeja a viagem com antecedência, mas na hora de efetivar a compra, 61,6% o faz faltando menos de 30 dias para a viagem. Desse total, 19,9% fecha o negócio sete dias antes de viajar.

Com relação ao pagamento, a maioria prefere pagar à vista, tanto quem viajou (63,2%) como os que ainda pretendem fazê-lo (63,9%). A maior parte também planeja seus roteiros sem contratar os serviços de uma agência de viagem: 79,1% dos potenciais preferem viajar por conta própria.



Belezas naturais, praias e cultura são os itens que despertam maior interesse do turista brasileiro



Pesquisa "Hábitos de Consumo do Turismo Brasileiro" desvenda a preferência do brasileiro

Os amigos e a internet são as principais fontes de informação sobre as viagens para 80,6% dos turistas nacionais. A maioria (65,7%) vê na família a melhor companhia para as viagens; 17% prefere viajar com amigos; 10,8%, sozinho; e A maioria dos clientes atuais também avaliou positivamente a viagem quando questionada sobre os itens: hotéis e pousadas; restaurantes; segurança; opções de lazer; meios de transporte; e informações turísticas.

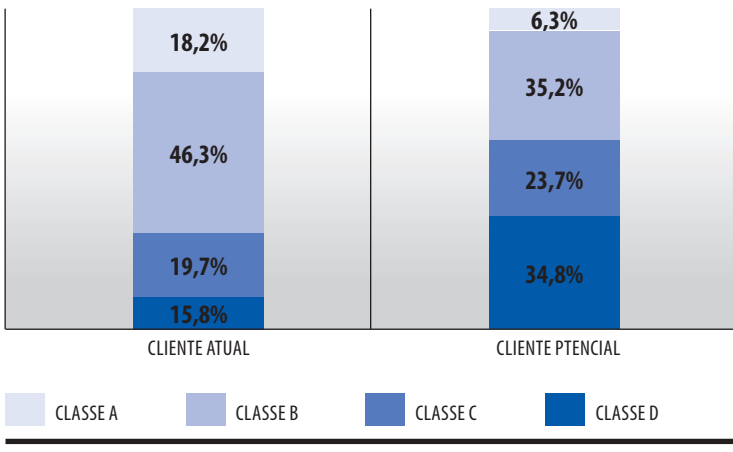
O levantamento mostra que a maioria (69,2%) planeja a viagem com antecedência, mas na hora de efetivar a compra, 61,6% o faz faltando menos de 30 dias para a viagem. Desse total, 19,9% fecha o negócio sete dias antes de viajar.

Com relação ao pagamento, a maioria prefere pagar à vista, (63,2%) . A maior parte também planeja seus roteiros sem contratar os serviços de uma agência de viagem: 79,1% preferem viajar por conta própria.

Os amigos e a internet são as principais fontes de informação sobre as viagens para 80,6% dos clientes atuais e 78,6% dos clientes potenciais. A maioria dos clientes atuais (65,7%) vê na família a melhor companhia para as viagens; 17% prefere viajar com amigos; 10,8%, sozinho; e 6,6% em grupo.

Segundo a pesquisa, 38,9% dos que viajaram pelo Brasil nos últimos dois anos têm renda superior a 10 salários mínimos, enquanto 34,8% das pessoas com interesse em viajar até 2011 ganham entre 1 e 3 salários mínimos.

O estudo encomendado pelo Ministério do Turismo revela o potencial crescente para o turismo nas classes populares



EMPROTURN DIZ QUE VAI REVERTER SITUAÇÃO

O presidente da Emproturn, Cláudio Porpino, conhece a pesquisa do Ministério do Turismo. Ele afirmou que o governo do estado pretende reverter essa situação através de campanhas de divulgação e acordos com as principais operadoras de turismo do país. Citou como exemplo um encontro com o presidente da CVC, Guilherme Paulus, que teria como objetivo traças estratégias visando dobrar o número de fretamentos da empresa para o RN.

Porpino informou também que já há uma campanha de divulgação prevista, que terá duração de três meses. A veiculação será através da televisão , emissoras de rádio e dos principais jornais do estado de São Paulo e das principais cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e norte do Paraná.

"O negócio é motivar o turista em potencial nos principais mercados emissores, e isso estamos fazendo", Afirmou o presidente da Emproturn.

ART&C

Todo sucesso nasce de boas sementes.

E as do Novo Jornal também são das melhores.

A maior empresa de sementes do nordeste dá as boas-vindas para um jornal que já está nascendo grande e com bons frutos. Nossos parabéns, pela coragem e pela qualidade da equipe.

GrupoSANT'ANA
Matriz: Natal/RN | (84) 3234-4046
contato@gruposantanarn.com.br

Um bom jornal tem a marca de quem o faz.
armação
Desejamos sucesso ao Novo Jornal.
SIMAS
ALIMENTOS
Desde 1946

Acesse nosso novo site:
www.natalnorteshopping.com.br
NO NORTE SHOPPING, A SUA ALEGRIA FALA ALTO!
Norte Shopping
No Seu Shopping, tudo é motivo para você aproveitar seu dia e curtir a vida. Tem o Norte Alegria para a criançada aos domingos, mais de 100 lojas com promoções e descontos especiais, além de uma ótima praça de alimentação, com música ao vivo e uma bela vista da cidade. Um espaço perfeito para pôr a conversa em dia e comentar as grandes novidades: como a chegada do Novo Jornal, por exemplo.
mariz
Norte Shopping
O seu shopping.

| VISÃO | Pesquisa mostra que somente 60% dos resultados da cirurgia da doença realizados no país podem ser considerados bons

Catarata no Brasil é mais difícil de curar

Julliane Silveira
Da Folha Press

Uma pesquisa da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) mostra que somente 60% dos resultados da cirurgia de catarata realizados no Brasil podem ser considerados bons. Isso quer dizer que, após a cirurgia e com o uso de óculos apropriados quando necessário, esses pacientes voltaram a realizar, sem prejuízos, atividades de seu dia a dia, como ler jornal, dirigir e costurar.

O restante dos pacientes apresentou visão alterada (que passa a interferir no cotidiano), visão subnormal (com prejuízo mais acentuado) e cegueira.

Em países desenvolvidos, os índices de bons resultados atingem 90% das pessoas que passaram pela cirurgia.

Os dados, colhidos em 2004 e 2005, integram um projeto intitulado 'The São Paulo Eye Study', feito com 4.224 pessoas de três regiões de São Paulo com apoio da Organização Mundial da Saúde, para levantar informações sobre cegueira e cirurgia de catarata. As conclusões dessa parte do trabalho foram publicadas na edição de agosto do 'American Journal of Ofthalmology'.

Os pesquisadores afirmam que os resultados podem ser extrapolados para a população urbana de todo o país e incluem pacientes tratados na rede pública e privada – cerca de 70% das cirurgias realizadas no país são feitas pelo SUS.

Foram avaliados moradores de Ermelino Matarazzo, São Miguel Paulista e Vila Jacuí, áreas da zona leste de São Paulo com características socioeconômicas semelhantes à média de regiões urbanas do país.

'A periferia de São Paulo tem perfil parecido com o resto do Brasil. Eles representam a maior parte das pessoas que moram nas áreas urbanas brasileiras', diz a pesquisadora em ciências visuais Solange Salomão, uma das autoras.

Para chegarem aos índices, os pesquisadores mediram a acuidade visual dos pacientes após a cirurgia por meio de exames oftalmológicos de rotina. Deles, 41% apresentaram visão boa. Com a indicação de óculos adequados, esse número saltou para 60%. 'Essa é uma preocupação não somente da Unifesp mas também do Conselho Brasileiro de Oftalmologia. Há necessidade de verificar o retorno da qualidade de vida em relação ao dinheiro aplicado na cirurgia de catarata', afirma Hamilton Moreira, ex-presidente e conselheiro do CBO (Conselho Brasileiro de Oftalmologia).

Os 40% restantes podem ter tido problemas por causa da cirurgia. Segundo Salomão, a principal hipótese que ajuda a explicar os resultados insatisfatórios são procedimentos inadequados durante a operação e a falta de acompanhamento do paciente no pós-operatório.

Treinamento dos médicos é insuficiente

Um dos problemas centrais é o treinamento insuficiente da equipe de cirurgia. 'Uma das explicações é que, há cerca de quatro anos, foi incorporada ao SUS uma nova cirurgia, chamada de facoemulsificação, com recuperação muito mais rápida. Por ser relativamente nova, precisamos incorporar tecnologia e conhecimento para termos resultados bons. Mas estamos investindo em treinamento', afirma Moreira. A maioria dos avaliados se submeteu a esse tipo de cirurgia.

Para o oftalmologista Newton Kara José Jr., do Hospital das Clínicas de São Paulo, a má qualidade técnica da cirurgia ficou evidente quando se observou que, em 9,4% dos casos, a lente intraocular – procedimento padrão para a cirurgia – não foi aplicada. 'Uma vez que muitos procedimentos foram realizados há muito tempo, pode ser que esse problema já esteja solucionado', pondera.

O cálculo incorreto para a aplicação de lentes intraoculares também pode ter contribuído para resultados inferiores. A escolha da lente se baseia no tamanho do cristalino do paciente e em seus problemas de visão – quando há falhas na opção, a visão pode ser prejudicada.

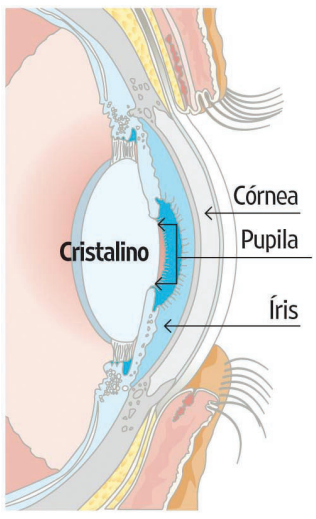
Os pacientes também precisam de acompanhamento após a cirurgia, para aplicação correta de colírios, verificação da necessidade de óculos ou de um novo procedimento.

O Ministério da Saúde afirmou que criou em setembro um projeto para avaliação dos resultados da cirurgia de catarata no país e que os resultados do estudo são amostrais.

> Precisamos incorporar tecnologia e conhecimento"
>
> **Hamilton Moreira**
> Oftamologista

A DOENÇA

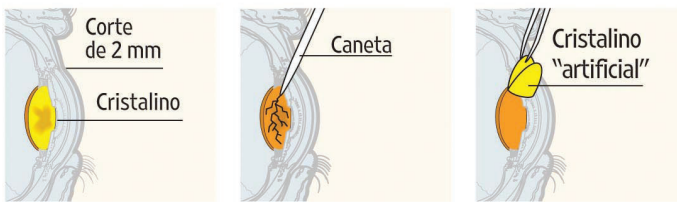
A catarata é a maior causa de cegueira curável no Brasil



O que é
- Embaçamento do cristalino (lente que fica atrás da pupila)
- Com o problema, a visão vai perdendo a nitidez gradualmente

Sintomas
- Perda da visão noturna e da nitidez
- Cores ficam pálidas e amareladas
- No caso de quem usa óculos, há aumento mais rápido de grau

COMO É A CIRURGIA



1. Com o auxílio de uma pinça, o médico retira a capa anterior do cristalino
2. É introduzida uma "caneta" que suga a área atingida pela catarata
3. Uma nova lente é colocadal, substituindo o cristalino

FATORES QUE PODEM PREJUDICAR O RESULTADO

- Cálculo errado da lente intraocular
- Falta de indicação correta de uso de óculos
- Falta de acompanhamento após a cirurgia
- Falta de uso de remédios após a cirurgia

Fonte: SOLANGE SALOMÃO, oftalmologista, e Instituto da Visão da Unifesp

criola

SABE O QUE A CHB E O NOVO JORNAL TÊM EM COMUM?

COM VOCÊ.

Fornecer crédito com juros baixos e sem burocracia é ajudar você a sair do aperto. Lançar um jornal com credibilidade é proporcionar mais informação para a sua vida. A CHB saúda o Novo Jornal nesta sua primeira edição por acreditar no nascimento de um veículo de comunicação sério, que chega para ser um instrumento de conscientização importante para a sociedade do RN.

Ligue: 4009.4800
www.chbcredito.com.br

CHB Companhia Hipotecária Brasileira

LEONARDO WEN / FOLHA IMAGEM

A empresária Vera Folli, 53 anos, trocou remédios contra esclerose múltipla pelas cápsulas nutricionais

Alimentos com mais vitamina D

É indicada a ingestão de 10 a 15 microgramas por dia, além da exposição ao sol

SALMÃO – 100 g = 7 microgramas
SARDINHA – 100 g = 4,5 microgramas
ATUM – 100 g = 3,5 microgramas
GEMA DE OVO – 1 unidade = 0,9 microgramas
OSTRA – 100 g = 8 microgramas
LEITE DE SOJA FORTIFICADO – 1 copo (250 ml) = 2,5 microgramas
LEITE INTEGRAL – 1 copo (250 ml) = 0,5 microgramas

| NUTRIÇÃO | Além do conhecido papel para a saúde dos ossos, composto sintetizado com ajuda dos raios solares previne câncer, hipertensão e infecções

A vitamina do sol

Fernanda Bassette
Julliane Silveira
Da Folha Press

Não passa uma semana sem que surja uma nova pesquisa associando a falta de vitamina D no organismo a alguma doença. Os problemas vão além da saúde óssea prejudicada - relação já estabelecida, pois o nutriente contribui para a fixação do cálcio nos ossos. Hoje, estudos mostram que a deficiência pode levar a hipertensão, diabetes, infecções e alguns tipos de câncer.

Há até pouco tempo, os especialistas acreditavam que a discussão sobre a falta da vitamina era desnecessária no Brasil, já que um país tropical recebe luz solar suficiente - a maior parte da vitamina D é sintetizada com a ajuda dos raios solares.

No entanto, pesquisas recentes já apontam problemas entre os brasileiros. Um estudo realizado com 603 funcionários do Hospital Universitário da USP (Universidade de São Paulo) mostrou deficiências da vitamina tanto no fim do inverno quanto no término do verão.

'Ninguém esperava esses resultados para São Paulo. Ainda faltam estudos em outras partes do país, mas talvez seja possível extrapolar os resultados para toda a região que vai de Belo Horizonte ao Sul, principalmente nas grandes cidades', diz Rosa Moysés, nefrologista do Hospital das Clínicas de São Paulo e autora da pesquisa.

Um outro trabalho foi feito por pesquisadores da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), com 177 idosos que vivem em instituições e outros 243 idosos que moram em casa. Entre os primeiros, 41% tinham níveis muito baixos de vitamina D e, entre os outros, 30% .

'Os números são assustadores. Mesmo trabalhos com mulheres no Recife encontraram grande deficiência, porque elas também se escondem do sol. É um problema das grandes cidades', afirma a endocrinologista Marise Castro, chefe do Setor de Doenças Osteometabólicas da universidade.

O deficit também existe entre adolescentes. A nutricionista Bárbara Peters, pesquisadora da Unifesp, detectou o problema em uma pesquisa feita com 136 jovens de Indaiatuba (interior de São Paulo) _62% deles apresentavam índice insuficiente de vitamina D.

'Não esperava esse resultado, pois são adolescentes saudáveis que vivem em uma cidade bastante ensolarada.'

Trabalhos feitos em animais mostraram que a vitamina D tem um papel inibidor da renina, hormônio que contribui para elevar a pressão arterial.

Um trabalho finlandês divulgado na semana passada no 'American Journal of Epidemiology' confirma o alerta. Por 27 anos, foram monitoradas 5.000 pessoas. Houve relação entre baixos índices da vitamina e maior risco de derrame e de outras doenças cardiovasculares.

'Pessoas com níveis adequados de vitamina D têm menos risco de calcificação das artérias, pois a vitamina possui uma ação anti-inflamatória', afirma Marcelo de Medeiros Pinheiro, reumatologista da Unifesp.

O nutriente também estimula a produção de insulina, melhorando o controle da glicose, e diminui a resistência ao hormônio – o que ocorre em quem tem diabetes tipo 2. Sua falta pode favorecer o desenvolvimento da doença.

Polêmica sobre uso do filtro

A explicação para as baixas taxas da vitamina no sangue são a pouca exposição ao sol - já que as pessoas passam boa parte do tempo em escritórios - e o baixo consumo de alimentos com o nutriente em quantidade razoável.

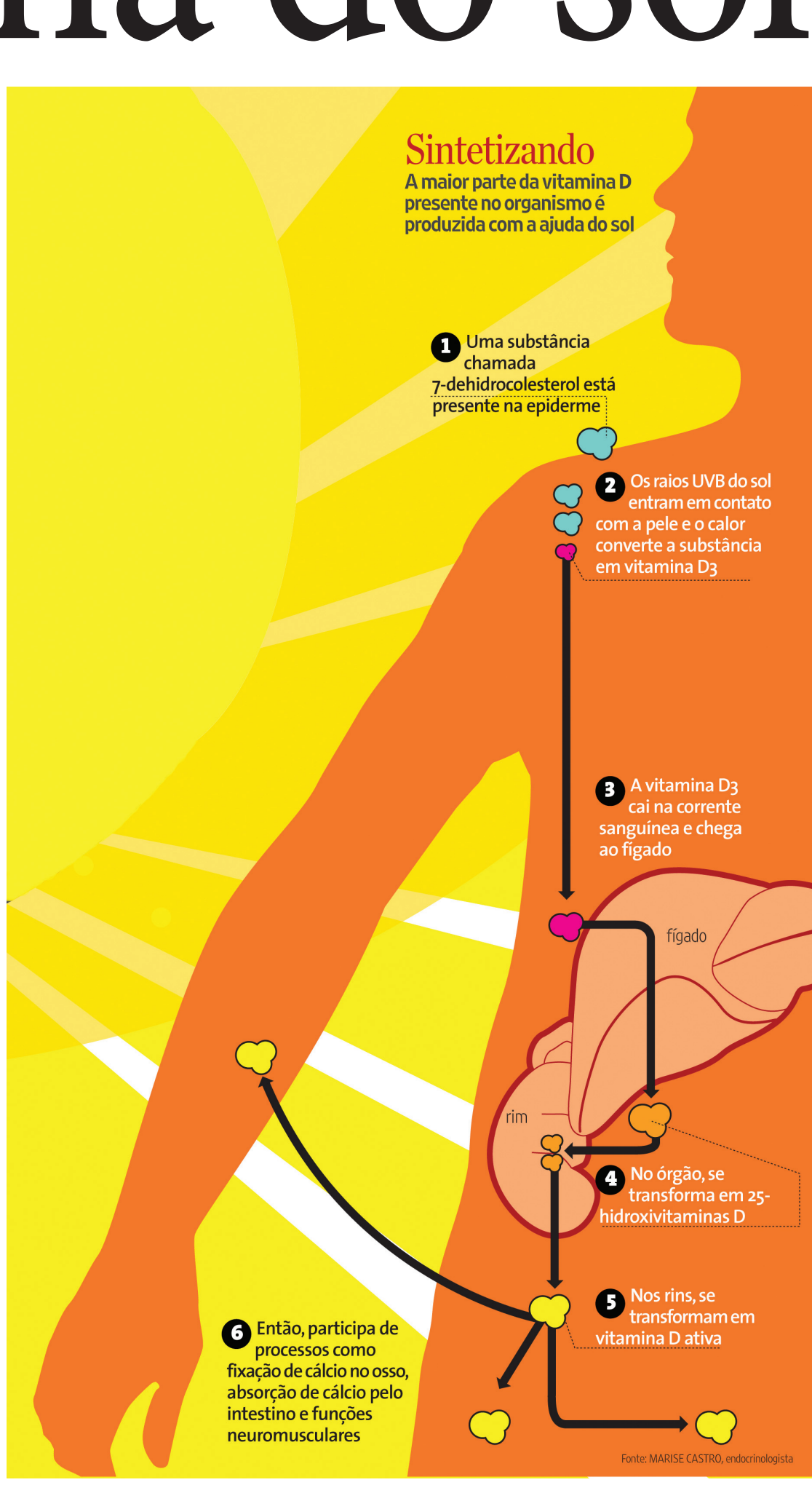
Com relação ao sol, ainda existe uma grande polêmica: o uso de filtro solar. Para alguns especialistas, o protetor dificulta a absorção dos raios UVB, responsáveis por atuar na sintetização da vitamina.

Por isso, eles sugerem uma exposição de pernas e braços descobertos por cerca de 15 minutos diários sem filtro. 'O produto certamente diminui a produção da vitamina D. Mas hábitos saudáveis [como exercícios ao ar livre] também podem ajudar a diminuir a hipovitaminose D, pois aumentam a exposição solar, mesmo naqueles que irão usar o protetor', diz Moysés.

No entanto, Marcus Maia, dermatologista e oncologista da Santa Casa de São Paulo, discorda e diz que não existe fotoproteção tão intensa capaz de impedir a síntese da vitamina. Ele diz que sete minutos de exposição solar, três vezes por semana, são o suficiente.

Maia analisou os níveis de vitamina D no sangue de 50 pessoas: 25 com melanoma (tipo mais agressivo de câncer de pele) e que usavam protetor solar diariamente nas doses recomendadas e 25 pessoas que não tinham a doença.

Ele constatou que nenhum paciente tinha níveis insuficientes da vitamina. 'Nem quem precisa usa o filtro solar corretamente. Proteção solar absoluta, capaz de bloquear a síntese da vitamina D, é impossível. Por isso, outras possíveis causas do deficit da vitamina teriam de ser estudadas', diz.



| TECNOLOGIA | Equipamento que substitui o pulmão faz a oxigenação do sangue e retira o gás carbônico para o doente ter mais tempo de recuperação

Respiração artificial em humanos

Cláudia Collucci
Da Folha Press

Em um período de quatro horas, o estudante Felipe Guedes Fogaça, 18, evoluiu de uma forte gripe a uma quase morte. Nem o respirador artificial foi o bastante para conter a grave insuficiência respiratória que o atingiu. A solução foi conectar seu corpo a uma espécie de pulmão artificial, que passou a exercer as funções do órgão, então tomado pela infecção.

Felipe já não corre mais risco de morte e deve ter alta até o final desta semana. A suspeita é de que ele tenha contraído a gripe suína - o rapaz teve todos os sintomas da doença, mas o resultado do exame foi inconclusivo para o vírus A (H1N1).

É a primeira vez no país que um paciente com esse quadro é tratado com sucesso usando o pulmão artificial ou a Ecmo (oxigenação extracorpórea por membrana), nome oficial da técnica. No mundo, há relatos de sucesso na Austrália e na Nova Zelândia, por exemplo.

O drama de Felipe começou na manhã do último dia 29, quando ele chegou ao pronto-socorro do Hospital São Luiz, em São Paulo. Queixava-se de dores musculares, tosse, febre e dor de garganta. Na hora do almoço, já não respirava. Foi entubado ainda no PS e, em seguida, encaminhado à UTI.

"Todos os parâmetros respiratórios só pioravam e o ventilador [respirador artificial] já não dava mais. A oxigenação do sangue não era suficiente para manter as funções vitais. Ele estava morrendo", lembra a médica intensivista Laís Braun Ferreira, responsável pela UTI.

Nesses casos, o pulmão está tão inflamado que não consegue mais fazer a troca de oxigênio para as células. A última alternativa de tratamento foi usar o pulmão artificial.

"A função dele é oxigenar o sangue e retirar o gás carbônico para o paciente ter mais tempo para se recuperar. A doença é tão agressiva que, mesmo com todo tratamento disponível, o pulmão entra em colapso", explica o cirurgião cardíaco Rafael Otto Schneidewind, responsável pela cirurgia.

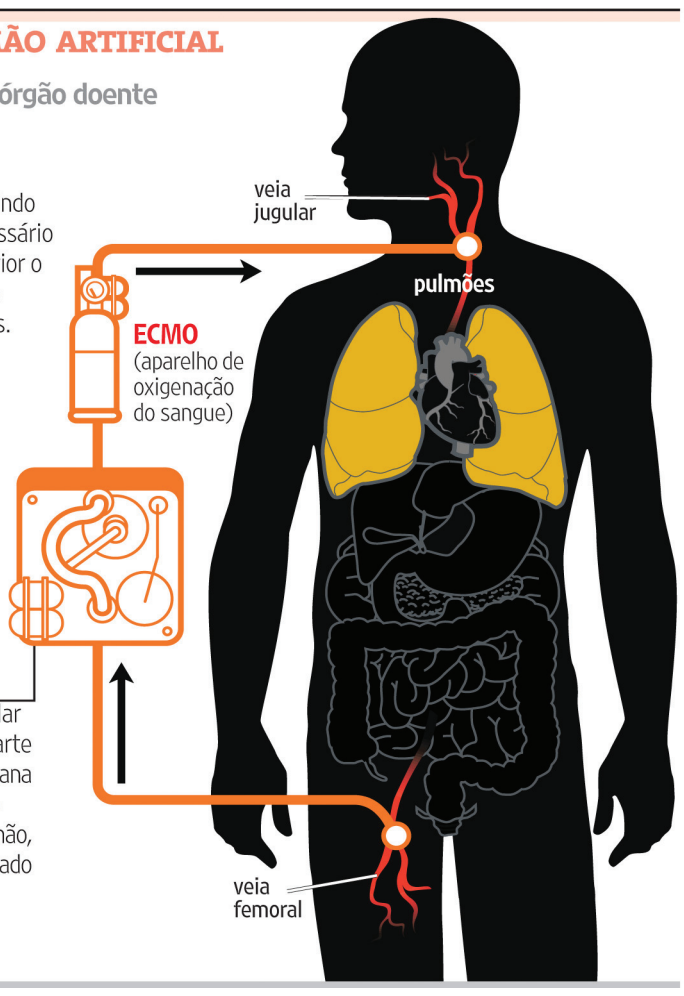
A máquina extracorpórea é muito usada em cirurgias cardíacas em que o coração e os pulmões são "desligados" durante o procedimento. O aparelho cumpre, por algumas horas, as funções cardíacas e pulmonares do paciente.

No caso de Felipe, o aparelho substituiu a função do pulmão por quatro dias. "É um processo mais sofisticado [do que a cirurgia cardíaca] porque todos os órgãos estão em funcionamento. Você tem que manter a pressão arterial, o cérebro tem que estar protegido, o rim e o fígado não podem parar. É preciso que toda a equipe tenha uma sintonia fina para conseguir ter sucesso", afirma o cirurgião.

Segundo ele, outros hospitais brasileiros já haviam tentado esse tratamento para casos semelhantes ao do estudante, mas não tiveram sucesso.

COMO FUNCIONA O PULMÃO ARTIFICIAL

Aparelho cumpre as funções do órgão doente



1 Pulmões
A principal função é receber o ar vindo do exterior, rico em oxigênio, necessário à vida das células, e eliminar para o exterior o ar rico em dióxido de carbono, produto de desperdício do funcionamento das células. O processo é chamado de ventilação

2 A doença
Quando tomado pela infecção, o pulmão não consegue mais cumprir essas duas funções. Sem oxigenação, as células do corpo morrem

3 O pulmão artificial (Ecmo)
São puncionadas duas veias (jugular e femoral) e por elas é desviada parte do sangue. O sangue passa por uma membrana artificial (Ecmo), é oxigenado e devolvido novamente ao coração. Ao passar pelo pulmão, o sangue já está oxigenado. O órgão é poupado do trabalho, o que facilita a recuperação

Fonte: RAFAEL OTTO SCHNEIDEWIND, cirurgião cardíaco

| TABAGISMO |

Meninas já fumam tanto quanto meninos no Brasil

Mario Cesar Carvalho
Da Folha Press

As mulheres já se igualaram aos homens - ao menos na dependência ao tabaco. Meninas de até 18 anos já fumam praticamente como meninos, segundo pesquisa da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) obtida pela reportagem.

Os garotos que fumam são 8,6% da população entre 14 e 18 anos; as meninas somam 6,7%. Quando se mede o hábito de fumar na população como um todo, há um abismo a separar os homens das mulheres: 25% e 14%, respectivamente.

Não há uma pesquisa com a qual esse estudo possa ser comparado. Mas levantamentos anteriores do Ministério da Saúde mostravam que meninos e meninas fumando em proporções iguais era um fenômeno restrito a algumas capitais, como Curitiba. A pesquisa da Unifesp é a primeira a revelar esse fenômeno em todo o Brasil, segundo a psiquiatra Ana Cecília Marques, que coordenou o estudo, feito a partir de 3.077 entrevistas.

"As meninas consomem maconha, cocaína e álcool com uma frequência semelhante à dos meninos. A pesquisa mostra que isso ocorre também com o tabaco", diz ela.

Há pelo menos três explicações para o aumento de adolescentes fumantes, de acordo com a psiquiatra. "A menina amadurece mais cedo, bebe mais cedo, tem uma vida sexual mais precoce. Por isso ela começa a fumar mais cedo", diz.

Outro fator, segundo ela, é a pressão dos pares e da mídia -os meninos incitam as meninas a fumar, modelos e atrizes aparecem fumando na TV. Finalmente, a indústria descobriu que é possível criar produtos que atraiam as meninas. Exemplos são maço de cigarro que vem com florzinha, com porta-batom lilás, com fone de ouvido.

| APAGÃO | Maior estatal do setor energético do Brasil gastou apenas 48% do orçamento e culpa problemas legais e ambientais

Eletrobrás investe menos da metade da verba

Fernando Barros De Mello
Samantha Lima
Da Folha Press

O Grupo Eletrobrás, que controla grande parte dos sistemas de geração e transmissão de energia elétrica do Brasil, investiu, até o fim de setembro, 48% da verba prevista no orçamento do ano, tanto para geração quanto para transmissão. No total, o orçamento prevê R$ 7,2 bilhões em investimentos.

Tornar o sistema elétrico mais seguro e menos exposto a situações imprevisíveis, como raios e falhas humanas, tem um preço alto e exige investimentos, afirmam especialistas.

A Eletrobrás é a empresa controlada pelo governo que detém metade do capital da Itaipu, desligada totalmente pela primeira vez na história durante o apagão que atingiu 18 Estados nesta semana.

A Eletrobrás prevê que, até o fim de ano, executará de 70% a 80% do orçamento. Segundo a estatal, a execução depende de fatores como "procedimentos legais e ambientais que necessitam ser cumpridos". Como exemplo cita a usina Angra 3, cuja construção deveria começar em março, mas, devido à espera pelo licenciamento ambiental, só iniciou em outubro.

Nos últimos nove anos, os investimentos da Eletrobrás ficaram abaixo de 0,5% do PIB (Produto Interno Bruto). Em 2000, um ano antes do maior apagão energético do país, as aplicações no setor foram equivalentes a 0,18% do PIB.

"Quando acontece algo assim [blecaute], todo mundo acha que investiu pouco. Mas só o planejamento do setor pode definir o investimento ideal", afirmou o deputado Nelson Bornier (PMDB-RJ), vice-presidente da Comissão de Minas e Energia da Câmara.

Investimentos

De imediato, o custo para aperfeiçoar, expandir, modernizar e dar mais segurança à rede de fios que trazem energia das usinas ao consumidor seria de R$ 6 bilhões. O cálculo é da Trevisan Consultoria e não inclui a construção de usinas de geração. Em relação à segurança, os investimentos seriam dirigidos ao uso de equipamentos com maior precisão, computadores e sistemas de tecnologia da informação mais avançados.

"Depois de investir em geração, o Brasil apostou em um modelo que dá prioridade ao preço da tarifa e optou por não dar prioridade à segurança na transmissão. Foi uma aposta, que agora se mostrou errada", diz Antônio Carlos Porto, consultor de energia e sustentabilidade da Trevisan.

Porto defende a criação de sistemas "redundantes", em que, na falta de energia das hidrelétricas, cidades ou regiões tivessem capacidade para gerar energia e uma rede para transportá-la internamente, criando ilhas de abastecimento.

Independentemente disso, já deveria estar em discussão no país a substituição dos equipamentos para monitorar a rede.

ALAN MARQUES / FOLHA IMAGEM

Ministro Edison Lobão diz que assunto está encerrado para o governo

Comitê receberá relatório do blecaute

Mariana Jungmann
Da Agência Brasil

Brasília - O Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) conta com a análise de um equipamento das subestações de transmissão de energia para ajuda a explicar o que provocou o blecaute há uma semana. Esse material, cujo resultado aponta que três descargas elétricas provenientes de raios, praticamente simultâneas, foram as causadoras do blecaute, consta do Relatório de Análise de Perturbação (RAP), que será apresentado pelo ONS hoje ao Comitê de Monitoramento do Setor elétrico (CMSE).

Os osciloperturbógrafos são registradores que monitoram todo o fluxo de carga nas linhas de transmissão e funcionam como uma caixa-preta, guardando as informações quando há interrupção do fornecimento de energia. Apesar de não oferecer as respostas, os oscilogramas produzidos por eles devem ser como uma fotografia do que houve na hora do blecaute que deixou 18 estados sem energia.

Interpretando os dados fornecidos pelos registros, técnicos do ONS devem montar o quebra-cabeças para explicar o que houve no dia do blecaute. Até o momento, o que se sabe é que o problema não foi gerado pela queda de nenhuma torre ou pela ruptura de nenhuma linha, porque o sistema respondeu bem ao religamento e todos os circuitos estão funcionando novamente.

O governo alegou que a interrupção no fornecimento de energia foi provocada por condições climáticas adversas. Segundo a ministra da Casa Civil, Dilma Roussef, quem deverá investigar as possíveis responsabilidades pelo apagão será a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

O ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, reafirmou que o assunto está encerrado para o governo.

| APÓS 2 ANOS | Neste ano, 76% do investido foi para ajuda de custo a policiais e a outros profissionais que fazem cursos de cidadania a distância

PAC da Segurança engatinha

Alan Gripp
Eduardo Scolese
Da Folha Press

Alardeado pelo Planalto como um divisor de águas da participação federal na segurança pública, o programa oficial conhecido como o PAC da Segurança pouco avançou.

Até agora, cerca de dois anos após ser lançado pelo presidente Lula, o Pronasci (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania) pode ser resumido a um programa de distribuição de bolsas de estudo.

Em situações de crise, inclui o oferecimento de homens da Força Nacional de Segurança Pública aos governadores.

Neste ano, a cada R$ 4 desembolsados, R$ 3 foram para o Bolsa-Formação, uma ajuda de custo mensal para policiais, bombeiros, guardas municipais e outros profissionais que participem de cursos de cidadania a distância. Isso consumiu R$ 484 milhões (76% dos R$ 638 milhões aplicados no programa de janeiro a outubro).

O restante da verba foi para outras modalidades de bolsas, projetos sociais pilotos e poucas ações de infraestrutura.

Nenhum centavo foi liberado até agora para a construção dos presídios para jovens adultos (18 a 24 anos) e às unidades específicas para mulheres, uma das ações mais propagandeadas do Pronasci e com início de obras previsto para 2008, segundo anunciou o ministro Tarso Genro (Justiça).

Enquanto isso, pelo menos R$ 600 milhões estão retidos nos cofres à espera, principalmente, da aprovação de projetos que envolvem obras e a realização de licitações.

No caso dos presídios masculinos, os 11 projetos apresentados pelos Estados ainda estão sob análise da Caixa e apenas um, no Pará, encontra-se em fase final. Os presídios femininos estão em situação pior. Nem o projeto básico (que servirá de modelo) está pronto.

Entre os projetos que saíram do papel, o problema está na restrição de alcance. É o caso do Território de Paz, que prevê um conjunto de ações sociais em locais de conflito. Seu índice de aceitação é bom, segundo pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas, mas em dois anos só foi implantado em dez comunidades de todo o país.

No Rio, o braço pacificador do Pronasci está limitado ao Complexo do Alemão. Pouco para a cidade que, estima-se, tem 500 favelas sob o controle de traficantes ou milicianos.

Essa ação também não apresenta resultados imediatos. Na semana passada, a reportagem esteve em Itapoã, no Distrito Federal, uma das sedes do projeto, e lá a rotina de violência não foi interrompida, a ponto de grades separarem comerciantes e fregueses.

O Pronasci foi superdimensionado tanto nos bilhões a serem investidos como no número de ações. É vendido como um programa de 94 ações, muitas, porém, desmembradas só para efeitos de estatística.

Quando lançou o programa, em agosto de 2007, Lula resumiu o objetivo do governo federal: "Vamos apertar o cerco do Estado contra o banditismo e estreitar os laços de cidadania com as populações e os lugares mais vulneráveis".

Hoje, o ministério reconhece as dificuldades em executar alguns desses projetos e diz que esse é o preço de um programa que propõe um pacto federativo. Apesar disso, afirma estar satisfeito com os recursos já carimbados e aposta que o programa vai deslanchar.

O tema da segurança tem sido um ponto comum de tensão entre Planalto e governos estaduais, com queixas de despreparo, falta de investimento e políticas públicas equivocadas.

O exemplo mais recente ocorreu com a derrubada de um helicóptero da PM no Rio por traficantes. Tarso disse que o que acontece por lá é "efeito de 30 anos de abandono". O governo do Rio retrucou: disse que a União deveria assumir sua responsabilidade no combate ao tráfico.

Tarso Genro, que comanda o programa federal, é pré-candidato do PT ao governo do RS.

O PAC DA SEGURANÇA

Programa federal se resume ao pagamento de bolsas

O QUE É?
» O Pronasci (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania) foi lançado em agosto de 2007, com o selo de PAC da segurança pública

R$ 638 milhões
foi o total de gastos do Pronasci em 2009 (de jan. a out.)

R$ 484 milhões
foram gastos só com o Bolsa Formação*, 76% do total

Como o Pronasci não se pretende um programa federal, e sim federativo, é preciso que todos os envolvidos cumpram o seu papel
RONALDO TEIXEIRA, secretário-executivo do Pronasci

OS PROGRAMAS

NÃO SAÍRAM DO PAPEL

» **Canis**
Construção de 5 centros regionais para cães farejadores

» **Centro de agressores Maria da Penha**
Unidades para reabilitação de agressores de mulheres

» **Reservista Cidadão**
Inclusão de recém-saídos do serviço militar em projetos sociais

» **Brasil Alfabetizado nas prisões**
Reintegração de presos por meio de educação

» **Projovem Prisional**
Reintegração de jovens presos por meio de cursos

» **Presídios masculinos**
Prisões estaduais com 421 vagas para jovens entre 18 e 24 anos

» **Presídios femininos**
Prisões voltadas para reintegração social de detentas

EM IMPLANTAÇÃO

» **Laboratórios de lavagem de dinheiro**
Centros de investigação com capacidade de análise de grande volume de informações**

» **Força Nacional de Segurança**
Reforma da sede da tropa, no Gama (DF). Ainda não foi concluída

» **Mulheres da Paz**
Bolsa mensal de R$ 190 para líderes comunitárias que trabalham no resgate de jovens em contato com o crime. Está em 14 Estados e no Distrito Federal

* Pagamento de R$ 400 mensais para policiais civis, militares, bombeiros, agentes penitenciários e guardas municipais de baixa renda, que, em contrapartida, fazem cursos de qualificação a distância
**Oito laboratórios estão em fase de implantação, em convênio, sobretudo, com órgãos estaduais. Outros 13 estão em licitação
Fontes: Ministério da Justiça e Fundação Getulio Vargas

| SÃO FRANCISCO |

Transposição tem 15,3% executado

Eduardo Scolese
Da Folha Press

A execução média das obras de transposição de parte das águas do rio São Francisco está em 15,3%, segundo balanço apresentado ontem pelo Ministério da Integração Nacional ao presidente Lula. Isso indica que, para cumprir as metas estipuladas pelo governo para dezembro deste ano, a execução nesses 75 dias terá de superar o total realizado desde o início das obras, em agosto de 2007.

No balanço de fevereiro do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), o governo estimava para abril a execução de ao menos 18% das obras do eixo norte (rumo ao Ceará) e de 20% do eixo leste (em direção ao centro de Pernambuco).

Não atingidas, essas metas foram modificadas há dois meses, quando Lula e a ministra Dilma Rousseff (Casa Civil), diante de um relatório que apontava o atraso nos dois eixos da obra, exigiram a ampliação do número de máquinas e de operários, além da adoção de três turnos de trabalho -o que, diz o governo, deu um carimbo "adequado" ao ritmo das obras.

Agora, a meta oficial aponta, para dezembro, a execução de pelo menos 32% das obras do eixo norte e de 40% no leste.

Além das empresas que venceram as licitações, o Exército é o responsável por uma parte da obra. Os militares, segundo o balanço do ministério mostrado ontem a Lula, já concluíram 51% dos trechos sob sua responsabilidade: canais de aproximação (entre o rio e as estações de bombeamento) e duas barragens, em ambos os eixos.

A média de execução dos 14 lotes, ou seja, sem a ação dos militares, é de 12,7% -de 21,6% no leste e de 7,8% no norte.

O secretário-executivo da pasta, João Reis Santana, disse que as "obras estão dentro do cronograma previsto". Em relação a mudanças nas estimativas do PAC, a informação é que houve uma "readequação dos cronogramas físico e financeiro", mas que a meta de finalização dos eixos foi mantida.

O término das obras do eixo norte está previsto para 2012, por isso o governo dá atenção especial ao trecho leste, com chances de ser inaugurado no ano eleitoral de 2010.

Ontem, Lula iniciou uma viagem de três dias aos canteiros de obras do projeto de revitalização e transposição, tendo ao lado a ministra Dilma, pré-candidata petista ao Planalto.

Hoje, de acordo com documento da Integração Nacional obtido pela Folha, dos 14 lotes da transposição, 9 estão em andamento. A paralisação física nos cinco restantes ocorre por diferentes fatores, como editais de licitação não publicados e embargos jurídicos.

O projeto (executivo e ambiental) e a obra de transposição, orçados em R$ 5,5 bilhões, já consumiram R$ 847,5 milhões. Há ainda R$ 1,5 bilhão para a revitalização do rio. Segundo o governo, cerca de 12 milhões de nordestinos serão beneficiados com o projeto, uma das vitrines do PAC.

Ritmo de obras desigual

Paulo Peixoto, Matheus Magenta e Simone Iglesias
Da Folha Press

Dois anos após o início do programa de revitalização do rio São Francisco, os habitantes da cidade de Barra (BA) são beneficiados por só 1 dos 4 pontos do projeto -a implantação da rede de esgoto.

Orçado em R$ 1,8 bilhão e integrante do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), o plano inclui ainda tratamento do lixo jogado no rio, controle da erosão das margens e outras obras de infraestrutura.

Em Barra, onde reside d. Luiz Cappio, religioso que fez duas greves de fome contra a transposição, a obra teve custo de R$ 16 milhões. A prefeitura diz que 95% da rede de esgoto já foi instalada -falta fazer a ligação entre as casas e a rede.

Já em Minas, as obras têm faces diferentes em Buritizeiro e Pirapora, no norte do Estado, separadas por uma ponte.

Cerca de 60% da população de Pirapora já tem rede de esgoto em casa e todo dejeto é tratado, diz o prefeito Warmillon Braga (DEM). O custo da obra é de R$ 16 milhões. Em Buritizeiro, não se fala em estação de tratamento e apenas 45% das ruas da cidade já receberam tubulações. A obra está orçada em R$ 12,5 milhões.

O ANDAMENTO DAS OBRAS NO SÃO FRANCISCO

Em que fase está o projeto de transposição do rio na região Nordeste

Eixo norte
Extensão 426 km
Municípios 21
Previsão de entrega 2012

ANDAMENTO DAS OBRAS
Quilometragem (em canais) / Avanço físico (em %)
LOTE 1 – 40 km – 40%
LOTE 2 – 25 km – 19%
LOTE 3 – 20 km – 6%
LOTE 6 – 39 km – 6%

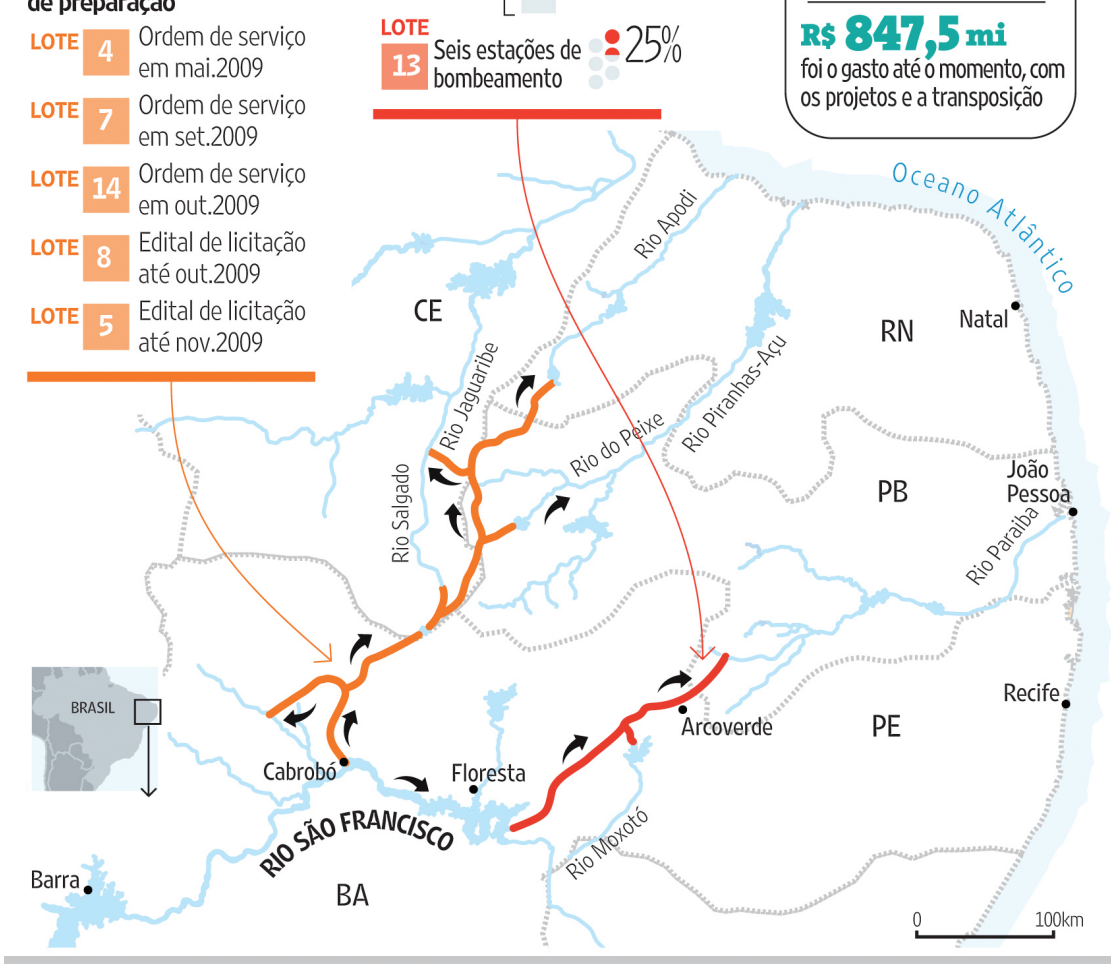
Trechos em fase de preparação
LOTE 4 – Ordem de serviço em mai.2009
LOTE 7 – Ordem de serviço em set.2009
LOTE 14 – Ordem de serviço em out.2009
LOTE 8 – Edital de licitação até out.2009
LOTE 5 – Edital de licitação até nov.2009

Eixo leste
Extensão 287 km
Municípios 5
Previsão de entrega dez.2010

ANDAMENTO DAS OBRAS
Quilometragem (em canais) / Avanço físico (em %)
LOTE 9 – 54 km – 23%
LOTE 10 – 39 km – 12%
LOTE 11 – 42 km – 45%
LOTE 12 – 28 km – 3%
LOTE 13 – Seis estações de bombeamento – 25%

Exército (eixos norte e leste)
Ações
Canais de aproximação e duas barragens
51% Avanço físico

PREVISÃO TOTAL DE GASTOS
Em R$
5 bilhões – Transposição
500 milhões – Projetos (executivo e ambiental)
1,5 bilhão – Revitalização
R$ 847,5 mi – foi o gasto até o momento, com os projetos e a transposição



AS NOVIDADES POR AQUI ESTÃO FAZENDO O MAIOR SUCESSO.

PARABÉNS AO NOVO JORNAL QUE,
ASSIM COMO A SUBARU VIAMAR,
CHEGOU COM TUDO.

PROMOÇÕES DE INAUGURAÇÃO

IMPREZA HATCH 2.0 160CV

A PARTIR DE
R$ 59.990,00* A VISTA

TRAÇÃO PERMANENTE NAS 4 RODAS
A MELHOR COMPRA DO ANO PELA REVISTA QUATRO RODAS.
AIR BAG DUPLO

- Motor com exclusiva tecnologia Subaru Boxer. Leve e compacto. Pistões opostos. O mais baixo centro de gravidade. Rigidez, performance e simetria perfeita.

SYMMETRICAL AWD 4x4

GARANTIA 5 ANOS SEM LIMITE DE QUILOMETRAGEM

TRIBECA

R$ 156.990,00** A VISTA

- 3.6 H6 DOHC
- SAWD 4X4
- 7 LUGARES

- 7 lugares com bancos elétricos em couro de cromo alemão com 3 memórias e 3 níveis de temperatura.
- DVD com tela de alta definição (opcional).
- Faróis de xenon HID com lavador elétrico.
- Novo câmbio SPORTSHIFT E-SAT. Mais leve, mais preciso e mais rápido.
- Display computadorizado multifunção no painel, com câmera traseira para manobras seguras. GPS com navegação touchscreen (opcional).
- Novo motor 3.6 H6 24V Boxer High Performance.
- Sistema de som premium para 6 CDs com MP3, entrada auxiliar e 9 alto-falantes com controle na direção.
- Air bags frontais, laterais e de cortina (10 air bags).
- Ar-condicionado eletrônico Dual-Zone com controle individual nas 3 fileiras de bancos com AQCS e umidificador.

ESTAMOS ESPERANDO VOCÊ.

SUBARU
Viamar

Av. Prudente de Morais – 4011-A – Lagoa Nova
(84) 3206.6053
www.viamarsubaru.com.br

FORESTER XS 2010 2.0

A PARTIR DE
R$ 85.990,00*** A VISTA

- 2.5 XT 16V 230 CV TURBO INTERCOOLER SAWD 4X4
- 2.0 16V 165 CV SAWD 4X4

- Novo interior com bancos de couro Premium com regulagem elétrica.
- Câmbio SPORTSHIFT Prodrive automático e sequencial.
- Freios a disco nas 4 rodas com ABS de canais de última geração e EBD.
- Teto solar panorâmico com controle eletrônico.
- VDC – VEHICLE DYNAMIC CONTROL SYSTEM. Garante tração e estabilidade em todas as situações.
- Faróis de xenon HID com lavador elétrico.
- 10 air bags. Frontais, laterais e de cortina.
- Sistema com som MP3 com disc-changer para 6 CDs.

Promoção para pagamento a vista válida até 16/11/2009 ou enquanto durar o estoque. * Impreza Hatch 2.0 160CV a partir de R$ 59.990,00 a vista. ** Tribeca 3.6 R$ 156.990,00 a vista. *** Forester XS 2.0 a partir de R$ 85.990,00 a vista. A garantia de 5 anos é exclusiva dos modelos Impreza 1.5 e 2.0. Alguns itens podem estar disponíveis apenas nos modelos Top de Linha. Fotos meramente ilustrativas. Frete e pintura não inclusos. Reservamos-nos o direito de corrigir qualquer falha gráfica e/ou erro de digitação.

MAKPLAN

PORTUGUÊS CALL.
FUNDAMENTAL.

PORQUE TÃO IMPORTANTE QUANTO APRENDER OUTRA LÍNGUA É DOMINAR A SUA.

Veja a Língua Portuguesa por um novo ângulo, além do conteúdo tradicional. Aulas de redação, interpretação de textos, literatura e caligrafia, em turmas reduzidas com no máximo 15 alunos. Duração de 3 horas, uma vez por semana. Melhore seu rendimento escolar e vá além. Faça Português CaLL. Fundamental.

TURMAS – 6º AO 9º ANO

TURMAS DE FEVEREIRO

PRÉ-MATRÍCULA: 27 de outubro a 28 de novembro
MATRÍCULA: 01 de dezembro a 09 de janeiro
INÍCIO DAS AULAS: 2 de fevereiro

TURMAS DE ABRIL

PRÉ-MATRÍCULA: 01 a 13 de março
MATRÍCULA: 15 a 27 de março
INÍCIO DAS AULAS: 06 de abril

HORÁRIOS

EXTENSIVO DE FEVEREIRO
TERÇA-FEIRA – TARDE – 14:30 ÀS 17:30
QUARTA-FEIRA – TARDE – 14:30 ÀS 17:30
SÁBADO – MANHÃ – 08:30 ÀS 11:30

EXTENSIVO DE ABRIL
TERÇA-FEIRA – TARDE – 14:30 ÀS 17:30
QUARTA-FEIRA – TARDE – 14:30 ÀS 17:30
QUINTA-FEIRA – TARDE – 14:30 ÀS 17:30
SÁBADO – MANHÃ – 08:30 ÀS 11:30

CaLL
A escola que fala a sua língua.

(84) 3206.0299 - R. Prof. Antônio Campos, 1840 - Lagoa Nova. www.callnatal.com.br

bora.